

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

CLAUDIO BURLAS DE MOURA

BIOTECNOLOGIAS E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES:
as novas configurações corporais assumidas
nas trajetórias de envelhecimento

NITERÓI

2012

CLAUDIO BURLAS DE MOURA

BIOTECNOLOGIAS E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES:
as novas configurações corporais assumidas
nas trajetórias de envelhecimento

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor. Área de concentração: Estudos da Subjetividade.

Orientadora: Professora Doutora Lilia Ferreira Lobo

NITERÓI
2012

M929 Moura, Claudio Burlas de.

Biotecnologias e produção de subjetividades: as novas configurações corporais assumidas nas trajetórias de envelhecimento / Claudio Burlas de Moura. – 2012.

228 f. ; il.

Orientador: Lilia Ferreira Lobo.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2012.

Bibliografia: f. 214-220.

1. Biotecnologia. 2. Envelhecimento. 3. Subjetividade. 4. Biopolítica. I. Ferreira, Lilia Lobo. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD 323

CLAUDIO BURLAS DE MOURA

BIOTECNOLOGIAS E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES:
as novas configurações corporais assumidas
nas trajetórias de envelhecimento

Aprovado em de setembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Doutora Lilia Ferreira Lobo
Orientadora – Universidade Federal Fluminense

Professora Doutora Marisa Lopes da Rocha
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Professor Doutor Serafim Fortes Paz
Universidade Federal Fluminense

Professora Doutora Esther Arantes
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Professora Doutora Márcia Moraes
Universidade Federal Fluminense

Professora Doutora Heliana de Barros Conde (suplente)
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Professora Doutora Maria Livia Nascimento (suplente)
Universidade Federal Fluminense

NITERÓI

2012

Aos meus falecidos pais. *Mais uma etapa vencida, mas a jornada não se extingue; novas montanhas e novos vales.*

A Bia e Line. *Somos todos navegadores. Nada mais fazemos do que navegar seja pela terra, mar ou mesmo como pedras suspensas no ar. Nessa viagem, direção é ilusão, quase sempre nos escapa.*

A Codinha. *Somos eternos reincidentes, reinventando sempre o mesmo novo, mas persistimos; quem sabe um dia?*

AGRADECIMENTOS

À Professora Lilia Ferreira Lobo, que me orientou durante o percurso de construção dessa tese.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, sempre atenciosos, participativos e solícitos.

Aos professores que aceitaram o convite para compor a banca examinadora, se disponibilizando a contribuir com minha formação.

À Rita, sempre prestativa e eficiente, presença marcante, acolhendo pacientemente todas as dúvidas e colaborando de forma ímpar para todo o processo formativo dos alunos. Pessoa sem a qual, com certeza, este curso não seria o mesmo.

À Claudia Eugênia, por ter me acompanhado em todos os momentos, auxiliando nas inglórias tarefas de me suportar e na correção diligente dos meus erros de produção. Essa tese não se materializaria sem a sua compreensão, presença e paciência, constantes comigo.

Ao querido “grupo de pesquisa”, pelo especial carinho e acolhimento. Cada palavra, existente nesta tese, é uma lembrança viva dos nossos encontros; presenças que reverberam nas páginas de nossa obra.

Os gerontólogos querem muito encontrar uma intervenção simples para retardar o envelhecimento, não apenas para aumentar a longevidade, mas porque pôr um freio no envelhecimento seria varrer o atraso ou retardo no progresso de tudo que há de errado conosco quando envelhecemos, da catarata ao câncer. (STIPP, 2012)

Se sentimos, porém, a necessidade de nos tranquilizarmos é que uma angústia pesa constantemente sobre nosso pensamento; se delegamos à técnica, mágica ou positiva, a tarefa de restaurar na norma desejada o organismo afetado pela doença, é porque nada esperamos de bom da natureza por si própria. (CANGUILHEM, 2007)

Os grandes crimes, freqüentemente partem de grandes idéias. Poucas grandes idéias se mostram completamente inocentes quando inspirados seguidores tentam transformar a palavra em realidade – mas algumas quase nunca podem ser abraçadas sem que os dentes se descubram e os punhais se agucem. (BAUMAN, 1998)

RESUMO

Esta tese aborda os temas das biotecnologias, do envelhecimento e da produção de subjetividades, utilizando como principais conceitos operadores o biopoder e a biopolítica. Interroga-se, nesse plano, sobre como estão se dando os processos de subjetivação atravessados por determinadas produções biotecnológicas que incidem nas trajetórias de envelhecimento e na sua gerência corporal. Estabelece como objetivo problematizar e analisar as biotecnologias, entendidas como vetores constituintes de modos de subjetivação. Para efetivar esta proposta realiza uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, acompanhando os encontros realizados em uma oficina de debates sobre a temática, inserido no projeto *Espaço Avançado* da Escola de Serviço Social na Universidade Federal Fluminense. As trajetórias de envelhecimento, bem como a própria vida estão sendo reconfiguradas pelo advento das biotecnologias, produzindo novas corporeidades e modalidades de ser e estar no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: SUBJETIVAÇÃO. BIOTECNOLOGIA. ENVELHECIMENTO. BIOPODER. BIOPOLÍTICA.

ABSTRACT

This thesis addresses the issues of biotechnology, the aging process and the subjectivity production, using biopower and biopolitics as the main operator concepts. It is questioned, at this level, how the subjectivation process is happening when crossed by certain biotechnological productions that focus on trajectories of aging and its body management. It establishes as an objective to discuss and analyze the biotechnologies, understood as constituent vectors of modes of subjectivation. To make this proposal effective it conducts a field survey of qualitative nature, following the meetings in a workshop discussion on the subject, as part of the Advanced Area project at the Social Work School at Fluminense Federal University. The aging trajectories, as well as life itself are being reshaped by the advent of biotechnologies, producing new forms of corporeality and modalities of being in the world.

KEY-WORDS: SUBJECTIVATION. BIOTECHNOLOGY. OLDNESS. BIOWPOWER. BIOPOLITICS.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	p. 11
2. A PROPOSTA DA PESQUISA DE CAMPO	p. 25
2.1. OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS A PESQUISA NESTA TESE	p. 28
2.2. AS IMPLICAÇÕES COM O TEMA	p. 31
2.3. A ESCOLHA PELO CAMPO	p. 32
2.4. CARACTERIZANDO A OFICINA PREV-QUEDAS	p. 33
2.5. AS NOVAS DIREÇÕES ASSUMIDAS NA PESQUISA	p. 35
2.6. ECOS DA PASSAGEM PELA OFICINA PREV-QUEDAS	p. 36
3. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A QUESTÃO DA PROCESSUALIDADE DA ESCRITA NA PESQUISA	p. 39
3.1. A DIMENSÃO DA PROCESSUALIDADE	p. 40
3.2. SOBRE A PRODUÇÃO DA ESCRITA	p. 42
4. AS BIOTECNOLOGIAS, O BIOPODER E A BIOPOLÍTICA NAS TRAJETÓRIAS DE VIDA NO ENVELHECIMENTO	p. 45
4.1. O BIOPODER E A EXPANSÃO DA VIDA NO ENVELHECIMENTO	p. 47
4.2. A BIOPOLÍTICA E A DEMARCAÇÃO DOS FLUXOS NO ENVELHECIMENTO	p. 57
5. O SABER E A PRODUÇÃO DE VERDADE NOS ENUNCIADOS CIENTÍFICOS	p. 69
5.1. CIÊNCIA, SABER E PODER	p. 73
5.2. A QUESTÃO DA TÉCNICA/TECNOLOGIA, DO PENSAMENTO E A AÇÃO IMEDIATA	p. 83
5.3. A OBSOLESCÊNCIA DO PENSAMENTO E O IMPERATIVO DA AÇÃO IMEDIATA	p. 88
6. MUTAÇÕES NA CORPOREIDADE	p. 98
6.1. O (RE)SURGIMENTO DA QUESTÃO EUGÊNICA NA VERTENTE GENÉTICA DAS BIOTECNOLOGIAS	p. 100

6.2. O CORPO EXPANDIDO	p. 118
7. CORPO, PROGRESSO, TECNOLOGIA E O MERCADO DE CONSUMO	p. 139
7.1. PRELÚDIO SOBRE O DESEJO COMO UMA PRODUÇÃO NAS PRÁTICAS DE CUIDADO DE SI	p. 142
7.2. O ENVELHECIMENTO E AS PRÁTICAS DE CUIDADO DE SI EM UMA INJUNÇÃO MERCADOLÓGICA	p. 147
7.3. A PRODUÇÃO DAS TRAJETÓRIAS DE ENVELHECIMENTO NAS BIOTECNOLOGIAS	p. 156
8. O DOTE GENÉTICO E A BUSCA PELA PATENTE DA VIDA	p. 163
8.1. A BIOTECNOLOGIA E A RESERVA DE MERCADO	p. 167
8.2. DO CORPO MÁQUINA AO IDEAL DE JUVENTUDE NAS TRAJETÓRIAS DO ENVELHECIMENTO	p. 173
9. AS BIOTECNOLOGIAS E A RESPONSABILIDADE SOCIAL	p. 181
10. UM ACONTECIMENTO, RESISTÊNCIAS E O PLANO DA ÉTICA	p. 187
11. BREVE COMENTÁRIO SOBRE OS TEMAS DA MORTE E DA IMORTALIDADE	p. 192
12. O SILÊNCIO DO CORPO E O CORPO DO SILÊNCIO: IMPASSES E PALAVRAS NÃO PROFERIDAS	p. 195
13. CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 205

1 INTRODUÇÃO

Por fim, a ciência decifra o código genético e o século XXI entra de maneira irreversível nas biotecnologias. (NOVAES, 2003)

A presente tese analisa e problematiza as relações que se estabelecem na sociedade contemporânea entre as experiências corporais, experimentadas diante das inovações fornecidas pelas biotecnologias¹ em suas propostas de produção, intervenção e aprimoramento do corpo nas trajetórias do envelhecimento, relações estas compreendidas como novos modos de produção de subjetividades.

Subjetivações que se manifestam intensamente em nossa sociedade atual por meio das revoluções científicas, biológicas, por meio da incorporação massiva da telemática/informática, da ciência dos robôs, através do peso cada vez maior concedido aos equipamentos coletivos e da mídia. Tais produções operam no “coração” do indivíduo, injetando-se modelizações em sua maneira de perceber o mundo. Assim, pode-se conceber a subjetividade como essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida, constituindo-se na matéria prima de todas as produções modernas. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 25-26)

Isso não significa que a subjetividade seja passível de totalização ou centralização no indivíduo; ela não se encontra em um campo individual, seu campo de subjetivação são todos os processos de produção social e material; este indivíduo encontra-se apenas como um terminal de consumo de subjetividades. O sujeito não tem a primazia da evidência e por isso se

¹ Será adotada, no decorrer desta tese, a expressão plural biotecnologias, demonstrando seu caráter de pluralidade de formas, bem afeito as produções do contemporâneo e fazendo jus à variedade de práticas que assumem e se constituem sob a égide deste termo.

recorre, nessa tese, às práticas, aos modos específicos de formações co-engendrados das práticas e subjetivações. Subjetividade, portanto, descolada de uma noção de sujeito e contemplando uma dimensão de exterioridade e pluralidade de forças.

Certamente, estas questões não incidem apenas sobre as trajetórias do envelhecimento, que é tomado, no âmbito deste trabalho, como móbil de transversalidade. Um elemento que possibilita pensar a partir de um determinado plano, mas possível de atravessar também outros planos constituintes.

A biotecnologia, em seu sentido etimológico, significa o estudo de técnicas de aprimoramento de organismos vivos, utilizando componentes celulares e moleculares modificados geneticamente para a produção de bens e serviços. Embora a biotecnologia tenha, em certo sentido, uma existência que retrocede à fabricação de vinhos, cervejas e pães, já há séculos produzidos por meio da fermentação² não se constitui, na proposta aqui adotada, em uma linha de continuidade histórica entre esses acontecimentos e as biotecnologias tal como se apresentam no mundo contemporâneo.

Com efeito, trata-se de algo bem diferente quando se pensa no uso de material biológico para produzir leveduras, servindo como base de sustentação alimentar de inúmeras populações antigas, e o uso de organismos geneticamente modificados com transferências de material genético entre espécies diferentes (transgênicos), voltados para a utilização na medicina, indústrias farmacêuticas e na agropecuária, por exemplo. É outra ordem de acontecimentos que se inauguram quando o domínio destas produções, em um nível molecular, permite a manipulação do código genético de seres vivos com a finalidade de atribuir-lhes características desejáveis não existentes em determinada espécie; quando a tecnologia torna possível induzir uma célula a desenvolver funções para as quais não estava estruturada.

Não por acaso, emergem e se colocam como questão hoje conceitos como bioética³ e biossegurança⁴, articulados que estão com os usos possíveis

² Fermentação designa o processo de transformação química provocada por fermento vivo (FERREIRA, Aurélio, 1998). Neste sentido, empregado também como sinônimo de levedura.

³ Estudo das questões éticas suscitadas pelas pesquisas da biologia, suas aplicações e repercussões possíveis. (FERREIRA, Aurélio, 1998)

das células tronco⁵, da clonagem⁶ e dos transgênicos⁷. Cenário que se coloca na atualidade como questão, impossível de serem pensadas antes das práticas que originaram.

Canguilhem (1977, p. 13) afirma não ser válido traçar uma linha de continuidade entre diversos acontecimentos dispersos na história, porque “o passado de uma ciência atual não se confunde com essa mesma ciência em seu passado”. É neste sentido, que é possível declarar que a ciência do passado não equivale ao passado da ciência atual, ou seja, não estabelece uma sucessão lógica de acontecimentos ordenados no tempo.

Assim, as biotecnologias constituem novas perspectivas que se apresentam, transformando radicalmente os conceitos de vida e corpo, determinando os destinos dos seres vivos e propondo controlar não só a vida, mas a própria evolução humana. Na direção destas proposições, vislumbra-se o surgimento de corpos híbridos, biotecnológicos que se formam perpassados por produções tecnológicas, por modificações e intervenções que reprogramam a própria noção de biologia, natureza, vida, corpo e envelhecimento.

Essa temática, das biotecnologias, não é facilmente reduzível a simples enunciados. Envolve, ao mesmo tempo, esperança e aspirações, temores e mal entendidos. O advento destas novas tecnologias biomédicas gera muitas expectativas sobre os seus efeitos potenciais e possibilidades de aplicação. Talvez se possa, até mesmo, afirmar que cria uma cultura de expectativas supremas, cujos valores constituem os modelos da suma inteligência, conhecimento, saúde e sucesso a serem alcançados.

⁴ Conjunto de medidas voltadas para o controle, minimização e prevenção dos efeitos adversos das novas tecnologias, especialmente os riscos possíveis provenientes da prática de manipulação genética ou de organismos geneticamente modificados. No Brasil, a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança é o órgão responsável pelo monitoramento, controle e emissão de pareceres técnicos, de acordo com as diretrizes estabelecidas na Lei 8974 de Janeiro de 1995, - “Lei da biossegurança”. (BRASIL, 1995)

⁵ As chamadas células-tronco são células que têm a capacidade potencial de se transformar em células específicas de quaisquer tecidos ou órgãos que compõem o corpo humano e são assim denominadas por serem um tronco comum do qual se originam outras células.

⁶ Processo de manipulação genética que reproduz um ser vivo (cópia fiel de uma matriz celular) com o mesmo material genético (material que contém os códigos de transmissão das características hereditárias individuais), gerado a partir de qualquer célula do seu organismo.

⁷ Organismos modificados geneticamente (combinação de material genético provenientes de diferentes espécies) com o objetivo de conseguir a melhora da qualidade de um produto.

A divulgação dos resultados obtidos, tão alardeados pela mídia, repercute profundamente e causa um significativo impacto nos modos de produção de subjetividades contemporâneos. Faz parte da novidade do mundo tecnológico o fato de suas realizações se darem o mais rapidamente possível ao conhecimento público. Acompanhamos diariamente as produções de artigos em revistas científicas ou não sobre as admiráveis descobertas e promessas do mundo das biotecnologias, por isso estas publicações serviram também para apreendermos os processos biotecnológicos como vetores de subjetivação.

Há, aqui, a apresentação de instigantes deslocamentos das concepções de exterioridade e interioridade corporal, do corpo biológico e até do corpo histórico – uma vez que as práticas sociais são historicamente constituídas, definindo os sentidos possíveis atribuíveis ao corpo.

As biotecnologias operam outras formas possíveis de marcar o corpo, produzindo hibridações da natureza, cultura e subjetividade. Estas novas tecnologias fazem emergir outras noções de corporeidade e novas configurações corporais. As tecnociências contemporâneas aplicadas aos corpos produzem novas possibilidades de agenciamentos⁸ e acoplagens da tecnologia ao organismo. Nesse novo território⁹ que se insinua, onde as biotecnologias e a noção de corpo se encontram, deve-se interrogar pelos novos poderes e forças que são nesses instantes inaugurados, quais efeitos de verdade são produzidos, quais dispositivos sustentam esse processo e quais forças o acionam. Citando Foucault (2002b, p. 152), “o interessante não é ver que projeto está na base de tudo isto, mas em termos de estratégia, como as peças foram dispostas.” Por conseguinte, este estudo percorrerá alguns caminhos e direções que se estabelecem no atravessamento do envelhecimento, das biotecnologias, dos corpos e da produção de subjetividades, tendo como objetivos:

⁸ Agenciamento é um conceito que se refere a uma noção mais ampla do que a de estrutura, sistema, forma etc. Um agenciamento comporta componentes heterogêneos tanto de ordem biológica, como social, maquínica, gnosiológica e imaginária. (GUATTARI, ROLNIK, 1986)

⁹ Consideramos território como sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é, neste sentido, o conjunto de projetos- representações que desembocam pragmaticamente em toda uma série de comportamentos, de investimentos nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos e cognitivos.

- problematizar e analisar as chamadas biotecnologias, entendidas como vetores constituintes de modos de subjetivação;
- apurar a compreensão de alguns significados contidos nestas novas tecnologias biomédicas que perpassam o corpo na atualidade, apresentando como no envelhecimento se inscreve uma nova modalidade no campo da produção de subjetividades; e
- funcionar como dispositivo analisador dos efeitos, sentidos e práticas que possam estar sendo engendradas, com referência a estas novas tecnologias incorporadas as trajetórias do envelhecimento no cotidiano.

Para tanto, abordar-se-ão algumas linhas de produções históricas, emergentes no contexto de uma sociedade, cuja população marcadamente tecnicista e narcísica, aumenta sua longevidade de forma acelerada, e os novos modos insurgentes de constituição e gerência corporais. Sempre considerando, em uma perspectiva genealógica, não a formação de objetos e teorias fechadas, coerentes ou sistematizadas, mas a realização de análises fragmentárias das formas díspares, heterogêneas e dispersas, cujas práticas destinadas à conduta dos corpos produzem determinados domínios de saber.

Buscando, corresponder aos objetivos apresentados, investiga-se as seguintes questões e etapas no processo de produção da pesquisa:

- Em um primeiro momento, após a apresentação da pesquisa e do campo, serão abordados alguns conceitos e noções desenvolvidos por Foucault (2002a, 2002b, 2008) e que são de importância fundamental no tipo de análise a qual se propõe esta pesquisa, a saber: biopolítica, biopoder, governamentalidade e as práticas de cuidado de si. Tomando-os como referência, estes conceitos permitem extrair análises dos acontecimentos mais próximas do jogo de forças do presente.

Foucault (2002a, p.244) aponta a emergência histórica destes conjuntos de práticas e os analisa como dispositivos, demarcando-os em três direções assumidas. Em primeiro lugar, como um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões e leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito (as práticas discursivas e não discursivas) são os elementos dos dispositivos, colocando em ação formas e exercícios de poder.

Em segundo lugar, demarca também a natureza da relação que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Assim, tal discursividade pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda, pode ainda funcionar como reinterpretação desta prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, mudanças de posição e modificações de funções, que também podem ser muito diferentes.

E, por último, entendendo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, tem como função principal responder a uma urgência. O dispositivo, por conseguinte, assume uma função estratégica. Produz e opera formas de saberes que promovem todo um campo de criação possível para o estabelecimento de determinados objetos de conhecimento. São efeitos de poder que, perpassando os corpos e encontrando-se neles expostos, se instalam no interior dos processos de vida, regulando o próprio ato de existência em sua forma coletiva e individual.

O domínio e a consciência do próprio corpo só podem ser adquiridos pelos efeitos de investimentos do corpo pelo poder. É a partir de um poder sobre o corpo que é possível formar-se um saber fisiológico e orgânico. Nossa sociedade percebeu que o investimento sobre o corpo pode ser flexível e não rígido, insinuante e não impositivo, não voltado a sua punição mas ao seu aprimoramento. O que interessa não é retirar os homens da vida social, impedindo o exercício de suas atividades, e sim gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações, usá-los ao máximo aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades. (FOUCAULT, 2002b)

É nessa dimensão histórica que se compreende as biotecnologias como técnicas - de biopoder, biopolítica, práticas de si e governamentalidade - e que responde as três dimensões constituintes, supracitadas, de um dispositivo. Assim, analisando algumas de suas práticas e produções, é possível pensar em como se coloca a questão da política do corpo, da vida, do saber e poder nas trajetórias de envelhecimento na atualidade.

Para tanto, conforme referido anteriormente será utilizado como base de investigação e análise o conceito de genealogia do poder, desenvolvido por

Foucault (2002b), buscando situar o saber como constituído por relações de poder e servindo-se, nesse mesmo processo, como instrumento para o exame do poder e das produções dos saberes emergentes. Uma pesquisa, neste sentido, da constituição de saberes e da utilização das práticas que constituem esses saberes.

- Em um segundo momento, procura-se aprofundar os sentidos históricos do lugar ocupado pela ciência como produtora de verdades e os significados desta chancela conferida pela cientificidade na produção do conhecimento. Ao se buscar estas linhas de constituição dos modelos científicos, espera-se ir ao encontro das implicações e dos sentidos atribuídos à ciência: a questão da ciência e tecnologia como processos que, atravessando todas as produções do contemporâneo, outorgam uma função de autoridade, confiabilidade e verdade ao saber produzido em seu nome.

Com este intuito, é que se indaga pelos sentidos históricos existentes na função legitimadora adquirida pela ciência, marca indelével de uma sociedade tecnológica, que reserva certos efeitos de poder àqueles que formulam um discurso científico. De acordo com Foucault (2002b), devemos, antes de tudo, sempre interrogar sobre a ambição de poder que a pretensão de ser uma ciência traz consigo.

Para pensar o jogo estratégico de forças que tornam exequível o aparecimento de determinados enunciados científicos e o seu campo de acontecimentos possíveis que inauguram novos saberes e novas práticas, é necessário percorrer suas linhas de constituição e seus modos de subjetivação. Abordar seus componentes nos permite explorar os mecanismos de produção da tecnologia científica e o modo de legitimação de suas práticas que produzem seus efeitos de verdade e objetividade.

Adotando nas investigações uma abordagem genealógica¹⁰ (FOUCAULT, 2002b), é possível situar todo esse processo, de práticas constituídas sob a regência das biotecnologias, como um dispositivo de análise histórica¹¹ desses saberes emergentes. “Só os conteúdos históricos

¹⁰ De acordo com Foucault, a dimensão genealógica visa o que se forma de concreto a partir das práticas adotadas.

¹¹ Histórica, no sentido empregado por Foucault em *O sujeito e o poder* (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 245-246), onde afirma serem as relações de poder profundamente enraizadas no nexos social, tornando-se uma abstração pensar em uma sociedade sem

podem permitir encontrar a clivagem dos confrontos, das lutas que as organizações funcionais ou sistematizadas têm por objetivo mascarar” (FOUCAULT, 2002b, p. 170). É preciso conhecer as condições históricas que permitem surgir certos conceitos e práticas correlatas.

As práticas engendram domínios de saber que fazem surgir todo um campo produtivo de novos objetos, conceitos e técnicas e a genealogia se indaga sobre a formação de domínios de saber a partir dessas práticas efetivas. (FOUCAULT, 1974)

Assim, serão examinados os sentidos do caráter sancionador conferida pela ciência, investigando algumas linhas de constituição das biotecnologias e as relações de construção de verdades que se estabelecem ao longo deste percurso. Procurar-se-á também, em decorrência, explicitar como determinadas proposições tendem a se estabilizar como realidade científica. Interessando, nesta empreitada, principalmente pelos processos de desnaturalização, negando uma essencialidade ou ordem natural nos eventos apresentados, indaga-se, nessa pesquisa, pelos mecanismos de construção da autoridade científica e os seus modos de legitimação compreendidos como efeitos de poder/saber.

O projeto de uma genealogia serve como uma tática para alcançar um duplo objetivo: de insurgir contra os efeitos emanados do funcionamento do discurso científico que se organizam no interior de nossa sociedade e um empreendimento libertador da hierarquização científica do conhecimento. Uma estratégia para reativação de saberes singulares, heterogêneos, descentrados e insubordinados aos saberes legitimadores, unitários, ordenadores e constituídos em nome de um conhecimento verdadeiro e puro – onde a ciência desempenha um papel de denominador comum.

- Em um terceiro momento, a pesquisa apresentará os sentidos e implicações das propostas das biotecnologias e as novas produções de corporeidades, as novas configurações corporais, aqui compreendidas como “mutações da corporeidade”, que aí se formam. As questões que, aqui se colocam é pensar o que se busca e se afirma nas produções das biotecnologias

relações de poder. É necessária, do ponto de vista político, a análise daquilo que elas (as relações de poder) são numa dada sociedade, de sua formação histórica, daquilo que as torna frágeis ou sólidas, das condições necessárias para transformar umas e abolir as outras.

incorporadas nas trajetórias de envelhecimento. Quais desejos ou aspirações estão aí se constituindo e, considerando que o discurso das biotecnologias não atinge a todos da mesma forma, como se formam estas práticas nas produções do contemporâneo?

É preciso mostrar onde e como surgem as diferenças. Para isto, é necessário seguir os fluxos e deslocamentos produzidos pelas práticas e discursos das biotecnologias. Afinal, todo o acontecimento é força singular em distensão, descontínua, diferencial e em constante mutação. O próprio corpo é formado por uma série de regimes que o constrói (destrói e reconstrói) sem constâncias e fidelidades que permitam identificá-lo incólume no decorrer dos tempos, reconhecendo-o como o mesmo.

Neste sentido histórico, para encontrar as diferentes cenas, onde o acontecimento desempenha papéis distintos deve-se ter a acuidade de um olhar que distingue, reparte, dispersa, deixa operar as separações e as margens - uma espécie de olhar que dissocia e é capaz, ele mesmo, de dissociar e apagar pretensas unidades. (FOUCAULT, 2002b)

Existe uma forma de organização dos fluxos em um determinado momento e outra organização em outro momento, estabelecendo suas possibilidades de composição com os variados acontecimentos que se atravessam. Torna-se necessário, nesta direção, abordar as propostas, produções, significados e aplicações possíveis da biotecnologia como modos de subjetivação. “Não para assegurar continuidades, uma herança que progressivamente se acumula ou evolui, mas, ao contrário, como algo que quando se dissipa, produz a diferença no rearranjo de certas permanências.” (LOBO, 2008, p. 24)

As biotecnologias surgem como efeito de um saber que se estabelece sobre os corpos e que em um mesmo movimento confere existência possível a este objeto de conhecimento. Nesse sentido, emerge como um novo modo de produção de subjetividades no contemporâneo, formatando corpos e instalando modos de ser e estar no mundo.

Dentro da abordagem teórica pretendida, os conceitos trabalhados estarão articulados com as questões emergentes na pesquisa de campo, uma vez que teoria e práticas são compreendidas como dimensões indissociáveis. Isto significa afirmar que ambos se fundam simultaneamente no próprio ato

de se produzir o conhecimento por aquele que conhece. O fazer permite surgir o conhecer da mesma forma como é o conhecer que faz surgir o fazer, originando também, no próprio processo, o sujeito do conhecimento.

Esta proposta constitui-se em duas dimensões inseparáveis: a pesquisa e a intervenção. Sem receios das implicações, em termos de pressupostos de neutralidade, é preciso afirmar que a atividade de pesquisa não se faz sem interferir nos processos em andamento. É nesse sentido que a expressão intervenção é empregada, não temendo revelar o lugar de onde se fala e o momento em que se está; não há uma distância ótima dos saberes pesquisados, pensar é intervir. (LOBO, 2008, p. 23)

A produção de conhecimento e a realidade em que este se forma não se separam. Ir a campo significa estar junto, compartilhar do que acontece naquele espaço-território, sua política de funcionamento, decisões e indecisões, retrocessos e retomadas, temores, apreensões, esperanças, encontro de corpos, composições, enfim, todos os processos em curso. O pesquisador lança-se na experiência sem, no entanto, colocar-se imune a ela, estando sempre, de alguma forma, implicado na produção do conhecimento.

A pesquisa se ensejou em duas direções: uma pelo acompanhamento preliminar do projeto *Vida Saudável*, uma proposta da Escola de Educação Física da UFF e que se encontra inserido dentro do projeto de extensão da Escola de Serviço Social da UFF, voltado para idosos e intitulado *Espaço Avançado*; em outra direção, desdobrando-se daquela, estendeu-se, problematizando a temática das biotecnologias, do corpo e da subjetivação em encontros realizados com os participantes¹² desses projetos acima citados, assistindo a filmes, que serviram como disparadores de análises e promovedores de debates.

Nessa empreitada, os processos de subjetivação serão uma referência fundamental, revelando como na experiência de atravessamento do corpo, das biotecnologias e nas trajetórias de envelhecimento se inscrevem novas modalidades no campo da produção de subjetividades forjadas na atualidade.

O domínio dessas produções tem como objetivo o corpo, o aprimoramento do seu uso. Que melhor lugar para exercer o poder que o

¹² Participantes os quais se denominou, em vários momentos da pesquisa, como integrantes do grupo ou apenas grupo.

corpo? O controle sobre o próprio corpo, não só o controle externo, que penetra na vida cotidiana, mas o controle exercido por si e em si mesmo.

Esse controle não se baseia em mecanismos de repressão ou coerção, mas em sentenças assertivas sobre o benefício e recompensa pelo correto uso do corpo, reforçado pela promessa da máxima funcionalidade incorporada na melhor forma estética. Se o poder tivesse apenas uma força repressora, não seria tão eficaz. A sua eficiência encontra-se, justamente, no fato de o poder produzir e induzir ao prazer, formar saber. O poder apresenta-se como uma rede produtiva que atravessa todo o campo social e não apenas como uma força negativa com função repressora. O poder possui uma positividade, ele é fecundo e é exatamente em um aspecto estratégico que toma como alvo o corpo, não para corromper, mas para aprimorá-lo.

O poder das biotecnologias é exercido no âmbito da vida, gerindo e ordenando as forças da vida. Essa forma de poder originou uma potência ainda mais sutil: o controle das virtualidades, justificado e colocado sobre uma nomenclatura cientifizante: a prevenção. Esta prática profilática da biotecnologia talvez não se operasse de forma tão persuasiva se não se fundamentasse em modelos de imposição da fragilidade ao corpo orgânico. Há todo um campo teórico e práticas que se formam para a produção de modelos de intervenção continuada alicerçados nesta lógica. Construindo um sentido de organicidade como condição frágil (ou mesmo obsoleta) sujeita à ação deletéria do tempo e aos agravos ambientais impostos ao corpo (insidiosos ladrões da vitalidade física) justificam e abre-se um vasto território para ações interventivas e preventivas.

As produções das biotecnologias engendram novas experiências de corporeidade e envelhecimento, resgatando temáticas latentes e atualizando-as como, por exemplo, a eugenia. Não se trata da mesma noção de corpo concebido em um passado recente e nem do mesmo corpo que envelhece. O corpo é formado diferentemente ao longo da história. Foucault (2002a) afirma que o corpo não permanece o mesmo no decorrer da história, não há nele nenhuma constância, mas sim uma série de regimes que o constroem, em uma extensa rede de práticas e métodos. É esse conjunto de práticas históricas determinadas no tempo e espaço, que definem as suas condições de exercício.

A vida moderna se desenrola no interior de um conjunto de técnicas e tecnologias. Vivemos em uma sociedade impregnada pelas técnicas/tecnologias, que não concede tempo a elaboração do pensamento, sobrepujado pela ação imediata. Um sistema que intenta propiciar todas as nossas necessidades, satisfações e desejos sem a “incômoda” imposição do tempo. O domínio dessas produções tem como alvo o corpo. Essas práticas expressam a dimensão do controle sobre o corpo e o lugar privilegiado que a produção de subjetividade aí ocupa.

O campo de abrangência da subjetivação alcança todos os processos de produção social e material. Importantes fenômenos da atualidade envolvem dimensões das produções de subjetividades. As subjetividades são produzidas por processos de constituição de sentidos e implicam no funcionamento de

máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual (sistemas maquinímicos econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens de valor, modos de memorização e de produção idéica, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc). (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 31)

Essas produções assumem a forma de um imenso maquinismo, fabricado e modelado no registro do social e assumido pelos indivíduos em suas existências particulares. Pode-se, então, conceber que tudo o que afeta o *socius*, afeta os modos de subjetivações, as diversas formas de contextualizações histórico-político-cultural que abarcam mudanças no campo das tecnologias, nas relações espaço-temporais e, principalmente, a produção de imagens em geral, relações que expandem, limitam ou desdobram o exercício de ser e estar no mundo.

A atração e o encanto por uma aparência eternamente jovem e uma saúde perfeita não são, com certeza, produções atuais, mas a tecnologia e os aparatos para fornecê-las nunca foram tão poderosos e persuasivos. Adeptos a este processo, freqüentemente rogamos à ciência por mais progressos tecnológicos. Atualmente, todas as produções que desejem atingir um

determinado público ou mercado, devem submeter-se a esse conjunto de sistemas técnico-científicos para obter um máximo aproveitamento e penetração. O funcionamento desses dispositivos tecnológicos constitui um conjunto de condições fundamentais em nossa sociedade atual, no campo da produção de subjetividades, configurando-se assim em um instrumento privilegiado para análises das produções dos saberes emergentes no atravessamento do corpo, ciência, envelhecimento, tecnologia e nos desdobramentos que aí se operam.

Todo este grande projeto, em que se constituem as biotecnologias, não se sustentaria se não houvesse práticas o produzindo, em um constante jogo de evocação mútua. As questões propostas não se reduzem a uma denúncia vazia à existência das biotecnologias e nem a oposição a elas. Procura-se, antes, afirmá-las enquanto práticas e interrogar seus efeitos, demarcando nas práticas e dispositivos das biotecnologias os seus múltiplos modos de constituição, as formas que assumem e as relações estabelecidas entre si no domínio que conduzem.

A intenção desse estudo será, nesse sentido, apurar a compreensão de alguns possíveis significados contidos nas práticas biotecnológicas que perpassam o corpo em suas trajetórias de envelhecimento. Considerando a proposta genealógica, estará indo ao encontro dos lugares que ocupa ou é levado a ocupar o corpo na atualidade. Neste sentido, busca-se uma interlocução com Foucault e, quando necessário, com outros autores que abordam os processos de produção de subjetividades e analisam as transformações contemporâneas.

A genealogia se caracteriza menos como uma metodologia e se aproxima mais de uma ética, um fazer que expõe ou extrai do acontecimento possibilidades de pensar o que não foi pensado, de produzir o ainda não produzido, modificando continuamente aquilo que se é. Não se constitui em uma postura meramente técnica, mas uma investigação portadora de uma intenção ética e política que, em um mesmo movimento, considera e transgredir o real e seu parente dileto, o natural.

Dos estudos desenvolvidos por Foucault a abordagem genealógica do poder é utilizada como ferramenta conceitual e prática para desconstrução de alguns territórios fortemente constituídos pelos pressupostos da cientificidade

e para investigar as produções de verdades e saberes nas biotecnologias. Verdades¹³ centradas na forma de enunciados científicos e nas práticas que os produzem.

O poder, na dimensão foucaultiana, circula e não está nas mãos de uma determinada classe social, seja dos governantes, dos intelectuais, cientistas ou grandes financistas. Nesse sentido, não há um lugar isento, neutro, de onde se possa falar a verdade. Sua proposta não consiste em descobrir o que um enunciado contém de verdade ou cientificidade, mas o que revela de poder no interior de um discurso que não é em si verdadeiro ou falso, e quais efeitos de verdade esse discurso produz.

A questão que se apresenta é pensar o jogo estratégico de forças que tornam exequível o surgimento de determinados enunciados e o seu campo de acontecimentos possíveis, inaugurando novos saberes e novas práticas. Não com a intenção de revelar o que aí se oculta, mas para dar passagem ao fluxo de acontecimentos existentes e acompanhar suas articulações com outros campos de acontecimentos possíveis.

O corpo, ciência e biotecnologias operam de forma imbricada como dispositivos de subjetivação. Os conceitos formulados por Foucault emprestam uma possibilidade de leitura e inteligibilidade destes mecanismos e suas formas de ação no envelhecimento.

A proposta desta pesquisa será, portanto, a de utilizar a abordagem genealógica como uma perspectiva que oferece a oportunidade de pensar o aparecimento e os efeitos de determinadas práticas na história do presente. Esta estratégia configura-se como uma análise da constituição de um saber e da utilização das práticas que constituem esse saber.

¹³ Verdade no sentido de “conjunto de procedimentos, regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento de enunciados” (FOUCAULT, 2002b, p. 14).

2 A PROPOSTA DA PESQUISA DE CAMPO

Em realidade, entra-se em campo sem conhecer o alvo a ser perseguido; ele surgirá de modo mais ou menos imprevisível, sem que saibamos bem de onde. (KASTRUP, 2009)

Ao iniciar este trabalho é preciso, antes, situarmos o campo. Mais do que uma simples conveniência, esta necessidade aponta para a especificação e os sentidos atribuídos ao campo no âmbito desta pesquisa, colocando-a em um referencial incomum ou dissonante dos cânones científicos.

Situar o campo, na perspectiva deste trabalho, não significa apenas descrever um lugar - *tópos*. Significa buscar os sentidos de sua existência. Ao fazer esta afirmação, aproximamos o campo mais de um conceito orgânico¹⁴ do que apenas sua formal caracterização como espaço ou elemento componente de uma realidade social delimitada pelo pesquisador e visando à objetivação da pesquisa.

Nessa proposta, o campo constitui um conjunto de forças em conexões que não obedece a nenhuma predeterminação que intente objetivá-la. A cada encontro¹⁵ realizado no campo, se produzem novos desvios e modulações, por vezes indeterminados e impossíveis de serem antecipados. Acompanhar este movimento processual significa disponibilidade para estar junto, compartilhar o que acontece em um espaço existencial, sua política de funcionamento, decisões e indecisões, retrocessos e retomadas, apreensões, esperança, encontros e desencontros, composições, enfim, todos os fluxos de força em curso.

Uma das primeiras questões que se apresenta então é pensar quais linhas de força atravessam os encontros que estão sendo produzidos. De início percebe-se a presença marcante não apenas da temática do corpo, mas a exploração de projetos de vida futuros, indicador de territórios existenciais em abertura, de conexões expansivas com o mundo e consigo mesmas. Esta é

¹⁴ Orgânico aqui como uma qualidade de algo que é vivo e aludindo também ao caráter não calculado ou ideado da pesquisa.

¹⁵ Encontros aqui se referem às reuniões que ocorriam com o grupo de pesquisa e serão detalhados mais adiante.

uma condição importante, porque esse tipo de investigação se faz através de um território (existencial), “o que significa abordá-lo por suas conexões, pelos agenciamentos que estabelecem com o que lhes é exterior.” (KASTRUP; BARROS, 2009, p. 90)

Sendo assim, é preciso deter-se um pouco na caracterização da pesquisa e do grupo que a compõem, na apresentação de sua especificidade, dos movimentos que originaram o envolvimento com o tema e desvios suscitados no decorrer dos próprios encontros.

Este estudo propõe a realização de uma pesquisa de campo, não com a intenção de se proceder a descoberta ou confirmação de uma hipótese prévia. Não se pretende, também, o estabelecimento de amostragem para ser analisada como representante de um todo (modo tradicional de se realizar pesquisa por amostragem). O que se coloca é a possibilidade de, por meio da imersão em um campo determinado, acompanhar os processos de subjetivação no plano de práticas constituídas socialmente.

Colocar a pesquisa nesta perspectiva não expressa a busca de representações ou interpretações, mas a tentativa de produção de novos modos de existir e novas formas de subjetividade, a partir do próprio percurso de construção do presente. A proposta não é, portanto, proceder à coleta de um material a ser investigado para constituir um corpo de pesquisa, fundar uma teoria ou constituir um sistema. Isto seria como fazer a pesquisa falar pelo outro, construir um processo gerativo de sentidos sobre e pelo outro. Pretende-se, antes, abrir espaços possíveis para a produção e expressão de sentidos, não falar sobre, mas falar com.

A investigação não se remete a um sujeito prévio, constituinte do conhecimento, originário na produção do saber, mas à análise de práticas definidas e efetivas, situando antes o saber como efeito de relações de poder e que servem, as práticas, em um mesmo movimento, como instrumento para análise das produções de saberes emergentes. Isso significa que “recusar a noção de um sujeito constituinte, a quem caberia dar conta dos objetos possíveis de conhecimento, é, ao mesmo tempo, recusar qualquer dado auto-evidente, esteja ele no sujeito ou no objeto” (LOBO, 2008, p. 22).

Mas, é preciso prudência: preterir o sujeito constituinte não significa concebê-lo como abstração, concedendo privilégio a uma pretensa

objetividade. Denota apenas a disposição em dar visibilidade ao processo de produção, onde sujeito e objeto são formados em um único movimento, a partir de certas práticas e domínios de saber que se estabelecem, e considerado o sujeito como produto (ou efeito) de estratégias específicas de poder que se formam em função um do outro.

Propõe-se, assim, uma tática de enfrentamento, colocando em análise as estratégias de confrontação desenvolvidas em oposição aos efeitos de poder relacionados à formação de um saber científico, aos modos como circulam e funcionam, conduzindo a vida das pessoas na atualidade. Foucault (1995a) afirma ser esta estratégia mais relacionada às produções do presente e mais implicadas nas relações que se estabelecem entre teoria e prática:

Gostaria de sugerir uma outra forma de prosseguir em direção a uma nova economia das relações de poder, que é mais empírica, mais diretamente relacionada à nossa situação presente, e que implica relações mais estreitas entre teoria e prática. (FOUCAULT, 1995a, p. 234)

É interessante analisar a formação destes domínios de saber investigando-os cada qual como uma referência específica a uma determinada experiência, o que talvez pudesse ser chamado de práticas específicas, e que “constitui-se em um modo de esclarecer as relações de poder, localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados” (FOUCAULT, 1995a, p.234), por meio da análise do antagonismo de forças¹⁶ atuantes. No sentido genealógico de pesquisa aqui destacado, é preciso recorrer constante e diligentemente às práticas, fornecedoras que são da possibilidade de tornar inteligível o processo correlato de formação de sujeito e objeto.

Adotou-se, visando tornar efetiva a perspectiva de pesquisa acima apresentada, um diário de campo para acompanhar os encontros e o que ali se produzia. O diário de campo, disperso pelas “entranhas” da tese, consistiu em um instrumento que, além de permitir o registro de observações, serviu como elemento que possibilitou contextualizar os movimentos de modulação, as

¹⁶ Por antagonismos de forças, no âmbito deste trabalho, entendam-se as oposições criadas às formas de sujeição, do privilégio do saber, do governo de si, do estatuto definidor do sujeito e das suas formas de sobredeterminação (FOUCAULT, 1995a).

percepções, experiências e impressões pessoais vivenciadas nos encontros, considerando e acolhendo as peculiaridades da pesquisa.

2.1 OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS À PESQUISA NESTA TESE

Afirmamos neste estudo uma proposta metodológica de inseparabilidade entre teoria e prática, entre produção científica, social e subjetiva; nessa perspectiva a pesquisa é uma intervenção. O termo intervenção é entendido aqui como sinônimo de interferência, contrapondo à tradição positivista¹⁷ de pesquisa científica e sugerindo a impossibilidade de assumir o lugar de neutralidade no fazer científico. Passos e Barros afirmam (2009, p. 20) que “não há neutralidade do conhecimento, pois toda a pesquisa intervém sobre a realidade mais do que apenas a representa ou contata em um discurso cioso das evidências.” Acreditar que toda pesquisa é intervenção significa também apostar em um dispositivo capaz de operar transformações tanto na realidade sócio-política quanto colocar em questão as próprias práticas de produção de pesquisas.

Viabilizando a produção de espaços de inserção social e gerando modos de problematização coletivos, a pesquisa, nesse enfoque, consiste em uma contribuição efetiva para os estudos da subjetivação e não simples produção teórica destinada a cumprir protocolos científicos e exigências acadêmicas. Constitui-se tanto como dispositivo de transformação vinculado à formação acadêmica, quanto às práticas nas instituições, possibilitando novas análises construídas entre a macro e a micropolítica. (ROCHA; AGUIAR, 2003, p.1)

Macro e micropolítica constituem níveis diferenciados, mas interligados de análise. O nível micro considera as formas produzidas em uma realidade molecular. Ações que se situam e intervém materialmente na realidade concreta e imediata do indivíduo e que se situam ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser

¹⁷ Doutrina filosófica, sociológica e política criada por Augusto Comte (1798-1857). Caracterizada pela orientação antimetafísica e antiteológica, preconiza como válido unicamente o conhecimento adquirido por meio de dados concretos, definindo a ciência, modelo último da evolução do saber, como o estudo das relações existentes entre os fatos observáveis. Assim, em sua concepção, o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro e uma teoria só adquire confiabilidade se comprovada por meio dos métodos científicos.

caracterizado como micro. As relações macro consideram o regime político ao nível dos seus mecanismos gerais e dos efeitos conjuntos do sistema estatal, expandindo-se por toda a sociedade. Realidades distintas, dispositivos heterogêneos, esses dois tipos de dimensões se articulam e obedecem a um sistema de subordinação que não pode ser traçado sem que se leve em consideração a situação concreta e o tipo singular de intervenção em que se ache envolvido. (FOUCAULT, 2002b)

Essa perspectiva rompe com certos modelos tradicionais de pesquisa, ao radicalizar a problematização do conceito de interferência e atitude em pesquisa, já há muito debatido e considerado, por alguns, acabado ou ultrapassado pelo modelo positivista. Em um movimento de ousadia, resgata-se o escopo desta discussão propondo uma ruptura com os paradigmas adotados pela díade da pesquisa científica: objetividade e neutralidade.

Nesse sentido, a condição para uma pesquisa considerar-se científica seria tomar os fatos sociais como desprovidos de interioridade, de significações e interpretações subjetivas, atitude que pretende permitir encarar a realidade da qual se participa como se não fizesse parte dela. Em outras palavras, a regra fundamental da objetividade científica é a separação entre sujeito do conhecimento e objeto do conhecimento, separação que garante a objetividade porque garante a neutralidade do cientista, que pode, assim, tratar relações sociais (relações entre seres humanos) como coisas diretamente observáveis e “transparentes” ao seu olhar. (CHAUI, 2006)

Herdeira desta tradição e postulante ao cargo de ciência, as disciplinas sociais procuram eliminar todos e quaisquer traços de imprecisões ou resquícios de impressões subjetivas que a denunciem como modelo não científico. Tratam o chamado “objeto de conhecimento” e o “sujeito de conhecimento” como coisas em si, como dados colocados *a priori* e não como objetivações historicamente produzidas.

Assim, dentro desta formulação, para uma pesquisa social pleitear sua cientificidade deve considerar os fatos desprovidos de interioridade e interpretações subjetivas. Para este intuito, de apreender o conhecimento sem alterar os seus resultados, o pesquisador deve se apartar de possíveis interferências pessoais, constituindo uma separação entre objeto e sujeito do conhecimento, garantindo a objetividade, precisão e fidedignidade por meio

de uma suposta neutralidade. A exterioridade e o isolamento são os alicerces desse modelo tradicional de fazer pesquisa, fornecendo seus critérios de cientificidade.

Não aderir a esse modelo não significa afirmar as ciências humanas e sociais como saberes menores e imprecisos em comparação as ciências exatas. Não existe uma “fraqueza” do seu conhecimento constituído, como pensam ou querem alguns, mas sim uma especificidade epistemológica, no seu campo de produção do saber.

A cada acontecimento, no campo de uma pesquisa, abre-se uma passagem para acontecimentos imprevisíveis de conexões feitas no instante, gerando desvios nas forças que se compõem em intensidades diversas e irrompem, todos os momentos, em formas novas de subjetivação. Nesta dinâmica, como apostar em previsões, em repetições e em controles? Portanto, o desafio da pesquisa não se constitui em uma descoberta ou revelação, mas em uma certa inversão nos parâmetros da pesquisa, na invenção ou criação de significados possíveis produzidos na própria prática, onde os participantes modulam a própria pesquisa. E em outra direção, inseparável daquela, constitui-se na análise dos lugares ocupados pela pesquisa e pesquisador, nos lugares que deseja ocupar e que lhe são designados a ocupar.

Nesta empreitada, é imprescindível uma mudança de postura, tanto na compreensão do que seja pesquisa quanto pesquisador e pesquisado, já que são todos elementos intercambiantes de um mesmo processo. Nesta proposta, não se busca a aplicação de procedimentos técnicos, ensejando extrair regularidades, leis ou relações causais, quantificações, apreensão da verdade ou da funcionalidade. Trata-se, antes, de uma atuação que se afirma possível de operar transformações por meio de uma intervenção micropolítica na experiência social.

A pesquisa coloca em evidência as implicações do ato de pesquisar já que se propõe como modo de intervenção, de interferência nas disposições do real, de apreensão e produção do conhecimento, inaugurando outra perspectiva no fazer pesquisa. O fora e o dentro, sujeito e objeto de pesquisa, teoria e prática, ganham outra articulação possível, onde os rumos da pesquisa determinam e são determinados por forças atuantes em composições variáveis e imprevisíveis. Trata-se de um dinamismo que, em dimensão de

acontecimento, não se torna dificuldade, não é uma variável espúria, indesejável, estranha, ou interveniente a ser controlada, mas constitui-se no efeito próprio da pesquisa. É neste sentido que todas as pesquisas afirmam-se como ato político de implicação frente aos efeitos e sentidos gerados ou produzidos, ou seja: como um dispositivo de intervenção no qual se afirma o ato político que toda investigação constitui. (ROCHA; AGUIAR, 2003)

Portanto, a pesquisa volta-se para o processo de pluralidade e criação de forças intensivas, atualizadoras e potencializadoras na geração de sentidos possíveis à existência. Não se trata, porém, de gerar condições ou meios adequados à produção de experimentações ou apreender a realidade como forma de representação, mas antes, de se colocar diante de um plano de abertura em que o conhecimento se produz ao longo e por meio da própria processualidade.

2.2 AS IMPLICAÇÕES COM O TEMA

Este tema já se apresentava como uma área de interesse, insinuando-se como uma questão relevante na dissertação de mestrado¹⁸. Na ocasião, em decorrência da delimitação, não foi possível abordá-lo no âmbito daquele trabalho, incorrendo no risco de estender-se em demasia, diluindo e perdendo o foco da análise principal.

Mas as temáticas do corpo, envelhecimento, biotecnologia e subjetivação atravessavam de forma tangencial a produção dissertativa, em decorrência das próprias implicações geradas pela pesquisa, revelando-se como questões contemporâneas merecedoras de análises mais aprofundadas.

Alguns desses temas colocavam-se como “compromisso não atendido”, quais sejam:

a) os aspectos e características do envelhecimento, tradicionalmente confinado aos domínios da gerontologia e geriatria¹⁹, e que começam a atrair a atenção de outras áreas, como a mídia, a indústria e o comércio;

¹⁸ Moura, Claudio Burlas de. *O Envelhecimento Bem Sucedido: novas formas de subjetivação*. 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

¹⁹ A geriatria é uma especialidade médica, que estuda e trata as doenças relacionadas ao envelhecimento. A gerontologia aborda o processo global de envelhecimento,

b) esse envelhecimento, tomado em um modo de existência tecnicista, cientificista e mercantilista, estabelecendo em seus atravessamentos novos sentidos, conferindo ao corpo um lugar privilegiado, onde em seu nome criam-se novas práticas que o codificam e novas formas de subjetivação;

c) a sociedade moderna que desenvolveu toda uma série de dispositivos de biopoder destinados a moldarem os corpos e a subjetividade, novos mecanismos de se modelar os corpos e as “almas” (FOUCAULT, 1987);

d) a ascensão e avanço tecnológico, como produtor de novos modos de existência. A própria produção da fragilidade da existência, como uma ameaça constante de sofrimento, adoecimento, envelhecimento ou morte;

e) a promessa da biotecnologia de superação de todas estas mazelas resultantes da condição orgânica.

Enfim, todas estas temáticas imbricadas colocavam-se como temas instigantes. Estas questões foram intensificadas pelas experiências vividas no decorrer do curso de especialização em neuropsicologia, realizado na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, com forte ênfase na área das neurociências. Na ocasião, a prevalência de um modelo organicista e biologizante, naturalizado como regente universal e explicativo de todos os processos comportamentais humanos gerou incômodos que incitaram a investigação do poder persuasivo, contida no discurso da biotecnologia.

A área de concentração em estudos da subjetividade, oferecido pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal Fluminense apresentava-se como um lugar possível, no qual as intenções da pesquisa poderiam encontrar pares e reverberar.

2.3 A ESCOLHA PELO CAMPO

A estratégia pensada para viabilizar a proposta da pesquisa foi buscar a participação em um espaço coletivo de prática e discussão, tendo como elemento disparador de análise a temática do corpo e da biotecnologia.

A escolha pelo campo deu-se a partir de certas afinidades que mantinha com a Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense e de

considerando os fatores físicos, culturais, psicológicos, jurídicos e emocionais, que ocorrem tanto no nível individual como coletivo.

certas condições que propiciavam a possibilidade de investigação das questões do corpo, da biotecnologia e do envelhecimento. Estes atributos definiram a inserção em um espaço específico, a oficina *Vida Saudável*, no programa *Espaço Avançado* da UFF.

O *Espaço Avançado* constitui uma proposta de trabalho voltada aos idosos. Entre as diversas oficinas, que caracterizam a sua estratégia de abordagem, existe um grupo específico de práticas físicas e esportivas. Este arranjo foi fundamental na escolha do *Espaço Avançado* para efetivar a pesquisa.

Durante muito tempo encontrei-me envolvido em vários serviços, programas e atividades dedicados aos idosos, inclusive com o *Espaço Avançado* da UFF, onde tive a oportunidade de participar como palestrante. Em razão disto, já conhecia a professora coordenadora das atividades, o professor responsável pelo projeto de extensão e as propostas desse trabalho. Assim, o *Espaço Avançado* da UFF apresentava-se como uma oportunidade e escolha lógica para realização da pesquisa.

O projeto *Espaço Avançado*, vinculado à Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense, constitui-se em um projeto de extensão visando à reciclagem do saber, socialização e manutenção de uma vida ativa. Seu programa se realiza por meio de cursos, palestras, eventos externos e oficinas voltadas ao público idoso em geral. Suas atividades fortalecem o estabelecimento de vínculos comunitários, assumindo um caráter socializador e integrador.

2.4 CARACTERIZANDO A OFICINA PREV-QUEDAS

Inicialmente, a pesquisa ensejou-se com o acompanhamento do grupo participante da oficina *Prev-quedas*. Esta oficina constitui-se parte de um trabalho mais amplo, o projeto *Vida Saudável*. A oficina existe desde 2001 e foi absorvido pelo *Vida Saudável* em 2007, passando a contar com recursos do Ministério dos Esportes, o que permitiu a sua expansão, tanto para outros núcleos, quanto para outras atividades dentro do *Espaço Avançado*.

O *Prev-quedas* é uma iniciativa da Escola de Educação Física da Universidade Federal Fluminense e encontra-se alocado no *Espaço Avançado* da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense.

O grupo, dentro da proposta de trabalho, é aberto, por isso sua constituição e frequência são variáveis, inclusive em decorrência de fatores que poderíamos dizer intrínsecos e extrínsecos, associados respectivamente aos graus de motivação, ânimo, disposição e limitações temporárias como doenças, condições climáticas ou compromissos que impedem a presença naquela ocasião. A faixa etária também é variável, com pessoas de aproximadamente 30 a 90 anos, pois existe uma aposta na intergeracionalidade. Mas, na prática, a sua composição acaba sendo predominantemente de idosos, com poucas participações do que poderíamos chamar adultos e adultos jovens.

No primeiro dia, por exemplo, de acompanhamento na pesquisa, estavam presentes 33 participantes, sendo composto por 30 mulheres e 3 homens, com idades variando aproximadamente dos 60 aos 80 anos.

Há um coordenador, da área de Educação Física da própria Universidade Federal Fluminense, e estagiários como ajudantes que, eventualmente, o substituem. As atividades da oficina constituem-se em exercícios realizados em um salão, incluindo práticas individuais e grupais. Após as atividades físicas, em espaços abertos e fechados, é formado um grupo com todos os participantes, onde compartilham suas vivências e experiências no decorrer das mesmas.

As atividades se iniciam com aquecimentos - precedidas por uma caminhada pelo *campus* - passando em seguida para exercícios - individuais e em grupo - e finalizando com relaxamento.

Durante as atividades, são feitas orientações sobre saúde, postura e movimentos corretos do corpo e “dicas de bem-estar”. Nesse momento surgem as oportunidades para trocas e diálogos entre os participantes. Antes de serem indesejáveis, estes encontros-conversa são estimulados, pois possibilitam e otimizam as permutas de experiências entre os participantes.

A passagem pela oficina *Prev-quedas* possibilitou vivências importantes e interessantes. Acompanhar as atividades do grupo permitiu participar de suas dúvidas, alegrias, temores, realizações, enfim de todo o

percurso existencial gerador de sentidos às vidas dos participantes. Nesses encontros matinais, compartilhávamos e confidenciávamos, possibilitando aos poucos a integração com todo o grupo.

Mas, como nos lembra Passos e Eirado (2009, p. 122) colocamo-nos diante de pessoas-mundos que habitam territórios e encarnam existências como dados óbvios e irrefutáveis e a pesquisa deve confrontar tais pontos de vista proprietários e os respectivos territórios existenciais solidificados.

Por isso, é necessário também provocar, buscar intervenções que possam desfazer ou desmanchar estes territórios solidamente constituídos, dissipando a obstinada pretensão de demarcar territórios únicos para a nossa identidade (LOBO, 2008, p. 23). A “matéria” de pesquisa não é um objeto passível aguardando ser revelado, mas antes se constitui em linhas, vetores que se insinuam e devem ser seguidos. Como vetores de força, a cada instante, todo território pode ou não se reconfigurar, e é nesse território de processos ondulantes que se produz o conhecimento da pesquisa. Não havendo um objeto, ocupando o lugar de um centro em torno do qual se estrutura o campo, este assume direções imprevistas e sentidos imprevistos. “Entramos” em campo sem conhecer o alvo a ser perseguido; ele surge de modo mais ou menos imprevisível, sem que saibamos bem de onde. A pesquisa se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que transformam, exigindo o constante acompanhamento de suas modulações (BARROS; KASTRUP, 2009).

Essas considerações fazem-se necessárias para entendermos a passagem para outro modo ou variação surgido no campo, dando prosseguimento à pesquisa.

2.5 AS NOVAS DIREÇÕES ASSUMIDAS NA PESQUISA

A pesquisa e o campo sofreram uma modulação. O grupo apresentou uma sugestão de ampliar os trabalhos e expandir a pesquisa em encontros temáticos para discussão teórica da questão da biotecnologia. Imediatamente a sugestão encontra a aderência de todos, já viabilizando um dia da semana e horário adequados. A proposta vai ao encontro das pretensões iniciais da pesquisa, as quais planejava propor mais tarde, quando estivesse mais familiarizado com o grupo.

Surge um novo objetivo e uma nova meta, modulados pela própria interferência do grupo na pesquisa: operacionalizar junto à coordenação do *Espaço Avançado* a proposta do “nosso projeto”.

A proposição apresentada pelo próprio grupo, e também pretendida por mim, consistiu na pesquisa e seleção de filmes - que funcionariam como elemento promovedor de discussões - relacionados à questão das biotecnologias e o debate temático de suas implicações e efeitos na vida diária das pessoas. O surgimento desta proposta é interessante, pois aponta para a questão da análise do presente. Coloca a dimensão política, ética, social e filosófica do nosso tempo, oferecendo a oportunidade de refazermos um percurso, de pôr em questão aquilo que acreditamos ser.

Um novo cenário vislumbrava-se: acompanhar os movimentos dos corpos, não só na oficina *prev-quebras*, mas agora também em um espaço de discussão temática. Continuei a participar da oficina até o final do primeiro semestre de 2010, ocorrida em concomitância com o trabalho da apresentação de filmes e os debates promovidos respectivamente.

Nesse novo arranjo, passamos a nos encontrar às quintas-feiras, intercalando com a oficina *prev-quebras* que ocorre as terças-feiras. Foi acordado, inicialmente, que os “encontros-experimentação” se estenderiam até o final do segundo semestre letivo de 2010.

A escolha dos filmes, dentro da temática adotada, era realizada após a apresentação de sugestões, por todos os participantes, e pensada a sua viabilidade de obtenção ou acesso ao mesmo. Embora houvesse uma listagem inicial, mudanças ocorreram, de acordo com novas sugestões ou em decorrência de preferências do grupo. A cada encontro as indicações eram revistas e atualizadas. Muitas vezes, em razão dos impactos dos encontros (ensejados pelos filmes), foi sugerida a continuidade e complementação dos filmes já assistidos ou o total desvio da programação acordada.

2.6 ECOS DA PASSAGEM PELA OFICINA *PREV-QUEBRAS*

É possível percebermos na oficina do corpo um lugar onde se produzem processos de inventividade, de modos coletivos de ser e estar no mundo. Um modo de fazer e criar juntos que engendram novos territórios e novas formas

de habitá-lo, inventando-se, neste mesmo movimento, a si mesmos. A oficina é um dispositivo onde se torna possível o surgimento de diversas relações, com pessoas e com práticas de existência, conectando-se com esses novos territórios existenciais que se insinuam.

Embora a oficina não adira ao discurso biologizante, preconiza o engajamento em atividades físicas como forma de manutenção de uma vida saudável, sugerindo uma correlação positiva entre qualidade de vida, saúde e exercícios físicos. Recomenda-se a prática de atividades físicas como forma de manter-se saudável, contribuindo para a longevidade e manutenção de uma boa performance cognitiva.

Tais práticas são percebidas pelos usuários da oficina como uma fórmula ou método que contribui para retardar os efeitos do envelhecimento. A proposta do programa *Vida Saudável* fundamenta-se em rotinas que destacam a expressão preventiva de resistência ao envelhecimento por meio do hábito contínuo de exercícios físicos.

A todo momento, é destacada e trabalhada a importância da disposição duradoura como exemplo de atitude que contribui para diminuição do caráter deletério do sedentarismo. O objetivo do trabalho na oficina é desenvolver atividades físicas, recreacionais e sociais como função preventiva, afirmando, em suas práticas, o benefício sobre a saúde, melhora na qualidade de vida e controle sobre o processo degenerativo do envelhecimento.

Estes acontecimentos demonstram o privilégio que a dimensão biológica assume nos discursos e nas práticas voltadas para o idoso, engendrando os sentidos adquiridos pelo envelhecimento na atualidade. O aspecto biológico é (considerado) constitutivo da formação humana, porém ocupa neste modelo, como regente (ou regulador) universal dos processos de produção da vida, um lugar definidor (e redutor) dos modos de vida possíveis.

É comum, nessa linha de pensamento, uma tendência a privilegiar os aspectos funcionais e fisiológicos do envelhecimento, expressando, correlatamente, como não poderia deixar de ser, os ganhos secundários (ou primários?) em rejuvenescimento, melhora da aparência física, psíquica e muscular.

Há, nesse sentido impregnante de “biologização” da existência, um aspecto perverso de fracasso, quando não se consegue corresponder ao apelo

de uma performance exigida. O não atendimento do paradigma “biologizador”, da adoção de um modelo que pretende encerrar em suas práticas-verdade os limites de bem ou mal sucedido, desloca-se facilmente para uma vivência de culpabilização individual e insucesso.

Não afirmamos que essa seja a questão ou característica fundamental da oficina, mas não podemos nos esquivar de nos referirmos a ela, uma vez que se manifesta em certo nível de suas ações, além de se constituir em uma importante temática abordada no interior da tese.

3 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A QUESTÃO DA PROCESSUALIDADE DA ESCRITA NA PESQUISA

Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. (DELEUZE, 1992)

É preciso, antes de prosseguir com a exposição e análise dos temas surgidos na pesquisa, considerarmos algumas questões importantes e elucidativas do trabalho. Os encontros que se realizavam na oficina *prev-quadras* e na oficina *temática* (relacionada aos filmes e debates), juntamente com os conteúdos abordados, discutidos e apresentados não se resumiam as questões tratadas somente nessas oficinas. Logicamente, como muitos dos participantes dessas oficinas também frequentavam outras atividades promovidas pelo projeto *Espaço Avançado* da UFF, traziam questões recorrentes em suas vidas germinadas em outras oficinas.

Impossível isolar ou extirpar suas experiências e inquietações trazidas dos outros espaços de atividades que participavam e isso acabava reverberando, principalmente, nos encontros temáticos. Por isso, nesse trabalho é sublinhada a questão da processualidade. Inevitável que aparecessem assuntos relativos aos seus projetos pessoais, aos processos de constituição de suas vidas. Os integrantes do grupo não separam suas experiências no *Espaço Avançado*, ocorridas em uma determinada oficina daquilo que acontecia em outras práticas. Eles tendem, por assim dizer, à inteireza das experiências, suas questões caminham juntas pelos variados lugares que ocupam, tanto na UFF, quanto na vida. Assim, não se trata apenas dos temas propostos nos filmes que são discutidos, os encontros acabam sendo atravessados por outras questões, atuantes em seus processos de vida.

É importante ainda ressaltar que cada temática aqui abordada, sua pertinência, considerações e formulações, estão, por assim dizer, autorizadas pelo campo, uma vez que seguem as direções e pistas por este indicado. Não se procedeu, neste trabalho, ao levantamento prévio dos assuntos a serem tratados, mas sim seguiu-se os “objetos de estudo” apontados como relevantes para discussão temática do grupo. Em outras palavras, o grupo decidiu os assuntos, dentro da ampla temática da biotecnologia, que seriam pertinentes aos seus interesses. Constatamos com isso uma prevalência de temas ligados à saúde/doença, ao corpo, à acessibilidade tecnológica e, é claro, ao envelhecimento.

Muitos dos encontros foram repetitivos, com um determinado tema ou preocupação prevalecendo e sendo explorados de forma mais exaustiva. Outros apenas eram sugeridos, sem grande vigor ou ênfase. Mas todos foram relevantes e consonantes com as questões que perpassam e marcam a vida do “*homo tecno*”, da nossa moderna sociedade tecnicista.

Após as discussões é que se buscavam as ferramentas teóricas adequadas para fundamentar as análises temáticas. Isso significa afirmar que os objetivos e objetos de estudo foram produzidos também em um movimento processual, não sendo estanques e previamente determinados à pesquisa.

3.1 A DIMENSÃO DA PROCESSUALIDADE

A proposta da pesquisa, conforme aqui formulada, não se constituiu apenas em descrever, compilar ou representar dados e informações obtidas a partir de observações feitas em campo. Ela consistiu, mais do que tudo, em acompanhar processos. Mas processos do quê? De produção de mundos, ou seja, da criação de outros modos de existência possíveis no mundo. A preocupação desviou-se do simples relato neutro e imparcial sobre a pesquisa e se centrou nos processos de construção de sentidos gerados na experiência de viver certos acontecimentos.

Estudar a subjetividade exige um método de investigação que possa romper com a simples representação de um determinado objeto, requer um método capaz de acompanhar processos e movimentos em constante mutação. Esta proposta não se apresenta como um modelo pronto, mas como modelo

que se constitui durante o próprio processo em atuação. Não se configura como um método alicerçado em regras universais de aplicação, sendo, antes de tudo, um fazer por se inventar durante o próprio caminhar. O método vai se construindo no acompanhamento das subjetividades e dos seus territórios de ocupação.

Uma pesquisa de campo apresenta múltiplas possibilidades e não possui necessariamente um único ou determinado caminho para alcançar seus objetivos. Atribuindo, constituindo e adquirindo variadas formas expressivas, as práticas no “campo” possibilitam a criação de intensidades, que se abrem à pluralidade dos modos de existência e qualifica a transformação enquanto produção de sentidos possíveis à existência.

Conhecer é também acessar o movimento singular que constitui o próprio conhecimento, exigindo o acompanhamento das modulações constantes na produção de um saber, do movimento próprio que o anima, provocando a ampliação da percepção e atingindo outras dimensões. A pesquisa não se restringe à descrição ou classificação formal dos objetos e o pesquisador não se encontra fora do chamado objeto de pesquisa, mas constituiu-se, ele mesmo, em um plano da pesquisa. Não havendo, na realidade, fora nem dentro, objeto ou sujeito da pesquisa, todos se constituem em um mesmo plano de intervenção da pesquisa.

Essa atividade não se viabiliza se não nos colocarmos em interferência, em implicação, com seus processos de criação. Pesquisa e intervenção constituem dimensões indissociáveis de um movimento. Significa afirmarmos um grau de abertura que permita apreender o que de novo se apresenta, seus processos de subjetivação, suas modulações e os saberes que se produzem.

Isto exige certo tipo de habilidade para lidar com finalidade e metas em constante mutação. Quando nos colocamos em campo o(s) objetivo(s) previamente estabelecido(s) mostra(m)-se deslizantes. “Em realidade, entra-se em campo sem conhecer o alvo a ser perseguido; ele surgirá de modo mais ou menos imprevisível, sem que saibamos bem de onde.” (KASTRUP, 2009, p.40)

Mas ao buscar os fluxos e movimentos, não significa que os encontraremos lá, se anunciando em forma pura. Eles estão em uma forma, uma determinada representação/organização que se apresenta, mas onde

precisa se operar uma desmontagem deste corpo-organização para que o fluxo, a não-forma, se expresse e se apresente antes que tome forma-organização, restituindo a sua capacidade de operar movimentos.

Portanto, a pesquisa não se efetiva se não nos disponibilizamos a seguir seu curso de criação. O compromisso com objetivos e finalidades não deve impedir a emergência do imprevisível, das contradições e impasses, porque são estes mesmos os lugares por onde passa o processo de experimentação.

A pesquisa possibilitou a desconstrução de práticas-conceitos a partir da incorporação de novas idéias, afetos e mutações produzidas. Nesse sentido, constitui-se em instrumento de auxílio na construção de experimentações e intensidades, efeito de modulações que se deram no próprio encontro. Um dispositivo que operou uma desmontagem ou ruptura em certas ordens estabelecidas de sentidos estruturantes da existência.

A oficina foi, portanto, um dispositivo que tornou possível o surgimento de diversas relações, com pessoas e com práticas de existência. Dispositivo, significando, nesse sentido, expressões e efeitos de expressões que ocorreram em rede e acompanhar seu funcionamento exigiu disponibilidade para experimentar e conectar-se com os novos territórios existenciais que se insinuaram.

3.2 SOBRE A PRODUÇÃO DA ESCRITA

A inserção da escrita configurou-se em um elemento desafiador: como desenvolver em uma pesquisa uma trajetória que não é apenas descritiva, representativa ou classificatória, mas também experiência coletiva? Essa foi, sem dúvida, a maior dificuldade que se apresentou no decorrer da “produção da escrita”. Como sistematizar em uma escrita, minimamente inteligível, movimentos processuais? Como compilar registros, relatos, imagens, articulando-os com as necessárias fundamentações teóricas, objetivos e problema da pesquisa; articular teoria, questões suscitadas no/pelo campo, observações e argumentos próprios do pesquisador? Era preciso, além de tudo, manter uma coerência com a perspectiva teórica adotada, já que a ciência conforme formulada em seu modo positivista é aqui contestada.

Mas a escrita, por mais desafiadora que seja, deve ganhar uma possibilidade de apreensão, de inteligibilidade em um procedimento que permita a produção visível do conhecimento. Ainda que não vise “emoldurar” uma teoria, deve constituir-se em um texto passível de sistematização das ideias e do percurso da pesquisa, porque questionar os critérios rígidos de se fazer ciência não significa o abandono do rigor metodológico.

Por outro lado, a exigência de inteligibilidade não deve suprimir na escrita o aparecimento das incoerências, desacordos e oposições que são partes integrantes de produção da própria escrita. Os acontecimentos, mesmo quando não se coadunam em um sentido inteligível devem ser considerados como material, uma vez que, na dimensão da processualidade, esse material é por si só, material de pesquisa, sendo imperativo acompanhar os fluxos ou vetores de força insurgentes que conferem existência e se movem nesse processo.

Assim, a escrita caracteriza-se como um texto-desafio polifônico e polissêmico. Uma pluralidade de vozes e sentidos possíveis na direção de um conhecimento que é processual e coletivo. É preciso transmitir o que se produz no campo, ao mesmo tempo colocar as vivências e relatos das experiências do grupo, do coletivo, todos os que, de alguma forma, contribuíram e tiveram passagem na construção de sua história, enfim, compartilhar de todo um plano intensivo de afetos.

Para reunir em um texto coeso e coerente, exigências de normas técnicas, informações objetivas e impressões difusas – que surgem na experiência do campo – o conhecimento e a escrita devem ser efeitos de uma construção coletiva. Um processo de dimensões inevitavelmente polifônicas. Há uma processualidade na própria escrita. Uma construção aparentemente individual que ganha uma dimensão coletiva quando o texto traz à cena falas e diálogos emergentes nos encontros em campo. (BARROS, L.; KASTRUP, 2009, p. 71)

Voltando-se ao discurso, este visou à potência transformadora de seus enunciados. Não se buscou proceder a uma análise do discurso, mas servir-se do discurso como dispositivo analisador, como acontecimento. Pensar, a partir deste conceito, o discurso como capaz de elucidar processos de

subjetivação, apostando em uma força de criação e produção presentes no discurso.

Nesse “corpo discursivo” não se buscou uma fala unificadora que referenda uma teoria, sistema ou conceito, mas apenas colocar-se diante do imprevisto, dando voz aos fluxos de desejos que se formaram. Tratou-se antes de seguir direções que se insinuaram, levantando e acompanhando intensidades, passagens e acontecimentos, seguindo os movimentos em suas variadas conexões. O campo não só modula, mas modifica (ou atualiza) objetivos, problemáticas e os procedimentos adotados para operacionalizar a pesquisa. Dessa forma, não existiu um roteiro prévio a demarcar a logística destes movimentos, já que foram da ordem da imprevisibilidade.

4 AS BIOTECNOLOGIAS, O BIOPODER E A BIOPOLÍTICA NAS TRAJETÓRIAS DE VIDA NO ENVELHECIMENTO

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou refletir. (FOUCAULT, 1994)

Todas as questões surgidas sobre a expansão, controle e contingências da vida apresentas no grupo, remetem ou, ao menos mantêm um grau de afinidade e aproximação possível com os conceitos foucaultianos de biopoder e biopolítica. Esses conceitos são aqui compreendidos como ferramentas possíveis de operar entendimentos sobre os mecanismos imbricados da relação entre as trajetórias de envelhecimento e as biotecnologias, podendo expressar e/ou explicar alguns processos insurgentes no cenário atual do envelhecimento e suas possibilidades de experiencição.

Foucault (2002a, 2002b) chamou de biopoder a todo um conjunto de novas tecnologias de poder que exercem seu domínio sobre a vida. Tecnologias de poder que têm como alvo o controle da potência da vida, mas não apenas sobre a matéria bruta da vida mas também na produção de novos modos de subjetividade contemporâneos. São poderes e saberes que se multiplicam em torno dos comportamentos, hábitos, desejos e necessidades com o intuito de dar a eles novas formas, modulando seus fluxos, organizando e gerindo a potência da vida.

As biotecnologias configuram-se como efeito possível daquilo que Foucault (2002a) chamou de assunção da vida pelo poder e que corresponde a um importante modo de controle sobre a vida surgido no mundo contemporâneo. Torna-se necessário, em função desta afirmação, debruçar-se então sobre os sentidos operados pelos dispositivos biotecnológicos,

compreendidos aqui como estratégias de poder e de governo sobre a vida dos homens.

Inicialmente pode-se, então, presumir que essa tecnologia de poder, identificado por Foucault como biopoder, de prescrever normas sobre um determinado bem viver, serve como fundamento e mantém uma estreita correlação com as práticas biotecnológicas. E, com efeito, constata-se que, não por acaso, as disciplinas da área biomédica são as que demonstram a maior força de penetração no governo da vida, deliberando e prescrevendo normas de “correto bem viver” para o grupo.

Um efeito visível da assunção desse poder sobre a vida enquanto ser vivo é a condução a um processo de estatização do biológico e a primazia da adoção de um modelo biologizante como principal norteador da vida. Foucault (2002a, p. 285-286) dirá a esse respeito que:

(...) um dos fenômenos fundamentais do século XIX foi, é o que se poderia denominar a assunção da vida pelo poder: se vocês preferirem, uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de estatização do biológico ou, pelo menos, uma certa inclinação que conduz ao que se poderia chamar de estatização do biológico.

Mas, Foucault (2002a, 2002b, 2008) demonstra que após um poder sobre o corpo, que se fez de modo individualizante, produziu-se outra estratégia de poder, investindo agora na construção de um saber do coletivo, não em direção ao homem-corpo, mas ao homem-espécie. Se o primeiro caracteriza-se como uma anátomo-política do corpo, o segundo poder se refere mais ao que poderíamos chamar de uma biopolítica da espécie humana.

As práticas de ordenação, padronização e normalização, usadas como dispositivo de controle, constituirão e farão emergir um novo saber, a demografia e o seu correspondente, a população. O acompanhamento dos fluxos e movimentos, buscando mapear os fenômenos de massa populacionais servirão como aporte de informações para intervenção nestes mesmos fenômenos. Assim, os estudos comparativos da forma, natureza, extensão e duração de todos os eventos que ocorrem em uma população passarão a ter importância estratégica, redundando em uma política dos

processos salutareos e que poderíamos chamar de vetores constituintes de um curso de higienização e biologização da sociedade e, por extensão, da vida. De acordo com Foucault,

São estes fenômenos que se começam a levar em conta, no final do século XVIII, e que trazem a introdução de uma medicina que vai ter, agora, a função maior da higiene pública, com organismos de coordenação dos tratamentos médicos, de centralização da informação, de normalização do saber, e que adquire também o aspecto de campanha de aprendizado da higiene e da medicalização da população. (FOUCAULT, 2002a, p. 291)

Assim, o biopoder e a biopolítica são procedimentos estratégicos que visam manter o controle sobre as produções do vivo. São parte intrínseca de todas as relações que constituem o ser vivo, sendo circulamente efeito e causa deste. Ao mesmo tempo que retira poder da vida, a expande em uma rede de agenciamentos, recirculando o poder por meio da extração desse poder justamente da vida.

Em relação ao grupo e as trajetórias de envelhecimento trata-se de buscar saber por onde essas relações de biopoder e biopolítica passam, como se passam, entre o que e quem, segundo quais procedimentos e com quais efeitos. Para apreendê-la no que pode ter de específico num momento dado, durante um determinado período e determinado campo.

Passaremos, então, a investigar respectivamente, nas próximas seções, os sentidos operados sobre a vida pelos dispositivos de biopoder e biopolítica em sua articulação com o envelhecimento e as biotecnologias, direção justificada por produções advindas do campo, conforme poderemos constatar a seguir.

4.1 O BIOPODER E A EXPANSÃO DA VIDA NO ENVELHECIMENTO

Diversos procedimentos necessários ou condizentes com as exigências do contemporâneo passam por mecanismos estratégicos de produção de modos de vida que poderíamos chamar de biopoder, estendendo-se cada vez mais tanto na expansão quanto no controle desta própria vida. O biopoder configura-se como um conjunto de mecanismos e características biológicas

fundamentais à espécie humana e que irão se constituir em uma relação política e estratégica de poder. (FOUCAULT, 2008).

O poder sobre a vida achava-se, em sua origem, associado ao direito soberano; nele, o rei poderia dispor da vida e morte dos seus súditos. O direito soberano transformou-se, aperfeiçoando-se, em um novo direito de fazer viver e com diferentes especificidades, como a regulação e legitimação dos modos de existência e a criação de um aparato tecnológico voltado para este empreendimento. Esse novo poder,

(...) não vai apagar o primeiro, mas vai penetrá-lo, perpassá-lo, modificá-lo, e que vai ser um direito, ou melhor, um poder exatamente inverso: poder de “fazer” viver e de deixar morrer. O direito de soberania é, portanto, o de fazer morrer ou deixar viver. E depois, este novo direito é que se instala: o direito de fazer viver e deixar morrer. (FOUCAULT, 2002a, p. 287)

Isto significa que não se trata mais, na atualidade, de simplesmente decidir pelo direito de deixar viver ou morrer de acordo com interesses de um governante. Trata-se agora de orientar como viver de forma correta, ou seja, orientar na adoção de condutas apropriadas para o “bem viver”. Esta orientação, condizente com a flexibilidade exigida pelo mundo contemporâneo, deve ser sutil o suficiente para assemelhar-se a uma sugestão e não parecer uma imposição; daí deriva parte de sua imensa força argumentativa. Como exemplo pode-se citar colocações do grupo²⁰ como:

- *Hoje em dia a gente tem muitas opções para escolher sobre as melhores maneiras de envelhecer, só não faz o certo quem não quer.*

- *A velhice pode ser vivida de muitas maneiras, algumas boas e outras não, é a gente quem escolhe o que prefere.*

- *Nós temos o direito e a chance, que a vida moderna nos dá, da gente ser o que quiser.*

Esse poder seduz por induzir à crença de que nossas decisões e ações são orientadas pela vontade própria, em interesses e desejos que se formam em um plano de liberdade, representante da “livre escolha subjetiva”: “(...)

²⁰ Todas as falas, aqui reproduzidas, surgiram durante os debates ocorridos após se assistir aos filmes sugeridos, que serão apresentados conforme as temáticas correspondentes forem sendo aludidas. Por questões práticas e de respeito à identidade dos participantes da pesquisa optou-se pela não divulgação dos nomes dos seus interlocutores.

não se trata de impor uma lei aos homens, mas de dispor as coisas, isto é, utilizar mais táticas do que leis, ou utilizar ao máximo as táticas como lei” (FOUCAULT, 2002b, p. 284).

As biotecnologias invertem certa proposição onde o corpo e a vida eram realidades dadas e suas possibilidades não se subordinavam à vontade, antes, determinavam um limite à vontade. O que, agora, se assiste é à inversão nas determinações: às intervenções biotecnológicas operadas sobre o corpo e a vida permitem que, uma vez investidos de uma ação que os potencializam, se transformem, modulando à vontade ou, em outras palavras, modula-se a vontade.

Caracterizando-se como um governo de condutas, o biopoder incidirá sobre o comportamento, expandindo e normatizando a vida em toda a sua extensão. A própria existência de um grupo de pessoas idosas, participando das atividades propostas no *Espaço Avançado da UFF* configura e expressa esse acontecimento. Segundo Foucault (2002a) o biopoder surge como possibilidade técnica e política, não só de organizar a vida, mas de fazê-la proliferar em mecanismos de recriação da própria vida em sua estrutura orgânica.

Essas operações estratégicas oferecem também uma oportunidade de tornar inteligível o processo ou sentido de inserção de uma proposta como “vida saudável” em uma ambientação universitária. Que melhor lugar para esse grande aparato dos saberes (para gestar suas forças), já portentoso em seu nome como a universidade? Ela tem, sobretudo, uma função de seleção, não tanto das pessoas, mas dos saberes; “um papel de homogeneização desses saberes com a instituição de uma espécie de comunidade científica com estatuto reconhecido” (FOUCAULT, 2002a). Exercício estratégico no interior do qual se produz ou não uma referência, chancela outorgante das práticas de cuidados de si contemporâneas. Trata-se de instituir e oferecer um espaço técnico, científico, de pesquisa e divulgação, propício a se construïrem e definirem os saberes pertinentes, definir e produzir um projeto de qualidade de vida “correta”, “saudável” e “proveitosa”, expandindo sua abrangência às trajetórias de envelhecimento.

A tecnologia do biopoder estende-se sobre o grupo, enquanto um organismo coletivo vivo, e estabelece um poder contínuo, uma regulação

permanente, fundamentado pela ciência e que é o poder de fazer o “bem viver”. O biopoder torna-se, cada vez mais, o direito de intervir em suas trajetórias de envelhecimento para obter esse bem viver, demandando ações contínuas e integradas ao longo de suas existências, visando à promoção da longevidade com saúde. Esse mecanismo de ações contínuas funciona produzindo, em alguns, uma espécie de inquietação permanente; para estes há sempre algo a se cumprir e equivalentemente a uma dívida a se saldar em seus compromissos e em suas atividades (podendo-se dizer em suas vidas). Lógica ou logística já conhecida atualmente. Mas, não deixa de ser surpreendente que também se aplique ao envelhecimento. E, por que não, já que a este se estendeu (ou recobriu) os mecanismos de biopoder? E assim observa-se o surgimento de uma “pedagogia do envelhecimento”:

- É preciso aprender a envelhecer.

Envelhecimento agora precisa ser aprendido? É claro, estamos na vigência de um dispositivo de biopoder, que ao expandir as possibilidades do vivo, necessita de novos instrumentos de subjetivação, entrando em cena uma pertinente pedagogia e, também por isso, a ambientação, conforme já abordado, em um espaço universitário; sobreposição da disciplina e da regulamentação. E, uma vez de volta à escola não mais se sai. Pronto, fecha-se o cerco, mas o que está “pronto” é o conceito, a armadilha (para) e não o sujeito: conceito de formação permanente, onde nunca se está pronto, nunca se pode terminar, seja lá o que for, e cuidados constantes são necessários para não se incorrer no risco da defasagem ou desatualização.

Nesse cenário, as biotecnologias constituem-se como uma técnica estratégica, que incide, ao mesmo tempo, sobre seus corpos individuais e os processos sociais, pretendendo o prolongamento das vidas e a correção de suas deficiências. Cria saberes sobre as corretas e “bem sucedidas” formas de viver e gera modos de envelhecimento disciplinados, regulamentados e normatizados. Foucault (2002a) explicará o surgimento desse poder e seu jogo de articulações com a vida da seguinte forma:

Dizer que o poder, no século XIX, tomou posse da vida, dizer pelo menos que o poder, no século XIX, incumbiu-se da vida, é dizer que ele conseguiu cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população,

mediante o jogo duplo das tecnologias de disciplina, de uma parte, e das tecnologias de regulamentação, de outra. (p. 302)

O biopoder irá multiplicar suas possibilidades de vida, tirando-os de possíveis confinamentos (inclusive orgânico), que lhes restringem o potencial de explorar essa vida no envelhecimento. Investidas pelos saberes e poderes constituintes das biotecnologias, suas vidas se transformam em matéria ampliada e reinventada em diversas condições. Estes investimentos expandem a vida em direção a processos que se acoplam a conceitos como “qualidade de vida”, “bem estar” e “envelhecimento bem sucedido”, criando novos territórios onde podem multiplicar-se em variadas possibilidades de viver. Assim, as biotecnologias apresentam-se como dispositivos²¹ de biopoder, produzindo variações possíveis nas trajetórias de envelhecimento com o objetivo de estender seus modos de vida.

Mas, se o biopoder por um lado expande as redes de vida, por outro ele extrai da vida a sua capacidade de expressão e singularização, capturando a potência criadora da vida, ao modulá-la em suas produções. Nas estratégias de biopoder, o que se produz são modos de existência, desejos de se expandir a vida, porém estes modos de existência produzem existências mínimas, subtraem potências da vida.

No grupo, muitas vezes observa-se certo mal estar pelas exigências que recaem na forma de cobranças por determinada performance e, quando não alcançada, o indivíduo é culpabilizado. A outrora sabedoria, atribuível ao envelhecimento, foi extraída e substituída por *modus vivendi* compatível com as necessidades do mercado de consumo. Nessa operação, o envelhecimento foi alçado ao posto de corpo ativo, corpo possível, detentor de comportamento, hábitos, necessidades e desejos que o inserem diretamente em um nicho de mercado. Mas, esta inserção não se dá sem cobranças e o corpo (e o próprio envelhecimento) deve se mostrar compatível com a vida expandida do biopoder. Corpo, envelhecimento e vida que precisam responder às demandas semelhantes aos dos jovens; apresentar-se capaz para aderir e aproveitar a vida, agora ampliada e disponível também às trajetórias de envelhecimento.

²¹ Dispositivos no sentido utilizado por Foucault, conforme descrito anteriormente nas páginas 10 e 11 desta tese.

Mas, para alguns que não conseguem corresponder, estas exigências são sofridas e sacrificantes:

- *Querem que a gente se comporte de uma maneira que o corpo já não aguenta.*

- *Eu sei que hoje a gente pode muitas coisas mais, mas sem cobranças né, gente? Afinal, somos idosos.*

Sobre estes recai uma norma e um juízo: à norma corresponde uma regularidade e um regulamento; e ao juízo um valor e um desempenho, agindo ambos, norma e juízo, como mecanismos de subjetivações. Franco processo de normatização, adequação e regularização, onde cada um responde aos esforços de pertencimento, mas criando cisões, separações entre si, no que se distribuem as forças entre os que conseguem e os que não conseguem; produzindo também, e em contraparte, uma virtual tensão culpabilizante ao se confrontarem com os esforços de conformação.

As análises dos mecanismos de poder, propostas por Foucault (2002a, 2002b, 2008) evidenciam os poderosos dispositivos que, incidentes sobre as populações, seus corpos e almas, ensejam regulamentar as forças e expressões da vida. Aperfeiçoando constantemente suas práticas, o conjunto destes dispositivos pretende o controle dos eventos aleatórios e dispersos que caracterizam uma dimensão comum da existência. Em um processo que impõe a normalização, visa não só erradicar a diferença, mas, em um processo mais sutil, selecionar as características desejáveis, homogeneizando para melhor controlar.

Assim, as propostas e ofertas das biotecnologias formam um novo dispositivo de poder-saber e controle que, aplicados ao corpo em sua dimensão coletiva, agrupam elementos dispersos – como neurobiologia, neuroquímica, informática, robótica, comportamentos, desejos, prazeres, necessidades, percepções, dentre outros tantos elementos, para constituir uma prática discursiva comum e heterogênea.

A genética surge como achado privilegiado na reorganização destas forças da vida do biopoder. De todos os enigmas da vida, esse minúsculo segredo, existente no íntimo de todos nós, torna-se extremamente denso e aparece com grande visibilidade na sua oferta de decifrar os derradeiros mistérios da existência humana. Ela traz a promessa de detectar todos os erros

do processo vital e reorganizá-los em certo padrão ideal. “(...) hoje nos é dito que toda a verdade está inscrita e pode ser decifrada no inefável **código genético**” [grifo da autora] (SIBILA, 2002, p. 183). Um cenário de sonho, gerando novas visões sobre as trajetórias do envelhecimento, sobre a vida e a capacidade de atuar sobre estes.

- *Clones serão comuns, substituindo a reprodução natural?*

- *As células-troncos podem curar tudo isso mesmo?*(em referência a doenças incuráveis como diabetes, acidentes vasculares, Alzheimer e Parkinson)

Dúvidas levantadas no grupo após assistirmos aos filmes que abordam esta temática (*Eu, minha mulher e minhas cópias; Visões do futuro; Frankenstein: a clonagem humana*).

A genética encontra-se na convergência das forças produtivas do biopoder e de seus correlatos tecnológicos, assumindo, sem constrangimentos, uma prática de modelagem dos corpos, da subjetividade e por extensão da própria existência. “Basta ter acesso ao oráculo genético para saber tudo o que é, o que foi e o que será; e basta dominar as técnicas da biologia molecular para alterar o texto do destino” (SIBILIA, 2002, p. 122). Para lidar com esse novo cenário que se compõe não é convocada, necessariamente, a medicina, mas a engenharia genética, aparato imprescindível a lógica de funcionamento das biotecnologias.

Na proposta da biotecnologia existe o desejo explícito de controlar as contingências da vida e o próprio futuro da humanidade, de conduzir o processo evolutivo. O projeto Genoma Humano constitui-se exatamente no esforço conjunto de toda uma comunidade de cientista em mapear os códigos da existência humana, permitindo (ou prometendo) prevenir, corrigir, aprimorar ou erradicar as doenças, o envelhecimento e a própria morte. O projeto Genoma Humano permitiria obter todas as informações necessárias ao exercício destas funções. As forças evolutivas, conforme formulada por Darwin, mostram-se passíveis de controle. Proeza épica das biotecnologias e, agora ou em um futuro próximo, acessível em um mercado que produzirá a sua demanda de consumo.

O conceito de natureza sofreu uma viragem, em um franco processo de reconfiguração, uma mudança de princípio operativo: a seleção natural -

lenta, aleatória e não confiável - celebrada pela teoria evolucionista como mecanismo chave da criação natural é substituída pelo mecanismo da evolução artificial - intencional, rápida, eficiente e confiável - que permite acelerar o lento mecanismo natural, que se encontra em desacordo com a necessidade de aceleração de todos os processos existentes no mundo atual. No filme documentário *Visões do futuro: a revolução da biotecnologia*, o apresentador afirma: - “Estamos fazendo a transição de sermos observadores passivos da dança da natureza para sermos coreógrafos ativos da natureza.” E acrescenta: - “Nesse programa eu vou lhes mostrar como nós temos o futuro da humanidade em nossas mãos”. (KAKU, 2009)

O campo da pesquisa genética, com seu potencial ainda pouco explorado, transforma-se no espaço privilegiado de interesses mercantis. As empresas privadas de pesquisas e as indústrias farmacêuticas atiram-se em uma busca desenfreada para patentear todo componente genético existente no planeta e adquirir direito de posse exclusiva na comercialização de suas descobertas. Produtos que, muitas vezes, não têm ainda aplicação conhecida, mas que, certamente e sem demora, logo se produzirá sua utilidade possível²² e talvez até imprescindível. Sibilia expressa bem esta preocupação emergente no seguinte comentário²³:

Os direitos de **propriedade intelectual** protegidos pelas **patentes** constituem um ingrediente fundamental das áreas da tecnociência contemporânea aqui examinadas. Segundo as empresas, tal garantia é essencial para que os empreendedores decidam arriscar recursos financeiros e anos de trabalho na pesquisa e desenvolvimento de “produtos” que possam ser “úteis” para o mercado. Esse é o motivo da forte pressão que as corporações transnacionais exercem sobre os governos nacionais do planeta inteiro, na tentativa de impor um sistema global de patentes que seja capaz de garantir os direitos de propriedade intelectual sobre os produtos da indústria biotecnológica no mercado mundial. [grifos da autora] (2002, p. 174)

Com seus dispositivos alimentados e legitimados permanentemente pelas incessantes descobertas científicas, vemos acoplar-se à força, hoje

²² Essa temática será discutida adiante em seção específica que trata da questão do controle dos recursos e dotes genéticos pela iniciativa privada.

²³ Esse assunto também será oportunamente retomado adiante ao abordar-se a questão das patentes e registros genéticos.

onipresente em nossas vidas, da prática discursiva da genética e do evolucionismo em mecanismos de prazer, auto cuidado, componentes estéticos e altas doses de euforia na promessa de saúde plena e corpo perfeito. Capital, biotecnologias e mídia fundem-se em um empreendimento sem precedentes e capazes de redefinir os próprios mecanismos da vida.

A lentidão e imprecisão da formação humana, responsáveis por algumas das características humanas, podem (e devem) ser abolidos. Não é preciso mais se submeter ou se restringir aos imperativos do tempo. Uma nova formação dos corpos e de subjetividades se insinua com alto poder persuasivo. Substituindo as técnicas lentas do disciplinamento e controle social, a engenharia genética anuncia-se como capaz de obter aquilo que se intentou historicamente por séculos como processo político, econômico e social: reformar ou reformular o ser humano. A definitiva e derradeira conquista da biopolítica e do biopoder.

O ser humano enfim ultrapassou (ou pretende ultrapassar) uma antiga distinção, historicamente produzida, a separação natureza/artificial. Que melhor modelo serve a esse propósito de controle do que reduzir a vida a um feixe de informação contida em uma estrutura funcional como o DNA? Onde todas as produções equivalem ou são comparadas a códigos passíveis de remodelagem, rearranjos e recombinações. Todos os processos da vida mostram-se possíveis de ingerência, constituindo-se em uma estratégia de biopolítica e biopoder: reduzir toda a expressão da vida a um determinismo genético, singelos dados contidos na cadeia de DNA que propiciam sua manipulação e controle.

Como prolongamento desse mecanismo estratégico, de produzir os índices da vida, cria-se também produtos para supostas tendências da “alma”, identificando possíveis correlações entre genes e gostos, desejos, anseios, preferências e tudo o mais passível de ser contido sobre o selo de “propensão comportamental”. Em seguida, a identificação das “inclinações da personalidade” pode-se oferecer um catálogo de tratamentos e intervenções a nível genético com o objetivo de alterar os padrões de conduta e hábitos, hipoteticamente existentes agora em uma molécula de DNA.

O desejo das biotecnologias é o controle e previsão das contingências. Dispondo de todas as informações possíveis a respeito do desenvolvimento

humano, poderia ser possível a sua manipulação, corrigindo eventuais falhas e ajustando melhorias específicas, de acordo com a vontade do demandante. Investindo no substrato orgânico das populações, as biotecnologias, em sua vertente genética, se apresentam como capazes de controlar as contingências, reprogramando os destinos biológicos da população e da espécie.

O envelhecimento na atualidade foi investido e revestido de diversas formas pelos saberes constituídos pelas biotecnologias. Mas, em suas estratégias de disseminação foi preciso um trabalho prévio de produção de sentidos operado em dimensões individuais e coletivas. Em outras palavras, foi necessário produzir sua necessidade para a posterior incorporação pelos indivíduos e população. O interesse explícito sempre foi o de multiplicação do poder sobre a vida, organizando, multiplicando e regulando-a; mecanismos e controle exercidos por meio de demarcações e produção de índices operadores sobre as trajetórias de envelhecimento. Mapear para controlar:

- *Sabemos o que temos que fazer* (para cuidar do próprio envelhecimento). *Tudo já está aí nas revistas, televisão e aqui mesmo* (nas oficinas) *para ajudar a gente a se cuidar melhor e se preparar para um envelhecimento saudável.*

A tecnologia de poder, o qual Foucault (2002a, 2002b, 2008) identificou como biopoder será um operador na base do discurso das práticas de cuidado de si, na busca por uma melhor qualidade de vida e o consumo compulsivo de novas tecnologias que prometem a sua realização no envelhecimento. Logicamente, essa demanda construída necessitará de um novo aparato tecnológico, que será fornecido pela produção ou demarcação dos perfis de uma dada população, a que Foucault (2002a, 2002b, 2008) chamou de biopolítica. Com o objetivo de controlar, organizar e otimizar, em termos econômicos, a vida de um corpo social, esse novo dispositivo adota como estratégia métodos para ordenação, avaliação, separação, comparação e distribuição de uma dada população, nesse caso o envelhecimento.

Gerindo a vida e produzindo suas formas de ordenações possíveis, criou-se uma prática-saber capaz de controlar as expressões da vida em todas as suas dimensões, investindo-a de um poder jamais expresso antes na história dos homens. Agora, acoplado a este novo regime de poder, toda a vida, de todos, em todos os espaços e o tempo todo serão regulados pela biopolítica.

A biopolítica se associará firmemente ao conhecimento científico estendendo formidavelmente seu domínio sobre a vida. Informações serão levantadas e devidamente apropriadas pela ciência, servindo para modelar hábitos, costumes e comportamentos. Um controle efetivo sobre todos os movimentos da população com o objetivo de ajustar a dinâmica populacional e injetar informações úteis nos processos de exploração econômica.

4.2 A BIOPOLÍTICA E A DEMARCAÇÃO DOS FLUXOS NO ENVELHECIMENTO

Para melhor elucidarmos o aparecimento da biopolítica, nos moldes de um poder complementar às práticas individuais que caracterizavam o cenário das chamadas técnicas disciplinares, seria oportuno deter-se um pouco na descrição e desenvolvimento do conceito de disciplina. Por meio da composição e de sua logística de distribuição pode-se compreender os sentidos e força que adquirem, na atualidade, os dispositivos de observação, acompanhamento, registro, **controle e intervenção** populacional, tão ao gosto das biotecnologias. A dauto Novaes (2003, p. 8) afirma que “as relações entre saber e poder nunca foram tão mobilizadas no controle, na modificação, na produção e na reprodução da vida”. Esses dispositivos de saber-poder tornaram-se evidentes, a partir do século XVIII, quando se assiste ao surgimento de técnicas de poder voltadas para o aprimoramento utilitarista do corpo, evento conhecido por disciplina ou técnicas disciplinares. Segundo Foucault:

(...) nos séculos XVII e XVIII, viram-se aparecer técnicas de poder que eram essencialmente centradas no corpo, no corpo individual. Eram todos aqueles procedimentos pelos quais se assegurava a distribuição espacial dos corpos individuais (sua separação, seu alinhamento, sua colocação em série e em vigilância) e a organização, em torno desses corpos individuais, de todo um campo de visibilidade. Eram também as técnicas pelas quais se incubiam desses corpos, tentavam aumentar-lhes a força útil através do exercício, do treinamento, etc. (FOUCAULT, 2002a, p. 288)

O esquadramento disciplinar produziu a forma singular de indivíduo que conhecemos na atualidade. As técnicas de disciplina que agem sobre o

corpo, ordenando, serializando e normatizando, fabricaram, além de uma noção de indivíduo, os saberes específicos que iriam gerir esse indivíduo: as ciências humanas. As condições históricas produzem tanto o indivíduo, como o domínio específico desse saber. Por isso, as biotecnologias como acontecimento, bem como seus possíveis âmbitos de atuação, emergem juntamente como referência para a produção de determinadas práticas de envelhecimento.

A disciplina irá estabelecer procedimentos de demarcação entre o inapto, os incapazes e os outros e a partir daí entre o normal e o anormal. O que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal ou o anormal mas sim a norma. Há um caráter primaz prescritivo da norma e é em relação a essa norma estabelecida que a determinação e a identificação do normal e do anormal se tornam possíveis.

A normalização disciplinar consiste em primeiro colocar um modelo, um modelo ótimo que é construído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tornar as pessoas, os gestos, os atos, conformes a esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz. (FOUCAULT, 2008, p. 75)

Nos dispositivos de segurança, que fundamentarão os procedimentos biopolíticos têm-se uma lógica inversa. O normal é primeiro e a norma se deduz dele, fixando e desempenhando uma função operacional graças à emergência de uma “ciência de Estado”: a estatística²⁴.

Aqui, ao contrário, vamos ter uma identificação do normal e do anormal, vamos ter uma identificação das diferentes curvas de normalidade, a operação de normalização vai consistir em fazer essas diferentes distribuições de normalidade funcionarem uma em relações às outras e [em] fazer de sorte que as mais desfavoráveis sejam trazidas às que são mais favoráveis. Temos portanto aqui uma coisa que parte do normal e que serve de certas distribuições consideradas, digamos assim, mais normais que as outras, mais favoráveis em todo o caso que as outras. São essas distribuições que vão servir de norma. (FOUCAULT, 2008, p. 82-83)

²⁴ A estatística serve de suporte operacional para várias ações do Governo. Constitui importante ferramenta de cálculo que opera nas regulamentações de governo das populações, sobre a circulação e distribuição demográficas, como por exemplo, longevidade, aposentadoria e morbidade.

Podemos ver em jogo aqui, forças estratégicas que poderão, entre outras linhas de força, desdobrar-se no plano do chamado envelhecimento bem sucedido; espécie de conceito operador ou “palavra de ordem” ao qual o grupo deve manter fidedignidade e instaurar como objetivo, estratégia e modelo, a ele sempre retornando e prestando contas.

A biopolítica emerge, durante a segunda metade do século XVIII, como uma tecnologia de poder que não excluirá a técnica disciplinar, mas que implantando-se nela irá integrá-la e, principalmente, irá utilizar e modificá-la. Às técnicas disciplinares, a nossa sociedade ocidental verá juntar-se, portanto outra técnica, que aperfeiçoará suas táticas e mecanismos de intervenção. “Essa técnica não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é de outro nível, está noutra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes”. (FOUCAULT, 2002a, p.288-289)

Multiplicando, capilarizando e coletivizando sua atuação, a biopolítica irá operar, no caso das trajetórias do envelhecimento, sobre os processos incidentes e prevalentes de doenças, bem estar e longevidade, definindo-os por meio de mecanismos de padronizações. Um vetor assim, de atuação biopolítica que se dará em um campo de intervenção dos fenômenos contingenciais, nunca inteiramente compreensíveis; problema muito importante, já no início do século XIX (na hora da industrialização), da velhice, do indivíduo que, em consequência desta, ameaça colocar-se “fora” do campo de capacidade, de atividade e abrangência do biopoder.

Por isso mesmo, a biopolítica e o biopoder sobre a velhice se debruçará, para controlar o seu campo de aleatoriedade, visando estender a vida e suas produções. Trata-se de estabelecer mecanismos não só reguladores deste processo, mas que intentam antes sua maior inteligibilidade, que devem ser considerados para a instalação dos dispositivos de poder contínuos e científicos sobre as trajetórias de envelhecimento, as maneiras de viver e o como viver a vida. As regras que garantem a longevidade ótima da população. (FOUCAULT, 2002a)

A elaboração e a implantação das biopolíticas só se tornaram viáveis graças ao acúmulo de conhecimentos científicos baseados na observação e no

exame (medir, avaliar, classificar, hierarquizar), e ao processamento centralizado dessa informação por meio de saberes inteiramente novos, tais como a estatística e a economia política. O exame (o que se fez, como se fez e em que condições) na ordem da ciência surge em ligação direta com a formação de certo número de controles políticos e sociais. A partir de dados coletados meticulosamente sobre o envelhecimento, os profissionais de áreas científicas, como a gerontologia e a geriatria, procedem ao cálculo de previsões, índices, médias, estimativas e probabilidades.

Dessa forma, é possível intervir racionalmente no substrato biológico das populações, através de leis e regulamentações sanitárias, planejamento reprodutivo, campanhas de aprendizagem em saúde pública, propagação de hábitos e costumes ligados à higiene e à prevenção de doenças. O objetivo das biopolíticas é dominar a aleatoriedade inerente a toda população de seres vivos, resumindo, a capacidade de gerir e esquadriñar a vida. (FOUCAULT, 1974, p. 9)

A tecnologia biopolítica construiu mecanismos com funções diferentes dos mecanismos disciplinares. As biopolíticas tratam de estimativas e medições, não de eventos individuais e, sobretudo, de uma regulamentação no nível de uma ordem global, passando por mecanismos distintos dos disciplinares.

Enquanto a disciplina intenta controlar os homens visando produzir e treinar corpos individuais, a biopolítica opera no plano de uma demarcação e se dirige à multiplicidade dos homens, enquanto afetados por um conjunto de processos próprios da vida: o nascimento, desenvolvimento e crescimento, migração, produção, doença, óbito, reprodução, fecundidade, enfim, ações que registram o perfil populacional (FOUCAULT, 2002a, 2002b). Dentre seus planos constitutivos, o que interessa, no âmbito dos processos vividos no grupo, são as demarcações e regulamentações que se efetuam em suas trajetórias de envelhecimento: a longevidade, as doenças e a morte.

A seguinte citação é muito elucidativa dessa questão: o registro, a demarcação de populações e o acúmulo de informações para intervenção, controle e manuseio do envelhecimento:

A história da humanidade não teve tempo, ainda, de nos instruir sobre o ótimo manuseio de largas proporções de

população de idosos, período de vida em que as pessoas podem apresentar fragilidade mental, física e social. Carecemos, no momento, de conhecimento da história natural do envelhecimento. A obtenção desta informação deveria receber a nossa mais elevada prioridade, num contínuo acúmulo de dados sobre a forma de como o envelhecimento tem ocorrido até os nossos dias de hoje e, particularmente, no futuro utilizá-lo como nossas habilidades para intervir para que a velhice se torne menos débil. (FREITAS, 1999, p. 8)

Observa-se o quanto o grupo é tributário dessas pesquisas que estabelecem não só as características do envelhecimento, mas também produzem suas necessidades, hábitos, gostos, aspirações e desejos. Trata-se da inauguração de um novo corpo, corpo múltiplo e, necessariamente, numerável; como noção a um só tempo política, científica, biológica e, o mais importante, como um problema relativo a uma instância de poder. A natureza destes novos fenômenos, seus efeitos econômicos e políticos serão eventos serializados, desenvolvidos no nível coletivo e considerados em um longo período de duração, produzindo segmentos, amostras e nichos de mercado. Apesar de tudo o que foi afirmado, não deixa de ser impressionante a precisão e adequação aos argumentos expostos em observações como essa feita pelo grupo:

-Hoje nós somos apenas dados, números que servem para manipular a população.

A este plano constitutivo da biopolítica se deve o fascínio pela comprovação numérica, os dados e previsões estatísticas comprobatórios, exigência e marca de cientificidade. É, também, o fundamento para a adoção dos programas oficiais e das direções estabelecidas por estes próprios programas, bem como a base que serve de suporte a todos os projetos de lançamentos de produtos e ações econômicas, sejam elas estatais ou privadas.

Os indicadores estatísticos, além de produzirem, registrarem e visibilizarem os perfis das diversas trajetórias de envelhecimento, fornecem a necessária comprovação aos enunciados das biotecnologias em termos dificilmente refutados. Pode-se confirmar a valorização estratégica desses dados, constituindo “precisos” indicadores numéricos, na citação abaixo extraída de um periódico científico sobre tecnologia e envelhecimento e que se refere à importância na produção e integração estratégica dos saberes:

(...) esta sociedade, hoje, inscreve a velhice nos sistemas políticos e econômicos, onde se articulam dados estatísticos e demográficos com a diversidade de saberes – médico, sociológico, psicológico, jurídico, entre outros. (PY, 1996, p. 67)

Os seus efeitos influenciam a direção metodológica das práticas, pesquisas e teorias estabelecidas sobre as trajetórias de envelhecimento, já que os financiamentos e subsídios fornecidos às pesquisas e ações científicas privilegiam os trabalhos de base estatística. Assim, assiste-se à proliferação deste tipo de abordagem nos congressos, nas publicações, na mídia e finalmente nas práticas assumidas de gerências corporais, que tentam serializar, normatizar e regulamentar as trajetórias de envelhecimento.

Retornando ao foco da disciplina e biopolítica, ambos os poderes não são excludentes. Temos duas tecnologias de poder articuladas: uma é centrada no corpo, objetivando através da disciplina imposta aos corpos sua utilidade, docilidade e produzindo efeitos individualizantes; a outra é centrada na vida, agrupando os efeitos aleatórios de uma população e objetivando controlar (e, eventualmente, modificar) através de cálculos probabilísticos os acontecimentos fortuitos, serializando-os.

Conforme Foucault (2002a, 2002b) esclarece a antiga forma de poder, que tinha como modalidade e esquema organizador a soberania, tornou-se inoperante para reger o corpo econômico e político de uma sociedade em via, a um só tempo, de explosão demográfica e de industrialização. De modo que à velha mecânica do poder da soberania escapavam muitas coisas, tanto no nível do detalhe quanto no nível da massa.

Foi então, para recuperar o detalhe, que se deu uma primeira acomodação dos mecanismos de poder sobre o corpo individual, com vigilância e treinamento, constituindo a disciplina. Essa foi a acomodação mais fácil, mais cômoda de se realizar. É por isso que ela se realizou mais cedo – já no século XVII, início do século XVIII – em nível local, em formas intuitivas, empíricas, fracionadas, e no âmbito limitado de instituições como a escola, o hospital, o quartel, a oficina, etc.

E depois, em seguida, no final do século XVIII, ocorre uma segunda acomodação, sobre os fenômenos globais e populacionais, sobre os processos

biológicos ou bio-sociológicos das massas humanas. “Acomodação muito mais difícil, pois, é claro, ela implicava órgãos complexos de coordenação e de centralização”. (FOUCAULT, 2002a, p. 298)

As duas tecnologias de poder, disciplinar e regulamentadora, não operam em um mesmo nível. Isto permite, por não serem excludentes, a sua articulação. Pode-se perceber como, no caso das biotecnologias, as técnicas disciplinares de poder-corpo e as técnicas regulamentadoras de poder-população irão somar forças, produzindo resultados muito mais persuasivos e eficientes. Vê-se muito bem como se articulam os mecanismos disciplinares de controle sobre os cuidados dispensados ao corpo, visibilizando, controlando e aprimorando-o, e os mecanismos regulamentadores da população nos sistemas de previdência, planos de saúde, seguros de vida (todos respondendo a uma visão e demanda prospectiva) e até lançamento de produtos farmacêuticos, operando com base nesta lógica de informações estatísticas.

Esta direção impregna tanto as chamadas ciências sociais e humanas, como as biomédicas, e enfaticamente, nesse caso, a gerontologia e geriatria, condutoras dos sentidos conferidos (e assumidos) as trajetórias de envelhecimento na atualidade.²⁵ Em suas práticas é possível identificar todo um conjunto de mecanismos orientados à sujeição da vida, estabelecendo índices de riscos e terapêuticas preventivas.

A questão fundamental da biopolítica é fazer a gestão dos fenômenos em um âmbito coletivo, dispondo de práticas e elementos dispersos, como por exemplo, jurídicos, biológicos, disciplinares, pedagógicos, médicos, psicológicos e que vão, graças a razão integrada de todos estes elementos, possibilitar um ganho estratégico: o de conferir um caráter de lógica irrefutável, de plenitude das ações. Pensar as biotecnologias como dispositivos de biopoder e de biopolítica significa afirmar que estes conferem e instalam em seu interior uma série de táticas correlatas que poderíamos

²⁵ A velhice, que já foi considerada fora do campo de capacidade produtiva, será resgatada pela prática discursiva das biotecnologias, usando, muitas das vezes, o argumento estatístico e seus achados irrefutáveis. Conforme pode-se constatar, nos artigos que aludem a uma pretensa cientificidade, existe sempre uma fundamentação estatística referendando os argumentos apresentados.

chamar de “expansão” ou “multiplicação” dos corpos. As biotecnologias são, nesse sentido, práticas que operam e fazem funcionar por meio da criação de novos territórios servidos à ocupação, no caso o envelhecimento.

Se a disciplina trabalha em um espaço construído com clareza de funções e distribuição hierarquizada das forças em jogo, a biopolítica tratará de ir além deste território já demarcado pela disciplina, buscando o levantamento e a gestão de novos fluxos de acontecimentos.

Foucault (2008) demonstrou que o controle/conhecimento sobre o corpo deriva de mecanismos de segurança instaurados na cidade, tendo como função primordial gerar uma série de acontecimentos possíveis, portanto de gerir probabilidades. Por isso, as biotecnologias como dispositivos de biopoder e biopolítica produzirá no corpo (coletivo e individual das populações e para o âmbito desse estudo das trajetórias de envelhecimento) um espaço de virtualidade, passível de operações preventivas. Não se trata mais (ou apenas) da necessidade de segurança do corpo das cidades, linha que traçou o surgimento dos procedimentos de segurança, mas da segurança do próprio corpo elemento desdobrado das cidades.

Corpo este que ainda será, está em vias de acontecer, mas que graças a esta racionalidade (elemento de cálculo probabilístico da população, marca do procedimento biopolítico) já poderá sobre ele operar suas produções e modulações do fluxo, antes mesmo de vir a ser. Vemos surgir assim uma noção de risco articulada com os mecanismos de segurança. A determinação dos riscos (cálculos probabilísticos) irá requerer novas técnicas e práticas de acompanhamento, distribuição, controle e intervenção, novos campos de aplicação para a riqueza de procedimentos (positividade) que a noção de risco coloca.

Observa-se a formação, portanto, de uma série segurança-população-governo (FOUCAULT, 2008): os procedimentos de segurança levam ao surgimento da população (como questão a ser pensada) e esta ao aparecimento do governo, das formas de governo: como se governar da melhor maneira possível, como ser governado e como governar os outros. E dessas colocações derivam as práticas de cuidado de si. Mas é possível propor outra série: o governo dos homens mantém equivalência com as tecnologias de poder, estas produzem políticas de liberdade, necessária ao seu funcionamento,

engendrando a circulação e distribuição das práticas corporais produzidas.

As biotecnologias colocam questões novas e específicas sobre a gerência dos fenômenos corporais, como fazê-los circular, controlar os seus fluxos, instituir seus benefícios e permitir que se desloquem sem cessar (até o seu obsolescimento e substituição por novos fenômenos/fluxos) e sempre atrelados ao tema de uma possível juventude eterna. Porém, não se trata do estabelecimento de um exercício de obediência e vontade, mas de fazer os elementos funcionarem em instigação mútua, persuasão e convencimento baseado em uma lógica de relações entre si.

O conceito de população, ainda que existisse, era essencialmente negativo, só evocado em épocas de grandes calamidades, como que visando repovoar o território (FOUCAULT, 2008). A inovação que se apresentará nos mecanismos biopolíticos é que o conceito será revestido de uma positividade, irá operar elementos que condicionam novas dinâmicas de governo dos outros e de si mesmo (criando novas práticas de poder). E o conjunto desses elementos constituirá a gestão (o governo) do natural. Um dos princípios reguladores dessa naturalidade são as variáveis a que o envelhecimento e o mundo natural estão sujeitos.

Essa naturalidade deve se caracterizar como um conjunto de fenômenos viáveis às técnicas e às práticas de transformação por agentes do cálculo, da análise e reflexão, o que torna a população alvo e objeto de especialistas que irão atuar no conhecimento dessas “naturalidades” intrínsecas ao homem. Entra em cena aqui também a noção de desejo, mas do desejo individual como um jogo de interesse coletivo, no interior de práticas de cuidado de si e pelo qual todos os indivíduos em suas trajetórias de envelhecimento deverão agir e contra o qual não podem se opor.

A questão de governar a si mesmo não é dizer não ou saber como ou até onde dizer não, mas como dizer sim ao desejo, a naturalidade da população que aparece nesse benefício universal do desejo. Temos aí o surgimento de toda uma matriz de práticas utilitaristas que devem ser observados e conhecidos. (FOUCAULT, 2008)

A população é um conjunto de elementos, no interior do qual podem-se notar constantes e regularidades até nos acidentes, no interior do qual podem-se identificar o universal do desejo

produzindo regularmente o benefício de todos e a propósito do qual pode-se identificar certo número de variáveis de que ele depende e que são capazes de modificá-lo. (FOUCAULT, 2008, p. 97-98)

Tem-se um envelhecimento e uma natureza que devem ser pensados como um exercício de evocação mútua. Uma população em que “sua própria natureza” é tal, que é no interior dessa natureza e com a ajuda dessa natureza que se desenvolverão os procedimentos de governo de si, inseridos em um sistema que confere à população uma condição de espécie, de seres vivos, surgindo em uma concepção biológica. “A população é, portanto, de um lado, a espécie humana e, de outro, o que se chama de público” (FOUCAULT, 2008, p. 98). Nova série, por conseguinte, que se estabelece: população-naturalidade-biopolítica-biotecnologias.

Foi o conceito de população/envelhecimento que possibilitou todo um campo de práticas efetivas ao biopoder e funcionou como operador que permitiu produzir uma noção de evolução, de espécie biológica, natureza e evolução biológica. É a partir da constituição da população como correlato de técnicas de poder que se abrirá toda uma série de domínios de objetos para saberes possíveis e que as ciências humanas (também efeito desses domínios de objetos) tomarão como temática o homem (emergência da população) no seu envelhecimento como objeto de saber. (FOUCAULT, 2008)

Vimos assim, de que maneira, em decorrência dos conceitos de cidade e de população, surgiram objetos possíveis para novos saberes sobre ela se dispor, como, por exemplo, o envelhecimento vinculado às emergentes ciências sociais e a todo um plano estendido de forças do biopoder. Esse plano de acontecimentos é importante porque a disciplina não opera neste nível. Mas, a partir do momento em que a cidade e a população passam a ser colocados como questões (política), como problemática do poder, novas tecnologias de poder entrarão em cena, apresentando características próprias. Serão problemas e fenômenos que se expressam em uma dimensão coletiva e não de forma isolada ou individualizada. Não intervindo no indivíduo, a força do biopoder se amplia no controle de todas as trajetórias de envelhecimento.

Por outro lado, ainda mantendo uma “disposição” disciplinar sobre os corpos, o biopoder obtém efeitos maciços por meio das ações estratégicas da

biopolítica, inventariando, monitorando e acompanhando o fluxo destas trajetórias de envelhecimento. Assim, vemos no grupo a ação dessas forças, atuando sobre a vida em todas as suas expressões e desdobramentos possíveis, expandido em determinadas direções, como a longevidade, mas sempre operando (e obedecendo) em uma lógica/logística de normatização e regulamentação de suas formas possíveis.

Seus corpos, envelhecidos ou não, estão inseridos em um campo político de relações de poder, onde os dispositivos de biopoder e de biopolítica têm efeito imediato sobre eles. Muitas das expressões corporais que têm passagem no e pelo grupo apontam para os esforços feitos em adequação às exigências produzidas em suas trajetórias de envelhecimento. Dentre estas, finalizando as análises empreendidas sobre biotecnologias, biopoder e biopolítica vale destacar uma dimensão específica, recorrentemente abordada no grupo, em relação à doença e ao corpo, suas demandas e deveres dos quais são virtuais portadores.

A velhice parece ser um lugar onde esforços devem ser dirigidos no sentido de evitar o adoecimento; em outras palavras é como se a velhice comportasse um adoecer virtual. Estado indeterminado, suscetível de se realizar a qualquer momento e que não se pode evitar. Permanência na doença mesmo em sua ausência²⁶. Essa linha discursiva, presente em alguns dos participantes do grupo, não cria necessariamente um desconforto ou desprazer em suas vidas, mas, antes, é positivado por meio de um compromisso com a “alimentação saudável”, cuidados saudáveis com o corpo e a vida, como os exercícios e “atividades para o cérebro”. Produção (subjetiva) de um estado que se transforma em processo que nunca finda.

Colocada a doença desta forma, de incerteza certa, cria uma condição espreitadora, pairando sobre o envelhecimento como risco provável. Noção, portanto de risco, estabelecendo como contraparte a necessidade do planejamento permanente. O que isto implica em suas vidas, nas trajetórias de envelhecimento que se produzem?

A emergência de noções como risco e portador virtual promove a ascensão da ciência como referência norteadora dos cuidados **devidos** ao

²⁶ Lógica que também estará presente, na atualidade, em todas as faixas etárias.

corpo e ao envelhecimento e a mídia como vetor desse processo de colonização de um território, o envelhecimento, pelas biotecnologias.

Já conhecíamos a sensação de eternos devedores, produzido pelo capitalismo atual, sempre devendo às instituições financeiras (que estrategicamente não se interessam em saldar as dívidas, mas em rolá-la *ad infinitum*), ao corpo sempre necessitado de um aprimoramento a mais (um *upgrade*), ao conhecimento sempre devendo em formações, reciclagens e atualizações (até a criação da formação permanente, expressão máxima de todo esse processo).

Agora o próprio envelhecimento torna-se um contínuo de intervenções sobre ele operadas na rubrica do interminável e a reboque das também incessantes pesquisas que apontam os riscos dos maus hábitos, do que se evitar, fatores de risco e de proteção ao “bem maior da sociedade”, a velhice.

5 O SABER E A PRODUÇÃO DE VERDADE NOS ENUNCIADOS CIENTÍFICOS

Um simples exame aproximativo da terminologia que esconde os aspectos negativos do progresso nos fornece um ponto de vista inédito sobre a história, sua fâcies ipocrática, seus olhares de medusa a que o corpo do homem não pode resistir. (BAVCAR, 2003)

Uma das primeiras questões surgida (e pela intensidade dos debates pode-se afirmar como “sugerida”) nos encontros com o grupo corresponde à crença na ciência como um modelo de conhecimento que confere autoridade e confiabilidade aos enunciados produzidos em seu nome. O grupo manifestou uma clara tendência a aceitar como evidentes todas as informações, que de alguma forma, derivavam de argumentações científicas. Esta temática, da cientificidade, mostrou-se importante por ser uma questão que permearia todas as discussões realizadas ao longo dos encontros.

A escolha desse tema para iniciar²⁷ as análises das biotecnologias justifica-se, então, por duas razões: a primeira porque a sua relevância encontra-se no recorte estabelecido ou promovido pelo próprio grupo quanto à abrangência das biotecnologias. Não se trata de todo o cenário possível das produções das biotecnologias que o grupo se dispôs a abordar, mas aqueles que imediatamente, ou no máximo mediatamente, lhe dizem respeito, principalmente o que se relaciona a sua saúde, ao corpo e aos benefícios trazidos pelos artifícios e aparatos tecnológicos. Em segundo lugar, porque,

²⁷ Isto não significa que a temática da cientificidade ficará confinada a um capítulo em especial. Na realidade, o trabalho de escrita reflete as direções alternantes do grupo e as diversas temáticas encontram-se dispersas por toda extensão textual, retornando e retomando, estabelecendo conexões e dispersões, mas sempre articuladora dos sentidos engendrados no e pelo grupo.

de um jeito ou de outro, a razão científica mostrou-se uma constante²⁸ a acompanhar os debates do grupo.

Pode-se perceber a influência e força imprimida pela ciência por meio de colocações como:

- *Mas a ciência comprova isso;*
- *Ah, se é científico é porque é verdade;*
- *A ciência ainda vai conseguir resolver isso;*
- *Graças à medicina no futuro estas doenças não existirão mais.*

A partir destas falas, e de tantas outras, ganha visibilidade a função legitimadora e os efeitos de verdade produzidos pela argumentação - em si mesmo já um modo tecnológico - científica. Adotada como espécie de denominador comum, um fato consensual, este processo atravessa todo o espaço recoberto pelas biotecnologias e seus achados, celebrando com otimismo a chegada de uma “nova realidade científica”.

Certamente, as biotecnologias produzirão benefícios (e riscos, é preciso lembrar), principalmente se nos detivermos no âmbito da saúde e longevidade, no tratamento de certas doenças consideradas incuráveis e em técnicas mais precisas com o advento de recursos tecnológicos avançados. Os ganhos são óbvios por um lado, mas o que não é óbvio são os efeitos normatizadores e de sujeição que se introduzem, os efeitos de subjetivações produzidos por suas “palavras de ordem”, além dos processos de naturalização e culpabilização pelo fracasso em não corresponder às expectativas criadas.

Bauman (1998) alerta para os sentidos do estado de evidência das coisas em si mesmas, um processo ubíquo e axiomático que podemos, a partir de sua colocação, aplicar também ao modelo científico.

[...] o lugar de honra pertence à suposição das “perspectivas recíprocas”. Aquilo em que acreditamos sem pensar (e, acima de tudo, enquanto não pensamos a respeito) que nossas experiências são *típicas* (grifo do autor) – ou seja, quem quer que olhe para o objeto “lá fora” vê “o mesmo” que nós, e quem quer que aja obedece “aos mesmos” motivos que conhecemos com a instrospecção (BAUMAN, 1998, p. 18).

²⁸ O que é interessante, pois razão e constante podem ter um mesmo sentido, assim, além de, demonstrar uma força que redundante, evidencia também uma redundância que amplia a sua força.

Essa suposição – de evidência das coisas em si mesmas - só se sustenta enquanto não se coloca em questão os processos de formação dos saberes. É preciso ir ao encontro das estratégias (ou práticas) efetivas, utilizadas para consolidar a crença científica. Partindo desta premissa é que se adotou o discurso como uma referência de mão dupla, tanto de legitimação da ciência, como de perpetuação ou auto-reprodução das verdades produzidas em seu nome.

Não se tem a pretensão de abordar aqui o que um discurso científico contém de verdade ou cientificidade, nem refutar ou confirmar a veracidade de suas asserções, mas procurar o que revela de poder e quais efeitos de verdade apresentam no interior de um sistema, que em si mesmo não é, necessariamente, verdadeiro ou falso.

A verdade, como entendida nessa proposta, não existe fora ou sem o poder. Constitui-se em uma forma de poder, a um só movimento, produzida e produtora de efeitos de poder. A verdade e o saber são instrumentos de poder. Por isso, a verdade e o saber apresentam-se sempre na forma de verdade-poder e saber-poder. Segundo Foucault:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (2002b, p.12)

Falar sobre a produção de verdades na ciência é uma tarefa crítica que exige nos instalarmos no seu conteúdo enunciativo, no interior de um conjunto de práticas que conferem seus graus de confiabilidade, inteligibilidade e validade (CANGUILHEM, 1997). É esse caráter que se encontra expresso na demanda por conteúdos científicos, presentes em muitos, mas não em todos, os participantes do grupo nos debates surgidos a respeito das novas descobertas científicas.

O discurso referido por muitos dos participantes do grupo permite perceber o quanto a ciência é um modo persuasivo de naturalização de verdades. Ela - a ciência - não precisa, necessariamente, se deter na questão

da veracidade de um fenômeno, revelar, por força argumentativa o conteúdo, válido ou não, de uma proposição. As ciências se situam em um eixo que é, essencialmente, o eixo conhecimento-verdade, o eixo que vai da estrutura do conhecimento à exigência da verdade (FOUCAULT, 2002a). Valendo-se da sua função de chancela confere valor de verdade aos eventos em conformidade com seus princípios. Ou, em outras palavras, nem sempre busca escolher os eventos em concordância com critérios de validade científica, mas também escolhe aqueles, que por razões específicas – quase sempre mercadológicas – deseja estrategicamente “cientifizar”. Isto fica evidente em posições assumidas pelo grupo em determinados momentos como, por exemplo, a aceitação sem maiores debates dos conteúdos apresentados pelos documentários²⁹, como se estes já fossem uma verdade evidente em si mesmo.

Em contraposição aos filmes de conteúdo dramáticos (como, por exemplo, *Gattaca* e *Uma prova de amor*), que suscitavam maiores debates, mas também, de forma muito significativa, maior rejeição, os documentários parecem possuir, ou conferir, um valor indubitável ao tema tratado. A dificuldade em encarar filmes dramáticos e a relativa maior facilidade em aceitar documentários pode também sugerir que o drama consegue sensibilizar por meio de uma realidade mais próxima de suas vivências – dor, morte, doença, perdas e sofrimento. O documentário vem revestido pelo caráter científico. É mais neutro, asséptico, menos pessoal e mais geral, podendo, ou não, facilitar sua aceitação.

Mas, isto não é o suficiente para tentar explicar as manifestações de concordância e certeza suscitadas pela “voz” da ciência. Após a assistência dos documentários, havia sempre comentários elogiosos sobre a escolha do filme e a importância dos conteúdos revelados. Se houvesse quem não gostasse do conteúdo ou da forma como apresentado (documentários) para eliciarem o debate, estes não manifestavam, aparentemente, suas críticas ou discordâncias.

²⁹ Entre os filmes assistidos, utilizados como elementos disparadores de análise e compondo parte do material de pesquisa, alguns eram documentários técnico-científicos sobre o tema da biotecnologia, tais como: *Visões do futuro: o século da biotecnologia*; *Isto é possível: vida eterna*, ambos da BBC filmes e *Frankenstein: a clonagem humana*, da Europa filmes.

Para alcançar o significado destas questões, levantadas pelo valor enunciativo conferido pela ciência, é preciso compreender a trajetória de validação dos fenômenos ditos científicos: aprofundar em direção à construção epistemológica da ciência para apreender o papel e sentido da produção de verdades científicas, fundamentais na compreensão dos jogos de poder e saber, que estabelecem suas marcas nos corpos e nas almas, nas trajetórias de envelhecimento e contribuem para a construção de mundos.

5.1 CIÊNCIA, SABER E PODER

A ciência pretende apresentar os seus achados, suas descobertas, como uma série incessante de aprimoramentos conceituais contínuos em direção cada vez mais próxima da verdade, atingindo-a pelo refinamento de métodos rigorosamente bem definidos, técnicas em constante aperfeiçoamento e instrumentos precisos que tornam possível o conhecimento e estabelecimento da verdade científica. A fidelidade, a verdade e os procedimentos para a sua produção atravessam nossa sociedade, tendendo a universalizar-se como uma espécie de equação unificadora de toda a civilização (CAPRA, 2000). Essas perspectivas foram evidenciadas na posição assumida pelo grupo de credibilidade frente aos argumentos científicos.

A ciência invoca uma ontologia universal, como se a verdade estivesse sempre presente, esperando em silêncio apenas ser encontrada ou enunciada.

- *Ela* (referindo-se a colega que fez um comentário sobre o tratamento de doenças incuráveis no futuro próximo) *está certa, um dia vamos descobrir a cura disso tudo, é só esperar para vê (sic), só precisa descobrir com o tempo.*

Em nome dessa verdade, desde já e sempre presente, e como forma de garantia ao seu acesso é que o (chamado) cientista deve buscar a objetividade, a exatidão e a neutralidade, que conferem a certeza de não influência no objeto de pesquisa, não maculam a sua essência ou a verdade universal³⁰. Esse

³⁰ Na concepção de Émile Durkheim, seguindo uma posição positivista, a ciência deve ser constituída pelos seguintes princípios metodológicos: só existe ciência quando os fenômenos são isolados e definidos em suas características exteriores, buscando apreender suas constantes; a ciência (e por extensão o cientista) deve ser racional, objetiva e neutra diante dos fenômenos estudados e todos os seus fatos devem ser desprovidos de interioridade, subjetividade e imprecisões; assim, todo o conhecimento que não respeita os critérios de objetividade científica são pré-conceitos, subjetivos, imprecisos e vulgares.

modelo, impregnável e persuasivo o suficiente para reverberar com força no grupo, acredita ser possível anular preferências, crenças e valores, evitando assim contaminar a verdade e excluindo a perspectiva própria do cientista.

É como se os fatos científicos tivessem sempre tido um início, uma causa ou razão, que pudessem ser reconstituídas meticulosamente, bastando para isso não o contaminarmos com impressões subjetivas – crença apontada pelo grupo, conforme já confirmamos por meio dos exemplos extraídos dos encontros. Possível, talvez, se a história da ciência fosse constituída por uma série de eventos lineares e ordenáveis no tempo, sem interferências que a distorcessem. Foucault, diz a esse respeito:

A história, com suas intensidades, seus desfalecimentos, seus furores secretos, suas grandes agitações febris como suas sínopes, é o próprio corpo do devir. É preciso ser metafísico para lhe procurar uma alma na identidade longínqua da origem. (2002b, p. 20).

O ser da ciência é equilíbrio e estabilidade porque o pressuposto é a objetividade, a representação estática, eterna, sujeito especializado e não contextualizado no tempo. Ao invés de conhecimentos verdadeiros, Foucault (1981, 1999) afirma serem construídos regimes de verdade, que instituem a ciência como regente universal de todos os processos da vida. Mecanismos que produziram formas de saber-viver, refletindo no próprio modo de produção de subjetividades contemporâneo. Mas o grupo parece não entender esse processo e insiste na direção de que a ciência representa em si e por si mesma uma verdade irrefutável, conferindo um valor de confiabilidade aos seus achados.

A aparente continuidade no desenvolvimento da ciência é uma ideia de evolução ilusória, ainda que bem preparada (CANGUILHEM, 1977). Como se fosse possível que as coisas, fenômenos e eventos, sobre os quais repousa o olhar científico, permanecessem sempre os mesmos em diferentes tempos e lugares, permitindo ao conhecimento evoluir gradativa e continuamente, ao aperfeiçoar o saber sobre esses objetos por meio de procedimentos de

Tudo que não é científico constituem restos de idéias arcaicas e primitivas, correspondentes a fases atrasadas do conhecimento humano. (CHAUI, 2006)

lapidação da verdade. A história não se funda em constâncias, porque nada, no homem, é fixo o suficiente para compreender acontecimentos evolutivos. Toda teoria assume uma objetivação prévia (FOUCAULT, 1974), que tende a tornar seu objeto de estudo imóvel, natural e imutável. Na realidade, a história de quaisquer eventos será sempre recriada, reinventada, não correspondendo nunca à mesma coisa que era em sua pretensa origem, ainda que se pretenda a ela (a origem) nos conduzir.

Por isso, a intenção, ao buscar uma inteligibilidade no interior de práticas definidas - como o grupo de discussões temáticas que constituíram esta pesquisa - consiste exatamente em abstrair-se dessa aspiração a uma ordenação histórica, considerada a liga que confere inteligibilidade aos acontecimentos, e situá-la em outra ordem conceitual. Convém, de acordo com Canguilhem (1997) abstrair da história da ciência a sucessão manifesta de enunciados mais ou menos sistematizados que se pretendem verídicos e cujo termo provisório é a verdade científica. Devemos considerar a sua possibilidade histórica, onde emerge como acontecimento possível dentro de um campo de dizibilidade e visibilidade.

Sem dúvida é evidente que o progresso científico por ruptura epistemológica impõe o freqüente refazer da história de uma disciplina que não podemos considerar a mesma, já que sob o seu nome habitual, perpetuado por inércia lingüística, se encontra um objeto diferente. (CANGUILHEM, 1977, p. 25)

Não é na continuidade ou acumulação do saber, mas na possibilidade de se apresentar como prática efetiva (e como estratégia de poder) que se dá o processo evolutivo de um saber científico, produzindo desta forma um saber que promove todo um campo de criação possível para o estabelecimento de um determinado objeto de conhecimento. Na obra *O homem e a medicina: mil anos de trevas*, Calder (1995) ilustra como grande parte da história da ciência médica, e o conhecimento por ela adquirido, foi tomado por empréstimo de saberes menores, de práticas obscuras e iniciativas isoladas ou locais. Saberes estes desapossados e despojados pela ciência que os reivindicou como sua propriedade e prática exclusiva, substituindo a história das ciências pelas ciências de acordo com a conveniência de sua história.

A história das ciências diz respeito à luta pelos saberes. Pelos saberes técnicos, tecnológicos, os segredos e efeitos de poder por estes suscitados. Por isso, desenvolvem-se todo um processo de confisco, de apropriação dos saberes; uma luta econômica e política em torno dos saberes, a propósito da sua dispersão, heterogeneidade e hegemonia; “imensa luta em torno das induções econômicas e dos efeitos de poder ligados à posse exclusiva de um saber, à sua dispersão e ao seu segredo.” (FOUCAULT, 2002a, p. 215)

Isso por meio de um determinado número de operações estratégicas como: primeiro, a eliminação e desqualificação do que se poderia chamar saberes menores, inúteis, irreduzíveis e economicamente dispendiosos; segundo, a normalização desses saberes entre si, permitindo ajustá-los uns aos outros, fazendo comunicar-se entre si, derrubando a barreira da técnica e tornado-os intercambiáveis, não só os saberes como aqueles que o detém; terceiro, a classificação hierárquica desses saberes, permitindo encaixá-los uns nos outros, desde os mais específicos e materiais - que serão os saberes subordinados - até as formas mais gerais, que serão a um só tempo as formas envolventes e diretrizes do saber; e enfim, a partir daí a normatização que permite o controle e a transmissão de conteúdo desses saberes em uma centralização e organização geral que se deve fazer prevalecer. (FOUCAULT, 2002a)

Os saberes emergentes das ciências tratam assim, a partir do século XVII, de operações de seleção, homogeneização, normatização, classificação, hierarquização e centralização da ordem dos saberes e, o mais importante, como impor essas regras à população em geral e, em nosso caso, às trajetórias díspares de envelhecimento em particular. Possibilitam a produção dos seus projetos de vida em torno de um plano global de disciplina que será precisamente **a ciência**; que aparece, ao mesmo tempo, como “o fato e a regra que agora estão incorporados na nossa cultura (...).” (FOUCAULT, 2002a, p. 218)

Portanto, não há produção de conhecimento neutro. Toda pesquisa e produção científica intervém sobre a realidade e não apenas a representa ou a constata em um corpo teórico ou empírico de evidências. Todo conhecimento produz um campo de implicações, determinando valores, interesses e compromissos em jogo. O grupo acredita, porém, numa identidade histórica

imaculada, podendo a qualquer momento, ser retomada intacta e pura, como se não houvesse - nesse percurso da constituição do saber e objeto científicos - acidentes, desvios, descontinuidades, acasos e múltiplas proveniências. Interessantemente, houve momentos de discussões, ainda que com pouca crítica, sobre os sentidos e valores da ciência e o próprio grupo não se apercebeu que estas discussões evidenciavam um jogo de poder, valores e conveniências distintos, que apontam para a dimensão política do conhecimento: uma relação estratégica, com interesse e perspectiva, definidores de certos números de efeitos e “da formação de um certo número de domínios de saber a partir das relações de força e de relações políticas da sociedade” (FOUCAULT, 1974, p. 20).

Certamente, o que se entende, hoje, como ciência não se constitui em uma mesma coisa em todos os momentos e em todas as épocas. Quando se analisa os conjuntos de enunciados que, na época de sua formulação, produziram e distribuíram os saberes de maneiras diferentes, percebe-se que aquilo que aí se articula tem características diversas em distintas épocas.

Assim, no mesmo lugar no espaço do exercício histórico, podemos situar acontecimentos teóricos significativos ou insignificantes, segundo o processamento discursivo cujo tema momentâneo deve ser encarado em relação de dependência com pontos de partida conceptualmente homogêneos, processamentos cuja progressão revela o procedimento que é mais conveniente. (CANGUILHEM, 1997, p. 15)

Vê-se, portanto, que a unidade discursiva linear, progressiva e acumulativa, pretendida conceptualmente pela ciência, está mais próxima de ser constituída por uma operação interpretativa dos fatos presentes, que interessa ser qualificada ou sancionada por uma determinada prática discursiva. Por isso, Canguilhem (1997) aponta a necessidade de se detectar as inflexões, as rupturas e desvios que tomam a ciência em sua trama histórica, caminho este que se procurou percorrer ao instar e instigar os temas propostos ao grupo de pesquisa.

A análise dos fenômenos científicos específicos permitiu aparecer no campo do seu discurso³¹ as unidades que aí se formam, sobre o pano de fundo dos acontecimentos discursivos que os próprios eventos recortaram. Ao suspendermos suas pretensas formas de continuidade, liberou-se todo um vasto território, constituído pelos domínios enunciativos em suas dispersões específicas de acontecimentos, ganhando sentido assim, o movimento de adesão pelo grupo das propostas científicas contidas nas biotecnologias.

O discurso científico apontou para suas operações de regularidades discursivas estabelecidas: entre objetos – a definição do conjunto de regras que permitem a formação de objetos de conhecimento e no discurso que constituem suas condições de aparecimento; nos enunciados – a descrição dos diversos enunciados dispersos que se articulam, em determinada época, para formar disposições possíveis; nos conceitos – a consideração das normas que possibilitam o surgimento e a vigência de determinados conceitos, relacionando-os sistematicamente; e nas estratégias – a definição dos sistemas de relações entre diferentes estratégias operativas, capazes de explicar como, apesar das diferenças, derivam todas de um mesmo jogo de relações, conforme bem demonstrou Foucault (1995b).

Esses diferentes níveis de operação discursiva é o que possibilita a passagem da dispersão à regularidade, que ganha visibilidade nas demarcações de seus objetos, nas delimitações conceituais, nas aplicações táticas, recortes e domínios que se estabelecem. São nesses sistemas de formações que se deve analisar a questão da construção da unidade discursiva das ciências.

Por sistema de formação devemos compreender um feixe complexo de relações que funcionam como regras: prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal ou qual conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Assim, ao definirmos o sistema de formação específico podemos caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática (FOUCAULT, 1995). Com efeito,

³¹ Por discurso entendemos um conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação. Assim, podemos falar de discurso da medicina, da psicologia, da economia e etc. (FOUCAULT, 2002b)

podemos constatar no grupo o processo de formação de um sistema de regularidade nas práticas discursivas, prescrevendo e estabelecendo as possibilidades de suas análises críticas.

A ciência não se constitui, portanto, como bem já caracterizamos, em uma série histórica, linear e acumulativa de conhecimento. Ela se caracteriza também pela irregularidade, vicissitudes e estratégias promovidas para a sua aceitação e consolidação das verdades científicas produzidas. Por isso, não se considera aqui, o conhecimento e as verdades científicas como descobertas, verdades que esperaram, de forma latente, para serem reveladas, mas a dimensão das práticas constituídas em seu nome. Produção é um termo mais apropriado para descrever o que na realidade corresponde a um longo preparo no tempo para dar textura, forma, padrão e substância a uma descoberta científica. Processo que se encontra ligado, circularmente, a sistemas de poder que produzem a verdade científica e a efeitos desse poder a que ela induz e o reproduz (FOUCAULT, 2002b). Os próprios “sujeitos” do grupo são, dessa forma, efeitos das práticas, determinando em um mesmo movimento, a extensão e condições das práticas constituídas.

A “verdade dos fatos”, conforme comumente celebrada, vincula-se tão somente aos interesses da verdade, que se constitui na sua mais forte liga. Os interesses que os denunciariam são apagados oportuna e consistentemente pelo tempo. O fato de dificilmente ser refutada deve-se, sem dúvida, ao seu longo processo de formação na história, que contribui para torná-la, de certa forma, naturalizada.

As verdades que a ciência busca estabelecer não são, ainda que o grupo não “possa” perceber, definitivas. E o grupo não pode, talvez, porque a mídia estabelece uma relação de poder que apresenta resultados prontos, sem discussão crítica dos interesses do mercado consumidor, que são omitidos. As verdades podem servir a várias intenções distintas; podem ser alteradas no decurso da história pela vontade de um modelo que se impõe, não pela coerência interna de seus métodos, mas por um poder que melhor a operacionaliza. A verdade será, portanto, constituída por aqueles que souberem ou são preparados para se apoderar das suas regras e as utilizarem dentro de um contexto enunciativo científico: os especialistas e seus saberes, os especialismos, usados para se sobreporem aos demais saberes.

Essa formulação representa a maior especialidade da ciência: apropriar-se, através de um discurso de competências, desse jogo de regras. Nesse sentido, pode-se afirmar que o sistema de regras das ciências também se apodera

(...) de um sistema de regras que não tem em si significação essencial, e lhe impor uma direção, dobrá-lo a uma nova vontade, fazê-lo entrar em um jogo e submetê-lo a novas regras. (FOUCAULT, 2002b, p. 26)

As transformações e evoluções que se acompanham nas ciências não são somente em razão de novas conquistas, descobertas ou reformulações dos sistemas que permitem a apreensão da verdade; são, antes, uma questão de “regime discursivo”, dos efeitos de poder capazes de produzir mudanças no jogo enunciativo. Assim, um conceito científico será constituído pelo conjunto do que é dito no grupo de todos os enunciados que o denomina, circunscreve, descreve e explica sua funcionalidade. Também será produzido pelos domínios discursivos de distintas formas de conhecimento que se referem, por exemplo, ao envelhecimento, ao corpo ou a tecnologia.

O desenvolvimento da ciência, em determinado processo histórico, investiu na especialização dos saberes, acreditando que se produziriam, por esse meio, análises mais aprofundadas dos objetos de estudo. Esta direção constitui um ato político, no sentido colocado por Foucault em sua conferência *A verdade e as formas jurídicas* (1974). Aqui, certo número de regras - externas à verdade - é definido, determinando “certas formas de subjetividade, certos domínios de objeto, certos tipos de saber” (FOUCAULT, 1974, p. 8). Objetividade, neutralidade e racionalidade, entre outros atributos exigidos pela ciência positivista, são empreendimentos políticos que configuram dispositivos de controle por meio da produção de verdade/saber.

Se quisermos realmente conhecer o conhecimento, saber o que ele é, apreende-lo em sua raiz, em sua fabricação, devemos nos aproximar, não dos filósofos mas dos políticos, devemos compreender quais são as relações de luta e de poder. E é somente nessas relações de luta e poder – na maneira como as coisas entre si, os homens entre si se odeiam, lutam, procuram dominar uns aos outros, querem exercer, uns sobre os outros, relações de poder que compreendemos em que consiste o conhecimento.

Pode-se então compreender como uma análise desse tipo nos introduz, de maneira eficaz, em uma história política do conhecimento, dos fatos do conhecimento e do sujeito do conhecimento. (FOUCAULT, 1974, p. 17)

A busca do conhecimento é pelo poder, pela imposição de certas palavras, formas, modos, funções e a validação de seus usos possíveis para estabelecer uma relação de poder sobre os outros, seus corpos e subjetividades - em decorrência desse processo é que algumas “vozes” minoritárias no grupo, quase sempre em relação a uma crítica sobre determinadas modos constituídos, inclusive sobre o valor da verdade científica, foram abafadas. De acordo com Canguilhem (1997), essa atividade de modelização é um fato que, se por um lado impõe limites, por outro também concede poderes. Significa que a visão da história da ciência como uma retrospectiva factual, de eventos causais e ordenados linearmente no tempo supõe uma possibilidade de produção de inteligibilidade e continuidade, que confere um poder-saber a determinadas formas de objetivações.

O compromisso científico pela busca da verdade suprime com frequência o que não se encontra determinado pelo seu método de abordagem. A ênfase científica reside na forma (que constitui uma fôrma) de se chegar aos resultados e que estes confirmem a precisão desse modelo. Selecionam-se apenas os problemas que podem ser solucionados pelos seus instrumentos conceituais já existentes.

O espectro de resultados possíveis é claramente definido pelo paradigma científico adotado. Numerosas evidências são rejeitadas por não poderem se encaixar nesse sistema de crenças apriorístico da ciência, ou por serem subversivas em relação aos seus compromissos básicos (CAPRA, 2000). Portanto, teoria e técnicas científicas não têm apenas uma função de desenvolvimento do conhecimento, mas possuem também uma função normativa que restringe e limita esse próprio desenvolvimento. Nessa função normativa, a ciência estabelece os critérios e os seus padrões de soluções aceitáveis.

Não se busca, no âmbito desta apresentação, questionar se uma verdade dita científica existe ou não, mas quais efeitos de poder ela produz. A verdade

é procurada na medida em que possa, efetivamente, ser investida como um instrumento de poder. A ciência funda verdades que estabelecerão uma tríplice aliança de saber-verdade-poder.

Esse tipo de análise é importante para se entender, por exemplo, o que se articula no processo chamado de “democratização da informação” ou da “divulgação científica”, tão valorizada e requerida nos dias atuais. É de um fortalecimento de poder, de procedimentos técnicos que reforçam a prática científica, assegurando os efeitos desse poder, que consiste o funcionamento estratégico da verdade dentro do jogo de enunciações científicas. A verdade tem uma eficácia prática, política, de efeitos de poder no discurso próprio da ciência. É preciso compreender a força do enunciado científico como um analisador nas relações de poder que este mesmo opera. O estatuto científico é um modo de se investir de poder, de conferir autoridade e de legitimar práticas discursivas.

Se a verdade, como colocada, é formada por uma série de produções, é preciso realizar a história dessas diferentes emergências e seus acontecimentos singulares. Em todas as sociedades, existem relações de poder variadas atravessando-as e constituindo seu corpo social. As relações de poder não podem funcionar dissociadas da construção das verdades que estabelecem, na extensa circulação discursiva, a força de sua penetração:

Para caracterizar não o seu mecanismo, mas sua intensidade e constância, poderia dizer que somos obrigados ou condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la. O poder não para de nos interrogar, de indagar, registrar e institucionalizar a busca da verdade, profissionaliza-a e a recompensa. (FOUCAULT, 2002b, p. 180)

A ciência define domínios de validade, que são os critérios para discutir a verdade ou falsidade de uma proposição; de normatividade, as regras utilizadas para excluir ou incluir um discurso como científico; e de atualidade, definindo os problemas relevantes na contemporaneidade. Demarcando essas operações, determinam-se os caminhos que um domínio do saber percorre para assegurar sua circulação, transferência, aplicações e modificações possíveis.

Nas trocas de experiências entre os integrantes do grupo, questões como felicidade e sucesso na vida são colocadas como uma espécie de “testemunho de verdade”, significando que quando se sentem felizes e “de bem com a vida”, isto demonstra de forma inequívoca e por si só que as práticas adotadas na condução da vida estão corretas, devendo ser estendidas (e seguidas) a todos. Os que não o fazem, é por teimosia, por não querer aceitar o óbvio, porque a felicidade e a prosperidade podem ser alcançadas por qualquer um, bastando querer, reduzindo a uma questão de voluntarismo.

- *Qualquer um pode conseguir* (ser feliz e se sentir bem consigo mesmo), *basta querer.*

- *É só fazer como eu. Oh, eu estou bem isso prova que o que eu faço dá certo.*

O grupo tende a se apoiar ou a “dar testemunho” dessas espécies de verdades auto-evidentes, explicam-se e não precisam elas mesmas de explicações, discussões ou argumentações. Partes importantes destas questões assertivas surtem muito mais efeito quando se assentam em indicações que a ciência oferece, definindo suas necessidades, suas condições de aparecimento, realização e manutenção.

5.2 A QUESTÃO DA TÉCNICA/TECNOLOGIA, DO PENSAMENTO E A AÇÃO IMEDIATA

Por que colocar em uma forma articulada essas questões referentes à técnica e a tecnologia³², o pensamento e a ação imediata? A resposta é simples. Primeiro por que foi assim que surgiram no grupo, como fatores integrados. Segundo, e portanto não por acaso, por responderem a uma mesma perspectiva que se impõe na atualidade, produzindo formas de objetivações e subjetivações.

A técnica e a tecnologia são temas recorrentes no cenário da ciência, inseparáveis, a bem da verdade, quando pensamos na produção científica e evocada com constância entre os integrantes do grupo como comprovação de uma ação efetivamente científica:

³² Adiante será explicado porque se adotou, provisoriamente, a expressão técnica/tecnologia.

- *O homem tem uma capacidade (separando-o dos outros seres) que faz dele a criatura com mais responsabilidade sobre o que acontece no mundo.*

- *Termos inteligência para transformar as coisas, isso é algo maravilhoso. Devemos fazer sempre disso uma coisa para melhorar o mundo (sic).*

A técnica e a tecnologia exercem um fascínio sobre o homem na atualidade e não é diferente do que acontece no grupo. Pode-se, sem exagero, afirmar que vivemos a era da técnica e da tecnologia e seria uma insensatez nos contrapormos a este processo. No ser humano, “o artifício age como uma natureza”, afirma Foucault (2008, p. 29). Encontramo-nos na dependência dos equipamentos técnicos e tecnológicos, que nos incitam constantemente ao seu aperfeiçoamento.

Mas, simultaneamente ao seu deslumbre, há um perigo que espreita: é que, correspondente a essa técnica/tecnologia, temos um pensamento que se afirma em sua admiração e pretensão de referência única, conforme se pode perceber por algumas afirmações e posturas do grupo:

- *A tecnologia representa para nós (os seres humanos) o máximo da nossa capacidade (humana).*

Incorre-se, assim no risco de, em meio a esse deslumbramento, ater-se a primazia de uma forma de pensamento que se define pelo uso de instrumentos técnicos e tecnológicos; uma forma de se extrair o conhecimento somente autorizado por meio de operações lógicas, procedimentos predeterminados, representacionais e sob a perspectiva de relações causais estabelecidas. Um modo de subjetivação concernente aos cânones científicos e tecnológicos, conforme já se aludiu, na seção anterior, ao explicar o processo de aderência à crença de infalibilidade que o grupo tende a atribuir as produções científicas.

Não se questiona o valor da técnica ou da tecnologia e nem se sugere substituir por outros modelos de produção de conhecimento. O grupo não “aponta” estas direções e não se defende aqui a consistência ou não dos modelos técnicos e tecnológicos. A partir disso, a questão que nesse caso se coloca, merecedora de um maior aprofundamento, é o problema do seu reducionismo, que confere sentido apenas aos eventos desvelados por aquelas, demarcando uma disposição em evadir-se do modo histórico de produção do

saber. Um modelo de produção de significados possíveis, possibilitado pela técnica e a tecnologia não é menos verdadeiro que aqueles construídos por outros modelos de apreensão do conhecimento.

Mas, até esse momento utilizou-se, tal como surgiu no grupo em uma primeira apresentação, indistintamente as expressões técnica e tecnologia e seria ingenuidade acreditarmos em uma sinonímia. Embora apresente graus de aproximação possíveis, estes dois termos podem não significar a mesma coisa, sendo necessário aprofundarmos nas suas possíveis especificidades, significações e contribuições para uma melhor análise do que se expressou no grupo.

Inicialmente, houve certo impasse e dificuldade no grupo em operar uma distinção entre os dois termos. Após observar a propensão em estabelecer uma igualdade conceitual, o próprio grupo buscou trabalhar os diversos sentidos possíveis expressos nos vocábulos técnica e tecnologia, ainda que sob orientação do pesquisador e não tendo apreendido algumas implicações sociais derivadas das direções tecnológicas imprimidas à vida na contemporaneidade.

A tecnologia é um processo amplo e abrangente no mundo atual, moldando não só a vida individual e social, mas a própria definição de vida (e corpo). Não consiste apenas em objetos, mas também em sistemas de objetos, em modos de produção desses objetos e em formas específicas de agir, pensar e valorar. Existe toda uma mentalidade e atitude tecnológica diante da realidade da qual se torna cada vez mais difícil se subtrair. (CUPANI, 2011)

A tecnologia como modos de produção e ação mediados por uma formação científica a diferencia da técnica, modos padrões de execução de atividades ou domínio de objetos e que não necessitam, obrigatoriamente, do conhecimento de produção para a sua utilização³³. Mas, o aperfeiçoamento destes mesmos objetos técnicos exige um grau de pensamento abstrato. “Quando ele é parcialmente científico e a inovação técnica é sistemática, fala-se em tecnologia” (CUPANI, 2011)³⁴. Assim, atribui-se ao termo tecnologia a

³³ Estamos próximos aqui de incorremos nas proposições positivistas de distinções entre os teóricos e os técnicos.

³⁴ Não se deve esquecer que essa visão de uma metodologia e sistemática científica, conferindo o valor de veracidade aos objetos, irmanando-os à ciência, já foi abordada anteriormente.

atividade de transformação (ou transformação da atividade, no caso da técnica) ao combinar-se com a pesquisa científica.

Lidamos e consumimos em profusão produtos derivados de uma ação tecnológica. Intermediados por sistemas tecnológicos, vivemos cada vez mais em função dessas categorias, logo somos também função (funcionamos) tecnológica (mente). A vida moderna tende a assemelhar as formas. Tentado pela tecnologia, estabelece-se um modo hegemônico de procedimentos frente aos acontecimentos, igualando as culturas na disseminação de uma mentalidade tecnológica e cedendo à experiência comum mediados por recursos tecnológicos.

Podemos afirmar então, que a tecnologia tem políticas que implicam em uma determinada forma de poder ou, em outras palavras, para ser mais exato, a tecnologia é efeito de poder: põe em jogo relações estratégicas de controle, eficiência, economia e recursos, assumindo formas não só de objetos-atividades-conhecimentos-attitudes tecnológicas como também de objetos-atividades-conhecimentos-attitudes sociais.

A percepção do grupo frente a estes fenômenos diferenciava-se. Uma parte tendia mais à visão crítica, enquanto outra mostrava-se mais crédula quanto à tecnologia e sua contribuição na vida das pessoas.

- *A tecnologia facilita cada vez mais nossas vidas;*
- *A tecnologia dificulta cada vez mais as coisas para o idoso;*
- *Se a tecnologia invadir o interior do nosso corpo, se confundindo ou se convertendo em nós mesmos, o que restará de humano?*

Para alguns integrantes do grupo, a tecnologia parece obedecer aos critérios de eficiência e economia, facilitando a vida. Mas não vinculam essas características a outros fatores impostos em um contexto de utilização extrema, lucro descomedido e exclusão tecnológica. Para outros, de particular interesse eram as análises dos impactos sociais, ambientais, éticos e políticos. Mas este segundo grupo, em realidade, constitui-se em um exercício de solilóquio.

- *A gente não devia pensar mais sobre as consequências da tecnologia em nossas vidas, não só o lado bom, mas também o lado ruim?*

Diante do exposto, cabe tecer algumas considerações. A tecnologia, seja como classe de objetos, tipo de conhecimento, série de atividades ou

atitude ante a realidade, suscita algumas questões que não foram, ainda que houvesse uma disposição da pesquisa e/ou pesquisador, devidamente compreendidas pelo grupo, gerando um esvaziamento das implicações deste tema. Mas, ainda que não aludidas ou abordadas (não autorizadas pelo grupo como questão) não se deve evadir ao compromisso de apresentá-las, já que fazem jus ao menos a um integrante do grupo.

As vantagens da tecnologia parecem evidentes, tornando atividades exaustivas em modos rápidos, fáceis e menos laboriosos de execução. Pode-se também arrolar a esses (supostos) critérios de ganhos os benefícios advindos das tecnologias de saúde, comunicação, informação, transporte, etc. Mas, ao mesmo tempo provoca dúvidas quanto à extensão, controle e manipulação da vida pelos aparatos tecnológicos.

Resta-nos arrolar a imensa gama de questões não explicitadas e não debatidas. A tecnologia tem sido caracterizada como vontade de controle sobre a natureza (tal como a técnica) e de emancipação em relação a ela, exprimindo uma maneira específica de o homem enfrentar o mundo. (CUPANI, 2011)

Seria então um processo, uma série de intervenções no “natural”? Uma evolução (ou prolongamento) moderna da atividade técnica ou personifica um *ethos* diverso? Existe afinal uma diferença entre técnica e tecnologia ou esta é mera diferença técnica, engenho de um modo cientifizante de se proceder frente à realidade? Como diferenciar (esse) artifício do modo natural? Há modo natural? Seria a tecnologia a (uma) natureza do homem? Atende a “forças” biológicas, constitucional da condição humana? Ou seria (paradoxalmente) autônoma em relação ao homem, possuindo a partir de seu “disparo” um rumo irrefreável? A tecnologia significa uma ação eficiente que gradativamente vai contagiando (e convencendo do seu valor) a todos, assimilando-nos aos seus critérios de eficiência, comodidade economia e rapidez? E os refugos, subprodutos, restos desprezados e provocados pela ação tecnológica? Seria a poluição, lixo, descarte de materiais imprestáveis ou seríamos nós o rebotalho, vidas descartáveis frente ao progresso tecnológico? Enfim, em se tratando de envelhecimento, a tecnologia contribui, satisfaz as necessidades e especificidades do idoso ou prejudica e transtorna sua vida?

Infelizmente, essas são questões não respondidas na pesquisa (não problematizadas pelo grupo), caracterizando certa falta de vigor (potência) em se defrontar, ainda que esteja diante, de questões que produzem modos de subjetivação e se traduzem em formas de assujeitamento. Talvez possamos nos aproximar mais desse processo de esvaziamento da potência na seção seguinte, já que se refere ao curso de acontecimentos presentes no grupo em sua maioria: a disposição em (não) gestar o pensamento.

5.3 A OBSOLESCÊNCIA DO PENSAMENTO E O IMPERATIVO DA AÇÃO IMEDIATA

Segundo Roberto Novaes (2002), operar representações, seguindo modelos lógico-rationais com o objetivo de conhecer e poder intervir na realidade é a essência do pensamento calculante, mesmo que não se faça, para isso, uso de operações algébricas. Esse é um processo/produção que poderíamos afirmar como impulsionado pelo fascínio das ferramentas estatísticas e numéricas de cálculo, visando como alvo operacionalizar a probabilidade, canalizando-a para ações que pretendem erradicar o aleatório e as incertezas da vida.

O sujeito moderno, determinado pela representação e pela vontade, é fundamentalmente o sujeito do cálculo. Onde impera os esforços sistemáticos para conhecer e controlar na forma de ciências os saberes, as pesquisas, as disciplinas e seus arranjos interdisciplinares, reina a forma de pensamento calculista.

Ainda que no grupo, essa disposição não se apresente com intensidade, quando presente ela vem revestida de um caráter, que poderíamos chamar de curiosidade, um desejo de conhecer desprezioso e que exija pouco esforço. A forma como se relacionam com a técnica e buscam se apropriar da tecnologia carece, talvez, de problematização³⁵. Os integrantes do grupo não buscam se apossar realmente do saber, mas apenas gostam de conhecer de modo descomprometido.

³⁵ Problematização aqui se referindo, tal como Foucault formula no texto *O que são as luzes?*, a um modo de analisar formações históricas singulares dos limites que nos são impostos e que serve, ao mesmo tempo como modo de ultrapassagem possível desses limites. Nesse sentido, opondo-se ao modo que considera os acontecimentos como constantes antropológicas e sem considerar sua variação histórica.

- *Não venho aqui para pensar em problemas, quero ver coisas felizes, quero ver apenas coisas boas que não me façam lembrar de acontecimentos tristes.*

Esta fala foi suscitada após assistir-se ao filme *Uma prova de amor* que relata a história de uma criança concebida por meio de inseminação artificial. Com suas características genéticas selecionadas, a criança foi planejada com o intuito de servir como material de reposição à irmã mais velha que sofre de leucemia. Embora não seja doente, bem que se poderia considerá-la como tal. Por treze anos, ela foi submetida a inúmeras consultas e procedimentos médicos, cirurgias e transfusões para que sua irmã pudesse lutar contra a leucemia. Conquanto, sofrendo várias intervenções médicas e hospitalizações, a pequena irmã nunca contestou os acontecimentos, sabendo que estes intentavam prorrogar a vida da irmã. Mas agora, ela não deseja mais continuar nessa função – de existir apenas para servir às necessidades da irmã - e questiona os pais na justiça, reivindicando o seu direito ao corpo.

O filme causou um forte impacto, evidenciando as dificuldades em se defrontar com as questões suscitadas na história. Para além da rejeição inicial, comprovou-se o receio pelos usos dos recursos da biotecnologia, mas, ao mesmo tempo, o fascínio exercido pelas promessas de uma vida plena. Muito sugestiva a solicitação de alguns participantes de não assistir, no encontro seguinte, a nenhum drama, mas a uma comédia, algo mais “leve” e que não “choque tanto”.

É como se quisessem entrar sempre em contato com a novidade, por meio da curiosidade, mas nunca se apropriando desse novo, passando de uma novidade a outra sem a sua experiencição. Ocupando os seus sentidos sem tematizá-los, relacionando-se com as coisas “já estando aí”, já dado e naturalizado, por isto não se apropriando dos seus significados, graus e singularidades possíveis. Um modo leviano (leve, sem esforço, sem considerar as implicações) de falar e ser, uma forma despersonalizada e curiosa de lidar com o novo, evitando as transformações exigidas pela relação com a experiência³⁶. Um apagamento da questão ética do filme, que fica

³⁶ Pode-se pensar experiência a partir de dois significados distintos e opostos: o primeiro no sentido comum de acúmulo de coisas e conhecimento, ou seja, como práticas adquiridas; outro sentido possível, e é a este que se alude na tese, como experimentação

invisível para o grupo. Um modo de laminação da subjetividade, buscando apreender os acontecimentos por meio da curiosidade, que regula o sentido de suas experiências e possibilidades de ser no grupo.

A curiosidade constitui-se como um elemento afim do modo de ser do cotidiano. É também uma forma de ser da impessoalidade, pois é uma maneira de nivelar as diferenças. O modo de pensamento generalizante não tem proprietário. É uma reprodução que se eterniza no mesmo lugar, impessoal. Esta forma de pensar, da impessoalidade, organiza-se sempre em torno de condições prévias ao próprio ato de pensar. Não tem função, nesse sentido, de criação, apenas de reprodução ou representação. Ao contrário, o pensamento reflexivo exige uma apropriação dos sentidos que se abrem ao Homem, um ato nada trivial.

Heidegger, a esse respeito, afirma que:

A ausência de pensamentos é um hóspede sinistro que, no mundo actual, entra e sai em toda a parte. Pois, hoje toma-se conhecimento de tudo pelo caminho mais rápido e mais econômico e, no mesmo instante e com a mesma rapidez, tudo se esquece. (2000, p. 11)

A vida moderna é constituída de forma a nos entreter com inúmeras atrações, mas sem permitir que se pare, prolongue na observação meticulosa, discuta e analise. Apenas devemos viver sem problemas, aproveitando-a de forma desprentensiva e descompromissada. Essa é a receita do “bem viver”, do “levar a vida de forma sábia” prescrita por muitos especialistas da correta forma de viver com suas eternas e freqüentes prescrições de combate aos fatores estressantes da vida moderna, apoiada invariavelmente em medicações ansiolíticas³⁷:

- Eu sempre uso um remedinho para me ajudar quando preciso (enfrentar situações estressantes). É meu melhor amigo e já ando sempre com ele na bolsa, nunca sabemos quando vamos precisar, né?

A incerteza, social e material (se é que podem ser assim dissociadas), radica nas imagens e atividades produzidas (e conduzidas) na sociedade atual.

do novo, experiência inusitada que não se apóia em nenhum conhecimento prévio ou práticas constituídas que forneçam sustentação em algo/ situação familiar, já possuído anteriormente .

³⁷ Medicação tranquilizante usualmente adotada para combater os efeitos da ansiedade e estresse.

Não se tem segurança no que se conhece. Nada se conhece com segurança, nem o próprio conhecimento. Uma vez que qualquer coisa pode ser diferentemente conhecida, nenhum modo de fazê-lo (até o conhecimento) é seguro (bom ou ruim); tornando-se tão precário e provisório como qualquer outro que se apresente sendo mais “digno” de confiança. Assim, a experiência do conhecimento torna-se uma coleção de instantaneidades.

Na verdade, a mensagem hoje carregada de grande poder de persuasão pelos mais ubiquamente eficazes meios de comunicação cultural (e, vamos acrescentar, facilmente lida até o fim pelos receptores contra o pano de fundo de sua própria experiência, auxiliados e favorecidos pela lógica da liberdade do consumidor) é uma mensagem de indeterminação e maleabilidade do mundo: neste mundo tudo pode acontecer e tudo pode ser feito [...]. Neste mundo, os laços são dissimulados em encontros sucessivos, as identidades em máscaras sucessivamente usadas, a história da vida numa série de episódios cuja única consequência duradoura é sua igualmente efêmera memória. (BAUMAN, 1998, p. 36)

Entre todos os “tesouros” de idéias, imagens, sentimentos e percepções pré-constituídas que recebemos na atualidade, a precariedade, e mesmo a inutilidade associada às ações de criação, minuciosas e lentas são as mais ridicularizadas. Os integrantes do grupo têm a tendência de adotar a idéia/modelo, caracteristicamente prevalente na juventude, de que a velocidade do pensamento é atributo ou comprovação de envelhecimento com poucas repercussões deletérias sobre o psiquismo. Por isso, tornam-se adeptos do rápido pensar e agir, buscando evitar o “demorar-se” ou o longo gestar do pensamento.

Eliminando-se o tempo para pensar, associando-o ao desperdício, a improdutividade ou, como nos lembra Bauman (1998), buscando-se preencher o espaço mais densamente com objetos e ações, reduzimos os espaços que poderiam estar sendo preenchidos pelo pensamento criativo, atuante e engajado. O tempo, pensado desta forma, é também um tempo sem consequências, da instantaneidade, da realização imediata que exaure o próprio tempo e extingue os interesses nos meios, uma vez que a distância que separa o começo do fim tende, nesta “aceleração” fantástica do tempo, a desaparecer. Importa apenas, talvez como um resquício nostálgico que

também venha a desaparecer, a vivência dos “momentos de agregados” (como material reunidos, mas inertes, aglomerados que não fazem composições), esta dimensão indefinível do tempo.

A tensão criada pelo hiato dos meios deslocou-se para os fins, único valor de referência, na atualidade, das ações possíveis no espaço. Os obstáculos oferecem valor na trajetória de superação das questões apresentadas pela vida ou, colocado de outra forma, servem como elemento de valor no cálculo do seu tempo de demora. São os obstáculos que precisam ser superados nos caminhos que levam a sua apropriação e a tensão das lutas que tornam valiosas as ações no tempo e espaço. Se tempo nenhum necessita ser perdido ou superado – “sacrificado” – para chegar aos “lugares”, mesmos os mais próximos ou remotos, os lugares (e os caminhos) ficam destituídos de valor. O tempo não se torna mais um “desvio na busca”, não conferindo valor a esta. (BAUMAN, 1988)

O tempo, nesse processo, é, por um lado, expandido em sua extensão, mas, por outro lado, reduzido em sua vivência intensa. Isto faz com que o tempo que se “ganha”, com o advento das tecnologias voltadas para a redução do desperdício em tarefas rotineiras seja sempre acompanhado por uma estranha sensação de falta de tempo, apesar de tudo. É porque o tempo que “sobra”, disponibilizado pela tecnologia, é cada vez mais investido em novas atividades, tarefas ou compromissos. Não podemos nos sentir inúteis, nos permitir o ócio. Há sempre uma sensação de que se é devedor, que se deveria estar fazendo alguma coisa produtiva com o tempo que “resta” ou que foi “ganho”. Ganhamos (o que se torna na realidade em uma perda) apenas tempo extensivo, para ser ocupado por outras tantas ações no tempo e perdemos o tempo intensivo voltado à vivência do aproveitar sem aparente proveito, sem produzir a utilidade imprimida e esperada à vida moderna.

Nessa equação temporal, tudo deve ser consumido como mercadoria disposta à experimentação, inclusive os bens de consumo - por mais radicais que os sejam, como a proposta de imortalidade apresentada como mercadoria disponível ou viável ao consumo - dispostos pelas biotecnologias. “A indiferença em relação à duração transforma a imortalidade de uma idéia numa experiência e faz dela um objeto de consumo imediato”. (BAUMAN, 1998, p. 144)

Quando esta questão foi abordada no grupo duas direções argumentativas se evidenciaram. Para alguns, não fazia sentido o idoso ser capturado por este “imperativo do tempo”, uma vez que deveriam aproveitar o tempo de acordo com o ritmo lento, característico do envelhecimento. Mas, para outros, exatamente por serem idosos e, “teoricamente” por terem menor tempo de vida, deveriam aproveitar para fazer tudo que ainda não tinham tido a oportunidade de realizar na vida. Seja por um argumento, seja por outro, não deixa de ser surpreendente constatar como este processo de subjetivação é contundente no estabelecimento das expectativas do idoso.

O pensamento, em certa medida é um ato de violência. Ele nos tira de uma zona de conforto e segurança, nos colocando em um lugar de indeterminação. Ponto de inflexão, onde o encontro das forças do pensar e da criação exige um desvio no próprio ato de pensar. Este modo, ou modulação, de construção do pensamento é o que não assistimos no grupo, que se satisfaz com um posicionamento frente ao pensar de aceitação das formas previamente dadas ou colocadas por qualquer um que se apresente como autoridade qualificada. Há sempre uma predisposição, ou mesmo exigência, de que o especialista ocupe o lugar do ato de pensar; esteja à frente de todos os processos relativos à produção dos sentidos possíveis de qualquer temática proposta.

Existe um claro recuo na disposição de pensar as questões que se apresentam. No entanto, apostar neste processo de evitação do compromisso de gerar o pensamento, afirma, por outro lado, uma possibilidade de criação no espaço das pré-determinações. O não pensar habita o lugar onde o pensamento constitui-se na sua possibilidade de deriva (do não pensar).

Em um sentido paradoxal, o não pensar é constituído pelo próprio pensar, já que parece se colocar como condição necessária a sua existência e talvez pudéssemos ousar dizer ao seu exercício. Neste caso seria um exercício de vontade, teimosia ou obstinação, a ser mantido como processo ativo e dinâmico, aparentando um vazio e sendo antes uma recusa e resistência?

Mas o não pensar, também pode se afirmar como abertura ao pensamento, já que se apresenta como exercício? E exercício do quê? Do próprio pensamento, diríamos. No não pensar encontra-se como germe (possibilidade) o pensamento, já que não se extingue e dele deriva.

Quando, no grupo, escutam-se falas como

- *Não quero pensar nisso agora; ou*

- *Não sei o que pensar sobre isso,*

é claro que falas como essas só podem ser enunciadas porque em algum momento, próprio ao pensamento, algo foi pensado e, nesse movimento já pertencente ao pensamento, esse algo resistiu à apreensão de seus sentidos possíveis, mas isso em si já é um significado produzido, um pensamento gerado. Mas, esses sentidos só podem se apresentar se houver disponibilidade para habitá-lo, disposição para ocupar seu território - do pensar a geração de sentidos possíveis.

O grupo, de certa forma, reflete um cenário que poderíamos configurar como “fuga de pensamento”. Um modo de ser que transcorre, em sua maior parte do tempo, na cotidianidade. A estrutura da experiência do cotidiano é a impessoalidade. Isto significa que a experiência não é auto-refletida. Na maioria das vezes, as significações das próprias experiências só se constituem quando lhe são atribuídas representações ao sentido de sua existência, ao seu percurso existencial. Assim, não se compõem, na maior parte do tempo, como sujeitos singulares, expressando suas formas de criação em processos de singularização. Não se apropriam deste processo de geração de sentidos.

Em outra direção, podemos afirmar que se todas as questões já foram respondidas e não há mais perguntas (cenário que a ciência vislumbra para si em um futuro próximo), logicamente não precisamos do pensamento para respondê-las. Se tudo já está dado previamente, o pensamento torna-se obsoleto, desnecessário e fenece. É como se a técnica e a tecnologia tornassem arcaico o pensamento. Para Heidegger, esta é uma característica da atualidade:

Se ficarmos satisfeitos com a referida afirmação da ciência, permaneceremos o mais longe possível de uma meditação sobre a era actual. Porquê? Porque nos esquecemos de reflectir. Porque nos esquecemos de perguntar: em que assenta o facto de a técnica científica ter podido descobrir e libertar novas energias na natureza? (HEIDEGGER, 2000, p.18)

A incorporação maciça da tecnologia produziu artefatos que, por muitos anos, ainda que integrados a nós, existiam fora de nós. Produzia-se uma forma

de pensamento em que se apropriava de recursos externos e os incorporava a nossa existência. A sua finalidade e utilidade última era o homem, é lógico, mas era pensado como artefato fora de nós, pertencente a uma realidade externa. Agora a técnica, a tecnologia e os artefatos por ela produzidos ameaçam assumir o controle do próprio pensamento, isto é, ameaça pensar por nós.

A tecnologia se anuncia como fim em si mesma. Como o que promove transformações, gera comportamentos. Modela e modula todas as ações e produções da vida, assumindo a tarefa de responder pelas necessidades e demandas da existência. Substituindo o ato de pensar, passa a ser ela mesma a força produtora do movimento de existência.

[..] a evolução da técnica decorrerá cada vez mais rapidamente e não será possível detê-la em parte alguma. Em todos os domínios da existência as forças dos equipamentos técnicos e dos autômatos apertarão cada vez mais o cerco. Os poderes que, sob a forma de quaisquer equipamentos e construções técnicos, solicitam, prendem, arrastam e afligem o Homem, em toda a parte e a toda hora, já há muito tempo que superaram a vontade e a capacidade de decisão do Homem. (HEIDEGGER, 2000, p. 20)

Vivemos a era do imediatismo e da velocidade, incompatível e até contrária ao pensamento problematizador, que demanda tempo para gestar e amadurecer apreciações. Uma era que visa eliminar, derradeiramente, a duração de tempo que a tarefa do pensar impõe. Um tempo cada vez mais alijado de nós e integrando-se cada vez menos a nossa existência. “Pensado”, este próprio tempo, como perda de tempo.

Não obstante, este exercício do pensamento, se faz necessário e imprescindível, seja pelas próprias transformações impostas pelas biotecnologias, que nos exige como tarefa pensar sobre as mudanças, o poder e desdobramentos colocados por estes novos acontecimentos, seja ainda como resistência a esta velocidade, que em sua trajetória de redefinição da vida não intenta o acolhimento das idéias e reflexões, banalizando e tornando obsoleto o ato de pensar. De acordo com Bauman (1998, p. 149), o “advento da instantaneidade conduz a cultura e a ética humanas a um território não

mapeado e explorado, onde a maioria dos hábitos aprendidos para lidar com os afazeres da vida perdeu sua utilidade e sentido.”

O intervalo de tempo existente entre o que vemos, contatamos e apreendemos é cada vez mais reduzido no mundo contemporâneo, empenhado em anular este intervalo. O importante é, no imediato da ação, garantir o máximo aproveitamento (eficácia) com o mínimo de hesitação (pensamento). Cria e desenvolve-se, por exemplo, o solo fértil para uma sociedade voltada para a ação, para o faça-se – *Just do it*³⁸ – expressão imperativa adotada por uma famosa marca de material esportivo e, não por acaso, imensamente bem sucedida como propaganda e geradora de comportamentos. A regra, regida pela lógica da eficiência, é abolir o que emperra o agir: a demora de tempo exigida pelo pensar, alçado ao posto de processo transtornador ou empecilho das ações eficientes.

Somos todos, na contemporaneidade, incitados a aderência deste projeto proposto pela tecnologia. Movidos pelo dever de acolhermos estas novas formas de produção que se abatem sobre a própria vida, escolhemos e rogamos avidamente por mais e incessantes fluxos de ações. Movimentos que nos impelem freneticamente e sem tempo para sentir, para a pura vivência de sensações e experimentações físicas. Este processo estabelece transformações profundas nos modos de vida e apontam para novas formações subjetivas na atualidade.

O Homem não está preparado para estas questões que se apresentam se não puder, por meio do pensamento problematizante, lidar adequadamente com a realidade que está a emergir. São acontecimentos que suscitam questões que nos afetam diretamente e as quais devemos interpelar. Transformações que afetam a subjetividade contemporânea e surgem como redefinidoras do próprio conceito de vida, inaugurando novos modos de existência.

Sem nos destituirmos da tecnologia, processo que seria inviável, podemos habitá-la sem, no entanto, com ela nos sufocarmos, como colocado pelo grupo (embora o próprio grupo acolha a idéia, não a executa, ou seja, não gera um modo de pensamento crítico sobre os acontecimentos):

³⁸ Faça-o ou apenas faça.

- *Precisamos pensar mais sobre as coisas que estão acontecendo;*
- *Tem que gostar de brincar de pensar, isso faz bem.*

Sem apresentar ou impor a tecnologia como modelo superior, mais verdadeiro, inevitável e necessário ao conhecimento. Seria este exatamente o “antídoto”, contraveneno ao pensamento do imediato, rápido e representacional. Sem abandoná-lo, bastaria desacelerar, ficar mais atento, demorar mais em sua apreciação, para poder apreender outros sentidos possíveis existentes nos acontecimentos.

Ou, como Foucault coloca em *O que são as luzes?*- é preciso conceber uma atitude crítica, reagindo e modificando as regras do jogo, o que nos leva invariavelmente a considerar os compromissos éticos e políticos firmados nessa proposta de obsolescência do pensamento. Essa crítica é o que possibilitaria articularmos as imposições ao que pensamos, dizemos e fazemos aos acontecimentos, deduzindo, das contingências do presente, o que nos faz ser o que somos, fazemos ou pensamos.

6 MUTAÇÕES NA CORPOREIDADE

O corpo é nossa utopia mais concreta. (BAVCAR, 2003)

Um dos desdobramentos inusitados, provocados pelas direções assumidas no campo, foi o reviver de um “velho tema”, a eugenia³⁹, e a apresentação de uma temática “inteiramente nova”, as configurações assumidas pelo corpo com o advento das recentes descobertas da biotecnologia. A aparente divergência nas proposições (velho-novo) revelou-se, no entanto, coadunada em uma formulação de convergência bem afinada e com grande grau de afinidade.

A eugenia ou ideal eugênico, concepção extrema do racismo, introduz uma defasagem, hierarquizando, no interior do conceito biológico de espécie humana, a qualificação racial. Fragmentação que estabelece domínios distintivos, operando um “corte entre o que deve viver e o que deve morrer” (FOUCAULT, 2002a, p. 304) e não se desvincula das problemáticas suscitadas pelas biotecnologias. Há uma preocupação constante sobre as novas composições corporais e as oportunidades por elas criadas. Apreensão explicitada, principalmente, ao se discutir a criação de privilégios e de acessos diferenciados aos benefícios dos recursos biotecnológicos.

Questões que se apresentaram, por assim dizer, massivamente, como se pode constatar nos seguintes exemplos de falas do grupo:

- A biotecnologia pode servir para ajudar muitas pessoas, mas também faz discriminações e privilégios para alguns e os outros não têm a mesma oportunidade. (criando uma nova forma de distinção por classe)

³⁹ Ciência que estuda as condições mais propícias à reprodução e melhoramento genético da espécie humana. (FERREIRA, 1998)

- *É claro que a igualdade e responsabilidade entre as pessoas vão mudar. A biotecnologia nos dá sonhos maravilhosos, mas é desigual com as pessoas.*

- *Não existe moral capaz de avaliar (de forma adequada) os problemas trazidos pela biotecnologia para nossas vidas.*

Sabedores de que estes recursos não incidirão da mesma forma para todos, tornaram-se inevitáveis as discussões em torno do ideal eugênico. O grande disparador dessas análises foi o assunto retratado no *Gattaca*, que aborda o tema de uma sociedade dividida em duas classes: os válidos, nascidos por meio de rigorosos processos de intervenção e aprimoramento genético que garantem uma progênie de bem sucedidos cidadãos; e outra categoria de indivíduos, os inválidos, nascidos por meio de processos naturais e submetidos à impureza genética. Retrata, assim, uma prática de controle social a partir de técnicas de engenharia genética que determinam os lugares destinados aos bem nascidos e mal nascidos, gerando um processo eugênico, onde as pessoas são aceitas ou não socialmente, de acordo com sua condição (ou constituição) selecionada geneticamente.

Em outra vertente, provocada também ao se assistir a este filme, discutiu-se vigorosamente a questão do aprimoramento técnico do corpo biológico, atravessado, imbricado ou transmutado em corpo biotecnológico com a produção de artefatos tecnológicos voltados ao implemento de novas configurações corporais. Com efeito, constatamos na atualidade, o surgimento de mecanismos técnicos destinados a se acoplarem ao corpo orgânico potencializando seu desempenho, visível nos recursos produzidos pela engenharia genética.

Mas, não é só o homem, também a natureza está em processo de reformulação⁴⁰. Na produção dos saberes biotecnológicos reside a proposta ambiciosa de controlar a vida, “a vontade de se **conduzir a evolução**, de tomar as rédeas do futuro da espécie humana e de toda a biosfera: tal

⁴⁰ Heidegger (2000) faz uma afirmação, com caráter de constatação, interessantemente paradoxal, declarando que o ser humano pode ser definido como a criatura que fracassou em (seu) ser animal, malogrou em sua identidade biológica. Mas, ao mesmo tempo e, graças a isto, fez da técnica e do artifício a derradeira produção da natureza. Um vetor para muitos inevitável, dessa natureza interventora e que repercute hoje com intensidade, é a verificação de que esse destino afeta também o desenvolvimento de várias outras espécies, organismos e ambientes, para o “bem” ou para o “mal”.

promessa encerrada na técnica que permite manejar a hereditariedade.” [grifo da autora] (SIBILIA, 2002, p. 122)

São mecanismos de fabricação de novas formações do desejo, dos corpos e da vida, remodelando as próprias trajetórias do envelhecimento. As biotecnologias constituem, com seu apelo, conferido e chancelado pela força da argumentação científica, um dispositivo que opera na produção de processos de subjetivações. Propondo inusitadas possibilidades, define novas relações de verdade que se estabelecem.

A partir dessas constatações, torna-se necessário, a nosso ver, aprofundar-se na direção dos novos sentidos e possibilidades colocadas à vida pelas biotecnologias. É preciso apreender, em seu jogo estratégico, as novas políticas corporais que aqui se apresentam. É com esse intuito que a seguir será abordado o processo de eugenia e aprimoramento corporal que subjazem ao projeto biotecnológico, desdobrando-se em questões que afetam o envelhecimento.

6.1 O (RE)SURGIMENTO DA QUESTÃO EUGÊNICA NA VERTENTE GENÉTICA DAS BIOTECNOLOGIAS

A eugenia, termo cunhado pelo estatístico inglês Francis Galton (1822-1911) a partir do grego, significa “bem nascido” e consiste no estudo e no uso da reprodução seletiva com o intuito de melhorar as espécies, principalmente dos atributos hereditários, ao longo das gerações.

A definição de eugenia, conforme proposta por Galton, distingue a eugenia positiva, que incentiva a reprodução do “mais apto” e das suas qualidades superiores, da eugenia negativa, que busca evitar a proliferação do “menos apto” e das qualidades inferiores portadas por este (PORTUGAL, 2010).

Os seus princípios eugênicos constituíam-se em um conjunto de métodos que visavam aplicar as leis científicas com o intuito de favorecer a reprodução dos indivíduos dotados das melhores características físicas, morais e intelectuais – tomando o europeu como o modelo civilizatório padrão – e impedir a reprodução das raças consideradas inferiores ou menos

aptas. Só os indivíduos superiores, os mais aptos, seriam dignos de realizarem os mais auspiciosos objetivos da humanidade.⁴¹

Francis Galton, após conhecer a obra do seu primo Charles Darwin - *A origem das espécies* - e com o propósito de aplicar os pressupostos da teoria da seleção natural ao homem propõe na sua obra intitulada *Hereditary talent and characters* (Talento e caráter hereditários) e mais tarde aprimorada na obra *Hereditary genius* (O gênio hereditário) que as forças cegas da evolução natural, como agente propulsor do progresso, devem ser substituídas por uma seleção consciente e os homens devem utilizar todos os conhecimentos adquiridos pelo estudo e o processo de evolução nos tempos passados, a fim de promover o progresso físico e moral no futuro.

A partir dessas colocações, a eugenia passa a indicar as pretensões de Galton em desenvolver uma ciência genuína da hereditariedade humana que pudesse, por meio de um instrumental matemático e biológico, identificar os melhores membros, como se fazia com animais e plantas, portadores das melhores características e estimular a sua reprodução, bem como evitar a reprodução daqueles que apresentassem características degenerativas (CONT, 2008). Assim, Galton intentou estender ao campo sócio-cultural uma lógica, não expressa, nestes termos, na teoria darwinista, de superioridade/inferioridade das espécies.

Galton, com suas teorias (quantificadas estatisticamente e com pretensões preditivas e controladoras), pretendia reverter os equívocos constatados nas sociedades civilizadas de subversão das forças seletivas naturais, que estariam favorecendo a sobrevivência dos “menos aptos”, colocando em risco o processo de seleção natural e sobrevivência dos “mais

⁴¹ Apesar de suas concepções, vale lembrar que as idéias que influenciaram a Alemanha nazista se originaram do trabalho do Conde de Gobineau, intitulado *Ensaio sobre as desigualdades das raças humanas*, publicado em 1854, antes, portanto, do termo eugenia ter sido cunhado por Galton. O Conde de Gobineau esteve no Brasil, coletando dados para sua obra. Neste ensaio, foi feita a proposta da superioridade da raça ariana, posteriormente levada aos extremos pelos teóricos do nazismo Günther e Rosenberg nos anos de 1920 a 1937. Outro autor alemão, Gauch, afirmou que havia menos diferenças anatômicas e histológicas entre os homens e os animais, do que as verificadas entre um nórdico (ariano) e as demais “raças”. Isto acabou sendo objeto de legislação em 1935, por intermédio das leis de Nuremberg, proibindo o casamento e o contato sexual entre alemães e judeus, o casamento de pessoas com transtornos mentais, doenças contagiosas ou hereditárias. Para se casar, era preciso obter um certificado de saúde. Em 1933 já haviam sido publicadas as leis que propunham a esterilização das pessoas com problemas hereditários e a castração dos delinquentes sexuais. (GOLDIM, 2008)

aptos”. Na sua perspectiva, os problemas sociais derivariam da proliferação de indivíduos que se reproduziram, mantendo na população, durante gerações consecutivas, características comportamentais e mentais viciosas, criminosas e degenerativas. As características humanas, portanto, não seriam o produto da ação do meio ambiente social, elas já estariam presentes nos indivíduos desde o seu nascimento, ou seja, uma concepção inatista. O controle reprodutivo, por meio de uniões eugenicamente orientadas, constituiria em uma consequência lógica do esforço de Galton em aplicar a teoria da seleção natural à população humana. O que a seleção natural levaria milênios para realizar, programas seletivos, por meio da regulamentação autorizada dos matrimônios, poderiam fazê-lo apenas em algumas gerações (CONT, 2008), uma formulação que, interessantemente, encontrará, séculos depois, o seu intento definitivo nas propostas das biotecnologias em acelerar o processo da seleção natural.

Em torno do controle social e científico das relações sociais, pensou-se a organização de um programa de controle reprodutivo baseado nos princípios eugênicos, programa no qual, por intermédio de uma família prototípica procurar-se-ia melhorar as características raciais, pessoais e sociais das gerações futuras. As uniões deveriam ser orientadas e conduzidas por uma racionalidade externa, sendo, portanto, necessário que a autoridade do governo se impusesse sobre as condições familiares. A boa procriação precisaria da orientação constante e de um controle externo, dado pelo conjunto de conhecimentos científicos, médicos, matemáticos, biológicos e sociais (as ciências sociais)⁴² que só uma ciência eugênica poderia fornecer (CONT, 2008).

Assim, a eugenia é esse momento em que uma racionalidade de Estado aparece, se mostra e faz funcionar como assegurador da integralidade e pureza da raça; contra o perigo das raças que se infiltram e introduzem em seu corpo elementos nocivos que precisam ser expulsos por razões de ordem política e biológica ao mesmo tempo. (FOUCAULT, 2002a)

Ao conceber a eugenia em termos populacionais (biopolíticos) e não como restrições individuais, Galton intenta estabelecer um método científico

⁴² As ciências sociais sempre “entrando em cena” com sua suposta tendência normativa.

(mais uma vez constata-se o apelo recorrente à chancela científica) em que o controle reprodutivo não seria uma intromissão nas decisões ou preferência dos indivíduos, mas uma necessidade de distribuição estatística equânime das características aleatórias encontradas na média populacional. Nesse sentido, Galton concebe a ciência eugênica como uma aplicação lógica do conhecimento científico acumulado e disponível até aquele momento histórico, naturalizando a política como uma aplicação necessária de programas sociais de otimização do controle reprodutivo, indispensáveis em função do seu objetivo primordial e prevalente de melhoria da qualidade de vida populacional.

Mas, Galton percebe em suas asserções, um equívoco, concluindo pela inviabilidade do seu projeto eugênico, pois os ideais democráticos das sociedades do início do século XX não conciliariam medidas restritivas de reprodução e de ingerência nos interesses íntimos das pessoas e do matrimônio. Contudo, suas idéias adquiriram vigor próprio, se diversificando em variadas práticas e representações em todo o mundo. Proliferaram sociedades eugênicas em vários países da Europa e das Américas. No Brasil - primeiro país da América do sul a ter um movimento eugênico organizado -, os ideais eugênicos repercutiram com certa veemência em aliança com o movimento sanitarista e higienista.

Movimentos baseados em pretensa modernização das ações médico-sanitaristas, que se intensificaram no início do século XX, preocupados com a higiene, saúde das famílias e do ambiente social. Vários especialistas e dispositivos foram convocados para esta gigantesca empreitada, respectivamente médicos, professores, engenheiros, militares e urbanistas, por um lado, e igreja, escolas, hospitais e exército por outro lado.

O corpo emergia como realidade social em discursos e práticas que o produziam em um franco processo de objetivação e subjetivação. Os discursos voltavam-se a família (priorizando as mães como principal contribuinte e ator social nas campanhas de higienização, educação e vigilância) com o intuito de formar alianças com as políticas públicas para saúde, educação, alimentação, moradia e modernidade – um discurso de identidade nacional e da construção de uma família saudável e socialmente útil (uma nação moderna, forte e

saudável imbuída do lema positivista de ordem e progresso bem ao gosto dos ideais republicanos).

Nas produções sanitaristas e higienistas, emergem práticas de medicalização, disciplinarização, normatização e docilidade dos corpos, preocupadas em esculpir com perfeição o físico e o intelecto dos futuros filhos da nação. Muito embora as idéias higienistas e sanitaristas se coloquem em um plano de atravessamento da Pedagogia, Psicologia e Medicina, o médico (e a chamada medicina social) adquire nesse contexto o papel de herói da modernidade nacional, agentes erradicantes dos miasmas, insetos, micróbios que atacavam as famílias e impediam o progresso da nação.

Dessa maneira, o corpo, social e individual irá ser dissecado, caracterizando um vetor de emergência da modernidade (nacional) vinculada aos saberes das ciências sociais, humanas e médicas. Tributário desses processos, bem como da emergência das modernas tecnologias industriais vemos surgir uma noção de assepsia do corpo associado à família burguesa em uma nova relação do sujeito com o seu corpo, onde o normal e não o doente, a prevenção e não a cura, passam a ser alvos desse projeto. (OLIVEIRA I., 2003)

Em 1918, foi fundada a pioneira *Sociedade Paulista de Eugenia* que propunha políticas de higiene e profilaxia social com o intuito de impedir a procriação de portadores de doenças hereditárias e de problemas físicos e mentais. Em diversos estados brasileiros, suas práticas foram adotadas, indo além da seara das especulações e conduzindo ações efetivamente eugênicas. No *Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenisimo*, realizado no Rio de Janeiro em 1929, houve amplo debate em torno do tema *O problema Eugênico da imigração*, propondo em seu boletim oficial a exclusão de todas as imigrações não brancas – ideal já adotado anteriormente por muitos intelectuais e pensadores, traduzindo na aplicação prática de incentivo a imigração maciça de trabalhadores europeus (italianos, espanhóis, alemães e poloneses). E, em março de 1931 foi criada a *Comissão Central de Eugenisimo*, expressando os seguintes objetivos: 1) manter o interesse do estudo de questões eugênicas no país; 2) difundir o ideal de regeneração física, psíquica e moral do homem; 3) prestigiar e auxiliar as características científicas ou humanitárias de caráter eugenista que sejam dignas de consideração. (GOLDIM, 2012)

A eugenia é um marco da subestimação da condição humana sobredeterminada pela técnica (ou tecnologia), onde esta ratifica, de maneira unívoca, os detentores do direito à vida. Quando critérios normalizadores penetram a vida baseado em (pretensas) normas científicas e biomédicas, propondo o planejamento e aperfeiçoamento da vida individual e social é preciso deter-se nos sentidos que se produzem e desdobram por essas colocações; nas destinações possíveis de um projeto de intervenção e controle técnico do ser humano, na “utopia eugênica de uma sociedade perfeitamente organizada e produtiva porque constituída dos melhores e mais belos exemplares da espécie” (LOBO, 2008, p. 115). O argumento eugênico coloca como questão a dignidade humana, a inclusão ou exclusão daqueles que merecem ser reconhecidos como humanos.

As biotecnologias podem colocar-nos diante de um novo cenário com amplo espaço à penetração do ideário eugênico. As propostas de intervenções genéticas, voltadas ao aprimoramento da espécie humana, servem e fundamentam essa condição, na verdade uma linha de condução evolutiva tutelada pela “obviedade” da busca pela extinção das doenças e sofrimento que abatem o ser humano. Como tão bem nos lembram (ou alertam) algumas falas do grupo:

- *É preciso lembrar os acontecimentos para não deixar de esquecer (não deixar morrer na história) a história da intolerância.*

E, o que foi colocado com muita perspicácia:

- *Na era da razão, a irracionalidade espera, aguardando uma oportunidade. Elas andam sempre juntas.*

As biotecnologias não propõem apenas o tratamento e a cura de doenças, mas também o aperfeiçoamento genético das espécies. Nessa perspectiva, reconfigura as fronteiras da natureza, estendendo o campo de sua intervenção aos elementos que compõem a formação da espécie humana como um todo. Sibilía (2002, p. 16-17) afirma que,

(...) os mecanismos da seleção natural descritos por Charles Darwin em meados do século XIX estariam sendo transferidos para as mãos dos homens, incluindo a novíssima possibilidade de seleção pré-natal. Assim, o horizonte evolutivo se abre à nossa frente. Nessa vertigem tornam a ecoar os sonhos de autocriação humana, ao mesmo tempo fascinantes e

aterradores, trazendo gélidas lembranças dos projetos eugênicos da primeira metade do século XX.

Um projeto que já se prenuncia, evocando cenários que se pretendem auspiciosos, mas também presságios de dúvidas preocupantes. Ao se definir o que é normal ou geneticamente esperado, todas as outras possibilidades que diferem do padrão ou referência definido são qualificadas como desvio ou erro genético passível de cura, conserto ou reprogramação. Os avanços da engenharia genética têm transformado os cenários previstos em obras como *Gattaca* em uma realidade mais próxima e célere de nossas experiências cotidianas do que se poderia supor. A tecnologia anuncia que em breve será permitido “criar pessoas” com determinados traços de conduta, comportamento, temperamento, personalidade, atitudes, etc.

Nesse modelo, os outros podem passar, facilmente, a condição de obstáculo à organização da vida, onde certa(s) categoria(s) de pessoas é(são) percebida(s) como se encontrando fora do seu devido lugar de ocupação e, por extensão, fora da ordem das coisas.

São nessas condições que um saber técnico como a medicina, ou melhor, o conjunto constituído por medicina e higiene, se constituirá em um elemento, senão o mais importante, “mas aquele cuja importância será considerável dado o vínculo que estabelece entre as influências científicas sobre os processos biológicos e orgânicos”. (FOUCAULT, 2002a, p. 31). Processos que, fundamentados nos princípios da degenerescência e da hereditariedade das raças, terão efeitos consideráveis sobre as práticas eugênicas.

No conceito biológico de espécie humana, o surgimento da noção de raças e sua conseqüente distinção operou uma hierarquização, qualificando algumas em detrimento de outras. Fragmentação do campo biológico em que o poder se encarregou de produzir defasagens no interior da população, de uns em relação aos outros. “Isso vai permitir ao poder tratar uma população como uma mistura de raças, mais precisamente tratar a espécie, subdividir a espécie de que ele, o poder, se incumbiu em subgrupos que serão, precisamente, as raças. Essa é a primeira função do racismo: fragmentar, fazer cesuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder.” (FOUCAULT, 2002a, p. 305)

Fundamentada em uma relação do tipo biológica, compatível com o exercício do biopoder e não uma relação de enfrentamento militar, guerreiro ou político, uma lógica se apresenta no interior do processo eugênico. Quanto mais as espécies do tipo inferior tenderem a desaparecer, menos degenerescência haverá em relação à espécie e mais o indivíduo, enquanto compondo uma espécie, proliferará, vigorará. Lógica biológica ou, se quiser, evolutiva. “A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura.” (FOUCAULT, 2002a, p. 305)

Assim, o racismo não se baseia em um simples e tradicional desprezo e ódio entre as raças. A possibilidade de pensarmos uma sociedade eugênica não se apóia na lógica de uma ideologia de hostilidade, de manipulações estatais ou de embates; a sua especificidade se traduz no interior de uma tecnologia de poder, de biopoder. Os inimigos que se busca suprimir não são os adversários no sentido político do termo; são os perigos, externos ou internos, em relação à população e para a população.

No biopoder, tirar a vida só torna-se possível para eliminar os perigos biológicos e fortalecer, diretamente ligado a essa eliminação, a própria espécie ou raça; não se trata, portanto de uma ação unicamente voltada para um inimigo político ou uma classe. Quanto maior o número dos que morrerem para obter o aprimoramento biológico, mais poderosa será a raça a que se pertencerá.

Por isso, para esse empreendimento, que retorna ao direito soberano sobre a morte em contradição aparente com as forças expansivas de vida do biopoder, tornar-se possível, o discurso eugênico terá de passar pelo racismo. “Quando for preciso matar pessoas, matar populações, matar civilizações, como se poderá fazê-lo, se se funcionar no modo do biopoder? Através do tema do evolucionismo, mediante um racismo.” (FOUCAULT, 2002a, p. 307)

Um dos objetivos das biotecnologias, em sua vertente de atuação genética, é corrigir os erros de programação existentes no código genético. Em um explícito desejo de intervenção preventiva, busca-se eliminar esses erros geneticamente determinados com intervenções realizadas no próprio

embrião ou feto, suprimindo a existência de traços indesejáveis nas gerações futuras⁴³:

Tal é a proposta da terapia genética de linha germinal que prometem diferir de todos os dispositivos médicos do passado graças a seu potencial para alterar a espécie humana, afetando não apenas o indivíduo em tratamento mas toda a sua descendência. (SIBILIA, 2002, p. 187-188)

É visível o ideal eugênico presente nesta demanda. Ideal que sempre espreitou a humanidade em diversas formas e momentos diferentes e que agora ressurge travestido de uma roupagem tecnológica e de uma promessa de tratamento para “doenças” até então insolúveis (e que, logicamente, exerce uma fascinação nos idosos em geral), como podemos conferir nas seguintes comentários surgidos após assistirmos o documentário *Frankenstein: a clonagem humana*.

- *O filme mostra que há uma esperança de curarmos diversas doenças. A ciência é mesmo fantástica.*

- *Eu acho que daqui a alguns anos não haverá mais doenças e nem envelhecimento.*

Embora estas falas possam demonstrar alguma ingenuidade, é interessante registrar também que em outra direção surgiu uma questão, “abafada” na realidade⁴⁴, que reportou diretamente às implicações e efeitos das práticas descritas, como:

- *Isto não dá em poste, diz respeito a nós e é preciso que a gente fale e enfrente.*

O filme *Frankenstein* examina o tema da clonagem humana. Produzido a partir de entrevistas realizadas com médicos, teólogos, juristas, escritores e autoridades científicas, analisa os benefícios e contribuições, além das implicações éticas e conseqüências sociais da biotecnologia. O próprio título apresenta diferentes possibilidades de entendimento. Pode aludir ao fato de

⁴³ A manipulação genética pode ser de dois tipos: no nível somático, onde as alterações não se transferem para os descendentes e no nível germinativo, onde as alterações constituídas se transferem para as gerações seguintes. (RIFKIN, 1999)

⁴⁴ Embora houvesse tentativas de se retornar a questão, esta foi consistentemente evitada pela imposição da maioria.

estar se produzindo monstruosidades em nome da ciência, bem como ser uma referência às experimentações que pretendem, tal como no original, (re) criar a vida. Com certo grau de certeza, podemos afirmar que o documentário tende mais para uma crítica aos efeitos destas tecnologias. Mas, as análises e comentários do grupo estabeleceram outras direções. Poucas “vozes” (estrategicamente silenciada pela maioria?) se manifestaram. Preocupadas com o advento dos benefícios ofertados pelas biotecnologias, os demais se comprometeram dos seus oferecimentos.

Interessantemente, o grupo não se percebe como produtor de uma lógica de exclusão quando não aceita o outro em sua diferença, em clara alusão a um processo eugênico - porque intenta desqualificar o diferente - e a um mecanismo de biopolítica - porque alude à homogeneidade, ao controle e regularidade das formas. Aliás, esse é um movimento presente e que, de forma paradoxal, o grupo não compreende, não percebe as suas ações como comprometendo todo um jogo de forças que intenta destituir o idoso e o envelhecimento de sua possibilidade em criar sentidos diversos aos mecanismos de subjetivação. A conduta dissonante e as características peculiares, muitas das vezes visíveis na maneira diferente de se vestir, falar e de se conduzir não são aceitas, são ridicularizadas. A expectativa é manter-se dentro de certo padrão, erradicando as diferenças e desvalorizando as singularidades dos modos de vida.

Por detrás da ojeriza que a idéia de imperfeito evoca na atualidade se esconde e revela-se um jogo auto evocativo de crença na perfeição obtível do ideal eugênico, responsável, talvez, pela busca exaustiva do belo e das correções de defeitos; por todos efetuados, médicos, pesquisadores, indústrias por um lado e pacientes, freqüentadores de academias e consumidores de produtos corretivos/estéticos por outro lado, em claro processo complementar.

O ideal eugênico sustenta-se na concepção de pureza que, por sua vez, a reboque suscita o conceito de ordem; “não há nenhum meio de pensar sobre a pureza sem ter uma imagem da ‘ordem’, sem atribuir às coisas seus lugares ‘justos’ e ‘convenientes’” (BAUMAN, 1998, p. 14). Logo, uma concepção de que existem lugares determinados para serem ocupados e que a sua não ocupação (ou obediência a ordem) gera “coisas” fora do devido lugar. É, portanto, de uma localização na ordem das coisas que o ideal eugênico aspira,

ou, dito de outra forma, a eugenia aspira um ideal de localização das coisas.

O esquadramento produzido por um ideal de ordem é o que suscita a necessidade de controle (e exclusão) das formas. As sociedades, comumente, produzem “refugos indesejáveis” e cada modelo social produz seus tipos característicos de refugos. Entre esses refugos, encontram-se sempre pessoas que, por motivos cognitivos, morais ou estéticos não se encaixam na ordenação social pretendida (BAUMAN, 1998). Têm, pela sua presença, o poder de obscurecer e confundir as linhas de separação que ordena o mundo em formas e categorias que devem ser, por natureza, claras e bem distinguíveis. Mas, neste mapa moral, cognitivo e estético da sociedade, o dissonante tem o seu papel: o de representação tangível dos horrores e risco da desordem. Bauman (1998, p. 27) afirma que,

[...] cada sociedade produz esses estranhos. Ao mesmo tempo que traça suas fronteiras e desenha seus mapas cognitivos, estéticos e morais, ela não pode senão gerar pessoas que encobrem limites julgados fundamentais para a sua vida ordeira e significativa, sendo assim acusadas de causar a experiência do mal-estar como a mais dolorosa e menos tolerável.

Esta constante tensão criada entre o visível e o inextinguível, consiste na força estratégica e persuasiva do ideal eugênico que arrebatada facilmente, nas mãos de discursos competentes, as pessoas quando confrontadas com esta fórmula. Duas táticas adotadas: uma que consiste na assimilação e conversão (ao ideal eugênico) e outra compondo o refugo, dando visibilidade ao que está putrefato e que deve ser recusado sem, no entanto, ser erradicado, permanecendo como lembrança viva e exemplar (também aterradora) entre o sucesso e o insucesso. Esta estratégia é aplicada pelas biotecnologias formando algo como uma equação, que poderia assim ser expressa: medo + ansiedade + incerteza (produzidos pelo mundo atual) → as biotecnologias respondem com promessas de: imortalidade + saúde plena + vigor eterno (ícones da vida imperecível).

Colocada, a questão dessa forma e após assistirem a filmes que evocam os benefícios advindos das novas tecnologias, facilmente se obtém adeptos da “manipulação genética”. O envelhecimento, bem como qualquer outra

categoria ou faixa etária torna-se palco para a engenharia genética ativar ou desativar, de forma deliberada, recursos genéticos que pretendem o desejo de perpetuar a vida com beleza e vigor infundável. “As novas técnicas de combinação genética tornam potencialmente possível transformar os indivíduos e as gerações futuras em ‘obras de arte’, editando continuamente seus códigos genéticos com finalidades terapêuticas e estéticas” (RIFKIN, 1999, p. 135)

Quando, no grupo, se ouve uma fala como:

- Eu não quero ter uma vida longa de sofrimento.

há duas direções possíveis de entendimento: por um lado pode significar preferir morrer a estender indefinidamente o sofrimento ou que prefere viver muito e bem. É com essa condição de acontecimentos que as biotecnologias manejam e validam suas contribuições, propondo uma vida longa e saudável, livre de todos os riscos e das transformações suspeitas do corpo orgânico. Os objetivos das biotecnologias respondem ao paradigma de uma ciência que pretende superar os limites que se impõem à velhice, sustentada na oferta “irrecusável” de uma eterna saúde potencial.

Mas, para alguns integrantes do grupo não há nada de errado na tecnologia quando esta manipula outros seres, expondo a face criadora e modificadora do homem, já que esta é sua “natureza”, a ação danosa se dá quando se prejudica a expressão ou desenvolvimento das outras espécies. Mas, onde se assegura um ou outro acontecimento? O que garante o caráter “honesto”, “bem-sucedido” ou “correto” desse processo? Em um suposto e simplório maniqueísmo pautado em boas ou más intenções?

Seria conveniente assinalar que ao problematizar possíveis efeitos do ideal eugênico não é preciso sequer pensar em termos de proatividade (antecipando e agindo aos acontecimentos antes mesmo da sua ocorrência), a extensão de um procedimento eugênico pode se manifestar - e, com efeito frequentemente assim o é - na passividade, abandono ou descaso frente aqueles que não correspondem, não têm condições ou não são considerados dignos de serem abarcados pelo seu raio de atuação. Esses são abandonados a um extermínio mais ou menos clandestino, sem a necessidade efetiva de uma clara política de eugenia. Foucault (2002a, p. 306), a esse respeito irá dizer: “por tirar a vida não entendo simplesmente o assassinio direto, mas também

tudo o que pode ser assassínio indireto: o fato de expor à morte ou pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc.”

No grupo uma voz se “levanta”:

- Mas pra isso precisa de dinheiro, e os pobres? Como vai ficar? Esses não vão poder passar nada para os filhos (de vantagens genéticas), ainda que tenha, não tem dinheiro para pagar.

O que impediria tal processo, uma vez que muitos tendem a igualar o direito dos progenitores passarem à progênie suas melhores habilidades (supostas vantagens) genéticas selecionáveis ao direito já constituído dos filhos herdarem os bens materiais, isto é, ao fato usual de que se os filhos herdarem a riqueza dos pais, por que seria ilícito herdar também as disposições genéticas passíveis de serem (re) programadas para herdarem? Discriminação financeira, dirão alguns, moralismo barato, dirão outros, mas acessível para os que podem adquirir e, pode-se afirmar, maior liberdade de decisão para estes que podem se contemplar.

No âmago dos saberes biotecnológicos habita um desejo de conduzir o processo evolutivo, manejando as informações genéticas. O mapeamento genético, conduzido pelo programa do genoma humano, é emblemático dessa vontade deísta de subjugar a natureza, as doenças, o envelhecimento e a própria morte. Não há mais necessidade ou justificativa para se submeter ao estado lento, aleatório e incerto dos arcaicos processos pedagógicos, culturais ou naturais que até então controlavam o desenvolvimento do ser humano. Uma mudança radical é prevista pelos saberes biotecnológicos, a intervenção direta nos substratos genéticos, que responderia pela determinação de todas as características humanas.

De acordo com Rifkin (1999) o mapeamento do genoma humano, a crescente habilidade de detectar doenças e distúrbios genéticos, as novas tecnologias reprodutoras e técnicas de manipulação genética compõem uma das matrizes operacionais do século biotecnológico, estabelecendo o fundamento técnico para uma civilização eugênica comercial. Estes acontecimentos tornam possível a programação, reconfiguração da espécie humana e o seu conseqüente direcionamento evolutivo. E, certamente ofertado como opção de consumo, em breve disponível em mercados potencialmente lucrativos (RIFKIN, 1999). Acontecimentos que transcendem, talvez, as

expectativas de uma sociedade eugênica conforme proposta por seus idealizadores.

Substituindo as técnicas sociais ou naturais, potencialmente falhas, seria possível reprogramar o código genético humano, iniciando uma história para além do natural e humano. O homem, capaz de dominar a natureza e vergá-la diante de si, agora intenta substituí-la, tornando-a passível de recriação. O projeto Genoma Humano⁴⁵ é a base para a consecução desse desejo e consiste em um esforço globalizado de decifrar toda a base genética constitutiva do ser humano.

Dispondo de tais dados, o passo seguinte é a manipulação: corrigir eventuais problemas, prevenir aqueles indicados como tendências probabilísticas e praticar outros ajustes e melhorias específicas, de acordo com as preferências do consumidor. (SIBILIA, 2002, p. 124)

Na atualidade, com o advento da manipulação genética, a vida, percebida como um campo de abertura, sofre⁴⁶ um novo impulso expansivo, ampliando, aparentemente, seu horizonte de possibilidades (biopoder?). Mas, esse ganho extensivo de seu espectro de abrangência produz um paradoxo,

⁴⁵ O Projeto Genoma Humano (PGH) é um empreendimento internacional, constituindo uma das linhas de pesquisa mais atuais no mundo todo. A tecnologia para este tipo de estudo se desenvolveu rapidamente facilitando a abertura de uma infindável série de laboratórios e a atuação de pesquisadores em diversos países. A década de 80 marca o início das discussões sobre a possibilidade e a importância de mapear o genoma humano, ou seja, identificar quais as bases de formação dos genes. Entretanto, com o rápido desenvolvimento da tecnologia nesta área, na metade da década de 90 foi possível mais que isso. Idealizado para durar 15 anos, a proposta inicial avançou para determinar a sequência dos genes humanos. O trabalho em torno do genoma humano era, a princípio, centralizado em uma linha única de estudos até que, em 1998, o biólogo Craig Venter fundou a empresa *Celera Genomics*, o que significou uma concorrência privada para um projeto público. A empresa utilizou os dados que o PGH divulgava livremente em seu *site* na *Internet*, podendo, desta forma, começar a sua pesquisa já respaldada pelo resultado dos outros cientistas. A princípio, a *Celera Genomics* tinha a intenção de "guardar" a descoberta, o contrário do desejo do consórcio público PGH que era abrir o sequenciamento de genes humanos para o estudo de qualquer pesquisador. Em abril de 2003, o grupo constituído pelo consórcio internacional do PGH anunciou o fim do sequenciamento, empreendimento que custou quase US\$ 4 bilhões e apresentou o resultado de que o ser humano tem mais de 3 bilhões de bases genéticas. O mais surpreendente da descoberta foi o número de genes: de 30 a 40 mil, sendo que o esperado era o de pelo menos 100 mil deles. FONTE: www.noticias.universia.com.br/ciencia-tecnologia/noticia/uma-estoria-do-genoma.html

⁴⁶ Sofrer no sentido não apenas de ser acometida mas também de sofrimento, de padecimento.

pois amplia e, ao mesmo tempo, reduz esse espaço. Por basear-se em uma proposta de padronização das diferenças, ao possibilitar a erradicação de todos os males que afligem o ser humano, termina por possibilitar um acesso que tenderá à produção de propriedades biológicas formatadas diretamente por meio da intervenção genética. Como afirma Sibia (2002, p. 124),

O fundamento de tais projetos era o fato de os homens nascerem “ainda incompletos”, abrindo espaço para as infinitas possibilidades contidas em um futuro felizmente indeterminado, uma folha em branco preta de surpresas. A partir da base constituída pelo substrato biológico, seu fundamento “natural”, o homem podia ser construído, esculpido, polido, retocado.

Isso significa afirmar, em outras palavras, que ao pretender curar as doenças utilizando as técnicas da engenharia genética para erradicar todo e qualquer mal que aflige o ser humano, estará exterminando também com as contingências, fator de variabilidade que, até o presente momento, serviu para compor parte das características definidoras da vida.

Investido de uma autoridade, outorgado pela sua filiação científica, esta linha discursiva das biotecnologias confere um poder político estratégico. É este poder, de uma utilização política, que lhe concede um valor indubitável no discurso da vida. E ao mesmo tempo, é a possibilidade de apreender em seu discurso à vida, que lhe confere respectivamente uma significância política incontestável. Assim, mais uma vez pode-se perceber o jogo de poderes que se evocam mutuamente no campo das biotecnologias.

O movimento eugênico pretendia oferecer uma explicação científica de suas razões, uma nova racionalidade explicativa que se impunha para os problemas sociais e econômicos. Uma única mensagem se propagava: é preciso erradicar os tipos biológicos inferiores para permitir um irrestrito desenvolvimento da raça humana superior. Nessa linha discursiva, o ideal eugênico sempre contou, em suas fileiras, com a colaboração (manipulada, talvez, para atender os objetivos dos eugenistas) da genética e adesão de vários geneticistas.

Se, no passado o movimento eugênico precisava contar com o recurso da esterilização, hoje basta, por meio da manipulação genética, induzir

determinados padrões genéticos característicos. “Atualmente, os cientistas estão desenvolvendo um poderoso conjunto de ferramentas jamais imaginadas para manipular o mundo biológico” (RIFKIN, 1999, p. 134). Por princípio operacional, estas ferramentas constituem dispositivos potencialmente eugênicos, uma vez que as alterações genéticas pretendidas pressupõem o estabelecimento do que seja gene desejado e indesejado, vantajoso e desvantajoso ou os que devem ser preservados ou suprimidos (para o bem de um aprimoramento genético). Assim, alguns pesquisadores da área genética se preocupam com a possibilidade de um retorno do movimento eugênico como ocorreu nos Estados Unidos da América, na Europa e no Brasil, agora impulsionados pelas ofertas de mercado e atendendo ao desejo (produzido) dos consumidores.

No filme *Gattaca*, o casal de protagonistas determina sua relação e a probabilidade de vir a ter descendentes ao cariótipo (conjunto individual de cromossomas) que cada um é, obrigatoriamente, portador. Ou seja, a possibilidade de escolha dos companheiros e filhos está condicionada ao genótipo que possuem, registrando em documento jurídico as tendências à manifestação de doenças, os fatores de risco e proteção individuais. Ficção? Talvez não, uma vez que semelhante procedimento (que pretende proteger a descendência de doenças constituídas geneticamente) já foi tentado em povos que apresentam menor grau de variação genética e, portanto, teoricamente mais predispostos a doenças genéticas, como os israelitas. Parte da própria comunidade israelita incentivou, em determinado momento, a triagem de doenças com alto grau de prevalência entre si, disponibilizando os resultados “em uma base de dados facilmente acessível, de forma que eles possam escolher seus cônjuges tendo em mente o genótipo”⁴⁷. (RIFKIN, 1999 p. 142)

Outro exemplo, dessa vez com maiores dolos, foi a submissão compulsória da população negra de alguns estados norte-americanos à detecção e rastreamento do gene para portadores de células da anemia falciforme. Além de alguns portadores vestigiais não serem informados que

⁴⁷ Mas, é preciso lembrar que este procedimento, contestado por parte da própria comunidade israelita, foi por muitos considerado um exemplo de rastreamento genético bem sucedido.

não apresentavam a doença, os que apresentavam vestígio e foram informados sofreram discriminações, sendo considerados impróprios para casarem, se empregarem e terem filhos em suas comunidades de origem. O programa fora tão mal concebido que se acredita ter sido esta a sua intenção: desencorajar a população negra a ter filhos. (BRITISH MEDICAL ASSOCIATION, 1992)

Ainda que estas propostas se configurem em um acontecimento local, constituindo-se na verdade em exemplos bem específicos, nada impede, conforme observou o grupo, que as pessoas venham a querer no futuro que os companheiros se submetam a inventariar seus genes antes de se compromissarem e terem filhos.

Mesmo que não se alie ao pensamento de uma intervenção genética compulsória e preventiva em sua prole, os progenitores, podendo optar e executar tal artifício, submeteriam a saúde dos filhos à aleatoriedade ou se certificariam da sua higidez e adequação salutar por meio de uma programação genética pertinente? E, se não o fizessem, seriam culpabilizados por não evitarem doenças ou defeitos passíveis de intervenção genética?

Produzindo as alterações desejáveis, o somatório dessas intervenções possibilitará que se possa decidir que características genéticas do ser humano devem ter continuidade e quais devem ser suprimidas, oportunizando a destinação controlada do que venha a ser o humano no futuro. Isto tudo suscita questões discutidas no grupo, que já começam a se insinuar na seara jurídica quanto às obrigações e responsabilidades legais dos genitores em particular e da sociedade de modo geral.

- Será que vai chegar um dia em que se o filho nascer doente a gente vai ser processado? (e por quem, seria interessante interrogar, pelo(s) filho(s), pelo Estado ou pela sociedade na figura de um procurador público?)

É preciso, nesse momento, aludir ao fato de que, por mais que comentários e argumentos se tenham produzidos sobre este tema, várias questões referentes às implicações éticas e políticas (às quais voltaremos adiante) não foram “devidamente” aprofundadas pelo grupo. Algumas questões ficaram à margem dos debates sobre o fato de se tomar ciência antecipadamente de doenças irreversíveis por meio de diagnóstico genético pré-natal: não se observou, por exemplo, em relação à vontade de submeter um embrião/feto ao diagnóstico, os pais podem ou não, ao permitir “vingar”

um nascimento, arcar com os custos elevados de tratamento que determinadas enfermidades crônicas exigem; ou se poderiam optar pelo diagnóstico, considerando ser injusto submeter outros filhos à necessidade de cuidados intensivos de um irmão portador de uma doença que o torne dependente. E, quanto ao diagnóstico de doenças de manifestação tardia: um diagnóstico precoce favorece uma possível recorrência em futuros filhos e podem ainda informar outros membros da família sobre eventuais possibilidades de serem portadores. Pode, ainda, ajudar os pais a adequarem e se prepararem para se ajustar devidamente às necessidades de mudanças decorrentes da doença.

E quanto aos próprios filhos, que tomam ciência da possibilidade de virem a desenvolver doenças tardias, muitas questões também pairam e não foram abordadas pelo grupo: os pais devem informar aos filhos que sofrerão de uma doença incurável? Pode ser que preferissem não saber, mas como saber se não for informado antes? Os que tomarem ciência de que não possuem uma doença devastadora de desenvolvimento tardio sentirão alívio imediato e os que tiverem confirmado serem portadores enfrentarão os piores temores. Enfim, faltou ir além de se interrogar se é ou não lícito proceder ao diagnóstico de enfermidades incuráveis.

Estão alterando-se as possibilidades de existência ou outras existências possíveis se anunciam no século das biotecnologias? A igualdade e progresso estão se estendendo a todos ou estão se redefinindo seus critérios de utilidades? São as concepções sobre a natureza ou a própria natureza que estão se modificando e não seriam talvez ambas as mesmas coisas? A engenharia genética é uma nova prática ou (re)atualização de práticas (travestidas em novas roupagens) que não nos abandonaram? Afinal, há convocações ao pensamento (ou provocações) onde os processos e dispositivos apresentam-se com pretensão hegemônica?

Poder-se-ia aqui estar se afirmando uma tendência no grupo a se desviar destas questões éticas e políticas implicadas nas propostas das biotecnologias? Mas o tema não surgiu, embora apresentando algumas contradições expressas em falas dissonantes (conforme foi exposto), do próprio grupo? Talvez não se possa responder a estas questões sem considerarmos os sentidos ou cenários possíveis que se colocam diante das

mudanças corporais viabilizadas pelas biotecnologias e engenharia genética, e que, de certa forma, impactaram o grupo.

6.2 O CORPO EXPANDIDO

Nunca o homem se viu ou teve a sua disposição tantos artefatos tecnológicos para incorporar ao corpo orgânico. Embora tenhamos uma longa tradição de aparelhos corretores, próteses⁴⁸, órteses⁴⁹ e mecanismos de aperfeiçoamento, otimização e automação, o corpo hoje transcende os limites imaginados. Temos uma nova composição e imbricação de biologia e tecnologia que expande as fronteiras do corpo e no extremo inaugura um novo conceito ou possibilidade de corporeidade, aumentando o hibridismo corpo-máquina em múltiplas formas jamais pensadas.

Nesse cenário, um conceito que já se anuncia insidiosamente é o de parabióse, significando a interação do organismo com a máquina, união anatômica do artefato com a fisiologia. “O acoplamento parabiótico traria conseqüências filosóficas que já vêm sendo discutidas há algum tempo. Entre elas figuram a reforma do nosso próprio conceito de ser humano, de conhecimento, de corpo e de subjetividade.” (TEIXEIRA, 2011, p. 36)

Não somos e, provavelmente, nunca fomos apenas um ser biológico; somos produtos da interseção de variados processos – cultural, social, político e econômico, enfim processos históricos. Entre outras características constitutivas, o homem se distingue por mudar e recombinar os elementos naturais e na produção de utensílios que afetam seu modo de existência. Se a produção de artefatos sempre esteve presente na história do homem, servindo-lhe de instrumento para alterar a realidade natural, pode-se afirmar então que a história, a realidade e a trajetória do homem nunca foram naturais. Atravessada por estes artifícios, a vida torna-se artificial, não existindo no homem nenhum mundo real, só artificial.

⁴⁸ Qualquer aparelho que auxilie ou aumente uma função natural. (FERREIRA, 1998)

⁴⁹ Peça ou aparelho de correção e/ou complementação dos membros ou órgãos.

Formamos e somos formados pela tecnologia. A tecnologia é constitutiva do ser humano. Segundo Guimarães:

Desde o início, o processo evolutivo humano esteve marcado por um crescente poder de disposição técnica sobre as condições ambientais. Isto é, o homem supera as inadequações e insuficiências de sua morfologia ao converter as circunstâncias perigosas da natureza. (2008, p. 16)

A tecnologia transmutou-se em natureza no homem, operando mudanças na sua subjetividade. Desvincular nossa história da tecnologia equivaleria a construir outra linha evolutiva do homem. As produções das biotecnologias infiltraram-se por toda rede social, com maiores e menores graus de penetração, constituindo relações cada vez mais flexíveis nos modos de vida e tornando-se mais atuante, com seus dispositivos alimentados de forma permanente pelos saberes constituídos pelas tecnociências. O seu alcance foi ampliado e espalhou-se por todas as dimensões da existência humana, operando cada vez mais imbricações com dispositivos e artefatos corporais (e de prazer).

É visível o poder e atração exercidos pelas biotecnologias. Em seu nome, são validadas proposições que assumem um valor de verdade irrefutável. O filme *Frankeinstein: a clonagem humana*, por exemplo, comparativamente aos outros já assistidos, despertou um fascínio pelas descobertas e promessas biotecnológicas. Por ser um vídeo documentário e com uma abordagem científica dos acontecimentos, houve uma aceitação e crença constituídas de forma profunda nas pessoas que participaram deste encontro.

- Se não vamos nos beneficiar dessas descobertas, pelo menos nossos netos já vão contar com elas.

- A ciência é muito importante na vida. Tem que ter mais pesquisas sobre isso. (os prováveis benefícios à saúde por meio dos recursos biotecnológicos)

- Tudo isso é fantástico, devíamos assistir mais filmes deste tipo.

Essas observações predominaram nas discussões após o filme, que apresentou considerações de cientistas e pesquisadores ligados às áreas das

biotecnologias. Embora colocado como pretensões futuras e, na maior parte das vezes, não disponíveis para todos da mesma forma, a leitura feita sobre as propostas das biotecnologias tenderam a ser interpretadas como um cenário possível de uso, sem discriminações e impedimentos de ordem social ou financeira⁵⁰.

As questões referentes à ética, implicações e desdobramentos possíveis (os usos possíveis) destas tecnologias não foram abordadas pelo grupo, conquanto tivessem sido apresentadas e discutidas extensamente no documentário. É como se não houvesse vontade de se defrontar com esta temática – os efeitos não facilmente passíveis de controle - e não tivessem registrado esta dimensão enfocada pelo filme.

Talvez, aqueles que não se engajem nos projetos das biotecnologias sejam tidos como primitivos, inferiores, atrasados e aquém do tempo, defasados, relutantes em seguir o fluxo do progresso. Como afirma Bauman (2001, p. 66), “em nossos tempos modernos, com Deus em prolongado afastamento, a tarefa de projetar e servir à ordem cabe aos seres humanos”. Cabe, talvez, às biotecnologias circunscrever as alternativas e trajetórias da evolução humana e do envelhecimento. O corpo tornou-se um lugar de experimentações: em um mundo cheio de oportunidades, cada uma mais apetitosa e atraente que a outra, cada uma compensando a anterior, e preparando o terreno para a mudança seguinte, viver torna-se uma experiência divertida. Cenário para um mundo fundado em promessas de instantaneidades incessantes e perenes, transformando cada momento em uma oportunidade de vivências ilimitadas, em que tudo pode ser experimentado a qualquer momento, sem a necessidade de se preocupar com o tempo de aparecimento, maturação e experimentação dos eventos e tão pouco com a brevidade e fugacidade destes acontecimentos. (BAUMAN, 2001)

Existe uma crença (eufórica) de que um novo horizonte se descortina e a ciência médica é a precursora de maravilhas tecnológicas que estarão por vir. Os artifícios capazes de gerar órgãos artificiais como coração, rins,

⁵⁰ Devemos lembrar que este acontecimento, não elaborar uma crítica sobre a discriminação e os fatores de impedimentos, diz respeito ao momento em particular vivido no citado filme documentário. Mas, paradoxalmente vieram à tona ao se assistir, anteriormente, o filme dramático *Gattaca*, resultando nas análises referentes à eugenia; o que aponta, talvez, para os diferentes graus ou modos de afetação diante de um filme documentário e outro dramático, conforme já aludido em outro momento desta tese.

fígados, pele, sangue e outros já são anunciados entusiasticamente pelas mídias. Há também, tão alardeado quanto, o desenvolvimento de órgãos derivados de nossos próprios tecidos (clonagem) e que servirão, eventualmente, como repositórios naturais. Ambos os processos preconizam os “auspiciosos” tempos de possibilidades “impensáveis” que despontam.

- *Há um mundo de maravilhas que virá no futuro.* (Comentário de uma participante do grupo acreditando nas promessas extraordinárias reservadas ao futuro pelas biotecnologias)

No documentário da BBC filmes *Visões do futuro: a revolução da inteligência*, o apresentador afirma as seguintes sentenças, preparando o espectador, para a importância dos temas a serem abordados no filme: - “Descobrimos o segredo da matéria, o átomo; revelamos a molécula da vida, o DNA; e criamos a inteligência artificial, o computador”; - “A descoberta das leis da natureza no século XX abrirá possibilidades sem paralelo para o século XXI”; - “Estamos fazendo a transição histórica da era da descoberta para a era do domínio científico em que poderemos manipular e moldar a natureza praticamente como quisermos”. E termina, acrescentando: - “Eu vou lhes mostrar como a ciência transforma nossas vidas rápida e radicalmente e que isto irá nos confrontar com profundas mudanças e escolhas, tão profundas que precisamos começar a pensar nelas agora” (KAKU, 2009). Difícil não se render a tão poderosos e persuasivos argumentos e não por acaso, no grupo assim se procedeu.

A circulação e dispersão dos saberes científicos por meio das mídias ocupam um lugar estratégico no processo de centralização das questões corporais na atualidade. Fazendo circular concepções sobre o corpo e o lugar que este deve ocupar no envelhecimento, as mídias configuram-se em espaços privilegiados na produção de subjetividades. As mídias operam formações de sentidos, por meio de discursos construtores de modos de viver. Não se constituem em meros veículos de informações apresentadas em um discurso zeloso, prudente e desinteressado, mas sim como produtoras de modos de subjetivação, uma vez que os sujeitos são efeitos de discursos e de práticas, que formam, entre outras, as noções de corpo e envelhecimento.

Quais cenários estarão aqui se despontando nessas produções? O que se anuncia como possibilidade, mas não é aprofundado diante da embriaguês sorvida na e pela ciência. Talvez algo como as seguintes falas reveladoras:

- *Vamos todos nos tornar robôs.*

Ou então,

- *os robôs tomarão nosso lugar.*

Interessante comentário e que vale a pena deter-se temporariamente e aprofundarmos em seus sentidos possíveis. Passos (1999, p. 68) identifica uma tendência contemporânea a atribuir, a respeito das máquinas inteligentes, capacidades que simulariam a do próprio sujeito cognoscente: “busca-se definir a dimensão subjetiva da máquina, de modo que já não se pode admitir uma fronteira tão estrita entre o subjetivo e o mecânico.”

Este desenvolvimento tecnológico prenuncia duas orientações possíveis: o surgimento de máquinas inteligentes e autônomas, a chamada inteligência artificial, propondo, talvez, a substituição da própria humanidade. Um cenário onde o homem poderá ser destituído pela sua própria progênie artificial, como porventura, o homem tenha feito com o conceito (destronado) de Deus, tornando-se a criatura que ocupou o lugar de criador.

Conforme afirma Brenton (2003), a partir do próximo século (XXI) as máquinas se tornarão entidades complexas para em seguida transcender tudo o que conhecemos. Livres das pesadas coerções biológicas, esses filhos de nosso espírito poderão enfrentar os grandes desafios do universo. Buscarão sua própria fortuna, enquanto seus velhos criadores se extinguirão docilmente. As máquinas inteligentes e autônomas saberão garantir seu sustento, seu aperfeiçoamento, sua reprodução, indiferentes à humanidade destinada ao desuso. Nosso DNA se verá sem função, terá perdido a corrida pela evolução, em proveito de uma nova forma de competição.

Um movimento, portanto, de aprimoramento da máquina em direção a uma configuração e funcionamento humanóide, com o desenvolvimento de autômatos imperceptivelmente, talvez, semelhante a nós. Mas, em outra direção vê-se o desenvolvimento e aprimoramento de equipamentos técnicos disponíveis ao corpo orgânico (parabiose), potencializando seu desempenho.

O próprio conceito de cultura genética, que, ao longo da história do pensamento, procurou opor-se à idéia de natureza, tende hoje a se dissolver e dar lugar aos “objetos” técnicos. Tudo caminha – principalmente o corpo – para o artifício. Ou melhor, observamos o início de uma substituição do Ser e de suas experiências de vida – isto é, da antiga relação, em nós, da natureza e do espírito (espírito entendido como inteligência, *potência de transformação*) – por mecanismos implantados em nós.” [grifo do autor] (NOVAES, 2003, p. 8)

Seria cativante indagar sobre o ponto (indeterminado) de encontro dessas duas criaturas – o homem máquina cibernética e o robô biológico ou humano. Em algum momento-lugar da evolução (meio, final, interstício?) se encontrariam duas formas evoluídas a partir do homem, um andróide e um ciborgue, ambos “aprimoramento máximo” da criação tecnológica. Qual dentre as duas formas preponderaria? Exercício de ficção? Talvez, mas convenhamos, plausível. Indagações pertinentes, uma vez que, para alguns evolucionistas é impossível haver um compartilhamento de duas espécies inteligentes habitando o planeta ao mesmo tempo⁵¹.

A máquina é seu corpo, seu corpo é a máquina. O corpo e máquina assumem correlações ambivalentes. Por um lado, apresenta-se como relação de analogia, servindo como útil vetor estratégico para a discursividade biotecnológica. E, por outro, como instância primeira (porque o corpo é primaz) e última (porque é condição de superação) deve ser superado, paradoxo que impressiona pelo plano de dissimulação ao mesmo tempo pela clareza com que se revela. É sempre do corpo de que se trata, de sua utilidade, repartição e distribuição. O corpo é um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e ordenado para determinadas necessidades. (FOUCAULT, 2004)

O corpo coloca um (vários, na verdade) problema e uma solução estratégica ao mesmo tempo: a materialização e a concretude que lhe conferem atributos poucos afins à modelagem é também território para uma

⁵¹ Para alguns cientistas que estudam a evolução da espécie humana e suas diversas formas de homínídeos surgidas no decorrer do processo evolutivo, esse acontecimento já teria ocorrido no passado quando de um provável encontro entre as espécies Neanderthal e Cro-magnon (que somos nós), sendo a espécie Cro-magnon aquela que predominou nesse encontro, extinguindo, por consequência os Neanderthais (embora, em teoria divergente, para outros cientistas, teria havido na verdade uma miscigenação entre as duas espécies).

empreitada de “plasticidade”, de tentativa de moldá-lo e, uma vez “bem-sucedida”, torna-se exemplo propagador das efetivas possibilidades de intervenção em um plano aparentemente por demais “duro”. O corpo é um ótimo “marketeiro” para as biotecnologias, verdadeiro valor de auto-referência.

Maravilha da tecnologia e território “definitivamente” ocupado, o corpo, espaço da existência humana deslumbra-se em sua eficiência (ou proficiência) de corpo-máquina⁵², permitindo, inclusive, desvencilhar-se dos limites biológicos. Mas, o “espírito” da tecnologia e os genes não compartilham necessariamente objetivos comuns, não correspondem apropriadamente às mesmas demandas e exigências da evolução tecnológica, derradeiro entrave que necessita ser erradicado. Para compensar o ritmo lento da natureza, novos territórios precisam ser encontrados, criados e ocupados com o objetivo de acelerar as transformações exigidas pelo mundo (mercado) contemporâneo.

A informática surge, nesse cenário, como condição estratégica, possibilitando, por exemplo, o empreendimento de mapeamento genético, do programa genoma, dos cálculos e combinações probabilísticas, dispositivo sem o qual não seria talvez possível equacionar as constantes e variáveis genéticas. A informática é o acesso ao corpo e é, ao mesmo tempo, o corpo da informática um meio de deslocamento dos sentidos operados ao corpo na atualidade.

Corpo prodigioso da informática, à altura dos desafios contemporâneos, capaz de abrigar as exigências e o espírito de um mundo fluido. O computador e o seu definitivo consórcio, a internet, significam a libertação das restrições espaciais, temporais, de identidades, das formas e, no extremo, do biológico.

Nessa dimensão, o corpo adquire um estranho anacronismo, como lugar perecível que se deve transcender. Caminha-se, nessa formulação, para um renascimento do cartesianismo⁵³, dissociando corpo – *hardware* - e mente -

⁵² Mais adiante, esta temática do corpo-máquina será retomada em outras direções que se estabeleceram no grupo.

⁵³ Doutrina de René Descartes, filósofo, matemático e físico francês (1596-1650), e de seus seguidores, caracterizada pelo racionalismo, pela consideração do problema do método como garantia da obtenção da verdade, e pelo dualismo metafísico, em que mente e matéria são compreendidas como realidades distintas. (FERREIRA, Aurélio, 1998)

*software*⁵⁴. O primeiro consistindo apenas em um receptáculo indistinto contendo o segundo. O corpo assume facilmente (e paradoxalmente) um lugar privilegiado (e ao mesmo tempo defasado) para deslocamentos de tecnologias.

Assim como dados informatizados podem ser facilmente transferidos de um computador a outro, logo chegaremos, com a mesma facilidade, a transferir o espírito humano para a máquina. O transplante do cérebro em um corpo robótico, mas constituído de material biológico, liberaria o homem de seus entraves físicos. (BRETON, 2003, p. 127)

Porém, para a apreensão de muitos, a organicidade insiste em sua materialidade, no seu parentesco com a finitude, o imprevisível, a diversidade e a imperfeição. E é justamente esse corpo-matéria, imperfeito, perecível e limitado que a biotecnologia propõe recriar, desviando dos limites da organicidade. Herdeira do dualismo e cisma cartesiano, esquiva-se da própria vida em busca de uma pura e intangível essência, localizada na consciência. Uma forma de existência sem a presença incômoda do corpo, pensada apenas como puro pensamento.

Nessa linha de raciocínio, a vida fincada em sua organicidade apresenta-se como limitada. Como se à vida fosse possível dispensar o corpo orgânico. Mas o pensamento está fincando em um corpo. E constitui-se efeito das interações com o mundo: o ambiente, incertezas, ambigüidades, dúvidas, sofrimento e conflitos formam uma imbricação entre o pensar e o corpo em experimentações vinculadas inextricavelmente ao corpo orgânico. Mas, “pensar o pensamento” associado às suas deficiências não tem boa repercussão no mundo da ciência e das biotecnologias.

O corpo incorpora o pensamento e, talvez, seja impossível pensar sem o corpo. O pensamento existe em um corpo e este corpo existe em um mundo. As biotecnologias, em uma vertente de expansão e reformulação da vida, pretendem recriar a inteligência pensante, mas consegue apenas algum resultado positivo nas atividades mentais ligadas à forma de pensamento lógico-binário (da informática). No campo das sensações psicofísicas (e da criatividade, pode-se acrescentar), os sucessos resistem às variadas tentativas

⁵⁴ Ainda que se torne necessário, nestes termos, definir o que seja corpo e mente, operação delicada em que a Filosofia e a Psicologia, entre outras disciplinas do conhecimento humano, se debatem intensa e extensamente sem resultados satisfatórios.

de apreender seu sentido e funcionalidade. Como afirma Sibilía (2002, p. 103-104):

Por isso as ambições da inteligência artificial costumam soar absurdamente ingênuas, pois focalizam apenas aquela fração das atividades mentais que podem ser quantificadas: o cálculo, as abstrações, o raciocínio lógico, aqueles aspectos nos quais os computadores há muito tempo “ultrapassaram” os humanos. Já no terreno das emoções, sentimentos, sensações e paixões, a tecnociência só tem registrado fracassos na hora de imitá-las.

Mas os defensores dessa formulação acreditam que isto não se constitui em um problema, seria mesmo a solução, pois o que se deseja é abster o pensamento da influência do confuso mundo dos afetos, emoções e sentimentos humanos, resquícios da organicidade que transtornam e atrapalham o pensamento puramente racional.

Poderia o pensamento prescindir de sua dimensão irracional? Ou seria esta uma especificidade constitutiva e atributo de vigor ao pensamento humano? Na produção dos novos saberes biotecnológicos, existe (conforme aludimos anteriormente) o desejo explícito e ambicioso de controlar as contingências da vida e o próprio futuro da humanidade.

O projeto Genoma Humano constitui-se exatamente no esforço conjunto de toda uma comunidade de cientista de mapear os códigos da existência humana, permitindo (ou prometendo) prevenir, corrigir, aprimorar ou erradicar as doenças, o envelhecimento e a própria morte. O projeto genoma permitiria obter todas as informações necessárias ao exercício destas funções. As forças evolutivas, conforme formulada por Darwin, mostram-se passíveis de controle. Proeza épica das biotecnologias e, agora ou em um futuro próximo, acessível em um mercado que produzirá a sua demanda de consumo. “Com o nosso recém-descoberto poder de manipular o código genético da vida, abrimos uma nova perspectiva de possibilidades ilimitadas” (RIFKIN, 1999, p. 37).

A lentidão e imprecisão da formação humana, responsáveis por algumas das características humanas, podem ser abolidas. Não é preciso mais se submeter ou se restringir aos imperativos do tempo. Uma nova formação dos corpos e da subjetividade se insinua com alto poder persuasivo:

substituindo as técnicas lentas do disciplinamento e controle social, a engenharia genética anuncia-se como capaz de obter aquilo que se intentou historicamente por séculos como processo político, econômico e social: reformar ou reformular o ser humano (por meio de outras técnicas de controle).

Uma vez definindo as distinções do ser humano como atributo dos genes, o comportamento passa a ser função da herança genética. Em decorrência, o social também deve render tributo e se curvar a essa filiação. Se a atividade humana, em todos os seus níveis, dimensões e ocorrências é determinada por sua constituição genética, então, logicamente para mudar uma situação ou acontecimento social, é preciso antes alterar também os genes, primazia definitiva da hereditariedade.

Sociobiólogos e outros que partilham suas crenças argumentam que tentar corrigir o sistema econômico e social é, na melhor das hipóteses, um paliativo e, na pior, uma inutilidade. Em sua opinião, a explicação para boa parte do comportamento social deve ser buscada na genética. (RIFKIN, 1999, p. 161)

Os genes seriam, nessa perspectiva e em última análise, os responsáveis pelo comportamento social. Para intentar uma mudança social seria preciso alterar o gene, individual e de muitos. Certamente, intervenções genéticas realizadas no feto poderiam curar doenças antes mesmo de se manifestar, evitando sofrimentos e evidenciando os possíveis benefícios da engenharia genética. Mas, o que não se coloca, ao menos com tanta ênfase quanto as divulgações otimista das mídias, são o controle e discriminação social passíveis também por intermédio dessas ações, em um processo já chamado por alguns de genocracia, significando a criação de benefícios geneticamente estruturados.

Os acontecimentos da produção digital, eletrônica, genética e da informática propõem reorganizar a existência do homem, expandindo suas potencialidades. Esquadrinhando o corpo em sua dimensão interna, por meio do projeto genoma, exames de imagem e nanotecnologia⁵⁵, promovem o seu “aprofundamento”. Expandindo os limites do corpo, onde a dimensão física

⁵⁵ Ciência que projeta e desenvolve produtos tecnológicos com base em escalas moleculares ou sub atômicas - nanômetros - onde 1 milímetro equivale a 1 milhão de nanos.

não é mais um limite, plugando-o na *internet*, dissolvendo o limite/fronteira dos espaços e distâncias, intenta-se conectá-lo instantaneamente “a todos e a tudo”. E, talvez o mais assustador, pretendendo o controle destes corpos, por meio de artefatos que controlam informações como seus movimentos e deslocamentos, mudanças e transformações, além dos seus dados biológicos, frequência cardíaca, temperatura, pressão e etc. Controlar o ambiente onde o homem se insere (veja a proliferação das microcâmaras em todos os lugares e ambientes onde o homem se encontra ou será capaz de se encontrar) é controlar o próprio homem.

O controle se dá, agora, em um sistema aberto, conforme Deleuze descreve no *Post-scriptum sobre as sociedades de controle* (1992), livre para se executar escolhas, operando uma maior produção de nuances colonizáveis ao controle. Não importa tanto mais modelar o corpo/comportamento, mas sim expandi-lo em inúmeras possibilidades de modulação. As biotecnologias/o biopoder/a biopolítica dividem o indivíduo em sucessivos planos, transformando-os em sujeitos dividuais. Um ganho de expansão no seu raio de ação interventor, operado por meio de um processo estratégico de multiplicação dos corpos e comportamentos, como denuncia uma fala do grupo:

- *Ah, sou velha, mas hoje eu posso muito mais.* (a respeito das atividades que não fazia na juventude e que hoje pode fazer)

Os corpos se traduzem e se transformam, no mundo das biotecnologias, em dispositivos permeáveis pelos quais a informação pode fluir sem barreiras, finalidade incontestada da era digital, como que querendo forçar o corpo para fora do próprio corpo ou além de sua própria organicidade, disponível a integrar ou plugar-se ao mundo como pura realidade virtual. Perde-se a fronteira, que servia de referencial último, do próprio corpo que se decompõe em fluxos de informação. Torna-se um “tele-sistema” informatizado, que permite ser desmontado, deslocado e re combinado, novas reconfigurações da organicidade, da materialidade e, mais incrível, da eternidade do corpo. Um corpo permeável e moldável, sem substância, apenas um padrão de informação. Este é o sonho de muitos pesquisadores e adeptos das biotecnologias.

Há uma visível oferta de imortalidade e superação do espaço físico por meio da virtualização dos corpos. Seja na proposta de transferência da consciência para dispositivos tecnológicos que seria absorvida na “rede”, guardando (arquivando) e preservando o registro das memórias, percepções, sentimentos, conhecimento e identidade; seja dos corpos guardados criogenicamente⁵⁶, esperando (ter esperança de) serem revividos em um futuro próximo, quando já, supostamente, existiria tecnologia para tal empreitada. Cinquepalmi (2010, p. 43-44), autor de artigos e resenhas em periódicos informativo-científicos, afirma que:

A imortalidade existe na natureza [...], cientistas do mundo todo acreditam que nós também podemos ser imortais. E já têm propostas para isso, divididas em duas linhas: remédios feitos para aprimorar nossa defesa contra a morte e inovações tecnológicas que nos tornarão quase robôs. Em cinquenta anos não vai mais existir definição para expectativa de vida. Teremos um controle tão completo do envelhecimento que as pessoas viverão indefinidamente.

As pesquisas biotecnológicas apontam ou aspiram insistentemente para a superação do “obstáculo maior” do homem: a morte. Para ultrapassar a barreira da temporalidade imposta ao homem, as biotecnologias destinam todo um arsenal de pesquisas, visando combater a restrição dessa limitação orgânica.

Nascer, reproduzir e morrer, eis o ciclo de vida. Mas isso seria só por enquanto. A ciência está trabalhando para que ninguém mais morra de velhice. E é possível que ainda dê tempo de nós aproveitarmos essa oferta, afirma Cinquepalmi (2010, p. 42). A imortalidade é outro filão explorado pela mídia na divulgação das descobertas e possibilidades biotecnológicas.

Em um debate suscitado no grupo, afirmou-se que os acontecimentos apenas podem ser vislumbrados, em seus efeitos possíveis, quando se está, de fato, vivendo ou ocupando esse lugar. Só a partir deste ponto, efetivamente surgido, apresentam-se as forças em jogo na sua composição, permitindo apreender estas forças, que se criam e atuam em um território ainda não habitado. Antes apenas podemos ter idéias de modelos prévios, criados em

⁵⁶ Técnica de congelamento que visa preservar o corpo, no todo ou em parte, para em momento oportuno ser revivido, retirado do chamado estado de animação suspensa, recobrando suas funções.

uma virtualidade - na distância - temporal e espacial com o acontecimento. Mas, essa compreensão, perspicaz de alguns integrantes do grupo, não impede de caírem na “armadilha” de determinadas ofertas. É difícil resistir a promessas como a vida eterna, principalmente quando revestidas por argumentações científicas como a abaixo transcrita, prometendo a juventude eterna:

A imortalidade dará a você o corpinho que quiser. Nada de plástica – é que conseguiremos repor tudo o que estiver gasto no corpo. É a perda de células que faz você ter careca e cabelos brancos, por exemplo. Se as repusermos no futuro com injeções de células-tronco, sua cabeleira manterá o viço. Vai dar até para reverter sinais da idade. Nanorrobôs na corrente sanguínea eliminarão toxinas e dejetos que estejam poluindo o corpo. (CINQUEPALMI, 2010, p. 48)

E, ainda mais dificultoso, é constatar que os estudos sobre a extensão desse cenário e seus desdobramentos em termos de novos arranjos sociais são desprezados, não são relevantes o suficiente para alçar o lugar de pesquisas consideradas pertinentes. Indissociavelmente ligado a este panorama que se descortina, temos questões importantes, mas que não são consideradas, como por exemplo: o novo rearranjo familiar suscitado pelo prolongamento da vida ou até pela imortalidade; os impactos sobre o trabalho e o sistema previdenciário; e até mesmo sobre o acúmulo de riqueza, saber, poder e formas de governo.

No filme *Eu, minha mulher e minhas cópias*, assistido após o impactante *Uma prova de amor*⁵⁷, o grupo expõe algumas considerações pertinentes sobre a temática do envelhecimento, as dificuldades da vida contemporânea, o excesso de obrigações e aproximou-se do “inevitável” tema da morte, mas travestido em imortalidade, propiciado pelo mote do filme: uma comédia que narra os acontecimentos e dificuldades na vida familiar de um construtor civil que, em decorrência do excesso da jornada de trabalho, não consegue ter tempo para conviver com sua família e organizar sua vida. Ao trabalhar na reforma de uma clínica de engenharia genética conhece, um

⁵⁷ Após a rejeição inicial ao filme “carregado dramaticamente” *Uma prova de amor* o grupo sugeriu uma comédia para a próxima vez, materializando-se no filme *Eu minha mulher e minhas cópias*.

geneticista que lhe oferece a solução para seus problemas: a clonagem. Assim, o personagem cria, inicialmente, um clone e, mais tarde, outros dois, para auxiliá-los em suas tarefas domésticas e profissionais. Os clones adquirem interesses próprios, diferentes do “original”, acarretando um descontrole sobre os rumos da sua vida.

Depois de assistirmos ao filme, várias colocações foram feitas, algumas desacreditando nas possibilidades de tais acontecimentos e outras na direção de exaltar as promessas mais radicais da clonagem e das células troncos. Aliado a este acontecimento, vivia-se um momento de discussão nacional sobre a legalização de determinadas procedimentos biotecnológicos, discussão esta que foi disparada e complementada por recortes de jornais abordando o tema e trazidos por alguns integrantes do grupo. As reações e falas foram diversas, mas para efeito das análises aqui empreendidas aquelas que dizem respeito à crença na longevidade e extensão da vida merecem atenção:

- *Será que poderemos viver mais de cem anos?*

No que foi completado:

- *E com saúde?*

- *Tão prometendo pra gente que vamos ser velhos sim, mas fortes como na juventude.*

As propostas de prolongamento da vida e imortalidade trarão profundas transformações nos relacionamentos e interações em jogo na sociedade. Mudanças que poderão conduzir ou redefinir a vida. Será que essa celebração pela chegada de novas promessas intensa e extensamente difundidas, em um cenário científico, não intenta produzir um excesso de estímulos, não permitindo a abordagem de outros ângulos e efeitos da questão?

Com esse novo arsenal já em produção, estamos no caminho para a imortalidade do corpo e da mente. Será o fim de uma das maiores buscas do homem. E a primeira era de um novo mundo – no qual a morte deixará de cumprir seu papel. (CINQUEPALMI, 2010, p. 51)

É apenas disso que se trata ou retrata: a celebrada promessa “cumprida” das biotecnologias de, enfim, extinguir o “último desafio” da espécie humana,

a imortalidade. Claro que esse discurso reverbera euforicamente por todos os que têm acesso a ele, conforme colocado por falas como:

- *Quando isso virar realidade, todos os problemas vão desaparecer.*

Desaparecerão como? Por acaso, ao atingirmos um novo lugar, não será apenas e graças a essa nova perspectiva que se revela que enxergaremos questões inusitadas, não aparentes antes justamente porque não estávamos lá, habitando esse lugar para percebê-las? Poderemos deduzir, a partir dessas colocações, que os acontecimentos trazem em seu conjunto sempre novas situações existentes em dimensões que não podemos *a priori* definir inteiramente? Novas dimensões-acontecimentos, talvez, de infortúnios imprevistos? Então, a questão que se apresenta é sabermos se é possível extirparmos da vida essas dimensões-acontecimentos imprevistos ou se são constituintes e inalienáveis ao processo de existência. Se é possível viver uma vida sem entrar em contato com essa dimensão do sofrimento, isolando-o da experiência de estar no mundo.

Existe uma tendência ao transcendentalismo ofertado pelo mundo das biotecnologias. Em sua busca incessante pela superação e ampliação dos limites físicos e orgânicos impostos ao homem pela natureza, a promessa de ausência de doenças e imortalidade é revivida como a supremacia biotecnológica, realizando enfim, o desejo, talvez inconfessável, de comandar o processo evolutivo e acelerar os movimentos lentos da evolução e passivo do organismo. Não conseguindo disfarçar sua ojeriza aos limites da condição orgânica e humana, essas propostas pretendem a liberação do corpo dos constrangimentos desta organicidade.

A curto prazo os benefícios desse extraordinário novo poder são sedutores. Estamos sendo inundados quase diariamente por uma torrente de relatórios da comunidade científica, indústria e governos, que nos contam sobre os grandes avanços reservados para a sociedade no início da revolução biotecnológica. (RIFKIN, 1999, p. 37)

Existe uma clara alusão à melhoria da performance do homem, da natureza e da vida nos discursos das biotecnologias. As biotecnologias propõem-se a recriar, transcender o corpo, agora obsoleto, produzindo novos efeitos de realidade e de subjetividade. A vida é percebida desta forma como

algo a ser corrigido e aprimorado em sua fragilidade e imperfeição, devendo doravante caminhar em direção a sua maior homogeneização possível. Canguilhem (2007) diz que “se delegamos à técnica, mágica ou positiva, a tarefa de restaurar na norma desejada, o organismo afetado pela doença, é porque nada esperamos de bom da natureza por si própria”. (CANGUILHEM, 2007, p. 10)

Uma idéia implícita acompanhando todas estas produções é a de que a vida - e aquilo que poderíamos chamar de mente - pode dispensar o orgânico. Propostas que despotencializam a vida em sua diversidade de expressão, reduzindo-a a uma suposta essência residida em uma molécula de DNA, como determinante exclusivo da vida, e a mente como um simples subproduto ou substrato de conexões cerebrais. São questões profundas, instigantes e complexas, mas permanecem abafadas pela euforia sustentadas nos mercados e mídias do mundo todo. Sennett (2008, p.23) afirma que é “a própria natureza do corpo – necessariamente incoerente e fragmentada – que contribui para gerar direitos e dignificar diferenças” e que “a civilização ocidental não tem respeitado a dignidade dos corpos humanos em sua diferença” (2008, p.23).

Recusando-se a aceitar ou incorporar a experiência do sofrimento como constituinte inevitável da organicidade, acredita-se ser possível erradicá-lo do nosso processo de existência. Negando sua pretensa inevitabilidade e a considerando passível de um controle pleno, por meio da tecnologia, e o mais temeroso, de controle social, nossa sociedade vive imagens idealizadas de corpos perfeitos e sem falhas, sem lugar possível para as diferenças.

Há, para além do que já foi exposto acima, interessantes paradoxos e questões que espreitam todas as ações nesse cenário de expansividade e virtualização dos corpos e foram oportunamente detectados pelo grupo. Se a realidade virtual se apresenta como uma oportunidade para portadores de deficiências motoras, por exemplo, provoca, por outro lado, uma inércia nos demais usuários. A distância perde sua barreira espacial, inscrevendo-se no imediatismo das ações, mas cria-se também um afrouxamento dos laços sociais. Os obstáculos geográficos e temporais são removidos, mas também, mais radicalmente, o do corpo, permitindo uma troca imediata sem o esforço e constrangimentos do contato físico. As incontáveis conversas virtuais, frágeis

e efêmeras, são hoje sintomas de carências do vínculo social, indicando uma sede de contato e, ao mesmo tempo, uma preocupação de preservar-se, de não se comprometer demais (BRETON, 2003). Os entraves físicos do corpo são suprimidos em uma espécie de estreitamento, mas ao mesmo tempo, alargamento das relações interpessoais. Não por acaso uma das maiores queixas do grupo refere-se à dificuldade em manter os vínculos (principalmente intergeracionais) na atualidade.

Equipado com acessórios que permitem contatar todo o mundo sem se deslocar, não há mais precisão do corpo, este em realidade transforma-se em um estorvo à interatividade. As fronteiras que antes separavam os mundos se dissipam em *bites* de informações. À nossa mente e cérebro se identificam o sujeito e ao corpo é delegado um papel meramente secundário, aparato desnecessário à produção de conhecimento. Essa idéia, de experiência “descorporificadora” ou de possibilidade de experiência sem corpo persevera na psicologia e ciências cognitivas. (FERREIRA, 2010)

Abolindo-se as separações e favorecendo o contato o *ciberespaço* liberta os corpos de suas coerções físicas. Um mundo de puras sensações e experimentações encarnadas em múltiplas realidades, em pluralidades de existências possíveis. Dissolvido em informações anônimas, todos os tipos de experiências tornam-se viáveis. “O tempo da conexão abre-se a um mundo descorporificado, sem interioridade, pura superfície. O corpo não se impõe nem mesmo como injunção de identidade, pois a esse respeito todos os jogos são possíveis.” (BRENTON, 2003, p. 131)

Nessa direção, o corpo já não se confunde com a identidade densa e pesada da materialidade, mas como resquício de um passado (inglório) antropológico e dispensável. Constatação de uma forma biológica inadequada às novas necessidades “pós-humanas” é preciso descartar a espessura ou constrangimento imposto pela sua carne que pesa, enraizando-o no mundo.

Estar fora do espaço e do tempo implica a eliminação do corpo, mantendo no entanto a agitação das sensações fortes, das vertigens, de formas sensoriais reduzidas porém pregnantas, do vôo, da ausência de gravidade, da fadiga [...]. “Nosso destino”, é nos tornarmos o que pensamos, vemos nossos pensamentos se tornarem corpos e nossos corpos, pensamentos. (BRENTON, 2003, p. 130)

Partidários desta proposta sonham em desvencilhar e desatrelar-se das formas de humanidade ultrapassadas pelos auspiciosos progressos tecnológicos. “A obsolescência do corpo humano é um ato consumado, a tarefa principal consiste em desembaraçar-se da carne supérflua que limita o desenvolvimento tecnológico de uma humanidade em plena metamorfose.” (BRENTON, 2003, p. 126)

A biotecnologia é a introdução de uma nova ordenação dos modos de existências, gerando novos processos e categorias de vida. Para isso é preciso redefinir antigas categorias de viventes e introduzir novas ordens nos clássicos significados de organismo e artificial, formando novos alvos aperfeiçoados, onde as prosaicas distinções entre natural e artificial desaparecem em prol de novas categorias híbridas de corpo-máquina.

Criar, por exemplo, modulações do conceito de saúde e doença, de normal e patológico que permitam diversas combinações, mais propensas para aumentar as possibilidades de intervenções do que os “velhos” conceitos unitários de saúde⁵⁸ e doença. Concepções essas que, se muito estanques e com poucas variações, restringem a oportunidade de utilização do imenso arsenal de substâncias criadas pelas indústrias farmacêuticas, aguardando, muitas vezes, a chance de indicação de seu uso possível, de seu tratamento continuado e infindável.

Se a questão que define o virtual é a probabilidade e, por definição, a probabilidade é sempre o possível, então, todos se colocam como prováveis sujeitos-alvos para a ação preventiva da biotecnologia, já que somos todos em algum grau propensos a ter uma determinada doença.

Até o corpo teve que perder atualmente sua densidade. No projeto biotecnológico ele deve permitir novas torções e flexões, dar-lhe novas formas, no cenário de uma nova política-vida. É preciso também, nesse processo de semiotização, redefinir a vida, transformando seus significados e usos possíveis. O corpo já não quer mais se confinar no próprio corpo (sentimento gerado pela tecnologia digital e realidade virtual)

⁵⁸ Como exemplo, podemos citar as infindáveis categorias de transtornos que surgem com uma frequência que quase impossibilita seu acompanhamento no CID 10 (Classificação Internacional de Doenças – manual diagnóstico da Organização Mundial de Saúde) e no DSM 4R (Diagnóstico de Saúde Mental – adotado pela Associação Americana de Psiquiatria).

Como afirma Bauman (2001), para se construir uma nova ordem é preciso primeiro se livrar da velha ordem que nos atém presos às tradições, neste caso as percepções e compreensões arcaicas sobre o uso e função do corpo. O corpo também foi afetado, “derretendo-se” o velho corpo para dar lugar ao novo corpo, novamente moldado e eternamente refeito. É necessário um processo de obsolescência das formas, engendrando novas funcionalidades, consubstancializando novas necessidades, fundadas em uma nova semiologia (produção de sentidos) para a extensão da vida e a relação com o próprio corpo; um novo território a ser ocupado, um novo corpo a ser colonizado. No grupo, aqueles que não conseguem acompanhar o ritmo das recentes produções tecnológicas, as exigências de adaptação são intoleráveis e estes se sentem em relativo isolamento diante das oportunidades oferecidas.

A Ciência e a tecnologia frequentemente confrontam os seres humanos a repensar os seus valores éticos, morais e jurídicos. Os avanços no campo da Medicina, no que diz respeito à extensão da vida é um exemplo de questões suscitadas pelas novas temáticas colocadas pelas biotecnologias. Como afirma Oliveira (2011, p. 10), é preciso “enfrentar os desafios éticos trazidos pela questão da técnica e suas conseqüências na alteração da vida e do meio ambiente.” Ao expandir o poder da técnica e da tecnologia é preciso também ampliar o raio de ação e interferência do plano ético.

Recentemente, não apenas como especulação, a ciência, provida dos resultados produzidos pelas pesquisas da engenharia genética e do projeto Genoma Humano já disponibilizou o planejamento da vida, erradicando possíveis desvios ou doenças hereditárias ou mesmo apenas escolhendo características físicas desejáveis a progênie – é claro, por aqueles que podem pagar por isso⁵⁹.

Algumas implicações desse cenário é uma convocação para todos, colocando-se como questões prementes ao pensamento, como por exemplo, o tema da autodeterminação *versus* a heterodeterminação. Ao selecionar traços e características dos filhos e na própria linha evolutiva o que estará em jogo aqui é a questão da liberdade. Onde reside o direito de um projeto reprodutivo? Seria essa liberdade de intervenção facultada aos progenitores

⁵⁹ Conforme já foi abordado nas seções sobre eugenia e o corpo expandido.

ou estaria ao lado do embrião, ainda por se formar e que não pode exercer os direitos e escolhas próprias? Nesse caso, cabe aos progenitores decidir pelo “melhor”? Teria a progênie uma liberdade ética ou estaria esse direito limitado pelo espaço uterino ou ainda, não estaria esse espaço, na realidade, sendo limitado pela ação interventiva restringindo a liberdade de se confrontar com as condições, intrínsecas à própria vida, da diferença? Mas, não seria hipocrisia afirmarmos que não faríamos tudo para evitar sofrimento, dores ou constrangimentos, possíveis de serem erradicados na vida de nossos filhos, evitando o infortúnio e as experiências angustiosas? Mais ainda, é possível erradicar o sofrimento da vida? E se os efeitos da manipulação genética não responderem ao esperado? Afinal, a vida não oferece garantias, ainda, pois a garantia também faz parte da promessa e do projeto interventivo das biotecnologias.

Será que há uma possibilidade de consentimento tardio em uma pessoa manipulada geneticamente se tivessem sido eliminados genes responsáveis por doenças que se manifestariam no futuro? E se tratasse de habilidades selecionadas pelos progenitores como música, artes, matemática ou outras, quereria a progênie ser dotada destas habilidades específicas? A quem cabe escolher e pelo bem de quem? E se, ao contrário, os filhos, no futuro, recriminarem seus pais por não terem realizado uma intervenção que impediria o desenvolvimento de doenças ou características, limitando suas oportunidades de sucesso na vida? Não serão os pais vítimas da censura retrospectiva dos seus filhos? E, voltando à questão da garantia, mesmo com essas “facilitações” há garantia de sucesso, uma vez que a noção de sucesso, tanto individual como social, não permanecem a mesma no decorrer da existência?

Uma vez obtida uma rotina de manipulação genética para o aprimoramento da espécie, não serão os padrões de perfeição cada vez mais crescentes, levando a um ritmo progressivo de exigência técnica-manipulativa?

Não poderia também, o excesso de manipulação genética, visando erradicar as doenças, produzir organismos tão assépticos que incorreriam no risco de desenvolver novas e imprevisíveis doenças (justamente por serem “puros” ou “limpos”) e isso não seria um contra-senso ou efeito iatrogênico

inesperado? A pureza, assepsia e salubridade plenas, artificialmente pretendidas, despojam da oportunidade de construir significados e conhecimentos a partir da vivência no sofrimento, no corpo que sofre pela sua condição de afetabilidade e agravos a ele impostos.

Ainda, que as biotecnologias queiram dizer sim à vida, resta-se interrogar pelos sentidos dessa vida e pelos “pedaços de vida” que, por ventura, ficarem pelo caminho. Quando se escuta uma fala como:

- Os pais podem escolher ou determinar a vida de seus filhos? Isso não seria uma intromissão no destino de vida da pessoa?

Por mais ingênuo que essa colocação possa parecer, uma vez que devemos antes nos perguntar pelos sentidos atribuídos ao termo destino, se este existe ou se não se constitui, ele mesmo, no próprio terreno das intromissões possíveis; nos impulsiona ou sugere algumas considerações inseparáveis das destinações da vida, que poderíamos chamar de justiça genética distributiva, direito ao sigilo genético, capital genético e discriminação genética.

A vida, investida pelos saberes e poderes constituintes das biotecnologias, foi expandida em direção a processos novos que se acoplaram, criando novos territórios onde pode multiplicar-se em variadas possibilidades de viver o envelhecimento. Essas formas de saber-poder produziram, associadas aos dispositivos tecnológicos, variações possíveis nas trajetórias de envelhecimento com o objetivo de estender os modelos de vida. Mas, o progresso presente em suas vidas mostra-se como um território sinuoso, de difícil aderência, ainda que se intente sedutor. Ao mesmo tempo que convida, repele e seus corpos assumem e expressam esses movimentos e composições ambivalentes. Não se pode negar ao envelhecimento a inserção no “negócio biotecnológico”; é preciso que compartilhem suas produções comerciais, que seus corpos mostrem-se aptos a se apoderar de suas ofertas, ainda que tenha que pagar seus tributos.

7 CORPO, PROGRESSO, TECNOLOGIA E O MERCADO DE CONSUMO

Se o corpo não pode dizer o que é, já está ao lado dos vencidos do progresso. (BAVCAR, 2003)

A complexidade do corpo abriga sentidos insuspeitos. O corpo é, em um mesmo movimento, o que faz e o que observa sendo feito, ponto de inflexão e reflexão de si mesmo. Reflexo do que não se submete, do que se submete, do que deseja, do que não deseja, do que pode e não pode, enfim, evocação, em si mesmo, de efeitos do poder. Quais configurações estariam assumindo os processos de produção corporais na atualidade? Uma primeira constatação, conforme visto anteriormente, é que as redes de biopoder estão se tornando mais densas, recobrando todos os espaços do corpo individual e social, intentando permitir que nada lhe escape. A mídia e o capital assumem uma importante função neste mecanismo de totalização e hegemonização, naquilo que se convencionou designar como mercado.

Neste plano⁶⁰, de mercantilismo, a vida sofre uma viragem e passa a ser definida como produto, mercadoria passível de ser oferecida em prateleiras de mercados voltados para sua exploração econômica. Em uma manobra ou inversão de sentido, a vida torna-se invenção do homem, justificando sua manipulação e comercialização em todos os seus níveis e servindo (ou servida) com perfeição ao seu patenteamento e venda no mercado globalizado. Cria-se assim um novo território a ser colonizado em um processo já chamado, atualmente, de biocolonização.

Tal é a proposta do biopoder e da biopolítica: expandir a vida em processos intermináveis, controlar seus elementos de aleatoriedade e impulsionar a vida, instaurando nela novos planos de consistência. E é justo porque a vida escapa continuamente a este mecanismo de controle e

⁶⁰ Plano aqui, tanto no sentido de planejamento e projeto como de dimensão e nível.

previsibilidade, que se intenta a sua captura e criam-se desdobramentos constantes nos modos de apresentação do biopoder. As formas de insubordinação e resistência mesmas inauguram novos territórios e arranjos possíveis de serem investidos e apropriados pelo biopoder em sua busca incessante de formatação dos corpos e de emergência de novas formas de subjetivação.

Com o constante aperfeiçoamento dos dispositivos biotecnológicos produz-se também toda uma prática discursiva criadora de saberes, poderes e prazeres que se dirigem ao corpo. Relações que focalizam e investem diretamente na vida, engendrando determinadas formações subjetivas, por meio de novas práticas de viver, sentir e estar no mundo.

As biotecnologias respondem (acenam), entre outras pretensões, as incertezas e as preocupações criadas no mundo atual com a “segurança do corpo”. Busca apaziguar a ansiedade, prodigamente produzida pela nossa cultura, transformando o corpo em um bem-refúgio onde se convergem (e se reduzem) as questões geradas por outras dimensões essenciais da existência, como a sobrevivência em uma sociedade extremamente competitiva e individualista, instigadora de insegurança onde só o recurso financeiro acena como resolução de todos os males sociais e da vida, conforme se pode constatar nos seguintes comentário extraídos do grupo:

- Tudo isso só é possível com dinheiro, aí sim podemos ter condições de fazer do corpo nosso maior bem; ou

- É dentro da gente que buscamos refúgio e segurança diante das incertezas do mundo.

Nesse cenário, as pessoas e a vida devem se tornar flexíveis, como uma matéria maleável e moldável às necessidades de consumo, sem oferecer resistências que não possam ser convenientemente assimiláveis e traduzidas em novas necessidades de consumo.

A tecnologia sempre esteve conectada, imbricada ao homem, mas esta relação parece estar se aprofundando em direções inusitadas, gerando novas questões e problematizações. O vínculo estabelecido entre técnica e homem investe e volta-se intensamente, no cenário atual, para contemplar a doença, o envelhecimento e a morte.

- Acredito que a tecnologia vem responder as nossas angústias diante do envelhecimento, as doenças e morte que nos esperitam nessa etapa de nossas vidas.

Embarcando nesse projeto exuberante das biotecnologias, a maioria dos idosos no grupo parece fazer voz com os “cientistas embarcados nos projetos mais pujantes da tecnociência contemporânea.” (SIBILIA, 2002, p. 14)

Muitos crêm que agora teremos plenas condições de superar as limitações impostas pela herança genética e seremos capazes de transcender o sofrimento imposto pela vida. Como exemplo, citam as experiências com transgênicos, células tronco e a clonagem com animais. Entregue à nova cadência, sugerida ou imprimida pela biotecnologia, o corpo se reveste, assume novas formações, abolindo sua característica concretude, tornando-se moldável e reprogramável.

Em uma sociedade em que a mudança é uma força regente e a única constante é a inconstância, atitudes como permanecer ou estabelecer são considerados, no mínimo, um contrasenso, se não indesejável. São compreendidas como obstáculo ao progresso e desenvolvimento tanto em um nível social como individual. O sujeito é definido cada vez mais em virtude de seu relacionamento com o mundo virtual, pela sua capacidade de aderência ao mundo digital e suas formas sinuosas e insinuantes.

Cada vez mais a tecnologia parece migrar em direção ao corpo, onde a funcionalidade do homem é medida pela possibilidade de aderência às novas produções tecnológicas. Aqueles que encontram barreiras, os corpos que não acompanham os deslocamentos promovidos pelos espaços digitalizados e virtuais, não conseguem responder as demandas suscitadas pela era da informática. O espaço destinado aos que não superam o confinamento do corpo, não obtêm a esperada conectividade, não reconfiguram a arcaica extensão material do corpo, são obsoletos, desinteressantes para computar-se ao prometido paraíso da era digital.

Com efeito, alguns dos integrantes do grupo se sentem e percebem-se como se estivessem perdendo espaço no mundo. Suas contribuições, como saber singular, derivadas de suas vivências estão sendo substituídas pelos processos de informação informatizado, um processo de valorização dos fluxos em detrimento do “estado”. Nesse sentido, a velhice passa a ser

sinônimo de cristalização, possibilitando ao biopoder ofertar novos vetores de transformações ao corpo ou eternizar os fluxos em corpos reciclados, atestando, convenientemente, que só corpos novos e potentes podem se aventurar nos fluxos disponibilizados pelo mundo virtual.

Questões como essas leva-nos a um compromisso: apreender os sentidos promovidos (e produzidos) em relação aos temas das práticas de si, o progresso e o radicalismo de propostas como o patenteamento e direitos de exploração (monopólio) de determinadas características genéticas. As direções aqui tomadas sustentam-se nos próprios debates gerados e promovidos no grupo.

7.1 PRELÚDIO SOBRE O DESEJO COMO UMA PRODUÇÃO NAS PRÁTICAS DE CUIDADO DE SI

. A referência freqüente a práticas de atividades físicas em academias e clínicas estéticas no grupo permite percebermos o grau de aderência a esses hábitos, costume irradiado - como produção de um hábito saudável de consumo - dos segmentos mais jovens para a esfera do envelhecimento. Também cresceu proporcionalmente entre os idosos o consumo de polivitamínicos e complementos alimentares, visando o aporte ou implemento nutricional “necessário à vida moderna”, conforme veiculado em propaganda televisiva de famosa indústria farmacêutica.

As indústrias e o comércio ligados ao segmento estético e farmacêutico tiveram um crescimento vertiginoso, vendendo (e produzindo) os ideais, padrões e anseios do e pelo corpo, ao mesmo tempo em que se liberou toda uma possibilidade (quase irrestrita) de experimentações. Correspondente talvez a acoplagem de uma sociedade disciplinar a uma sociedade de controle. São acontecimentos reveladores de uma tendência, bem conhecida por todos e que inclui, como não poderia deixar de ser, de forma incisiva, o envelhecimento.

Comumente encontram-se comentários no grupo sobre o que se poderia chamar de atividades ou atitudes estéticas. Depara-se com freqüência com o

tema das novas tecnologias cosméticas⁶¹ e técnicas corretivas. Essa temática vem revestida por um caráter eminentemente científico/tecnológico e, o mais importante, estratégico. Há um superinvestimento no corpo que atinge não só os jovens, mas também a trajetória do envelhecimento. Investimento este que se desloca, gradativamente de uma vivência psíquica para se intensificar em práticas corporais, reduzindo, nesse processo, a subjetividade ao corpo.

O predomínio das práticas corporais vai se sobrepondo insidiosamente no discurso do envelhecimento, visível, cada vez mais, na aderência voluntária e persuasiva do chamamento à boa performance estética adequada às normas científicas da saúde, nutrição, bem estar, longevidade e, porque não dizer, felicidade. Parece que a tirania do corpo perfeito invadiu e assimilou o derradeiro território do envelhecimento:

- *Depois daqui eu vou pra academia;*
- *Só não posso perder minha ginástica;*
- *Ah, eu tô fazendo a dieta dos sucos;*
- *Tem que fazer lipo* (e também, pode-se acrescentar, drenagem linfática, silicone, botox, *peeling, laser*, entre outros)

A todo instante escutamos vozes “anônimas” referindo-se às academias, clínicas estéticas, tratamentos corporais, novas dietas entre tantas práticas da cultura do espetáculo físico.

Atualmente, em um processo cada vez mais intenso, a identidade é produzida pela caracterização dos hábitos de consumo, capacidade de compra, condição socioeconômica e aderência aos modismos. A lógica mercantil permeia essas operações, impondo seu modelo de funcionamento a todas as pessoas em uma economia de mercado. Mas, para a eficiente regência dessa composição, é preciso antes que certas condições se apresentem. Condições que serão determinadas (ou determinantes) para se constituírem em um projeto de viabilidade, gerando um sentimento de insatisfação permanente. Um senso de insuficiência construído, fazendo com que nada possa ser mais perturbador do que se sentir satisfeito com o que se tem.

⁶¹ Interessante, o fato de o vocábulo cosmético representar uma derivação de cosmo (ordem) expressando uma ideia de harmonia de uma forma, ou harmonia que se encontra na forma certa.

Produz-se um estado de insatisfação permanente, com o corpo, a vida e a sua formação. Nunca há o triunfo definitivo, estamos sempre devedores⁶² (devendo existir sempre novos consumidores, guiados pelo consumo, com desejos renovados, absorventes e ajustáveis). A meta é fabricar as necessidades do hoje e do amanhã, reduzindo a distância que separam estas duas dimensões. A vida organizada em torno do consumo é orientada pela sedução e por desejos sempre crescentes e voláteis (BAUMAN, 2001). Este consumidor deve-se mostrar sempre pronto e apto às oportunidades criadas e ofertadas para a experimentação de novas possibilidades de existir, oferecidas pela tecnologia.

Mas, antes é preciso produzir o seu desejo, seduzindo os usuários e despertando a necessidade de seu uso. O desejo não deseja a sua plena realização. Deseja, ao contrário, ser incompleto, não dissipando nunca a sensação de algo ainda por satisfazer, ou seja, o desejo de sempre desejar ou, em outras palavras, de estar sempre a desejar. Esta é sua força sedutora. Um comentário do grupo é bem sugestivo a respeito desse movimento:

- Não quero me sentir como uma velha que já experimentou de tudo na vida, quero sempre experimentar uma coisinha a mais que a vida ainda me ofereça.

A vida torna-se uma coleção de experiências para o sentido, em uma relação primordialmente sensitiva.

Bauman (1998) nos lembra do interesse (ou característica) estratégico (do mercado de consumo) em manter o sentimento de procura (por novas experiências) permanentemente insatisfeito, prevenindo a ossificação de quaisquer hábitos adquiridos e excitando o apetite dos consumidores por sensações novas e cada vez mais intensas. Aprimorando de forma constante a sua capacidade de seduzir e renovar, fazendo com que as pessoas passem a vida em uma busca ininterrupta de experiências sempre mais inebriantes e intermináveis.

Observa-se no grupo esta tendência quando testemunhamos falas como:

- Quero sempre conhecer novos tratamentos para a saúde e o corpo.

⁶² Deveres tanto no sentido de obrigação quanto de dívida.

- *Há tanta novidade que ajuda na nossa saúde que gosto de acompanhar tudo.*

- *Leio tudo que sai nas revistas sobre novos produtos pra saúde e alimentação.*

Podemos constatar que esse é um processo atuante de subjetivação na atualidade. Logicamente, nem todos respondem e aderem a essa demanda da mesma forma. Alguns apresentam uma postura crítica, outros resistem ao que chamam de “canto de sereia”, em uma alusão aos interesses mercadológicos subjacentes e a postura consumista, e há os que se rendem aos encantos da propaganda e do mercado. Mas, de uma forma ou de outra a dinâmica de todos e de todas sempre fazem funcionar essa imensa engrenagem do consumo. O fascínio que exerce é facilmente percebido, conforme colocado por Bauman (1999, p. 86):

A indústria atual funciona cada vez mais para a produção de atrações e tentações. E é da natureza das atrações tentar e seduzir apenas quando acenam daquela distância que chamamos de futuro, uma vez que a tentação não pode sobreviver muito tempo à rendição do tentado, assim como o desejo nunca sobrevive a sua satisfação.

Em uma vertente que para muitos poderia ser considerada como radical, pode-se afirmar que até mesmo a doença e sua contraparte, a terapia, como o próprio conceito de saudável, é vivida como mera oportunidade de se obter novos consumidores e desejos, em infindáveis redes de tratamentos. A própria concepção de doença, outrora mais circunscrita, espalha-se e se torna mais confusa. Ao invés de ser percebida como um evento excepcional, com um começo e fim delimitado, tende a ser vista como permanente companhia da saúde, uma ameaça sempre presente. Clama por vigilância incessante, precisando ser combatida e repelida dia e noite, sete dias por semana. O cuidado com a saúde transforma-se em guerra constante contra a doença. (BAUMAN, 2001)

O significado de regime, nutrição ou dieta saudável não fica para trás, mudam em menos tempo do que duram as dietas recomendadas simultânea ou sucessivamente. O que antes era benéfico para a saúde, é denunciado por seus efeitos prejudiciais, não permitindo que, ainda na (curta) vigência dos seus

efeitos benéficos (divulgados) possa ser saboreado. Terapias e tratamentos preventivos voltados para algum tipo de enfermidade aparecem como patogênicos em outros aspectos. A intervenção médica é, cada vez mais, requerida para tratar doenças iatrogênicas (causadas pelos próprios tratamentos). Quase todos os tratamentos (e eventualmente a própria cura) apresentam riscos e mais tratamentos são necessários para enfrentar seus efeitos e consequências assumidas (ou produzidas) no passado. (BAUMAN, 2001)

Os integrantes do grupo estão sempre buscando serviços médicos para seus problemas e questões, sejam estes de ordem médica ou não. Estão continuamente fazendo algum tratamento a base de medicação, para descobrirem enfim que nunca se livram de doenças que inflam periodicamente os manuais médicos de nosografia⁶³ e nosologia⁶⁴, não parando de acrescentar novas entidades clínicas a uma lista que já se encontra na casa dos milhares de doenças/transtornos ou distúrbios catalogados. Esse é um movimento de medicalização de suas vidas, a invasão de um modelo médico em todas as áreas da existência humana, gerindo com a lógica médica-medicamentosa a plenitude dos processos referentes às doenças, ao corpo e envelhecimento, passando pelas diversas vicissitudes da vida, na presença ou não de sintomas mórbidos que justifiquem a intervenção médica.

Sabe-se hoje que é enorme o desperdício na utilização da tecnologia – um dos principais fatores dos altos custos médicos – bem como o abuso na prescrição de remédios e indicação de cirurgia. Os serviços médicos e hospitalares cresceram enormemente nas últimas décadas. No Brasil, a assistência médica compõe 4% do PIB (algo em torno de 24 bilhões de dólares) e a indústria de saúde cresce em torno de 15% ao ano. (MORAIS, 2001, p. 51-52)

Esses dados estatísticos, fundamentadores e constituintes de uma estratégia biopolítica, é preciso confessar⁶⁵, são importantes para dimensionar o processo de produção de subjetividade presente nos desejos, nos cuidados e

⁶³ Descrição e classificação das doenças.

⁶⁴ Estudo das doenças.

⁶⁵ A biopolítica é sinuosa como uma serpente, atraindo e fazendo uso do fascínio numérico, exercido quase em todos os discursos que se pretendem fidedignos, arma sua armadilha que captura para suas “fileiras” até mesmo quando a ela se contrapõe.

práticas de si, revestidos sempre por uma vertente mercadológica. A ampliação de toda essa rede de cuidados médicos e hospitalares corresponde à ascensão do biopoder. Por isso, passaremos agora a abordar alguns sentidos possíveis que se apresentam nesses processos.

7.2 O ENVELHECIMENTO E AS PRÁTICAS DE CUIDADO DE SI EM UMA INJUNÇÃO MERCADOLÓGICA

O grupo nos oferece indicações para entendermos o presente. Por meio de processos, como conversas, lembranças, reflexões, vivências e práticas de vida, é possível elucidarmos as forças de subjetivação, os mecanismos que operam na produção de novas modalidades de ser e estar nas trajetórias do envelhecimento. O surgimento de novas formas ou configurações corporais é assídua temática que se apresenta em direções hora conhecidas e hora desconhecidas ou inesperadas.

Comumente ouvimos que é preciso se dedicar à saúde física e mental (seja lá o que isso for). Em várias situações, escutamos cantilena semelhante. E não é de se estranhar que no grupo tal refrão também se manifeste com intensidade. Apresentam-se com frequência questões relacionadas ao que se poderia chamar de práticas de cuidados de si. Mas, por mais trivial que sejam, vale nos determos em algumas dessas falas, já que podem fornecer vestígios ou pistas do que se insinua em nossas vidas.

Destaca-se, neste contexto, duas falas exemplares, por seu caráter comum, de coincidente complementaridade e de aparente despreensão. Ao abordar-se o tema dos limites⁶⁶ do corpo, da saúde e da vida, a discussão modulou-se na seguinte frase enunciada por uma participante:

- Estamos sempre correndo atrás de conhecimento sobre saúde, exercícios, alimentação, memória, os problemas que, tirando os pessoais, mais nos aflige.

E, logo em seguida outra participante completa:

- E nunca conseguimos.

⁶⁶ Suscitado pelo filme *Uma prova de amor*.

Essa é uma proposição constante, que escutamos em diferentes cenários e distintas vozes. É tão familiar, na atualidade, que parece óbvia, inócua e natural. Mas, talvez exista aqui a necessidade de compreendermos alguns sentidos possíveis presentes em palavras tão frívolas, singelas e até mesmo “engraçadas”.

As pesquisas sobre longevidade aparentemente seguem duas lógicas opostas. Enquanto em uma direção apostam nos hábitos de vida saudável, prescrevendo exercícios físicos, alimentação equilibrada e comportamento moderado, em outra direção investem no mapeamento genético dos fatores cromossômicos determinantes da longevidade. Embora este tema se reporte à “eterna” discussão, no âmbito das ciências biomédicas, humanas e sociais, das influências ambientais e hereditárias na determinação das contingências da vida, a questão é, agora, revestida por outro caráter: o debate não se vincula, ou ao menos não predomina mais, na arena de uma ideologia, princípio ou filosofia sustentadora de “crenças básicas da vida” – correntes de pensamento que vigoraram sempre em pólos opostos nas ciências médicas, na filosofia e psicologia.

O confronto destes dois modelos perde força e sentido, na atualidade, porque tanto faz, um ou outro se reencontram em suas finalidades de prescrever condutas de vida, apresentando suas descobertas como produtos a serem consumidos, sejam remédios, vitaminas, fórmulas rejuvenescedoras, alimentos e nutrientes dietéticos, ginásticas ou terapia genética. Pode-se confirmar a preocupação mercantilista que assumem as pesquisas – tanto puras quanto aplicadas – no exemplo abaixo, extraído de um artigo sobre tecnologias médica, onde se tem a oportunidade de observar uma mensagem dúbia sobre os “rendimentos” ou potenciais dividendos das pesquisas genéticas: Testart (*apud* NOVAES, 2003, p. 7), biólogo francês responsável pelo primeiro bebê de proveta, afirma que:

(..) hoje não existe mais a ciência, mas algo a que chamo tecnociência. Não existe mais a vontade gratuita de obter conhecimento. Toda pesquisa tem finalidade, que é buscar inovações. É uma experimentação permanente, alimentada pelo mercado, em nome do progresso.

Constata-se, por meio desta afirmação, que o que chamamos ou entendemos hoje por ciência, responde a uma tecnologia que se vincula fortemente a uma economia de mercado.

É característico das tecnologias contemporâneas produzirem conhecimentos que são imediatamente explorados em aplicações práticas (com caráter mercantil) e a essa demanda as biotecnologias respondem com muita intensidade. A história das ciências revela que toda pesquisa mesmo “pura” tem, mais tarde ou mais cedo, aplicações que, embora nem sempre sejam imediatamente óbvias para o leigo, não são, muitas vezes, totalmente inimagináveis para o especialista sabedor de suas inserções possíveis. (BRITISH MEDICAL ASSOCIATION, 1992)

Nas práticas de cuidados de si atuais, não se busca mais uma purificação, visando à aproximação com uma dimensão divina da existência como no passado. As práticas do cuidado de si contemporâneas não mantêm um grau de continuidade com as exercidas na antiga Grécia ou Roma conforme descritas por Foucault em sua obra *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. São diferentes conjuntos de práticas, de relações constituídas em torno de cuidado de si que, envolvendo as noções de ética, sujeito e corpo, se colocam em jogo na atualidade. Mas, no âmbito dos encontros com o grupo, o entendimento das práticas de cuidado de si foi definido como exercício da existência, na qual o idoso se coloca como objeto de práticas físicas, psíquicas, estéticas e dietéticas, fazendo-se objeto de conhecimento para si mesmo.

As biotecnologias entram em cena fornecendo os elementos formativos para os cuidados de si, fazendo-os funcionar nas trajetórias do envelhecimento. Um conjunto de preceitos para o corpo e a alma, mostrando sua disposição para a medicalização da vida apoiada nos exames, análises e consultas terapêuticas, além do monitoramento constante das taxas e índices de saúde. Ações características de uma biopolítica, sustentadas nas estratégias preventivas de aprimoramento dos níveis estatísticos populacionais – no caso a população que envelhece.

Nas práticas de cuidado de si contemporâneas não há necessidade do elemento religioso, embora este ainda opere com intensidades variáveis, como intermediador da demanda de aprimoramento do ser. O que, no grupo, se

busca no presente são práticas de afirmação de si (ou práticas que afirmem o si). Assim, outros dispositivos técnicos são acionados nesse jogo de forças onde se busca a afirmação de si. Há uma mudança de finalidade nas práticas de cuidados de si modernas, mudando não somente em “nome do que se opera” e “de onde se fala” mas, principalmente, as técnicas das quais se vale e se requer.

Quando no grupo ocorrem falas como:

- *Hoje em dia não há desculpas para a gente (o idoso) não se cuidar;*
- *Temos obrigação de cuidar sempre do corpo e da saúde;*
- *Precisamos nos manter sempre cuidando de nós mesmos.*

Elas (as falas) apontam para algo, sugerem em seus enunciados direções possíveis para esse acontecimento, fornecendo algumas pistas para abordarmos o que ou como se opera a demanda das práticas de cuidados de si aludidas no grupo. Por isso, seria oportuno dialogar com Foucault (1994) e buscar na noção, por ele desenvolvida, de cuidado de si, um conceito operador das análises aqui empreendidas, possibilitando apreender o jogo de forças que se estabelecem no presente.

As práticas de cuidado de si descrevem uma atividade que implica em uma atenção, um saber e uma técnica. Colocam em questão como exercer ações onde se é o objetivo das próprias ações, procurando estabelecer o próprio sujeito como objeto de conhecimento possível, desejável e, inclusive, indispensável. Subentende um conjunto de esquemas organizadores de um saber do indivíduo sobre si mesmo, saberes que, no caso das biotecnologias, são ao mesmo tempo definidos, valorizados, recomendados e impostos às trajetórias do envelhecimento como cuidado de si.

Constituem-se de uma tecnologia de si, na concepção de si mesmo, através de uma escolha feita pelo indivíduo para a sua própria existência, envolvendo uma permanente “reflexão sobre os modos de vida, sobre as escolhas de existência, sobre o modo de regular a sua conduta, de se fixar a si mesmo fins e meios” (FOUCAULT, 1997, p.112).

Essas práticas se encontram em consonância com os ideais prescritivos das biotecnologias (e dos especialistas encarregados de executá-lo), constituindo a vida numa espécie de saber a ser exercitado. A idéia de que esses cuidados (governo) de si consistem em uma certa virtude, necessita de

instrumentos (estratégicos e tecnológicos) para operar uma ação constante consigo mesmo, que possa sustentar uma espécie de relação permanente entre o eu e o si. E tanto a instrumentação técnica quanto as táticas em jogo serão dispostas ou oferecidas pelo arsenal de dispositivos constituídos pelas biotecnologias, entre estas as corretas (verdadeiras) formas de “bem viver”.

Não podemos ter acesso à verdade sem um exercício que nos torne suscetíveis de conhecer essa verdade. Esse exercício são as práticas que asseguram e viabilizam o processo de cuidado de si no entrecruzamento de duas produções: das subjetividades e da governamentalidade⁶⁷. As técnicas de cuidado de si são uma forma de se proceder a uma produção de subjetividades em um domínio de relações estratégicas estabelecidas entre um corpo individual e coletivo, implicando na questão central da condução da vida. Um discurso e uma prática que são retomadas (e recriadas) no grupo como um jogo de governo de si e por si, articulados como saberes pedagógicos, os “úteis” conselhos e modos (modelos) de conduzir as trajetórias de envelhecimento.

Segundo Foucault, as práticas de cuidado de si nos remetem aos modos instituídos de produção de conhecimento de si,

(...) constituído por aquilo que poderia se chamar de “técnicas de si”, isto é, os procedimentos, que, sem dúvida existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si. (FOUCAULT, 1997, p. 109)

Assim, as práticas de cuidado de si inscrevem-se entre as instituições de pedagogia e as chamadas religiões de salvação. Embora constituam domínios separados, o governo de si, a pedagogia e a salvação não são completamente estranhos uns aos outros e, com efeito, mantêm diversos pontos de contato ao operarem com noções semelhantes. É sempre na perspectiva e no entrecruzamento desses três planos (religioso, pedagógico e, conseqüente, da correta condução do envelhecimento) que, no grupo, o cuidado de si é evocado.

⁶⁷ Adiante será apresentado o conceito foucaultiano de governamentalidade.

Herdeira, por um lado, do imperativo socrático do “conhecimento de si mesmo”, característico de nossa civilização e, por outro lado, de um serviço de direção das almas, que remonta ao cristianismo antigo, o seu exercício remete a atividades complexas de procedimentos, normas e orientações reguladoras. Mas, o que é mais significativo, constituindo-se em um exercício constante, uma tarefa que deve ser mantida ao longo de toda a vida, como um dever e uma forma de atividade contínua, hoje facilmente identificada ou localizada nas práticas prescritivas e orientadoras de aderência às produções biotecnológicas. Orientações difíceis de serem evadidas - ainda que se trate de um suposto segmento etário menos sujeito aos avanços das biotecnologias não se pode esquecer que, também supostamente, é o segmento que mais poderia se beneficiar de suas produções.

Se as práticas de cuidado de si representam a conversão de um movimento de existência que se volta sobre si mesmo, onde se deve ser para si mesmo e ao longo de toda a existência, o próprio objeto de conhecimento, então o objetivo final desse movimento passa a ser o estabelecimento de certo número de relações consigo mesmo, fixando residência em si e aí permanecendo. Trata-se, assim, de um processo de formação permanente, que se inicia por meio de um controle prescrito precocemente sobre a vida, atravessando todo o seu percurso, do nascimento (ou antes) ao envelhecimento.

Pode-se constatar a construção do cuidado contínuo de si mesmo como uma questão que remete também ao controle e vigilância permanentes, necessário para o sucesso nas trajetórias do envelhecimento, inserindo-se muitas vezes nessa linha discursiva a importância de se detectar precocemente esses fatores para poder agir sobre eles com efetividade: “Contudo, a saúde do idoso depende de um complexo conjunto de fatores, entre eles do seu comportamento ao longo de toda a vida”. (FREITAS, 1999, p. 1)

Em uma cultura científicizante, na medida em que o cuidado de si reveste-se em uma prática adulta, as funções pedagógicas e de salvação tendem a se esmaecer e outras funções se afirmam. Essas relações são formadas a partir, predominantemente, de modelos tecnológicos e biomédicos, com funções de aprimoramentos técnicos contínuos. Para obter-se um

envelhecimento saudável, é preciso exercer esse cuidado como uma vigilância por toda a vida.

Na atualidade, as práticas de cuidado de si necessitam de uma multiplicidade de relações sociais que lhe sirvam de suporte, principalmente aquelas formadas pelas instituições científicas e os seus especialistas. Diversos dispositivos técnicos e tecnológicos de serviços sociais como seguridade, saúde, previdência, lazer entre outros são convocados a intervir para beneficiar o contínuo processo de envelhecimento ou o envelhecimento em seu *continuum*. A citação abaixo ilustra esse acontecimento:

Os profissionais da gerontologia tentam trabalhar alguns princípios gerais que definem metas e meios importantes no atendimento às demandas dos idosos. Os espaços de atenção precisam estar interligados aos demais sistemas de serviços sociais, de habitats, de seguridade social, de alimentação, transporte, recreação e outros, permitindo respostas rápidas e adequadas às necessidades e situações em um continuum, qualificando o uso dos equipamentos sociais disponíveis: instituições, comunidades, família e os próprios idosos. (SOBRAL, 1996, p. 56)

Ainda que as práticas de cuidado de si apóiem-se na idéia de um indivíduo conhecedor de si mesmo, esse conhecimento, por mais paradoxal que possa parecer, não forma propriamente um saber, pois não poderá prescindir de um suposto saber, consentido por esses dispositivos e seus representantes técnicos, nos quais se apóiam ao ocupar-se de si mesmo e que se submetem a sua própria autoridade.

O corpo é esquadrihado e escrutinado pelos especialistas, autorizados para falar em seu nome. Há um recuo do auto-conhecimento, do saber próprio, agora desapropriado no seu próprio território. Este processo não se dá, como se poderia supor, de forma violenta ou impositiva; não se trata de uma espoliação, mas antes de sugestão, uma ingerência sedutora e persuasiva, produzindo um desejo de investimento nesse corpo. Um investimento científico, tecnológico, onde o corpo é oferecido de bom grado a uma instância externa autorizada para legislar em seu nome, produzindo seus sentidos, usos e atribuições.

- *Hoje vamos ter aula?*

Pergunta emblemática que sempre se apresentava, significando se seria exibição de filme ou se o coordenador é quem iria proferir uma “aula” - prática que muito as agradava. O grupo esperava sempre que o coordenador colocasse as direções, proferisse uma palestra esclarecedora, explicando o significado das coisas, ou seja, atuasse como um especialista, desvelando sentidos ocultos e determinando (ou confirmando), por meio do especialismo, as corretas trajetórias do envelhecimento.

Na atualidade, a relação com o corpo não se intensificou e nem se aprofundou, tornou-se um escapismo, maníaco e frugal. Delegou-se a instâncias externas a produção dos seus sentidos possíveis. A sua semiologia é, agora, encomendada, comprada e consumida avidamente. A velocidade e intensidade da informação não permitem familiarizar-se com o próprio corpo. O conhecimento gerado sobre este não perdura em suas incessantes substituições, modismos e novas produções, processo típico de um modelo econômico de capitalismo extremo. Não há tempo para se fixar o conhecimento. Construído sobre o imperativo da obsolescência, o cenário encontra-se pronto para a entrada do especialista e a inserção do seu discurso de suposto saber.

Esses são alguns elementos que se articulam nas práticas de cuidado de si; dispositivos que se especificam no interior das produções biotecnológicas e visíveis durante todo o percurso do grupo. Mas outro elemento ou dispositivo se acopla - na verdade evocam-se mutuamente - a essas práticas conferindo-lhes um grau ainda maior de indefectibilidade no jogo estratégico do poder, a governamentalidade. Foucault afirmou que a governamentalidade, entendida como arte de governar a vida dos homens, suas almas e condutas, é:

constituída pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança. (FOUCAULT, 2002b, p.291)

A partir dessas análises, podemos desenvolver alguns pontos de aproximação com as práticas biotecnológicas. A questão do governo, ou a

governamentalidade, implica em uma pluralidade de fins específicos. Finalidades que não dizem respeito somente às razões do Estado, mas diversas outras formas de governo. Pode-se pensar a governamentalidade como a melhor forma de dispor das coisas que nos afetam, no aprimoramento do seu próprio processo de funcionamento, e, principalmente, como regido não por leis, mas diversas e diferentes práticas. Um exercício de poder que consiste, sobretudo, em “conduzir condutas”.

O governo das condutas deve governar os homens e, no enfoque aqui dado, a vida no envelhecimento em relação aos fenômenos sociais, principalmente em referência aos seus hábitos, comportamentos, costumes, necessidades; enfim as formas de fazer e pensar os vínculos (sociais) que se estabelecem entre si nas trajetórias do envelhecimento. É um modo de se dispor das coisas não como leis e obediência, mas como mecanismo de intensificação dos processos que elas dirigem. Trata-se de “utilizar táticas mais do que leis ou utilizar ao máximo as leis como táticas, agir de modo que, por certo número de meios, esta ou aquela finalidade possa ser alcançada” (FOUCAULT, 2008, p. 132). Processo, portanto, que diz respeito à totalidade das coisas com as quais o homem se relaciona no seu envelhecimento, como o trabalho, aposentadoria, diversão, lazer, doença e morte.

A sabedoria requerida para se governar é então justamente esse conhecimento das coisas e o que e como se pode fazer para alcançá-las. Não está em jogo aqui uma obediência, mas presente se faz uma obrigação no governo das coisas, criando no grupo a imposição, um dever de se constituírem como exemplo de sabedoria de vida nas coisas que incidem sobre suas trajetórias de envelhecimento.

Ainda que se figure de certo modo vinculados a processos específicos, é uma maneira diferente de agir sobre um conjunto de procedimento que tornará possível o exercício desse governo de si, operando uma biopolítica do envelhecimento. Foucault dirá a esse respeito que o conjunto de mecanismos que tornarão pertinentes essa forma de governo sobre si são fenômenos bem próprios, não exatamente os fenômenos individuais, ainda que o indivíduo e os processos de individuação figurem aí e, de certo modo, é uma maneira bem diferente de fazer funcionar a relação coletivo/indivíduo, agindo nos

processos populacionais (FOUCAULT, 2008), como o envelhecimento em suas trajetórias.

O que interessa destacar como lugares de convergência com a biotecnologia é que essa totalidade abarca os processos individuais e coletivos em uma forma de controle e vigilância permanentes; remete ao governo de si mesmo ou à arte de se governar adequadamente; e permitem práticas múltiplas de manipulação das relações, que implicam um saber especial para governar da melhor forma possível e garantir que se alcancem os melhores resultados, centrados na figura do especialista. A governamentalidade está em conexão com os índices demográficos populacionais e a produção de saberes; conseqüentemente, implica, também, em uma biopolítica e um biopoder.

O grupo vive sob um regime que poderíamos chamar, sem receio, de governamentalidade, das táticas operadas para o governo de suas vidas. Observa-se a importância do governo sobre as condutas de envelhecimento nas políticas de vida adotadas, qualificando os corpos, operando e distribuindo sobre estes a etiqueta dos estilos de vida saudáveis. Uma tendência que conduz à primazia desse poder de governo sobre suas condutas, produzindo dispositivos específicos de controle e domínios de saber e definindo novos territórios para ocupação, nesse caso, o envelhecimento. Esse espaço constituído pelas técnicas de governo age diretamente sobre esse território-envelhecimento, permitindo a práticas como as biotecnologias dirigirem, sem que se perceba, os seus fluxos e movimentos. Essas “razões de poder” emprestam às propostas das biotecnologias um caráter irreduzível de possibilidades plenas às ações que intentam.

7.3 A PRODUÇÃO DAS TRAJETÓRIAS DE ENVELHECIMENTO NAS BIOTECNOLOGIAS

Em decorrência de tudo o que já foi anteriormente exposto, uma tarefa se impõe: investigar como as práticas, no plano das biotecnologias, fazem surgir não apenas novas técnicas e novos conceitos, mas também como chegam a produzir as próprias trajetórias de envelhecimento que demandarão seus conhecimentos. O envelhecimento, como objetivação, plano de ação das

práticas biotecnológicas não se encontra dado ou colocado *a priori* do conhecimento; ele é fundado pelas práticas que o constituem como efeito de um saber. É o conjunto dessas práticas enunciativas que produzem o envelhecimento, suas trajetórias e o desenvolve como domínio de conhecimento possível. As biotecnologias emprestam a palavra ao envelhecimento e articula em seu nome discursos aceitos como sendo próprios (ou apropriados) do envelhecimento.

Em um artigo científico sobre a representação social do envelhecimento, a autora parece produzir, por meio de práticas (de pesquisa) enunciativas (do discurso), o lugar que o envelhecimento, em suas trajetórias, deverá ocupar. Destaca-se em negrito a presença de termos significativos, que imprimem uma direção ou lugar de ocupação ao envelhecimento.

Esta pesquisa permitiu questionar não só o relacionado ao assunto do envelhecimento e da velhice, enquanto **última fase da vida**, mas também nos possibilitou **definir**, por uma parte, a **valorização social**, que ela pode estar tendo, através dos **discursos de indivíduos** que já são idosos ou estão próximos da Terceira Idade e, de outra, a **representação do conceito de si** (*self*) que esses mesmos indivíduos tiveram, têm e terão nessa **última fase da existência humana**. [sem grifos no original] (GUIMARÃES, 1998, p. 59)

Interessa, portanto, indagar sobre a constituição deste sujeito do envelhecimento a partir do conjunto de discursos estratégicos provenientes das práticas biotecnológicas e seus modos de subjetivação: as escolhas decisórias nas quais o idoso se faz sujeito de determinados modos de envelhecimento, quando aceita o acordo de conduzir sua vida em relação às práticas prescritivas das biotecnologias.

A construção, ou melhor, a produção de um saber não supõe um sujeito pré-existente do conhecimento que constitui ou origina esse saber. A gênese do saber e de um sujeito do conhecimento encontra-se em relações de poder. Saber e poder se articulam, constituindo-se em dois lados de uma mesma estratégia. Na realidade, o saber operacionaliza o poder, enquanto saber é que tem poder, ou seja, assegura o exercício de um poder.

(...) saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também,

reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber. (FOUCAULT, 2002b, p. XXI)

As biotecnologias constituem novos saberes que se formam para dar conta de um controle efetivo sobre as formas de envelhecimento na atualidade. Admitir esta afirmação implica tomar as biotecnologias como práticas divisoras. Um modo pelo qual o envelhecimento é dividido tanto no seu interior, isto é, em relação a si mesmo, como em relação aos outros, construindo segmentos específicos, atividades características e comuns somente aos idosos. Onde o envelhecimento, por diferentes trajetórias possíveis, se forma enquanto tal.

Nesta produção, determinados conceitos serão insistentemente evocados em seu campo enunciativo, procurando afirmar a importância estratégica de estilo de vida adotado como principal fator no destino assumido pelo envelhecimento. A seguinte citação, extraída de um artigo científico, abordando os aspectos pertinentes ao envelhecimento saudável expressa de forma evidente esta disposição:

(...) a promoção da saúde é vista como um processo visando permitir que controlemos nossa própria saúde (...) o indivíduo *são* deve ser capaz de *dirigir* sua vida, segundo as suas *condições específicas*, em gozo pleno de todas as suas faculdades. (...) O cidadão não importa sua idade, deve poder decidir livremente seu estilo de vida. (FARINATTI, 1997, p.32-33)

E, em outro extrato, versando sobre os fatores associados ao envelhecimento bem sucedido, pode-se confirmar essa produção presente em um jogo enunciativo:

A extensão na qual a autonomia e o controle são encorajados ou refutados pode ser o maior determinante quanto ao envelhecimento vir a ser ou não bem sucedido, numa ampla extensão fisiológica e na dimensão comportamental. (GUIMARÃES, 1996, p. 14)

Persuasivamente recorre-se a afirmações e expressões categóricas como: “modo/qualidade de vida saudável”, “envelhecer com qualidade”, “envelhecimento bem sucedido”, “promoção de autonomia/funcionalidade”, entre outros. Uma construção discursiva do lugar ocupado pelo

envelhecimento e aquele que deverá ocupar nas práticas biotecnológicas. Interessante que, a reboque desse processo, existe uma redefinição dos critérios do que seja vida saudável ao mesmo tempo que oportuna e coincidentemente o mercado é invadido por novos produtos voltados para esta pretensa vida saudável.

Nessa linha discursiva, se forma uma racionalidade específica e se legitimam estratégias de poder-saber. Relações que estabelecem entre si um conjunto de operações contínuas e na qual as biotecnologias se apresentam como essa racionalidade específica e como eficiente estratégia de poder, justamente porque conduzem de forma constante as trajetórias de envelhecimento.

As biotecnologias inauguram assim um novo sujeito do envelhecimento, produzido própria ou especificamente por e para este saber. Saber que não vai se impor ou se imprimir a um sujeito em sua trajetória de envelhecimento, mas antes, fará nascer um tipo novo de sujeito do envelhecimento (FOUCAULT, 1974). Este novo sujeito não será convertido e nem convencido por uma verdade que se estabelece à força sobre ele. A verdade fundará o domínio do envelhecimento, considerando-o livre.

A manobra de conversão do envelhecimento como lugar de prazer possível do corpo é efeito de estratégias de deslocamento, investimentos, criação e ocupações de territórios por novos sujeitos desse envelhecimento. Essa estratégia de investimento não se dá, prioritariamente, na forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação.

O corpo, no envelhecimento, vem sendo estudado e abordado em seu processo de duração, dissecado nas doenças que o abatem e caracterizado em seus mecanismos fisiológicos e psicológicos. Implicando em um saber que, além da ciência do seu funcionamento, é um controle de suas forças e a capacidade de vencê-las, constituindo uma política do corpo (FOUCAULT, 2004). Esse saber não se encontra necessariamente formulado em discursos contínuos ou sistemáticos. Compõem-se muitas vezes de partes distintas e utiliza matérias, processos e relações não imediatas entre si. As biotecnologias, subtraindo do corpo um poder para reinvesti-lo em outra direção, se incumbirão, nesse mesmo movimento, de amalgamar os saberes dispersos.

O conjunto de técnicas e relações de poder que se investem não apenas nos corpos propriamente, mas nos desejos, formam objetos, conhecimentos e especialistas que se constroem para efetivar as necessidades de suas existências: os psicólogos, pedagogos, psiquiatras, nutricionista, esteticistas, farmacêuticos, médicos, entre outros, que se encarregarão de produzir uma subjetividade ávida para seu consumo.

- Eu faço fisio, exercício, oficina de memória, dança, tenho médico e até psicólogo aqui.

Trata-se sem dúvida de uma inversão: não é mais o corpo morada de um desejo, mas um desejo que se faz prisão do e no próprio corpo, um corpo que habita um desejo.

Foucault (2002a, 2002b) aponta para outro lado na história da verdade. Além de uma verdade que se faz a partir da história da regulação e regularidade científica, existem outras possibilidades ou outros lugares de a verdade se formar: formas de produção de subjetividade, domínios de objeto e controle do saber, que constituem uma história diversa das verdades.

As biotecnologias, ao tornarem-se referência de um saber na disputa pelo controle do corpo que envelhece, estabeleceram estratégias para positivar esse evento. No embate de forças pelo domínio do envelhecimento, o saber-poder intenta um controle através do estímulo ao conhecimento, ao consumo, aos investimentos no corpo, enfim, um modelo produtivo e não coercitivo, que enfatiza principalmente a livre escolha. Esse conhecimento não busca o controle das trajetórias de envelhecimento pela repressão, mas faz passar por desvios, por formas elaboradas de implicação pessoal no processo de produção do envelhecimento. Estabelecimento, assim, de outro lugar que permite a passagem do controle, como pode-se perceber nas seguintes citações, extraídas de um artigo científico sobre autonomia e envelhecimento: “O indivíduo deve poder escolher, sem influências ou pressões coercitivas. Os estilos de vida dependem fundamentalmente da autonomia de vontade” e a “autonomia de pensamento exige um conhecimento, uma compreensão, um espírito crítico e uma consciência integrados em uma reflexão lúdica e coerente”. (FARINATTI, 1997, p. 34)

O investimento na velhice por um poder produz um saber sobre a fisiologia do envelhecimento, seu potencial, sua resistência e adaptabilidade,

criando o lugar das formas apropriadas de envelhecimento. Esse poder não se opera através da censura e de impedimentos, mas sim produzindo um conhecimento sobre o corpo no envelhecimento. É pelos estudos dos mecanismos que perpassam esse corpo, seu funcionamento e comportamento que se constrói o sujeito desse envelhecimento.

As práticas engendram domínios de saber e fazem surgir novos objetos, conceitos e técnicas. Nesse sentido, torna-se possível afirmar que a partir de certas práticas se estabelecem domínios de saber e, de certa maneira, esse saber não se impõe a um sujeito de conhecimento, não se propõe, nem se imprime nele, mas faz nascer um tipo novo de sujeito de conhecimento (FOUCAULT, 1974).

No caso das biotecnologias trata-se de uma produção chancelada por uma cientificidade e que estabelece uma relação de poder sobre as trajetórias do envelhecimento. O seu conhecimento não mantém uma relação por afinidade natural com o objeto a conhecer, não há uma natureza intrínseca ligando o conhecimento (as biotecnologias) ao mundo a ser conhecido (o envelhecimento), como se este esperasse para ser desvelado. Entre conhecimento e as coisas que ele tem a conhecer não há uma relação de continuidade natural. Um conhecimento como as biotecnologias busca estabelecer relações de poder, subserviência e aceitação passiva.

Não existe uma verdade científica evidente em seu discurso, a qual o sujeito se rende à consistência de seus argumentos. O que existe é a produção de um sujeito outorgante deste saber e que, em um só movimento e ao mesmo tempo, passa a ser outorgado por este saber.

Ao analisarmos as trajetórias de produção das formas de subjetivação no envelhecimento, percebe-se que os saberes produzidos pelas biotecnologias operam sobre o plano constitutivo dos próprios sujeitos alvos destes saberes, o que confere a sensação de naturalização desse processo. Certamente, é muito custoso ao grupo perceber o quanto os mecanismos de subjetivação estão presentes e atuando em suas trajetórias constitutivas. E, com tamanha eficácia, que todos os processos são percebidos como naturais, já são esperados “diante do que se é”:

- *É natural* (da velhice)
- *É assim mesmo* (da doença)

Não por acaso, tem-se uma história natural das doenças e um desenvolvimento que é contínuo, progressivo e linear. Esse lugar, no qual já se é antes mesmo de vir a ser, corresponde às destinações que se produzem para ser, por todos ocupados em suas trajetórias de envelhecimento, com (im) possibilidades já demarcadas antes mesmo de existir, um estranho depois que vem antes em suas vidas.

8 O DOTE GENÉTICO E A BUSCA PELA PATENTE DA VIDA

Estamos a caminho de poder redesenhar a forma humana.
(OLIVEIRA, 2011)

Entre os filmes assistidos, o documentário *Visões do futuro: a revolução da genética*, focalizando as novas descobertas - tecnológicas e biotecnológicas - possíveis de serem incorporadas ao cotidiano do envelhecimento, fazia referência à pretensão de monopólio genético dos grãos transgênicos produzidos pela empresa norte americana de biotecnologia Monsanto. A surpresa diante desse fato levou parte do grupo a querer apreender melhor o sentido desse acontecimento. A solicitação do grupo gerou uma pesquisa sobre o tema, materializando-se na proposta de apresentação de um novo documentário, *Monsanto: patente do gene do porco*, produzido pela *HMS Management TV*, abordando exclusivamente o processo de “controle e reserva de mercado genético”.

O documentário debate a tentativa da empresa multinacional *Monsanto Corporation of America* de registrar (privatizar) a(s) patente(s) de seqüenciamento(s) genético(s) decodificado(s) em seus laboratórios de algumas espécies como, por exemplo, o porco. Especialistas demonstram o *lobby* realizado pela empresa tanto nos Estados Unidos da América quanto na Europa, sua atuação predatória junto aos produtores de suínos e grãos norte-americanos e as reações da comunidade internacional em defesa dos consumidores ao redor do mundo.

Todos no grupo ficaram estarecidos com a constatação de que a multinacional Monsanto pretende, além de patentear os genes de diversas espécies, controlar também a produção, distribuição e reprodução de determinados alimentos, em todas as etapas do seu processamento e a nível

mundial. Para este intento, a Monsanto requereu o registro (patenteamento) de diversos grãos e sementes transgênicas. Mas não somente as plantas estariam na mira dos seus interesses, cobrindo a cadeia completa de produção de alimentos até os produtos derivados de carnes. Por exemplo, a Monsanto reivindica também os direitos sobre a criação e comercialização da carne procedente dos porcos (e outras espécies animais) alimentados com seus grãos (rações) transgênicos. Em uma estratégia espetacular e sem precedentes, possibilitado pela indústria de biotecnologias e o seu poderoso aparato jurídico, o cerco se fecha, uma vez que a empresa detém o monopólio sobre a produção de grãos em vários países (inclusive o Brasil, um dos maiores destinatários de suas sementes) e os animais que se alimentam de rações derivadas dos grãos geneticamente modificados passam a ser também supostos tributários da Monsanto.

Para alguns participantes do grupo, conceder uma patente a organismos vivos equivale a desfazer a distinção entre matéria viva e inanimada, descaracterizando o estatuto único que a vida dispõe. “Patentear formas vivas é pisar um terreno completamente novo, dando origem a questões espinhosas acerca de a vida poder, ou dever, ser ‘possuída’.” (BRITISH MEDICAL ASSOCIATION, 1992, p, 167)

Mas, em outra direção, não menos espetacular, mesmo os agricultores que não utilizam seus grãos geneticamente modificados acabam sendo expostos pela polinização natural a cruzamentos com grãos transgênicos utilizados por agricultores vizinhos e que terminam “contaminado” (uma contaminação planejada?) a cultura. Com isso, ainda que algum agricultor não utilize os produtos da Monsanto, passam a ter, em suas culturas agrícolas, cadeias inteiras de material genético modificado, tornando-se assim, também consumidores compulsórios do produto pertencente “por direito” a Monsanto, tendo que pagar a referida empresa pela exploração de seus produtos. Se o produtor desejar fazer um exame genético para comprovar que no produto não se encontra gene da Monsanto isso constitui violação de segredo comercial, levando o agricultor a um processo judicial por transgredir segredos ou direitos autorais. Se o animal (no caso o porco, mas outras patentes já estão sendo requeridas) se reproduzir sem consentimento (será que assistido?) também a descendência pertence à Monsanto e já que o controle sobre a (re)

produção por direito pertencente à empresa, o criador estará incorrendo em violação de patente e novamente terá que pagar (indenizar) a empresa por esta transgressão ao produto licenciado.

A dependência aos produtos da Monsanto é tão bem planejada que a venda dos pesticidas e fertilizantes, por ela produzidos, tem efeito somente nas plantas manipuladas geneticamente e também por ela produzidas para resistirem à ação do pesticida, ou seja, os grãos são criados para apresentarem resistência aos próprios pesticidas que a empresa comercializa e o uso de outro pesticida que não for o da Monsanto destrói a planta. Não se deve esquecer que aliado a isto está o quase monopólio mundial, pela empresa, dos grãos e sementes disponibilizados para o comércio em todo o planeta.⁶⁸

Teoria da conspiração, perguntou-se no grupo? Não, respondeu-se após o documentário supracitado. A Monsanto já obteve sucesso nesta empreitada em diversas requisições de patenteamento, como a patente EP 1356033 obtida na Europa em 2009, permitindo o monopólio na exploração de toda a cadeia de alimentos das sementes transgênicas até a comercialização da carne de animais alimentados com seus grãos. A Monsanto não é a única neste segmento: a Dupont e a Syngenta também disputam este lucrativo mercado de alimentação futura. Com isso, os pedidos internacionais e nacionais de patentes vêm crescendo em progressão geométrica.

Desde há muito que a viabilidade da agricultura depende do fato de se poder dispor de uma fração da última colheita como semente para a próxima. Se as plantas e animais forem sujeitos ao registros de patentes, a empresa detentora dos direitos disporia da propriedade sobre toda a descendência de seus produtos, garantida pela lei de patentes, cobrando pelo recurso de se utilizar o excedente para o replantio ou cobrando por esta ação. Absurdo? Não, uma vez que agricultores já foram processados por essa ocorrência.

Poderia se argumentar que não é assim em todos os países. Mas, em um mundo de mercado cada vez mais competitivo e globalizado em suas ações, em pouco tempo, todos teriam que se render a essa estratégia para se

⁶⁸ A empresa Monsanto impõe, por força contratual, aos produtores que adquirem seus insumos a permitir que ela defina o tipo de plantio e métodos que deverão ser utilizados, proibindo o produtor de usar sua própria colheita como sementes para o plantio da safra seguinte. Obriga ainda o produtor a comprar novas sementes a cada ano e permitir inspeções em seus campos a qualquer momento. Além disso, contratualmente o produtor (na verdade consumidor) está proibido de processar a empresa por insucesso nas colheitas.

manterem competitivos e viáveis no mercado de produção agrícola, como de fato vem ocorrendo na Europa, diante das leis permissivas de patentes no liberal mercado dos Estados Unidos da América.

Já que agora é legal nos EUA registrar patentes de produtos da engenharia genética, a Comissão Europeia pode argumentar, com razoabilidade, que tem de pensar que na necessidade de assegurar que a indústria biotecnológica da Europa não se encontre numa desvantagem sistemática no comércio mundial (...) (BRITISH MEDICAL ASSOCIATION, 1992, p. 172)

Se estas diretivas não se consolidarem em países estrategicamente importantes, as indústrias de biotecnologias os ameaçam a levarem todo o seu aparato biotecnológico para países onde os benefícios e direito a patente lhes seja garantido. Cenário que não é difícil de imaginar, já que os países se rendem facilmente a esses argumentos chantagistas diante das parcerias estabelecidas, cada vez mais enfaticamente, entre Governos e interesses privados, em detrimento da ultrapassada e desinteressante parceria entre governo e população.

Outro argumento decisivo desta tendência é o exemplo do que ocorreu com a penicilina. Visando certificar-se de que esta estaria à disposição de todos e que não houvesse impedimentos comerciais ao seu uso, Alexander Fleming e sua equipe recusaram-se a requerer a patente da penicilina. Contudo a estratégia redundou em fracasso, uma vez que o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) requereu e obteve a patente da penicilina e assim tanto os pesquisadores, quanto os produtores farmacêuticos e consumidores tiveram que pagar direitos ao uso da penicilina ao USDA. (BRITISH MEDICAL ASSOCIATION, 1992)

Uma das conseqüências destes acontecimentos é que, ao contrário do que comumente se espera, a concentração de mercado, o monopólio e patenteamento das espécies vegetais, animais e de microorganismos (ou de alguns dos seus genes) geneticamente modificados estão tendo como efeito o aumento nos preços dos produtos transgênicos, redução das possibilidades de escolha e maior dependência dos agricultores, criadores e consumidores. O Brasil lidera as estatísticas de crescimento mundial em cultivo de produtos transgênicos. Ainda que os Estados Unidos continuem a ser os maiores

produtores mundiais de produtos transgênicos, no ritmo de crescimento intenso presenciado no Brasil⁶⁹ e contando com um bom potencial agrícola, em breve seremos um dos maiores mercados produtor e consumidor de transgênicos.⁷⁰ Em pouco tempo, o plantio de produtos não modificados geneticamente poderá se tornar praticamente impossível.

Mas, para o grupo, o que importou foram as questões ligadas ao agravo à saúde pelo uso de transgênicos - discussão da moda no momento-, os possíveis riscos causados pelo consumo de produtos geneticamente modificados. Preocupados com temas imediatamente relacionados ao consumo de substâncias transgênicas e os possíveis efeitos sobre a saúde, esqueceram-se, em parte, das implicações desse acontecimento. E, para fazer jus à pesquisa empreendida por alguns integrantes do grupo e resgatar o escopo destas discussões é necessário apresentar o conteúdo elucidado pelo material de pesquisa produzido.

8.1 AS BIOTECNOLOGIAS E A RESERVA DE MERCADO

O patrimônio genético está se tornando, cada vez mais, uma importante fonte de recursos financeiros para empresas ligadas ao setor biotecnológico. Para alguns, no grupo, os benefícios da manipulação genética são auspiciosos, trazendo mais segurança quanto à saúde, mas para outros é indesejável, desnecessário e até extravagante.

Um exemplo disso é a disposição em garantir a exclusividade à exploração de peculiaridades genéticas de determinados grupos específicos do planeta. Essa proposta, de deter os direitos de acesso genético a populações

⁶⁹ O Brasil liderou o avanço em cultivo de transgênicos pelo terceiro ano consecutivo, com uma expansão de 20% em relação a 2011 na área, que chegou a 30,3 milhões de hectares com soja, milho e algodão geneticamente modificados. O tempo médio de aprovação de novas variedades transgênicas caiu de 40 meses, em 2006, para 18 meses atualmente. A CTNBio (Comissão Técnica Nacional de Biossegurança) aprovou seis novas sementes geneticamente modificadas em 2011, incluindo o feijão transgênico, resistente a um vírus comum nas lavouras. FONTE: Centro de Estudos Ambientais.

⁷⁰ Interessantemente, em outra vertente das pesquisas biotecnológicas – utilizando-se da produção de expansão microorganismos geneticamente modificados -, busca-se a não dependência de terra cultiváveis para produção de alimentos, mas a cultura em larga escala nos próprios laboratórios de biotecnologia.

alvo foi impactante e intensamente debatido no grupo. Por isso, trazer essa temática poderia causar certo grau de estranheza, mas ela não se desvincula – ao menos no âmbito das discussões travadas no grupo - das outras anteriormente apresentadas.

Empresas e governos já exploram os continentes em busca de traços genéticos específicos que possam resultar em lucro potencial no mercado futuro. Localizar os traços desejados e modificá-lo para em seguida patentear-lo como invenção é a nova matriz operacional das biotecnologias. “Os cientistas dizem que as possibilidades comerciais são limitadas somente pela extensão da imaginação humana e pelos caprichos e entraves do mercado.” (RIFKIN, 1999, p. 13)

Grandes empresas de biotecnologia e institutos, público ou privado, financiadores de pesquisas estão buscando em todo o mundo conhecimentos e recursos nativos passíveis de uso em escala industrial e comercial; um processo já chamado de biopirataria. Receitas, microorganismos, proteínas e espécimes isolados estão sendo estudadas e estocadas em laboratórios do mundo inteiro, aguardando pela descoberta de suas propriedades intrínsecas para se converterem em produto de comércio privado.

Concomitantemente, governos de todo o mundo já providenciaram instalações para armazenamento de genes, visando preservar espécies raras de plantas, cujos traços genéticos possam vir a ser comercialmente úteis no futuro (RIFKIN, 1999). Uma corrida para privatizar comercialmente características genéticas singulares. O âmbito comunitário está sendo registrado como propriedade privada e comercializado como produto patenteado. Assistimos a tradicionais domínios públicos, iniciando com a terra, o subsolo, o mar e o ar serem apropriados e controlados por setores estatais e interesses privados, culminado atualmente com a concessão das ondas de frequência de rádio, TVs e telefonia celular. Mas há sempre um novo mercado a explorar e, agora, os próprios genes estão sendo privatizados como propriedade intelectual e reserva de mercado. Com isso, as biotecnologias abandonaram definitivamente uma “marca” de pesquisa

básica⁷¹, migrando para uma pesquisa aplicada, mais promissora e devidamente consoante com o mercado de consumo.

A criação de novas espécies tornou-se um lucrativo nicho de mercado, “produzida, patenteada e comercializada por poucas empresas transnacionais, membros de um mercado florescente que registra uma intensa concentração de capitais” (SIBILIA, 2002, p. 114). E, nessa corrida por patentear novas espécies, genes e singularidades genéticas, o homem, como repositório, não está à parte do processo, pelo contrário, é estimado como potencial fornecedor das chamadas singularidades genéticas, principalmente de grupos ou populações do planeta que se encontram em certo isolamento territorial; desenvolvendo padrões genéticos particulares, disputados ferrenhamente pelos grandes laboratórios de biotecnologia que investigam essas populações ao redor do mundo. Buscato e Ribeiro (2010, p. 63) afirmam que “as populações mais isoladas, como a de Okinawa no Japão, são vistas pelos cientistas como a chave para chegar até os genes que **rendam** tratamentos para **retardar o envelhecimento**” [sem grifos no original]. A este exemplo, podemos acrescentar populações como a da pequena ilha de Tristão da Cunha, situada em meio ao oceano Atlântico, ilhas Salomão, Papua-Nova Guiné, Índia e Panamá, todas representando alguma estratégica característica genética já detectada, sendo requerida a respectiva patente por governos ou institutos de pesquisas.

Os lucros financeiros advindos das pesquisas com materiais nativos são substanciais, justificando o emprego de uma enorme força tarefa mobilizada com a intenção de se descobrirem novos elementos e compostos comercializáveis. Em nome desse promissor mercado, grandes empresas buscam garantir seus direitos de exploração sobre suas descobertas. Direitos estes que se estendem até ao domínio genético sobre populações inteiras e suas peculiaridades intrínsecas. Tendência que assumiu proporções inimagináveis materializada em pedidos de registro e compra de material genético de populações nativas isoladas no mundo, tanto por empresas multinacionais, como a *Merck* que comprou o direito exclusivo à exploração

⁷¹ A pesquisa básica ou pura refere-se à forma de pesquisa onde não se tem ou vislumbra-se uma aplicação imediata para suas descobertas e resultados apresentados. Este tipo de pesquisa contrapõe-se à aplicada, em que a(s) sua(s) utilização(ões) possível(eis) já é (são) previamente determinada(s).

de variados espécimes na Costa Rica, quanto por governos, como os Estados Unidos da América que solicitou pedido de patente de diversas linhagens genéticas de povos nativos.

Há muitos países em vias de desenvolvimento a recear que grandes companhias agro-químicas reúnam amostras dos seus vegetais e animais e registem (sic) a patente de genes importantes, sem que os benefícios dessa atuação se lhes apliquem. (BRITISH MEDICAL ASSOCIATION, 1992, p. 173)

O grande impulsionador desta tendência foi a corrida, incentivada pelo interesse econômico, para o registro das descobertas advindas do Projeto Genoma Humano. Vários cientista envolvidos no citado projeto “acorreriam” aos órgãos de registros de patentes assim que mapeavam um gene, ainda que não soubessem sua função. Todos os envolvidos nesse processo alegavam que a obtenção de patente era primordial para recuperar os investimentos feitos em anos de pesquisa, visando realizar benefícios (produtos vendáveis) para a população do mundo inteiro.

Mas, dito de outra maneira, talvez fique mais evidente o jogo de interesses aqui envolvido: as terapêuticas que se propõem a salvar vidas só seriam possíveis se fossem indenizados ou compensados com a concessão de patentes duráveis. O recado estava dado: se é o que desejam, cura e tratamento infalíveis, então negociem, abram as portas à proteção do direito exclusivo das descobertas genéticas. E assim foi (está sendo) feito.

Certamente, um acontecimento como esse não se viabiliza sem a criação de determinados dispositivos colaboradores nesse processo. Foi necessário, antes, consubstanciar oportunidades, fornecidas pelo conveniente favorecimento de órgãos, institutos e comissões de registro e patentes tanto nos Estados Unidos da América quanto na Europa. Intensas batalhas jurídicas foram travadas até a promulgação de leis que oportunizam o “negócio de concessão de patentes”.

Em um procedimento sem precedentes, empresas há pouco tempo desconhecidas de biotecnologias obtiveram uma impressionante valorização do “dia para a noite”. Rifkin nos dá uma ideia da revolução (especulação) financeira causada pelas nascentes empresas de biotecnologias:

Quando a primeira empresa privada de engenharia genética ofereceu suas ações aos investidores, a comunidade financeira lançou-se em uma verdadeira corrida para adquiri-las. Em 14 de outubro de 1980, apenas alguns meses após a Suprema Corte (dos EUA) ter aberto o caminho para a exploração comercial da vida, a Genentech ofereceu mais de um milhão de ações de seu capital, a 35 dólares cada. Nos primeiros vinte minutos das negociações, as ações subiram para 89 dólares. Quando as operações encerraram, no final da tarde, a nova empresa de biotecnologia havia levantado 36 milhões de dólares e era avaliada em 532 milhões. O mais impressionante é o fato da Genentech não ter ainda lançado um único produto no mercado (RIFKIN, 1999, p. 45-46)

Imediatamente, as empresas de biotecnologias compreenderam o significado deste acontecimento e do respaldo jurídico fornecido pelos organismos de registro de patentes: expandiram-se vertiginosamente as pesquisas, cientes de que à concessão de direitos exclusivos à livre exploração e domínio privado de material genético redundaria em lucros garantidos no futuro. Mas entenderam, além de tudo, que doravante (sem os entraves jurídicos) não havia nada em nenhuma espécie viva (incluindo o homem) que não possa tornar-se potencialmente patenteável.

Uma vez legitimados a privatização e o domínio genético exclusivo estava sinalizada a direção que todas as empresas privadas e públicas de engenharia genética deveriam seguir: a produção de material geneticamente modificado, visando obter a respectiva patente para a comercialização privativa.

Há, atualmente, uma competição, ou melhor, uma contenda entre empresas de setores (principalmente químicos, farmacêuticos e agropecuários) ligados direta ou indiretamente às pesquisas biotecnológicas para conseguirem o direito à patente e ao respectivo comércio de produtos obtidos por meio da engenharia de manipulação genética. O número de pedidos, bem como de processos civis movidos por violação de propriedade industrial crescem à medida que o mercado das biotecnologias se expande⁷², em um esforço deliberado para registro e domínio privado do material genético.

⁷² A empresa/grupo responsável pelo primeiro animal clonado, a ovelha *Dolly*, requereu o direito exclusivo sobre todos os animais clonados a partir de então no mundo, incluindo seres humanos.

Seguindo esta lógica, tornou-se procedimento comum, no meio dos grandes conglomerados farmacêuticos, a aquisição de pequenos empreendimentos ou empresas de biotecnologia, quando se vislumbra oportunidades de lucros futuros advindos de promissoras descobertas, como, por exemplo, a aquisição da *Sirtris*, empresa de biotecnologia fundada por um grupo de cientistas que trabalhavam no projeto de um fármaco rejuvenescedor e foi adquirida pelo gigante farmacêutico *Glaxo Smith Kline* por um valor estimado de 720 milhões de dólares. (BUSCATO; RIBEIRO, 2010, p. 63). Ainda que iniciativas como essa sejam um risco, pois as promissoras pesquisas podem não resultar em nenhum produto comercializável e de retorno do capital investido⁷³.

Na direção dos debates atuais suscitados por esta temática, o grupo formulou as seguintes questões: os organismos modificados geneticamente são criações do homem ou apenas modificações pontuais em estruturas funcionais já existentes? É uma nova descoberta biológica ou somente uma ardilosa manipulação das Leis, intentando lucro? Subjacente a estes questionamentos, encontram-se as noções constituídas de biológico, de vida, matéria orgânica ou inorgânica e seus atravessamentos possíveis. Para o grupo, um fator está bem claro: se reduzirmos a vida ao biológico talvez seja mais fácil também - porque não? - igualarmos vida à matéria inorgânica ou simplesmente máquina, que ao invés de usar parafusos, porcas e engrenagens em um processo de fabricação dependente, se diferencia “apenas” por utilizar órgãos, tecidos e células em um processo auto-reprodutivo.

Mas algumas questões persistiram: se a máquina tiver capacidade auto-reprodutível, quais critérios continuam ou não válidos neste cenário definidor de vida? Em um desdobramento suscitado por esta indagação central, o grupo passou a tematizar o que poderíamos chamar da visão predominante em determinados segmentos da produção de conhecimento, igualando o corpo, a vida e a máquina.

⁷³ Como de fato ocorreu neste caso, pois as pesquisas não conseguiram isolar “variáveis espúrias” como os efeitos colaterais adversos, fazendo com que estas fossem suspensas. Embora seja um risco sempre espreitador em iniciativas baseadas na “capitalização” das pesquisas chamadas “puras” e a sua contraparte rentável as pesquisas “aplicáveis”, podemos imaginar o lucro que as operações no desenvolvimento de novas tecnologias oferecem, a ponto de compensar investimentos “fracassados” como o exemplo acima citado.

Respondendo ao clamor público pela absurda jurisprudência concedida ao registro genético privado, os defensores do ponto de vista ao direito de patentes afirmam apaziguadoramente: apenas partes isoladas e não o ser humano está sendo patenteado, então novamente desdobra-se outra questão: seria possível patentear o coração, rins ou fígado convertidos por uma determinada modificação genética? Deixariam de ser coração, fígado ou rins? As células, órgãos ou tecidos humanos “engenheirados” geneticamente são fabricações do homem? Mas sobre qual base? A descoberta de um determinado gene, de uma determinada doença, é invenção do homem? Para fins comerciais os órgãos e institutos de registro de patentes afirmam que não há necessidade de se distinguir entre seres vivos e inanimados, desde que se possa provar que os produtos requeridos como uso privativo sejam originais, não óbvios e úteis. (RIFKIN, 1999)

Para procurar entender o que é vida, máquina, quais suas principais características diferenciadoras, propriedades intrínsecas, composições possíveis, mínimo biológico e o que se apresenta inerente a estas condições, o grupo enveredou, após assistir aos documentários supracitados e como não poderia deixar de ser, pelos caminhos dessa produção tão a gosto do contemporâneo (e das biotecnologias) que busca apreender o homem (e o organismo), sua estrutura e função, em uma analogia com a máquina. Após estes debates houve um deslocamento ou modulação do tema, passando a centrar-se em torno de um componente que se poderia chamar de tendência a seguir ou imprimir certa lógica de orientação juvenilizante da vida e do envelhecimento.

8.2 DO CORPO MÁQUINA AO IDEAL DA JUVENTUDE NAS TRAJETÓRIAS DE ENVELHECIMENTO

Um tema que não poderia se ausentar, neste cenário das biotecnologias e das trajetórias de envelhecimento, é analogia do corpo com a máquina. Tema recorrente e incisivo na vertente biotecnológica que busca na vida um modelo de operacionalidade. Que melhor modelo para se operar do que aquele que iguala o corpo à máquina, permitindo manobras e interferências em seus mecanismos (termo que, por si só, já alude a maquinismo). E esta temática

não passou despercebida no grupo. Em diversos momentos esteve presente, dependendo dos filmes e debates que a suscitavam, justificando nos retermos, ocupando de seus sentidos e implicações possíveis, tanto para o grupo quanto na vida em geral.

A concepção de que o mundo natural funciona tal qual uma máquina, em um processo análogo às máquinas mecânicas é um pressuposto que impregna a formação das biotecnologias. E o corpo, por extensão, também deve funcionar de maneira mecânica (ou manter relações com processos mecânicos). Essa imagem, da metáfora corpo-máquina, encontra suas bases filosóficas no materialismo cartesiano e no mecanicismo newtoniano. Ambos os legados encontram um promissor campo de irradiação nas biotecnologias. Enquanto que na visão newtoniana o universo e suas produções são descritas em uma equivalência estrutural e funcional com a máquina, na concepção cartesiana o corpo (herdeiro da *res extensa*) encontra o lugar de honra, natural e próprio na matéria, formando par na analogia com a máquina. Um e outro se articulam no preceito de que o mundo se comporta como uma máquina: “(...) mesmo os seres vivos não são senão autômatos, submetidos às leis mecânicas como qualquer corpo físico, não importando as peculiaridades de seus comportamentos ou formas de organização”, é o que afirma Oliveira (2003, p. 142) em um artigo do periódico *Filosofia*. Essa formulação supera todas as dicotomias, inclusive a cartesiana, fundando a supremacia radical do materialismo, isolando o último resquício de qualquer variável que não iguale o biológico à máquina.

Assim, a máquina é o modelo, metáfora inspiradora dos partidários da visão do corpo como artefato puramente mecânico. Embora, no grupo esta não seja a percepção prevalente, é interessante notar como é suficiente um contato embasado no discurso tecnológico e científico para persuadi-los do contrário, promovendo aderências à lógica do corpo-máquina. Isto se tornou visível nos debates promovidos após o filme-documentário *Visões do futuro: o fim do envelhecimento*, que aborda, entre outros temas, várias possibilidades (biotecnológicas) de se evitar o envelhecimento:

- *O corpo é mesmo igual à máquina;*
- *O corpo também dá defeito; e, logo em seguida,*
- *Também (o corpo) precisa de manutenção.*

Para aqueles que participam de atividades físicas, onde práticas corporais são priorizadas esta tendência torna-se ainda mais visível. Firmada em uma atitude “biologizante” perante as trajetórias que assumem em suas vidas, muitos se tornam os destinatários privilegiados das promessas midiáticas. Os lemas e proezas divulgados nas mídias afirmam que, em um futuro próximo, será possível desfazer-se das doenças (e eventualmente da própria morte), impedir o envelhecimento e suplantar a dor. Vicejam, em todos os meios midiáticos, neste sentido, um pujante mercado de produção em credulidades.

O corpo aparece dissecado em revistas, televisão, jornais, *internet*, em infindáveis reportagens que divulgam “corretas formas”, dos benefícios ou malefícios dos alimentos, dos tratamentos de saúde, estéticos e corretivos, das atividades físicas e de treinamento, adestramento e normatização, produzindo os corpos necessários ao mundo contemporâneo.

Cinquepalmi (2010, p. 44), afinado com o enfoque das biotecnologias, compara o corpo (e sua performance) a uma maquinaria. Em um artigo sobre a imortalidade, afirma que como se sabe (?) o corpo funciona como um carro. Depois de muito rodado, ambos acumulam defeitos. A diferença é que, quando quebra, nosso corpo dá um jeito de se consertar. Se você sofre um corte, o sangue estanca em minutos. O problema é que essa manutenção segue bem enquanto somos jovens, mas vai perdendo a eficácia. Com o tempo, células param de se reproduzir, o corpo vai sofrendo ataques do ambiente e nosso maquinário não consegue mais reparar todos estes danos. Para chegarmos à imortalidade de fato, precisamos de um serviço completo, que ofereça todos os tipos de reparo de que nosso corpo precisa. E segue afirmando: “para vencer a morte, muitos cientistas acreditam que nos transformaremos em máquinas mesmo. Do tipo que troca porcas e parafusos sempre que dá pau”. (CINQUEPALMI, 2010, p. 48)

O cenário de um mundo fundado nestas promessas impõe uma aderência aos discursos dos corpos flexíveis, dóceis, permeáveis e facilmente moldáveis. Corpos necessariamente afeitos à modelagem, a encarnar as tecnologias voltadas para uma transfiguração do corpo. E, encontramos respaldo dessa lógica ou, melhor dizendo, logística, atuando em algumas trajetórias de envelhecimento vivenciadas no grupo.

Em outra direção, há os que, apesar dos cuidados reservados a saúde, não se colocam como representantes desse movimento:

- *Ninguém tem o poder de mudar alguém, transformar em outra pessoa.*
- *Nem a cultura consegue mudar a natureza da própria pessoa.*

Para estes, o corpo escapa ao conhecimento/saber produzido sobre ele pela moderna ciência médica. Citam como exemplos os mestres e praticantes de *yoga* e outros sistemas de práticas corporais que conseguem controlar funções vitais autônomas, que por definição não é passível de controle voluntário ou consciente e, no entanto, mostra-se acessível a estes mestres.

Para o grupo, representante da logística de cuidados intensivos (e extensivos), baseados nas práticas discursivas dos “especialismos” tecnológicos voltados à saúde física, outras questões se apresentam. O corpo, habitante de uma dada trajetória de envelhecimento, precisou antes de tudo operar certo número de deslocamentos para incluir-se em um discurso que caracteristicamente atingia os jovens⁷⁴, a radicalização dos cuidados físicos e estéticos. Corpo mapeado, quantificado, situando-o em um lugar esvaziado que possa ser preenchido de novos sentidos possíveis, marcando-o em suas novas possibilidades de existência. Muito emblemáticos o deslizamento e modulação que se efeturaram na discussão sobre os processos de cuidados corporais no envelhecimento e o confronto sutil que ocorreu entre os representantes dos dois grupos de logísticas diferentes quanto a estes cuidados.

Determinada parcela do grupo firmou-se em uma fala (reclamação) recorrente, referindo-se à forma impessoal e distante dos médicos, sentindo-se como “despachadas” nas consultas, atendidas rapidamente e sem interesse. Outro grupo tornou esta fala alvo de suas críticas, afirmando que a atitude que assumiam frente aos profissionais e a concomitante expectativa criada nos tratamentos acabavam por transferir para o especialista a responsabilidade pelos cuidados e saúde do corpo. Não por acaso, fazendo crescer exponencialmente o número de exames desnecessários e diagnósticos inconclusos; muitas das vezes, por “pressão” imposta pelos próprios, que não

⁷⁴ Por sua vez, nos jovens também se operam determinados deslocamentos, quase como a contraparte daquele, tornando o corpo apto a abrigar o discurso do tratamento ortomolecular, precocemente infundido para combater as intempéries do envelhecimento.

aceitam sair de uma consulta sem um diagnóstico certo e remédios para a sua terapêutica. Com isto e incorrendo no risco de ser taxado de incompetente, o especialista se vê na obrigação de corresponder às expectativas e exigências do paciente, acabando por praticar uma medicina “errada”, mas que muitos por ela anseiam.

É o corpo (ainda que matéria), imperfeito, perecível e limitado que se precisa habitar sem desconsiderar ou procurar desviar dos limites do envelhecimento. Para estes, o envelhecimento, em sua trajetória, impõe a presença da finitude em uma diferente perspectiva. O corpo envelhecido, que se diferencia, é sinônimo de imperfeição, abjeto e reprovável aos olhares perscrutadores de uma sociedade que se revigora no espetáculo de uma performance estética. Estes constituem o grupo em que as questões físicas, corporais estéticas igualam-se (ou os igualam) aos jovens, reverberando de forma uníssona e sem um plano de diversidade ou perspectiva própria.

Talvez estas diferentes perspectivas possam se expressar melhor, em todas as suas nuances, no seguinte comentário:

- Viver mais seria muito bom, mas só se for com saúde. Viver bastante tempo, mas doente é pior do que morrer. Para viver mais e sem doença só com a ajuda da medicina e dos novos tratamentos que surgem.

O que era considerado sonho (para aqueles que o desejam) ou ficção (para os que repudiam) há poucos anos atrás se tornou realidade, conforme pode-se assistir na divulgação celebrada pela mídia da criação de diversos órgãos desenvolvidos por meio de bio-impressoras⁷⁵, utilizando técnicas da chamada medicina regenerativa⁷⁶. Os progressos em direção à criação de uma espécie de corpo artificial são significativos, embora existam obstáculos técnicos a serem superados, mas os entraves não são suficientes para persuadir os partidários do homem-máquina.

O cenário de um mundo fundado na promessa de erradicação das doenças, do envelhecimento e da morte, transforma a vida em todas as suas trajetórias possíveis, mesmo para os que resistem a encantamento de tais

⁷⁵ Equipamento que permite à construção (impressão) de tecidos e órgãos, “pintando” com células (bio-tinta) um suporte (superfície) de hidrogel, formando uma estrutura (tecido vivo) tridimensional, com padrão celular específico e funcional.

⁷⁶ Técnica que visa à reconstituição celular, utilizando material obtido, de preferência, do próprio indivíduo, permitindo ao organismo reparar seus tecidos e órgãos.

asserções. A ambição por viver esse cenário é um mecanismo poderoso e persuasivo na produção de subjetividades nas trajetórias de envelhecimento contemporâneas. “Uma das maiores ambições da medicina sempre foi conseguir trocar órgãos danificados por outros, novinhos, deixando o organismo permanentemente como uma espécie de carro *zero-quilômetro*” [grifo dos autores] (PEREIRA; COSTA, 2011, p. 76). Afirmações como estas atestam a preponderância da visão do corpo como receptáculo “natural” de intervenções biotecnológicas, solicitando aos seus adeptos os respectivos tributos e reconhecimento por meio, é claro, de investimentos maciços em suas benfeitorias, o corpo.

Interessante aderir a esta visão, ainda que falte ao grupo a possibilidade de definir o que seja corpo. Diante da questão provocadora, “afinal o que é o corpo?”, houve enorme dificuldade em compreender ou conceituar seus sentidos (do corpo) possíveis. Paradoxalmente, o corpo surge, em um primeiro momento, como óbvio, mas escapando à apreensão no momento seguinte. No grupo, ao tentar-se definir corpo, apresentou-se a tendência a igualar o seu sentido ao de vida,

- *Corpo é vida;*
- *Corpo somos nós;*
- *Sem corpo não há vida;*
- *Corpo é o que nós temos.*

Mas, ao mesmo tempo em que se apresenta como óbvio, o corpo escapa a fácil apreensão. Estranha obviedade que aponta para um paradoxo. O corpo, apesar de parecer evidente, “oculta-se em suas entranhas”. Não se dá facilmente a apropriação sem uma atitude crítica quanto as suas possibilidades. É preciso um esforço para apreendê-lo, gestar as apreciações do/no próprio corpo.

A questão inicial, “o que é o corpo”, foi mais facilmente elaborável quando se modulou para “o que é o corpo no envelhecimento”. Várias direções foram então suscitadas. No grupo houve diversas referências à importância do corpo, mas pensado, este corpo, como lugar de acréscimo para atividades de consumo, um palco para sua capacidade de consumo. Inserido em um mercado de consumo, o corpo apresenta-se como mercadoria, para consumir e ser consumido.

O envelhecimento, pensado nas práticas de cuidado de si contemporâneas, surge como a emergência de uma racionalização que o submete a mecanismos de juvenilização e produção de um corpo consumidor de tecnologias. Essa tendência, assumida por alguns, apresenta-se encampada pela ideia de que as marcas do tempo devem ser erradicadas em prol do imperativo de buscar-se a eterna juventude, de espírito e de corpo. Não percebem que é justamente essa passagem de tempo que deve ser apagada, que os mantém submetidos ao ritmo de uma produção consumista e da intensidade das experiências transitórias no cotidiano das cidades. (FERREIRA, 2009)

Papel importante nesse processo assume as biotecnologias, que expressam a sua “preocupação” com os cuidados **devidos** ao corpo no envelhecimento por meio de mecanismos de subjetivação que operam sobre a lógica do ideal da juventude como valor supremo na atualidade. Um ideal de envelhecimento correspondente ao paradigma de uma funcionalidade equivalente à juventude, substituindo a si próprio pela primazia de se conduzir sob o princípio dessa funcionalidade.

Aderindo ao discurso dos projetos biotecnológicos, alguns integrantes do grupo começam a criar novas expectativas em relação às suas trajetórias de envelhecimento, valorizando os ideais em voga na juventude. Nesse processo, o envelhecimento se redefine em termos políticos, assumindo uma configuração onde a “lógica do presente” se sobrepõe às experiências. Como se o passado fosse erradicado de suas vidas e o presente fosse considerado o único tempo consistente. O envelhecimento torna-se então sinônimo de defasagem, desvalorizado como experiência própria, produtor de sentido à vida. Não mais a velhice e a respectiva sabedoria atribuída intrinsecamente a ela, mas o corpo jovem e belo, substituído “pela preeminência de se conduzir a si próprio sob o princípio da funcionalidade”. (FERREIRA, 2009, p. 58)

Essa parcela correspondente do grupo comporta traços característicos da sociedade de consumo contemporânea como a suscetibilidade à mídia, hedonismo sustentado na lógica de mercado e a juventude como paradigma idealizado. Mas, “a perspectiva de que é proveitoso se manter jovem, de que é melhor permanecermos sempre jovens não existiria sem o incentivo a atitudes de consumo, de ação social sustentados na juventude como um valor inquestionável” (FERREIRA, 2009, p.53) e, acrescenta-se, em dispositivos

que configuram a vida como uma expressão do biopoder e da biopolítica, produzindo uma preocupação com a expansão, conservação e monitoramento das suas existências. Com a expansão de suas existências individuais surgem novas oportunidades de vivenciar práticas de cuidado de si, submetendo-se a uma expectativa de que vida possa sempre se expandir em um caráter extensivo (mas não intensamente).

O crescimento das cirurgias estéticas, das academias, das dietas e de tratamentos preventivos a base de complementos protéicos e vitamínicos não deve ser entendido apenas como uma preocupação com a saúde (ainda que assim se pretenda constituir), mas primordialmente como um modo de subjetivação baseado em uma economia de mercado, consumista de sensações e objetos para o prazer imediato. Muitos, no grupo, saúdam essas experiências como o acontecimento-lugar de libertação das limitações da vida, para além de uma fragilidade passível no envelhecimento, a vida sem a inerência de sua debilidade corporal. Existe aí mesmo, é claro, também uma potência de vida possível de se manifestar e não apenas um esvaziamento de suas experiências.

O corpo-máquina referenciado em um modelo de jovialidade é o corpo da disciplina que aprimora seus usos e amplia suas funções, estendendo sua utilidade por meio de procedimentos (de controle) que visam à eficácia do corpo. Há, no envelhecimento, que não escapa à lógica de uma anátomo-política do corpo, um investimento na gestão da vida e no poder conferido ao corpo. Mas este investimento na vida e no corpo, no corpo vivo da vida, não evidencia como possibilidade apenas o negativo, podendo ser positivado, pois apresenta um plano de abertura que se coloca como acontecimento, como emergência possível de novas composições e forças em exercício.

9 AS BIOTECNOLOGIAS E A RESPONSABILIDADE SOCIAL

Existe muito debate sobre as implicações futuras das biotecnologias, incluindo questões como os efeitos e impactos sociais, ambientais e econômicos. Temas que não geraram maiores desdobramentos a respeito destas presumíveis implicações. Mas, fazendo ecoar poucas vozes presentes no grupo, podemos destacar algumas pistas que se insinuaram em “atravessamentos”, incluindo em uma temática do que seja talvez possível chamar “direito à esperança”:

- *Temos direito de desejar uma vida melhor;*
- *Desejar esperança para os portadores de doenças sem cura.*
- *É uma grande esperança pra quem tem problemas e pode se beneficiar dessas pesquisas.*

Sabe-se que, em nome desses anseios, cria-se também uma corrida pela apresentação de resultados que são, em muitas das vezes, forjados, angariando verbas e financiamentos para pesquisas manipuladas. Dessa forma sustentam-se falsas esperanças com promessas irresponsáveis, vendendo soluções muito distantes de se tornarem acessíveis. (PEREIRA; COSTA, 2011)

O saber produzido pela ciência é, hoje, caracteristicamente diferente do saber científico de séculos anteriores, que não permitia antecipações ou previsões sobre os plenos efeitos a nível global das descobertas ou invenções científicas, sobretudo pelas dificuldades impostas pela distância e a conseqüente (não) divulgação dos achados e informações.

Mas, sobre a vigência da tecnologia de informação da era digital, as descobertas têm alcance global, permitindo produzir ou antecipar cenários futuros e seus efeitos em escala global e a longo prazo. A ciência e a tecnologia são constantemente acompanhadas de um conhecimento que ultrapassa o saber presente, estendendo-se para uma compreensão de sua

aplicabilidade futura, cenário que faz parte de toda produção científica atual e que une (ou desune) ciência pura e aplicada em uma rede de efetiva utilidade em escala temporal e espacial.

Após (principalmente) o holocausto – o massacre nos campos de concentração nazista na segunda grande guerra – foram criadas regras de conduta para os procedimentos de pesquisa envolvendo seres humanos⁷⁷, contendo diretrizes que obtiveram efeitos morais positivos, contribuindo para o avanço da relação ciência-sociedade em relação a sua aceitação. Mesmo que essas regras sejam percebidas como cerceamento e limitação por alguns⁷⁸ pesquisadores, a ciência e a pesquisa nunca progrediram tão rapidamente quanto na atualidade, na medida em que obteve uma legitimação social amparada nos órgãos de controle e fiscalização da ética⁷⁹ em pesquisa. Entretanto,

É cada vez mais freqüente que, apesar de atribuímos à ciência méritos excepcionais do progresso humano, como o prolongamento da vida, a cura de muitas doenças, o aumento dos recursos alimentares, da capacidade de comunicação e, enfim, do conhecimento a respeito de nós mesmos, por meio do estudo da mente e do deciframento do genoma, apesar de estarmos todos desfrutando dessas vantagens, a ciência seja muitas vezes questionada, sendo evocados cenários de pesadelo e invocados limites à sua liberdade. (BERLINGUER, 2003, p. 192)

Ainda que a ciência tenha obtido resultados globais no passado recente, como principalmente o uso de vacinas⁸⁰, contribuindo para a diminuição da desigualdade, as novas iniciativas não tem demonstrado os mesmos benefícios estendidos à população de modo irrestrito. Um exemplo é dado pela situação criada a respeito de novas medicações de caráter profilático ou terapêutico

⁷⁷ Resolução Nº 196, de 10 de Outubro de 1996, dispositivo que cria diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

⁷⁸ Principalmente por pesquisadores da área das ciências humanas, que consideram o protocolo para pesquisas com seres humanas rigoroso, sendo, muitas das vezes, um fator limitante, inviabilizando a adequação (ou aderência) da pesquisa as exigências protocolares.

⁷⁹ Comitês de Ética em Pesquisa.

⁸⁰ Comumente a varíola e a poliomielite servem como exemplos do esforço conduzido em escala mundial na distribuição equitativa das descobertas científicas entre as diversas populações do mundo.

acessíveis apenas a poucos privilegiados, negligenciando a igualdade na distribuição da vida e da morte em uma clara política de biopoder.

Berlinguer (2003, p.196) afirma que,

Desde há muito tempo, entretanto, os novos instrumentos de luta contra doenças não têm tido a mesma distribuição. Ao contrário, os benefícios das descobertas biomédicas não são universais, e sim seletivos, e podem contribuir, mesmo que involuntariamente, para o aumento das desigualdades. Um exemplo é dado pelas curvas de sobrevivência dos doentes de AIDS. Antes que se introduzissem remédios suficientemente eficazes, que hoje conseguem retardar notavelmente a morte desses pacientes, os anos de vida após a manifestação da doença eram poucos, mais ou menos iguais para todos. Tão logo os remédios se tornaram disponíveis, a distância entre a esperança de vida dos que tinham e dos que não tinham acesso a eles aumentou visivelmente, e esse acesso é definido com base em critérios seletivos fundamentados na renda, no nível de instrução, no sistema de saúde e, obviamente, no custo dos remédios.

O filme *O jardineiro fiel* retrata exatamente essa questão e de forma pungente, mostrando o uso da população de um país africano (Quênia) como ensaio clínico (apesar do engodo de um pretenso consentimento) para pesquisas de determinada medicação que, estes mesmos, não teriam acesso a ela quando de sua comercialização. Utilizando como sujeitos de pesquisa portadores do vírus da AIDS, estes são submetidos ao uso de um novo fármaco destinado ao combate da tuberculose. Embora o tratamento esteja causando a morte de alguns, no grupo experimental da pesquisa, esta é mantida por duas razões: uma, que os participantes iriam morrer mesmo, pois eram portadores de AIDS e, depois, porque se os experimentos tivessem que retroceder para descobrir o motivo das mortes retardaria as pesquisas, causando prejuízo de milhões e criando oportunidade para concorrentes se beneficiarem na corrida pelo desenvolvimento de um remédio para combater a tuberculose. Tudo isso ocorre com a complacência, conivência, financiamento de poderosas empresas de biotecnologias, de países europeus que disputam a primazia pela pesquisa, governos e entidades não governamentais, todos interessados nos resultados da pesquisa. É claro, o cenário é a África, refugio entre todos os continentes e o Quênia, um país ex-colônia da Inglaterra, onde

se mantém ainda certa influência britânica na política, podendo lá operar seus jogos de interesse.

Embora o filme fosse longo e denso, com narrativa alternando a cronologia dos fatos, certa parcela do grupo acompanhou com interesse, ainda que precisassem de explicações constantes. Mas, o “achado maior” foi a compreensão de que os procedimentos de pesquisa não visam necessariamente ao bem comum ou apreensão de uma propriedade benéfica, mas antes revelam os jogos de interesses financeiros que cercam as indústrias farmacêuticas e de biotecnologias.

Ainda que temas como este estivessem, de certa forma, sempre presentes, se insinuando ao grupo, os debates não chegavam a “aquecer”. Direções de análise, como a responsabilidade sócio-ambiental das biotecnologias não repercutiam no grupo como um todo. Assim mesmo, alguns o fizeram (ou ao menos tentaram), em um espaço externo e à parte do grupo. Estendendo os encontros com comentários pertinentes, enfatizaram esta temática, como no caso dos impactos da “revolução verde” e suas implicações sociais, acontecimento viabilizado por uma reportagem publicada em um periódico e trazida por uma participante do grupo para ser comentada fora dos encontros “formais”. Após este acontecimento a questão foi colocada ao grupo, para pensar os seus sentidos, tanto em plano conceitual (o que é a revolução verde e seus efeitos) como processual (o significado de ter partido de um movimento extraordinário para poder se valer e tornar presente).

A chamada revolução verde trata da introdução de variedades de cereais aperfeiçoados e mais produtivos nos países em desenvolvimento. Paradoxalmente, a adoção das variedades de grãos modificados aumentou a produtividade e rendimento agrícola, mas, por outro lado, acentuou a miséria e fome em determinadas populações. Tradicionalmente as variedades da revolução verde são mais produtivas, porém somente em determinadas condições. Para obter esse rendimento ótimo são necessárias quantidades expressivas de adubos, herbicidas e pesticidas somente disponibilizados, a preços altos, pelos produtores dos grãos. Em consequência, os grandes agricultores aumentam seu desempenho e lucros e os pequenos e médios agricultores não acompanham o vertiginoso desenvolvimento da revolução

verde, abandonando a prática que os mantinham economicamente. (BRITISH MEDICAL ASSOCIATION, 1992)

Para buscar-se o benefício da modificação genética dos alimentos, é preciso antecipar, na medida do possível, as armadilhas colocadas no e pelo mercado das indústrias e do comércio, evitando-as e explicitar que as dificuldades em relação ao tema da fome e miséria não são, como se procura induzir, meramente técnica, sanadas pelo alcance de um suposto aprimoramento tecnológico.

- Será que sempre é assim, o pequeno é que se prejudica e sacrifica os seus?

Em outra vertente da questão, no grupo se questionou a respeito de uma provável diminuição da diversidade genética. Assim como já ocorreu na agricultura, com a introdução dos transgênicos monopolizados por poucas multinacionais como a Monsanto, poderá também vir a ocorrer com a pecuária. Se variedades modificadas geneticamente dominarem a produção agropecuária, teremos uma redução dos coadjuvantes biológicos, as espécies que, ainda como parasitas, pragas, fungos entre outros, desaparecerão em um ambiente assepticamente estéril e controlado, sem mudanças e variações ambientais. A diversidade é condição à sobrevivência das mudanças ambientais e essas espécies, sendo sacrificadas em nome da produção, poderão fazer emergir novas condições, que não será possível detectar e combater com os escassos recursos de espécies excessivamente especializadas.

É preciso pensar os benefícios potenciais da introdução ambiental de organismos geneticamente úteis em comparação às consequências indesejáveis que a sua liberação possa provocar. Em todo o caso, organismos modificados só terão utilidade para todos se puderem ter seu uso irrestrito e não monopolizado por algumas grandes empresas de biotecnologias. Há o risco sempre plausível de organismos geneticamente modificados transferirem sua “engenharia” para outras espécies em que este engenho não seja favorável ou se mostre, até mesmo, nociva. Ainda que haja um controle cuidadoso da capacidade reprodutiva, uma vez “solta” no meio ambiente, novas soluções de reprodução podem emergir de forma inesperada, sem que se possa prever o impacto ecológico - em um ambiente despreparado - da liberação

descontrolada de grandes quantidades de material de mutação genética desconhecida.

Os avanços nas biotecnologias suscitam questões de ética, de segurança, benefícios e de direito. Os efeitos e consequências sociais da seleção genética são de grande alcance e podem desencadear acontecimentos surpreendentes. Abordar esse assunto no âmbito das discussões sobre biotecnologias e envelhecimento pode causar certa estranheza, mas, embora não se refira à totalidade do grupo, contempla os desejos de alguns participantes, correspondendo e materializando preocupações contemporâneas. Poder-se-ia suprimi-las, mas a sua conveniência aponta para algumas questões éticas e políticas que emprestam um sentido aos processos debatidos e não debatidos no grupo em relação aos efeitos das biotecnologias em suas vidas e seus diferentes graus de afetação.

10 UM ACONTECIMENTO, RESISTÊNCIAS E O PLANO DA ÉTICA

Os aparatos biotecnológicos voltados ao aprimoramento dos corpos, da saúde e performance física vem realizando, cada vez mais, uma função prescritiva sobre a vida, conforme já foi aludido anteriormente. É possível percebermos no grupo que, muitas das vezes, esse movimento pode ser atribuído a um declínio da função ética e normativa operada pela religião. Embora esta ainda permaneça como referência nas vidas de grande parte dos integrantes do grupo, as biotecnologias adquirem e assumem progressivamente um papel de orientação das condutas de vida, de dizer o que é certo ou errado, bom ou ruim, normal ou anormal. Trata-se, portanto, de práticas morais, na direção de um controle e em nome de uma conveniente “maior qualidade de vida”, instituindo domínios e dominações sobre a vida.

A partir do encontro com essas práticas orientadoras, percebe-se no grupo que o envelhecimento passa a ser pensado como um desvio (negativo) no plano traçado pelas práticas prescritivas das biotecnologias. Se essas práticas são por um lado modos de objetivação, pois produzem novos objetos do conhecimento, por outro lado e, inseparável deste, é um modo de subjetivação, pois produz também novos sujeitos do conhecimento.

As práticas de objetivação e subjetivação determinam respectivamente as condições de surgimento do envelhecimento, como objeto de saber para as biotecnologias, e estabelece as condições em que o velho se forma (e transforma) como sujeito legítimo, gerando um processo de constituição do envelhecimento/velho como existência possível. Em suma, esse mecanismo engendra domínios de saber que fazem aparecer tanto novos objetos como também novas formas de sujeito. (FOUCAULT, 1974)

Mas que idosos são esses que se formam sob a regência das biotecnologias? Como os integrantes do grupo percebem e procedem-se nesse

movimento? Se algumas garantias que orientavam as suas condutas estão sendo substituídas, como a religião pela ciência, que novos códigos (e formas de existência) estão se inaugurando e afirmando no grupo?

No grupo, é possível observar que as novas referências, estabelecidas pelo advento das biotecnologias, carecem de uma problematização e o que poderia ser uma oportunidade de experiência ética e política gerada pelo aparecimento dessas “inventividades” torna-se uma nova palavra de ordem, como uma obrigação a ser aderida. Esta atitude aponta para modos de subjetivação que o grupo estabelece em suas relações com as práticas biotecnológicas, fazendo se reconhecerem como “necessitados” de direções (as verdades já debatidas exaustivamente em seção anterior) que digam o que são e como devem conduzir-se. As verdades produzidas pelas biotecnologias, instituindo códigos prescritivos, os levam a aderirem de bom grado e desejosos seus preceitos, em claro processo de assujeitamento – face ao qual o envelhecimento e o velho se produzem. Portanto, são as biotecnologias que constroem os balizamentos necessários para a orientação das práticas de cuidado de si⁸¹ em suas vidas.

Essa é a atitude efetiva do grupo frente aos códigos que lhe são propostos, a conduta apresentada, a maneira como se produzem a si e ao envelhecimento nas relações que se estabelecem perante os enunciados biotecnológicos sobre o corpo, a saúde e o envelhecimento.

Coloca-se aqui como questão não só as práticas inventivas do sujeito do envelhecimento - a partir dos dispositivos biotecnológicos - mas também da questão ética política assumida frente às práticas que os formam. Evadindo-se deste plano de acontecimento, o que, para ser evitado, exigiria uma atitude crítica em relação à constituição de si, o grupo impede de deliberar o que em suas vidas servirá ou não como ação prescritiva e interventora das biotecnologias, definindo como o grupo se permite afetar por estes códigos e, o mais importante, estabelecendo para si mesmo os usos, modos e serventias possíveis dos aparatos biotecnológicos que incidem sobre suas vidas e o envelhecimento.

⁸¹ Cuidado de si que já definimos como práticas de conduzir as ações por meio de modificações no modo de ser.

Mas isso não é uma questão para o grupo, que se percebe, muitas vezes, como destituído de capacidade para problematizar este acontecimento, “preferindo” entregar ao especialista o encargo de atribuir significações a suas vidas. Porém, há de se considerar que pode haver aí realmente algo que não se coloca como questão para eles, porque outras questões se mostram mais urgentes ou imperiosas no momento, aparentemente mais próximas e concretas em suas experiências como pode ser exemplificado nas seguintes falas:

- *É, mas isto não tem nada a ver com o que acontece em minha vida ou,*
- *Afinal, do que a gente está falando? E, o que é mais significativo,*
- *Não estou entendendo nada.*

Apesar disso, a lógica da não implicação abre um território de plácida ocupação para os dispositivos biotecnológicos e os rearranjos possíveis; frente às práticas que os mortificam, tornam-se esquivos.

Mas existiram formas de resistência à apreensão pelos modelos prescritivos e normativos das biotecnologias. E, interessadamente, um desses movimentos, que poderíamos chamar de incitação, ensejou uma nova direção na abordagem da pesquisa. Primeiro um e, em seguida, alguns outros integrantes do grupo trouxeram, para disponibilizar, aquecendo e complementando os debates, recortes de jornais e revistas abordando as descobertas das biotecnologias⁸².

Qual a importância desse acontecimento? Vários, primeiro porque produziu um “desbloqueio” nas “regras” do grupo, pois este agora “descobriu” que também pode interrogar e transformar as formas que tendem a se cristalizar em aulas expositivas/explicativas sem reproduzir o caráter de incapacidade e a respectiva necessidade de um especialista/esclarecedor.

Segundo, porque gerou um “combate” entre forças presentes no grupo, ou como fala Foucault (2004b), levou a um agonismo, estabelecendo possíveis conexões entre estratégias díspares em incitação recíproca.

Terceiro, nitidamente, o movimento se colocou como forma de resistência frente às tentativas de esvaziamento temático e modelações da

⁸² Recortes estes que quase sempre aludiam à eficácia das novas descobertas genéticas das biotecnologias, comprovando seus benefícios e reforçando a importância da dimensão genética.

subjetividade, modulando-a em novo modo singular de produção. O que não se deu, é claro, sem enfrentamentos, uma vez que a iniciativa foi desqualificada por alguns como:

- *Coisa de quem tá querendo aparecer.*

Mas, o importante é que desta lógica mesma, do confronto entre processos heterogêneos, decorre o agonismo das forças estratégicas, produzindo uma riqueza diante de elementos díspares que não existiam antes.

Em quarto, e muito produtivo para a pesquisa, indicou uma nova direção a ser tomada. Se os artigos publicados em periódicos “trouxeram” estas incitações então, é preciso também considerá-los como dispositivos de subjetivação e analisá-los em seus jogos enunciativos. O que, efetivamente, foi feito. E, a partir de então, esse material, os periódicos, passaram a constituir, a fazer parte, também da pesquisa. Sempre que algum artigo sobre biotecnologias era publicado, em revistas ditas científicas⁸³ ou não, eram adquiridos e analisados em termos de práticas produtoras de subjetivação.

Nesse movimento de investigação em periódicos, um achado se produziu. Pôde ser constatado um interessante processo, que se constitui em uma filtragem das novas descobertas científicas. Publicadas originalmente como artigos científicos em arquivos de circulação restrita, em seguida, detectada por repórteres especialistas em “garimpar” matérias “interessantes” para serem publicadas em revistas de abordagem técnico-científica e, depois, em outro momento estas matérias são diluídas e apresentadas em linguagem acessível ao público leigo em jornais e magazines. Podemos visibilizar um poderoso vetor de produção de subjetividades, em um processo que vem hierarquicamente por meio de alusões as fontes anteriores chancelando a matéria apresentada de um extremo ao outro de sua área de penetração. Assim, as descobertas se movimentam dos meios científicos e acadêmicos ao “popular”, cobrindo toda a extensão do seu projeto de objetivação e subjetivação

O acontecimento, acima aludido, consiste em um caráter ético-político de resistência apresentado no grupo. Resistência porque afirma uma

⁸³ Entre estas revistas encontram-se algumas que se pretendem científicas, tais como: *Superinteressante*, *Galileu*, *Scientif American*, *Ciência hoje* e *Filosofia* e outras consideradas como revistas de reportagem de caráter mais informativas como *Época*, *Isto É* e *Veja*.

disposição em desviar de alguns modos de articular tanto com as produções de sentidos gerados pelas biotecnologias como pela direção imprimida aos encontros, criando outro percurso possível de análises dos temas em discussão. A relevância desse acontecimento é perceptível: mostra pelo que se luta e o que, a partir disso, ele (o grupo) quer se apoderar. Obviamente, foi um movimento solitário e circunscrito, mas não desfaz o seu caráter ético e não o desmerece como acontecimento que busca uma estética de si mesmo, a criação (invenção) de novas formas possíveis de envelhecer, não fundada em práticas subservientes e normalizadoras.

O grupo, talvez seja possível afirmar, encontra-se em um determinado modo condizente com os processos de governamentalidade. Daí, por vezes, a extrema dificuldade em situar o que de si mesmo se espera, como se conduzir ou proceder e, dentre toda expansividade da vida produzida pelo biopoder, que territórios ocupar e como sê-lo. São vetores de subjetivação que incidem sobre suas formas de criação e percepção do mundo. Resultante dessa produção nos modos de subjetividades o grupo apresenta um constrangimento de suas ações, que aprisionam suas experiências em modelos de envelhecimento normativos e impedem a abertura a novas formas/possibilidades de envelhecer.

11 BREVE COMENTÁRIO SOBRE OS TEMAS DA MORTE E DA IMORTALIDADE

Pouco se debateu sobre o tema da morte no grupo. Talvez tenha se abordado mais, ainda que timidamente, o assunto da imortalidade como oferta das biotecnologias, do que a morte propriamente. Ainda assim, é válido ao menos apontar algumas direções que se insinuaram. As pesquisas biotecnológicas não se contentam somente em expandir as capacidades e habilidades orgânicas corporais, mas possuem uma aspiração bem mais ambiciosa: a imortalidade.

As biotecnologias, em sua ambiciosa vertente de pesquisa sobre o eixo temporal da existência, pretendem superar todas as limitações do orgânico, inclusive a morte compreendida como limite desnecessário frente ao potencial e segredos que se revelam dos códigos genéticos. Visando romper essa barreira imposta pela temporalidade humana, “o armamento científico-tecnológico é colocado a serviço da reconfiguração do que é vivo e em luta contra o envelhecimento e a morte.” (SIBÍLIA, 2002, p. 49)

Estaria a morte fadada à morte? Na visão de muitos aficionados desse discurso auspicioso, a resposta seria afirmativa; graças às biotecnologias, estaríamos assistindo ao término da maior fatalidade humana, a morte. A promessa mais fantástica das biotecnologias se anuncia como projeto que desafia os limites do próprio biopoder.

- *Será que no futuro não se vai mesmo morrer mais?* (fala acompanhada por risos no grupo)

Conforme Foucault (2002a, 2002b) esclarece que, a partir dos mecanismos de *biopoder*, a morte assumiu outras configurações, como o limite específico, o que põe termo ao biopoder. Se, na soberania, a morte representava o poder absoluto do soberano, sob a ação do biopoder a morte

passa a representar o que está fora do poder e sobre a qual este só poderá operar através das demarcações estatísticas e demográficas. A morte foi abandonada como manifestação do (bio)poder, que se voltou não mais para a morte, mas para os índices de mortalidade (biopolítica) e a difusão da vida.

Enquanto, no direito de soberania, a morte era o ponto em que mais brilhava, da forma mais manifesta, o absoluto poder do soberano, agora a morte vai ser, ao contrário, o momento em que o indivíduo escapa a qualquer poder, volta a si mesmo e se ensimesma, de certo modo, em sua parte mais privada. O poder já não conhece a morte. No sentido estrito, o poder deixa a morte de lado. (FOUCAULT, 2002a, p. 296)

Este deslocamento no sentido e significado da morte, não mais um evento celebrado por toda a comunidade, mas escondido em um âmbito, com frequência, privado, demonstra precisamente as transformações ocorridas nas tecnologias de poder. A morte não opera mais o poder (no biopoder), é a dimensão onde o poder não se instala ou não se estende mais, por conseguinte, já não representa interesse e deve se mantida como experiência mínima, no âmbito do privado. Foucault, assim, explica essa questão:

O que outrora conferia brilho (e isto até o final do século XVIII) à morte, o que lhe impunha sua ritualização tão elevada, era o fato de ser a manifestação de uma passagem de um poder para outro. A morte era o momento em que se passava de um poder, que era o do soberano aqui na terra, para aquele outro poder, que era o do soberano do além. Passava-se de uma instância de julgamento para outra, passava-se de um direito civil ou público, de vida e da morte, para um direito que era o da vida eterna ou da danação eterna. Passava-se de um poder para o outro. A morte era igualmente uma transmissão do poder do moribundo, poder que se transmitia para aqueles que sobreviviam: últimas vontades, testamentos, etc. Todos estes fenômenos de poder é que eram assim ritualizados. (FOUCAULT, 2002a, p. 295)

Agora, aparentemente, o limite mortal estaria sendo desafiado pelas biotecnologias, almejando um novo território de poder, antes esvaziado ou esmaecido pela vigência do próprio biopoder. Buscando disseminar-se e ocupar todos os espaços da criação, a morte não será abandonada pelo

ofertório das biotecnologias, mas sim recapturada e ritualizada por outras práticas discursivas que se formarão.

São, em relação aos processos da vida que as biotecnologias pretendem estender, seus mecanismos de intervenção, mecanismos estes que operam agora uma expansão dos seus limites, propondo o fim da própria morte, limite de alcance do biopoder. Vida não mais entendida em uma dimensão de finitude e morte não mais como seu reverso macabro. Novas torções, deslocamentos e aparente retomada do “velho” mecanismo de poder soberano sobre a morte. Apenas aparente, porque não se trata do poder sobre a morte, mas sobre a não morte, não mais tomada como reverso, porque este já não há; não lhe faz mais um infortúnio par. Deslocamento do conceito de vida, uma vez que também não se opera aí nenhuma antítese, e da própria vida, que se apresenta como alcance possível de “todos os tempos”. Extensão (e pretensão) máxima de um biopoder, a vida indefinida⁸⁴ e a morte domada pelas biotecnologias.

⁸⁴ Indefinida também porque não mais se define como antes e antes se redefine.

12 O SILÊNCIO DO CORPO E O CORPO DO SILÊNCIO: IMPASSES E PALAVRAS NÃO PROFERIDAS

Talvez não seja elegante, pertinente ou oportuno, mas algo “pede passagem”. Este algo são resquícios que não foram “atendidos em seus pedidos” por se fazer ouvir, requestando ao final desta tese. Talvez um desejo de algo mais a acrescentar sem encontrar o devido lugar no **corpo** do estudo empreendido ou apenas justiça ao que poderia, mas não chegou a se(r) incorporar.

Seja o sentido que for ou puderem ter, algumas questões persistem como espécie de “compromisso não atendido”, suscitando incômodos e forçando sua passagem. Assim, permitindo a sua encarnação em palavras e retornando a alguns elementos dos temas apresentados e não satisfatoriamente esgotados, os retomamos em derradeiro discurso.

A mídia e as indústrias biotecnológicas como sempre, alardeiam as “descobertas” das pesquisas, gerando expectativas favoráveis no público, mas o entusiasmo é bem menor entre os envolvidos com as pesquisas desta área. A atual tecnologia de intervenção genética apresenta vários inconvenientes. Embora o público seja levado a acreditar que as experiências com terapia genética são realizadas com alto grau de precisão e sucesso, o cenário destes acontecimentos é bem diferente. A inserção de genes modificados é um processo ainda aleatório, não se podendo prever onde o gene modificado se alojará, uma vez introduzido no interior do cromossomo. Pode, ainda, induzir transtornos involuntários a outras funções sistêmicas. E, mesmo que o gene se aloje no lugar desejado, não há garantias de que se expressará, uma vez que a expressão gênica pode depender de outros sistemas de ação coadjuvantes. O próprio Instituto Nacional de Saúde norte-americano (NIH) “solicitou publicamente aos cientistas que conduzem as experiências, pedindo que parem

de fazer promessas que não podem cumprir”, uma vez que a eficácia da terapia genética ainda não pode ser definitivamente comprovada apesar de alguns relatos casuais de sucesso. (RIFKIN, 1999, p. 138)

As biotecnologias trazem novas oportunidades, de ordem tecnológica é evidente, mas o que talvez não seja tão óbvio, pelo menos não tão discutido, é que são novas oportunidades econômicas e o grupo se pergunta:

- *Quem se beneficia?*

Fala que pode se dirigir tanto à questão tecnológica quanto à econômica. O fator econômico é um importante componente em todo o cenário que recobre as biotecnologias e sua ação, revestida de uma lógica contábil e capitalista, que não parece ter sido esgotada nos debates do grupo. A extensão desses acontecimentos, no plano tecnológico, também suscita questões que não foram pensadas no grupo em termos das implicações possíveis em suas vidas.

Os benefícios trazidos pelo Projeto Genoma são conhecidos, criando um roteiro da localização das doenças manifestas e potenciais, um mercado estimado em cifras incalculáveis. O transplante de órgãos derivados de células-tronco, bem como a recombinação dos genes humanos modificados excederá qualquer valor imaginado. Os lucros esperados com a criação de transgênicos superam todas as produções agropecuárias tradicionais. Vê-se, portanto que se trata sempre de pensar em cifras, valores e lucros.

As biotecnologias já se apresentam como uma “segunda gênese” baseada na emergência de um novo modo de criação de vida, que trazem como moldes operativos a tecnologia, a propaganda, o consumo, o utilitarismo e a genética.

Começamos a reprogramar os códigos genéticos das coisas vivas para adaptá-las às nossas necessidades e desejos econômicos e culturais. Assumimos a tarefa de criar uma segunda gênese, dessa vez uma sintética, voltada para os requisitos da eficiência e produtividade. (RIFKIN, 1999, p. 15)

Se, na “primeira gênese”, a criação evoca um conceito de espécies (ou espécimes), na “segunda gênese” a espécie está também, nova e coincidentemente, no âmago da questão. Como criador, é preciso recriar a

espécie ou superá-la enquanto conceito. Com a combinação de material genético transcendendo as fronteiras demarcadas pelo conceito de espécies novas quimeras têm origem. A engenharia genética permite transpor a barreira das espécies colocada pela criação/criador na primeira gênese. Reencarnação de um (ato) divino e transfiguração (das espécies), eis o supremo avatar das biotecnologias.

Cunha-se, para esse processo, o conceito augenia, que “significa mudar a essência de uma coisa viva. As artes augênicas são dedicadas à ‘melhoria’ dos organismos existentes e ao desenho de outros completamente novos, com o intuito de tornar seu desempenho ‘perfeito’”. (RIFKIN, 1999, p. 34). Um modo, portanto, de percepção e intervenção ao mesmo tempo, pois respectivamente vê-se a vida como aberta em suas fronteiras de demarcação entre espécies e, por isso mesmo, passível de transferências genéticas entre si. O mapeamento do genoma e a manipulação genética permitiram, ao menos como experimento, romper com o que supunha ou considerava-se antes ser um código intransponível e, porque não, inefável da vida; disponível agora para intercâmbios extasiantes.

As novas tecnologias de comunicação promovem um deslocamento nas experiências de temporalidade e espacialidade vividas no e pelo grupo. O encontro entre corpos não mais necessita destes para mediá-lo, definindo novos arranjos e materialidade do corpo. Novas possibilidades de ser e estar no mundo, desdobrando em inusitadas configurações e composições a experiência dos encontros entre os corpos e redefinindo antigas distinções como próximo/distante, presente/ausente, real/virtual e várias outras noções que operavam demarcações em fronteiras antes mais discerníveis.

Essas transformações impõem a existência de novos ritmos ao corpo, onde não há espaço para a defasagem (de tempo ou forma), por isso o corpo envelhecido precisa ser reinventado para abrigar as novas composições e configurações, velocidade e matéria se convergindo, redução da distância entre a vontade, o possível e o efetivo.

Para alguns, no grupo, tem-se a sensação de que a evolução natural é incapaz de competir com o ritmo imposto pela evolução tecnológica:

- *Ai, não consigo acompanhar tanta mudança, tudo muda toda hora. Parei no vídeo-cassete.*

Mas, o que não percebem é que existe aí uma sutileza. A diferença que se impõe não é tanto no ritmo, mas em uma lógica de produção da defasagem. A sensação de obsolescência é referente ao tempo biológico, evidenciado quando constatam que os avanços tecnológicos multiplicam-se cada vez mais em um intervalo de tempo menor. É neste interstício vertiginoso, um lugar de cálculo estratégico para o próximo lançamento, já existente e esperando o momento comercial propício para sua aparição no mercado que se produz a sensação de aceleração da tecnologia e não de um tempo na cronologia extensiva das descobertas tecnológicas.

É preciso afirmar que os discursos das verdades - biotecnológicas - hierarquizam e classificam, mas também produzem uma multiplicidade de efeitos positivos que podem ser constatados nos projetos de engajamento em diversas atividades (específicas para a terceira idade)⁸⁵ do grupo, sejam academias de ginástica, grupos de estudos, cursos de aprimoramento, remédios, tratamentos, turismo ou eventos, trazendo a reboque a criação de todo um aparato (dispositivos) que se materializa nestas práticas. Sendo assim, antes de serem negativas, as biotecnologias têm uma positividade, criando extensos campos produtivos, especialidades, novas instituições, novos saberes e conhecimentos, novos sujeitos desse conhecimento, novas técnicas, práticas e aplicações possíveis. Fecundidade esta que se refere aos efeitos positivos do biopoder e da disciplina.

Positivo aqui não significa necessariamente benigno, mas antes uma riqueza de produções. E presente se faz a necessidade de melhor compreender o que esta riqueza coloca em termos de novos dispositivos de assujeitamento engendrados na atualidade; cada vez mais onipresente, colonizando e estendendo sua lógica a novos territórios de ocupação, como o envelhecimento.

As biotecnologias se inserem tanto nos corpos individuais como no grupo como um todo, intervindo nos processos coletivos de aumento da longevidade, saúde, redução da mortalidade e de doenças, criando mecanismos preventivos de ação comum. Firmando uma complementação das ações biotecnológicas, há um elemento em comum que transita entre as duas

⁸⁵ Ainda que se possa aludir a outro efeito produzido pela especificidade dessas práticas: a formação de um “gueto” de idosos e a redução da vivência e troca entre gerações.

dimensões (do corpo individual e coletivo): a prescrição normativa, possibilitando a co-existência da ordem e do aleatório em um mesmo regime discursivo. A sociedade de normalização é uma sociedade em que se cruzam a norma da disciplina e a norma da regulamentação. Uma tecnologia de poder que se incumbe tanto da vida-corpo individual quanto da vida-corpo coletivo.

No grupo, se observa a ação desses dispositivos de poder dispostos em atitudes como o monitoramento das práticas de cuidados de si (dos corpos e das trajetórias de envelhecimento) – se estão efetivamente correspondendo ao que deles se espera (ou é delegado) e em caso negativo (negativo seja pela ausência ou incorreção de suas práticas) a culpa é atribuída aos que não seguiram suas normas e prescrições. A auto-culpabilidade, ameaça potencial que paira permanentemente, já é em si uma punição.

- *Tenho vergonha de não conseguir fazer o mesmo.* (sobre os exercícios físicos e os cuidados de si, sem conseguir obter os resultados eficientes e esperados)

Prescindindo de uma vigilância externa, porque agora internalizada como obrigação, torna-se uma operação pouco custosa para a “economia” das biotecnologias, mas muito deletéria para os idosos. É um dispositivo que compara e normaliza, ocorrendo em estreita correlação com as técnicas de exame contínuo e infundável. E, sem dúvida, este acontecimento nos remete ao conceito foucaultiano dos instrumentos que operam de forma integrada no disciplinamento dos corpos, a saber: a vigilância, a normalização e o exame; marcando os corpos em suas qualidades e desvios, determinando seus lugares de ocupação e produzindo uma posição para ser ocupada pelo corpo no envelhecimento.

Observa-se no grupo a importância da gestão sobre as trajetórias do envelhecimento, visíveis em suas condutas adotadas, qualificando os corpos, operando e distribuindo sobre estes a etiqueta dos estilos de vida saudáveis. O grupo pensa o cuidado não só a partir dos valores e crenças gerados socialmente, mas, para além disso, a sociedade também como geradora de sentidos à vida, designando o campo do cuidado e o que precisa ser cuidado, dispondo alguns como referência possível a este cuidado e exemplificando no corpo destes a capacidade do “correto bem cuidar” e seus efeitos esperados (e, no de outros, a exemplar punição pelo descuido esperado). Para os que não

conseguem o intento do sucesso, resta a velhice como conformação. Mas nem todos pensam de acordo com esta lógica (e também logística porque distribui e faz circular determinados comportamentos) e para estes o envelhecimento é condição, e não conformação; surge como possibilidade propícia de se romper com essa lógica/logística de funcionamento, uma ocasião para se produzir variações nas trajetórias de envelhecimento.

Nessa linha discursiva, o corpo é investido de uma potência de outra ordem, para além das necessidades de um mercado produtor de comportamentos padrões (e que insere o corpo no mercado) e para além do corpo sem potência que alguns atribuem ao envelhecimento, inventando o mundo e a si mesmo neste processo. De um lado um sentimento/ocasião de impotência, aceitação e processo findo e, de outro, um sentimento de transformação, criação e processo aberto.

É preciso enfatizar que os devotos às práticas de cuidado de si, regidas por uma racionalidade exterior, a eles não têm a finalidade de estabelecer o domínio soberano de si sobre si; o que se estabelece a partir de suas práticas, ao contrário, é a subserviência e a mortificação, o distanciamento em relação a si e a constituição de uma relação de forças que favorece a destruição de uma verdadeira prática de si. Tome-se como exemplo, muito colocado no grupo, do que se passa em uma consulta profissional (seja um médico, psicólogo, advogado, professor e etc.) onde o saber sobre si é constantemente desqualificado ou destituído pela afirmação do suposto saber do profissional, estabelecendo na hierarquização dos conhecimentos um desinteresse resignado do próprio saber ou experiência de si adquiridos.

O exercício do cuidado de si, estimulado pelas biotecnologias e assumido como um compromisso próprio no decurso do envelhecimento, consiste, antes, em uma prática – que precisa permanecer invisível - de apropriação e condução do cuidado de si pelo especialista. Caracteriza-se, portanto, em modos de subjetivação, em que o envelhecimento, exaltado em capacidades deliberativas próprias, atua somente como oferta de uma demanda disponível, mas que necessita fazer acreditar-se como parte de um processo de escolhas e decisões verdadeiramente autônomas. Os especialistas advertem:

O declínio funcional gradual associado ao envelhecimento tem sido uma preocupação constante da humanidade. Uma das razões deste interesse é o caráter universal do processo: ninguém, não importa o que faça ou onde viva, pode escapar aos seus efeitos. (FARINATTI, 1997, p. 31)

Processo inexorável, que a todos submete ou devem se submeter, onde se é vaticinado: é preciso, portanto, se atentar a sua dimensão, dando-lhe o devido tratamento, consideração e importância. Práticas que açambarcaram as trajetórias de envelhecimento e, dificilmente, esquiváveis em suas vidas. Dificuldade imposta por conceitos produzidos e atrelados às suas experiências de envelhecimento como naturais ao envelhecimento.

Na atualidade, assistimos à emergência da categoria de fragilidade, conceito abstrato e polissêmico que se presta a variadas construções.

- Somos idosos, nosso corpo é mais frágil e precisa de cuidados diferentes.

Novamente, entrando em cena as figuras do especialista, do discurso científico e do saber técnico. O reconhecimento deste “estado” e os respectivos fatores de risco e proteção buscam identificar aquelas trajetórias de envelhecimento que possam se beneficiar da intervenção especializada. Abordagem que direciona as linhas interventoras diretamente aos “vulneráveis” e “fragilizados”, considerando-os como estágio precursor, predizendo incapacidades futuras.

Na consecução desta estratégia, assume um importante papel a identificação e criação dos chamados “grupos de risco”, que servem como justificativa para a intervenção profissional. Muito se investe para configurar o envelhecimento como população alvo, necessitada de cuidados preventivos e continuados específicos, intentando, por meio da caracterização de suas trajetórias, a realização de um controle efetivo.

As biotecnologias trabalham, constantemente, com duas dimensões indissociáveis, o negativo e o positivo, e com frequência uma torna-se preparatória à outra. Uma vez produzida a idéia de risco e promoção da saúde estabelece-se uma referência para abordar as trajetórias de envelhecimento e nelas operar mecanismos de inteligibilidades.

Caracterizando a condição humana como sendo necessariamente frágil, opera-se um paralogismo, muito pouco explica e serve bem para se construir

uma conversão, associando o envelhecimento à condição de fragilidade. Ao operar essa manobra de conversão, a associação do envelhecimento à condição de fragilidade, dela se extrai uma potência, pela sujeição às prescrições do cuidado de si e à conseqüente ameaça de culpabilidade pelo “deixar-se adoecer”. Trata-se de uma estratégia de despolitização da potência do idoso: diminuir ao máximo o poder de resistir a esta sujeição, esvaziando a potência política e conduzindo, através de práticas coletivas, ao conformismo individualista.

As publicações científicas fazem a sua parte, é lógico, produzindo subjetividades.

Outrossim, o envelhecimento caminha lado a lado com a incapacidade e a dependência, criando uma expectativa trágica para essa fase tardia da vida, embora o fato de envelhecer não deva necessariamente ser acompanhada de carga mórbida. (FREITAS, 1999, p. 1)

Estudos buscam produzir evidências, confirmando a existência dessa categoria. A fragilidade passa a ser colocada em uma estreita correlação com a prevenção, aproximando-a da idéia, tão ao gosto do mundo contemporâneo, de virtualidade e de intervenção continuada, conforme se pode constatar na citação abaixo:

Todas as pesquisas desenvolvidas na área da fragilidade parecem deixar claro que o idoso neste estado vive em uma “corda bamba”, tentando resistir ao máximo aos fatores de risco que o levam ao desequilíbrio funcional com perigo de dependência, hospitalizações, institucionalizações e até morte. O reconhecimento precoce desse estado parece ser a chave que nos abre as portas da prevenção e da intervenção geriátrica especializada. (CAMPOS, 1996, p. 22)

A intervenção continuada visa na realidade, segundo o que já foi abordado, estabelecer formas de controle permanente e detectar precocemente tendências, demandas potenciais e virtuais.

Neste movimento, torna-se nítido o processo de consubstanciar o envelhecimento e fragilidade. O mesmo sistema que opera um vetor de sucesso para aqueles que seguem a prescrição instala também uma crise, confirmando assim, a oportuna função de normatização e regulamentação do e no envelhecimento. O desejo pelo envelhecimento bem sucedido torna-se mais

persuasivo à medida que se sente ameaçado permanentemente por uma propensão à fragilidade que lhe é imputada, portadora de prováveis formas de adoecimento.

A descoberta de uma propensão corresponde à possibilidade de se modular a virtualidade, de gerar ajustes antecipadamente à ocorrência do advento da velhice.

- Eu me trato com vitaminas há bastante tempo para evitar os problemas do envelhecimento antes dele aparecer.

Novas formas de investimento no corpo e de cuidados de si se formarão. Concebendo-se como frágil o envelhecimento e a si mesmo, facilmente adere-se ao projeto das biotecnologias. Novas alianças são estabelecidas com as pesquisas ratificantes, destacando-se a fragilidade para, em seguida, buscar debelá-la com sua prescrição predileta, as práticas de cuidado de si. A fragilidade passa a ser uma condição para se desejar aquilo que as biotecnologias acenam e ofertam às suas vidas: uma velhice rejuvenescida e revigorada, apelo irrecusável em uma cultura esteticista e narcísica.

Há necessidade de se buscar as causas determinantes das atuais condições de saúde e de vida dos idosos e de se conhecer as múltiplas facetas que envolvem o processo de envelhecimento, para que o desafio seja enfrentado por meio de planejamento adequado. (NETTO; PONTE, 1996, p. 3)

Na medida em que se encontram atemorizados pela descoberta da própria fragilidade, são convocados a perfilarem, unirem-se aos esforços empreendidos pelos especialistas ao combate do fantasma da fragilidade e sua ameaça permanente que a todos assombra: envelhecer, adoecer e sofrer. Busca-se, assim, justificar a inserção das técnicas de prevenção e controle precoces no intuito de debelar um evento futuro, como se fosse um destino comum a todas as trajetórias de envelhecimento, o adoecer e o sofrer.

Cuidar de si passou a ser cuidar do corpo. Estimulado pelo mercado de consumo e exaltado pela mídia as pesquisas se encarregam de produzir as novas direções e promessas ao (não) envelhecimento, prontamente aderidas. Nesse cenário, surgem os conceitos da “moda”, como por exemplo, os chamados gerontogenes, genes mutantes ou não que supostamente teriam a

capacidade de estender a longevidade, protegendo da ação deteriorante do próprio envelhecer e nos quais parte considerável das pesquisas sobre a longevidade investe atualmente. Percebendo ou não que é dessa busca que se trata no/do (não) envelhecimento, quando colocado como fragilidade virtual, o grupo expressa comentários como:

- *Tomo vitaminas (tratamento ortomolecular) para prevenir o envelhecimento.*

No que outra participante do grupo completa.

- *É muito bom para combater o envelhecimento precoce.*

No grupo, alguns se dirigem facilmente a estas promessas, revestidas em outras nomenclaturas como “fatores de risco ao envelhecimento”, “doenças deletérias à longevidade”, “retardamento da ação do tempo” entre tantas outras, despertando, em nome da longevidade, uma prontidão a investimentos maciços no corpo. Surge, assim, toda uma farmacopéia de substâncias, que agirão sobre esse estranho paradoxo de prevenir - agir antes de vir a ser - o precoce - que se manifesta antes do tempo -, nem sempre percebido em seus efeitos de objetivação.

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anéis de uma serpente são ainda mais complicados que os buracos de uma toupeira. (DELEUZE, 1992)

É preciso, neste momento, tecer algumas considerações a respeito dos procedimentos adotados nessa pesquisa e suas peculiaridades. Para salientarmos as suas especificidades e trajeto singular, apontamos alguns pontos relevantes da pesquisa e dos encontros suscitados.

Ao abordar a questão das biotecnologias em seu atravessamento com o corpo e o envelhecimento a tese cercou-se de certos cuidados. Primeiro, realizar a análises em dispositivos específicos e localizado - constituído pelo grupo de pesquisa - em detrimento da ambição de análises grandiosas em mecanismos gerais. Segundo, abordá-la na perspectiva de seus efeitos, em um ponto de contato definido em que se estabelecem formas de objetivações e subjetivações. Terceiro, aproximando-se, não de supostas ideologias irradiadoras de processos dominadores e repressores - com caráter de centralização abstrata, mas das práticas e técnicas específicas que produzem formas de conhecimento e saberes, ou seja, a dimensão de uma positividade.

Por sua vez, o pesquisador lança-se na experiência sem, no entanto, colocar-se imune a ela, estando sempre, de alguma forma, implicado em qualquer atividade de produção de conhecimento. Esta é uma atitude ética e política. Em decorrência, deve considerar no bojo da pesquisa a análise destas implicações e não se esquivar de dialogar com as próprias inconsistências e incoerências da pesquisa. É preciso narrar contando não apenas o que se encontra dentro das cenas gloriosas e celebradas “oficialmente”, mas coerente

com a proposta assumida, localizar-se, muitas das vezes, fora do texto padrão da escrita acadêmico-científica exigida.

O procedimento adotado para acompanhar esse processo foi o diário de campo. Uma ferramenta que não dissocia os vários campos intensivos de uma pesquisa, permitindo não só o registro das observações, mas principalmente, o acolhimento das dúvidas e incertezas como experiências constitutivas do próprio ato de pesquisar.

A pesquisa de campo consistiu em mais do que uma proposta de construção possível de um ponto de partida para a escrita; significou, antes de tudo, um compartilhar de experiências com todas as suas cores, tons e nuances. E não se buscou, em meio a este processo, a obsessão de trabalhar todas as falas porque, mesmo que estas fossem registradas e transcritas, ainda assim escapariam a uma pretensa tentativa de dar conta de sua plenitude.

As questões, ainda que se manifestassem como individuais, falavam de todos e, se houve pontualidade, essa apenas indicava os interesses experimentados no e pelo grupo. Certamente, processos de seleções temáticas ocorriam, havendo interferências, disputas por prevalência temática e, é claro, também interesse do pesquisador, mas todos esses processos foram entendidos como constituintes e coerentes com os percursos possíveis (modalidades) de se fazerem pesquisas aqui apresentado: a produção de uma metodologia que viabiliza ou aproxima processos de experimentações, pesquisa, escrita, teoria e método.

É conveniente lembrar que cada tema abordado constituiu-se em um recorte, operado pelo próprio grupo, naquilo que os interessava mais imediatamente e a escrita apenas sistematizou-os teoricamente, promovendo articulações com o referencial teórico - foucaultiano - adotado nessa tese.

As experiências e percepções vividas pelo grupo a respeito das biotecnologias foram bem distintas. Algumas aderiam à crença generalizada de que as biotecnologias continham as respostas definitivas a todos os problemas da existência, outras não compreendiam o que pretendia afinal a biotecnologia e entre esses dois grupos que tendiam a certa polarização algumas poucas combinações variantes. Mas, uma posição ou outra, foram sempre semelhantes na dificuldade em estabelecer relações entre as ofertas

das biotecnologias e o que se produz em termos de subjetividade: as estratégias de produção de necessidades e sentidos possíveis á vida.

Não há, necessariamente, uma especificidade em ser idoso, assim como não há garantia de maior tolerância, sabedoria ou outra qualidade qualquer que comumente atribui-se ao idoso somente pela sua condição de ter vivido um longo período de tempo. Encontramos no grupo condições diversas como em qualquer outro grupo: pessoas apáticas, pessoas participativas, os interessados e os desinteressados, aqueles que não entendem a proposta (por mais que se explique) de trabalho apresentada, os comprometidos com a proposta, os com dificuldades para compreender e outros que compreendem facilmente. Nesse sentido não há uma característica (ou diferença) fundamental que se possa atribuir ao grupo apenas pelo fato de ser composto por pessoas idosas. Assim, pode-se afirmar que a idade não constituiu um fator de homogeneização na produção e debate temático.

Conhecer é também acessar o movimento singular que constitui o próprio conhecimento, exigindo o acompanhamento das modulações constantes na produção de um saber. O fazer permite surgir o conhecer da mesma forma como é o conhecer que faz surgir o fazer. Por isso, considera-se a dimensão de processualidade como um contributo para a própria análise das práticas temáticas. Um elemento que amplia o olhar na expansão do conhecimento, afeta e intervém na atualização de novas formas e objetos.

Mundo e sujeito emergem juntos em um mesmo ato cognoscente. Isto significa afirmar que ambos surgem simultaneamente no próprio ato de apreender o conhecimento em um movimento de co-engendramento. Deste modo, os membros do grupo, ao inventarem novos mundos possíveis, inventavam também a si mesmos.

Portanto, os encontros geraram uma oportunidade de falar sobre a vida, o corpo e as ingerências das biotecnologias nos sentidos atribuídos àqueles. Criaram novas formas e sentidos possíveis aos acontecimentos, abrindo-se para a possibilidade de novas configurações à vida, relatados a partir das perspectivas dos próprios.

As biotecnologias acenam com suas propostas sedutoras como a libertação de todas as limitações e fragilidades impostas ao corpo. Acredita que a direção ou objetivo almejado é a superação de todos os obstáculos

impostos ao corpo, uma condição para além do sofrimento oriundo de um corpo, agora tornado decadente e obsoleto. Nesse movimento, muitas das vezes, percebeu-se que o processo ali produzido expandiu suas potências de vida, revitalizando-as diante de práticas de subjetivações devastadoras, revestidas em formas cada vez mais sutis e sedutoras. Ao mesmo tempo constatou-se a tendência a se render aos imperativos das biotecnologias, que assumem caráter de uma produção com alto poder de prevalência e aceitação.

A individualidade, característica ou (sub?) produto de nossa sociedade capitalista, fortemente atrelada aos paradigmas neoliberais, também se apresentou, em variados graus de intensidade, no grupo, produzindo indiferença frente às questões do outro. Muitas vezes a individualidade operou um encarceramento nas próprias questões e a indiferença surgiu como efeito de um “eu proprietário”, afastando e permitindo-se (justificando e liberando-se de qualquer tipo de auto recriminação ou censura) não encontrar nas questões do outro referências próprias para si e, em um mesmo movimento, negar a realidade do outro.

Ao escrever, muito se falta. Na infinidade dos acontecimentos que vão produzindo sentidos, muito escapa à apreensão. O que obtém, percebe ou sente-se é um mero recorte, mas, apesar deste não apresentar todos os elementos possíveis - o que na realidade se constitui em ingenuidade ou pretensão de pesquisa ou pesquisador -, deve-se seguir (e acreditar no) o fio que se insinua. É preciso, portanto, renunciar à ideia de plenitude e recolher os acontecimentos e fragmentos que se fazem presentes, estes mesmos entendidos como uma direção possível.

Pode-se afirmar que, nesse percurso constitutivo, não se produziu uma teoria, não se intentou, em nenhum momento, uma aplicação da teoria à prática; o que antes se produziu foi uma teoria que se constrói junto a uma prática, produzidas nos próprios encontros.

A pesquisa, na perspectiva aqui adotada, não se restringiu à descrição ou a classificação formal dos objetos. A pesquisa não deve se resumir ao plano das formas, mas deve considerar o plano de forças que se produzem nos processos de subjetivação.

A intenção desse estudo foi apurar a apreensão de alguns possíveis significados, contidos nas novas tecnologias biomédicas que perpassam o

corpo, procurando fazer a gestão dos fenômenos da subjetividade presentes na situação. Nessa empreitada, os processos de subjetivação – conforme formulada por Michel Foucault – e o advento das biotecnologias serviram como referência fundamental, revelando como no atravessamento do corpo e das biotecnologias se inscreve uma nova modalidade no campo da produção de subjetividade.

O “antigo campo de lutas”, antes aparentemente mais bem definido, entre suas dimensões e fronteiras, balizando e distinguindo as práticas, se revela hoje um território mais sinuoso, obrigando a uma disposição de habitar o interstício, já que não opera demarcações tão nítidas. É por meio de intervenções nesses espaços crepusculares, que se avança na problematização do presente.

Assim, buscou-se investigar a formação dos saberes e práticas que se estabelecem na emergência das biotecnologias e se indagar sobre os mecanismos que regulam essas práticas, indo ao encontro dos lugares que ocupa ou é levado a ocupar o corpo, atualmente, no envelhecimento. Não se deve pensar o envelhecimento sem compreender as necessidades, prioridades e demandas colocadas às próprias trajetórias de envelhecimento. As biotecnologias demonstraram-se como importantes acontecimentos para se pensar essas trajetórias de envelhecimento no contemporâneo. O envelhecimento possui uma história e esta história encontra-se incorporada, materializada no próprio corpo.

A racionalidade moderna, através da universalidade, da individualidade, das categorizações dicotômicas, ocupou o centro das disposições, descaracterizando a subjetividade na sua diferença. As expressões que representam o corpo do idoso buscam esquecer a existência da história do progresso, ou a própria história como engrenagem social, que avança deixando um rastro de ruínas atrás de si.

Esse corpo, dissecado e rastreado pelo projeto Genoma Humano e pela bioengenharia, se recompõe em novas produções, novos arranjos possíveis para uma nova corporeidade, formando novas potências, mas também se despotencializando. O corpo se fez território de ocupação e exploração daquilo que se convencionou representar pela sigla NBIC – nanotecnologia (N), biotecnologia (B), informática (I), ciências cognitivas (C) - novos filões

do mercado de consumo e uma espécie de medida padrão das formas de existência na atualidade.

O surgimento desses novos procedimentos ofereceu-nos uma possibilidade de refazermos um percurso, de colocarmos em questão aquilo que acreditamos ser. O avanço na área da tecnologia biomédica é uma oportunidade, um convite à abertura de novos horizontes, de nos colocarmos em questão. Que novas modalidades de formatação de corpos e subjetividades estão se produzindo e quais desdobramentos a partir daí se criam; que conjuntos de promessas, temores e desejos estão, nesse processo, se produzindo?

A biotecnologia visa a um processo de endocolonização, um movimento, processo *mutatis mutandis* que se dirige para dentro. O ser humano cada vez mais fundido em/com tecnologias que metamorfoseiam e diluem as demarcações operadas entre orgânico e inorgânico. Poderíamos afirmar que o derradeiro cenário de e para todos os tipos de colonização é a produção de corpos e subjetividades, a suprema (ou supremacia da) interface.

As biotecnologias promoveram um deslocamento na noção de interioridade e exterioridade. Embora busquem na interioridade do organismo seus paradigmas e respostas às demandas da existência, formula outra referência de interior. Não se trata aqui do aprofundamento das questões existenciais, resultado da experiência íntima do sujeito e reconhecendo um valor nesta dimensão interior da vida. É uma outra interioridade que se propõe: o mergulho na profundidade da composição genética do ser humano em busca de respostas às questões existenciais. No escrutínio de seus segredos, antes invioláveis e que se apresentam agora passíveis de serem totalmente desnudados e eliminados. O anseio corretivo, implícito ou explícito, em suas práticas de intervenção preventiva, assume a crença na possibilidade de alterações na genética humana, visando erradicar desvios e distúrbios virtuais, inclusive dos desejos e afetos.

As práticas e os efeitos de saberes positivos que ela induz, só existem como possíveis porque algo resiste a uma captura. Por exemplo, a pedagogia se formou porque existiram (ou resistiram) alunos que apresentavam diferenças no processo de aprendizagem; aquele que não ocupando o modelo, não correspondendo, fez necessária a produção de outro saber para explicá-lo,

enquadrá-lo em normas, em formas gerais de inclusão. O mesmo é válido para pensarmos a relação entre o louco e a psiquiatria, onde novos saberes foram produzidos para docilizar aqueles que insistiram em fugir à regra, em descaracterizar e resistir.

Ocorre o mesmo processo no atravessamento do corpo-biotecnologia-subjetividade e envelhecimento. Sendo o corpo aquele que resiste em formas singulares, que não se presta muito a aprisionamentos e insiste em apresentar diferenças, se constituirá no derradeiro território a ser conquistado, e as biotecnologias se apresentarão como projeto que intenta erradicar definitivamente as diferenças, homogeneizando a vida e suas produções.

Na direção das práticas-verdades que se constituem em seu entorno, encontram-se a responsabilidade e culpabilização individual que recaem fortemente como um insucesso por aqueles que não aderem as suas propostas e não se submetem a suas práticas; propostas sedutoras, que ofertam maravilhas incalculáveis e difíceis de serem recusadas.

As biotecnologias têm variadas dimensões que se entrelaçam e influenciam a subjetividade. Como muitas questões sobre a condição humana, a(s) biotecnologia(s) não é(são) única(s) e não afeta(m) a todos da mesma forma. Tem impactos variados em variadas situações. Utilizando determinados dispositivos e operadores conceituais, foi possível demarcar na prática discursiva das biotecnologias, alguns dos seus múltiplos modos de constituição, as formas que assumem e as relações estabelecidas entre si no domínio que conduzem.

As biotecnologias surgem como efeito de um saber que se estabelece sobre os corpos e que em um mesmo movimento confere existência possível a este objeto de conhecimento. Propõem novas formas de demarcar e recriar os corpos, produzindo novas hibridações da natureza, cultura, subjetividade, além de mudanças que se observam em universos de valor e de universos históricos.

Todos são de alguma forma, na contemporaneidade, incitados à aderência deste projeto proposto pelas tecnociências. Movidos pelo imperativo de acolher estas novas formas de produção que se abatem sobre (ou abate) a própria vida, escolhe e roga-se avidamente por mais e incessantes fluxos de ações. Movimentos que impelem freneticamente e sem tempo para

sentir, para a pura vivência de sensações e experimentações físicas. Este processo estabelece transformações profundas nos modos de vida e apontam para novas formações subjetivas na atualidade.

Não se encontra uma realidade fora das condições concretas dos sujeitos; os discursos não são falsos ou verdadeiros, não representam a realidade, mas constituem-na. Foi necessário aprofundar-se nas bases históricas e filosóficas da técnica e da ciência para compreender a formação de seu discurso de verdade e saberes dominantes. Um tipo de saber que busca, mais do que compreender, produzir um corpo biológico destinado a obsolescência, conduzindo-o a um modelo de “pós-evolução” e radicalizando a outrora distinção natureza/técnica, ampliando o escopo das intervenções tecnológicas em um processo que transcende e reinventa o conceito de biológico.

Dissipando, nesse movimento, as fronteiras entre artificial e natural, o homem “pós-evolução” encontra-se diante de fecundas e insuspeitadas composições de seu corpo orgânico. Uma organicidade que caracterizava a vida e o homem propriamente e agora parece não mais intentar essa caracterização, perfilando-se como “indicador” ultrapassado do homem pós-orgânico. Nesse sentido é válido afirmar as ciências biotecnológicas como um processo de reinvenção da natureza.

Foi possível, no decorrer deste estudo, evidenciar que a exigência de veracidade nos achados científicos é contingente. O que se espera deles, em realidade, é que se mostrem úteis com aplicação e finalidades bem definidos, elevando com intensidade o componente de verdade/autoridade conferidos à ciência, imbricados com a produção de um saber/poder. As relações e efeitos de poder que aí se estabelecem mostram-se como forças produtivas que perpassam todos os cenários sociais e, em interação contínua com os saberes, respondem pela formação dos diversos processos tecnológicos e científicos aqui abordados.

Sob os auspícios das biotecnologias, do biopoder e da biopolítica entram em cena uma vasta gama de conhecimentos e dispositivos que irão operar uma intensa rede de controle e (in)gerência sobre a vida presente, criando novas destinações e definindo no ambiente dos processos da vida os seus sentidos, significados e usos possíveis. Uma profícua parceria, onde as

biotecnologias oferecem os usos e técnicas para a expansão da vida no biopoder, campo de possibilidades em processo de constituição pelos dispositivos biopolíticos.

Assim, constatou-se, no decorrer da tese apresentada, que as produções das biotecnologias infiltraram-se por toda rede social, com maiores e menores graus de penetração, constituindo relações cada vez mais flexíveis nos modos de vida e tornando-se mais densas, com seus dispositivos alimentados de forma permanente pelos saberes constituintes de variadas áreas técnicas e científicas. Dessa forma o seu alcance foi ampliado e espalhou-se por todas as dimensões da existência humana, operando, principalmente, cada vez mais imbricações com o corpo, o envelhecimento e as práticas de si.

Algumas questões que se apresentaram na proposta de realização da pesquisa como: pensar as condições de possibilidade e existência de iniciativas como estas inseridas em um projeto - biotecnológico - de vida, pretendendo recriar o próprio conceito de vida; os poderes conferidos por uma prática voltada à produção e extensão da vida, revestida por um apelo ao corpo saudável e apoiado por um discurso tecnológico; o significado, poder e resistência, destinados a esse corpo, passaram despercebidos pelo grupo. Mostrando uma disposição em se evadir de determinados temas, escapar do confronto de subjetividades e da intensificação das relações de poder e, ao mesmo tempo, impedindo a abertura de espaços/tempo para o exercício do pensamento.

Talvez possa-se afirmar que essa disposição ao não pensar se apresente, às vezes, como condição necessária à produção do pensar, estabelecendo em suas linhas ou vetores de produção momentos de inflexão necessários ao seu exercício. Neste caso, estaria se afirmando como possibilidade de abertura ao pensamento, colocando-se como condição à sua existência e exercício. Ao se desviar do pensamento, cria-se, nesse mesmo movimento de deriva, um sentido que se expressa na recusa.

O Homem, em suas trajetórias de envelhecimento, não se confrontará com estas questões que se apresentam sob a rubrica das biotecnologias, se não puder por meio do pensamento que resiste aos modos de apreensão, assimilação e esvaziamento, lidar com os acontecimentos que estão a emergir. São produções do presente que afetam as subjetividades no contemporâneo,

suscitam questões que nos concernem diretamente e redefinem o próprio sentido da vida, implementando novos modos possíveis de existência. Transformações que convocam à sua tematização, tornando necessário enfrentar o compromisso de buscar o que fazer com os novos modos de existência, não devendo nos esquivar ao compromisso ou tentativa de confrontá-los com o presente.

A ação pretende substituir o pensamento, impelindo a todos ao imperativo do agir. O intervalo de tempo necessário para gestar-se o pensamento é erradicado de nossas vidas. O idoso, também capturado por este imperativo, vive sob a regência das “ações eficientes” ou da lógica da “otimização” do tempo, esvaziando sua capacidade de criar formas singulares de enfrentamentos coletivos das situações que se abatem sobre ele.

E, fazendo jus à convocação ao ato de pensar, suscitada no decorrer dos encontros e incisivamente aludida nesta tese, não poderíamos esquivar a uma última questão. No tempo presente, destruímos centenas de espécies por dia, em um ritmo nunca antes alcançado. Dizíamos e somos causadores de processos de extinção maciços. Mas, ao mesmo tempo, geramos novas espécies e tipos de vida, híbridos dos artifícios biotecnológicos.

No tempo em que os limites entre humano e tecnológico tornam-se imprecisos, desafiando a imaginação do homem, este mesmo torna-se matéria para experimentações, hibridações e novas constituições corporais e, quem sabe, novos seres (humanos?). Assim, se por um lado restringimos a geração (ou sentido) de vida, por outro ampliamos. Estaríamos inaugurando uma nova natureza, pós-natural? Em meio a tantas incertezas que se vislumbram, ao menos uma afirmação pode ser feita: estamos diante de um novo sistema de complexidade que nos convoca a pensar estratégias ético-políticas de autonomia, para novos modos de existência.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

_____. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

BAVCAR, Evgen, O corpo, espelho partido da história. In: NOVAES, Adauto. *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 175-190.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. Cap. 3, p. 52-75.

BERLINGUER, Giovanni. A ciência e a ética da responsabilidade. In: NOVAES, Adauto. *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 191-212.

BRASIL. Lei 8974, de 5 de Janeiro de 1995. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 06 dez. 1995. Seção 1, p. 337.

BRENTON, David Le. Adeus ao corpo. In: Novaes, Adauto. *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 123-136.

BRITISH MEDICAL ASSOCIATION. *O nosso futuro genético: a ciência e a ética da tecnologia genética*. Lisboa: Salamandra, 1992.

BUSCATO, Marcela; RIBEIRO, Aline. Ciência e tecnologia genética: o segredo da longevidade. *Revista Época*, São Paulo, n. 633, p 60-66, jul. 2010.

CALDER, Ritchie. *O homem e a medicina: mil anos de trevas*. São Paulo: Hemus, 1995.

CANGUILHEM, Geogers. *Ideologia e racionalidade nas ciências da vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

_____. *O normal e o patológico*. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CAMPOS, Celeste. Reflexões sobre o desenvolvimento da fragilidade. In: *Arquivos de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: ECN, vol.0, n. 0, p. 21-23, 1996.

CAPRA, Fritjof. *O tao da física*. São Paulo: Cultrix, 2000.

CHAUI, Marilene. *O que é ideologia*. 2. ed. 8. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CINQUEPALMI, João Vito. Você pode ser imortal. *Revista superinteressante*. São Paulo, n. 275, p. 42-51, fev. 2010.

CONT, Valdeir Del. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. *Scientiae Studia*. v. 6, n.2, São Paulo, abr./jun., 2008.

CUPANI, Alberto. Filosofia da tecnologia. *Revista Filosofia*. São Paulo, ano VI, n. 63, p.14-23, set. 2011.

DELEUZE, Gilles. Pós-scriptum sobre as sociedades de controle In: *Conversações – 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992 (tradução de Peter Pal Pelbart)

FARINATTI, Paulo. Avaliação da autonomia do idoso: definição de critérios para uma abordagem positiva a partir de um modelo de interação saúde-autonomia. *Arquivos de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, p. 31-37, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FERREIRA, Marcelo Santana. Reflexões sobre o processo de envelhecimento a partir de Michel Foucault. In: ALVES JUNIOR, Edmundo Drummond (Org.). *Envelhecimento e vida saudável*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009. cap. 3, p. 43-59.

FERREIRA, Arthur Arruda Leal. O múltiplo surgimento da psicologia. In: JACÓ-VILLELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira (orgs.). *História da Psicologia: rumos e percursos*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010. cap.1, p. 13-46.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Cadernos da PUC-Rio, 1974.

_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a. p. 231- 249.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France 1970/1972*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002a.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2002b.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: Motta, Manoel Barros (org.). *Ética, sexualidade e política*. Coleção Ditos e Escritos, vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

_____. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREITAS, Elizabete. Editorial. *Arquivos de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 1-2, 1999.

GOLDIM, José Roberto. *Bioética*. Porto Alegre/Brasil. Disponível em: <www.bioética.ufrs/bioética.htm> Acesso em: 14 abr. 2012.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUIMARÃES, André Sathler. O corpo expandido. *Filosofia – ciência e vida*. São Paulo, ano III, n. 28, p. 16-25, 2008.

GUIMARÃES, Maria. Velhice: perda ou ganho. *Arquivos de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 2, p. 52-59, 1998.

GUIMARÃES, Renato. Prevenção das doenças associadas ao envelhecimento. *Arquivos de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro, vol.0, n. 0, p. 9-14, 1996.

HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000. (coleção Pensamento e Filosofia).

KAKU, Michio. *Visões do futuro: a revolução da biotecnologia*. Londres, BBC, History Channel, 2009. (vídeo-documentário)

_____. *Visões do futuro: a revolução da genética*. Londres, BBC, History Channel, 2009. (vídeo-documentário)

_____. *Visões do futuro: o fim do envelhecimento*. Londres, BBC, History Channel, 2009. (vídeo-documentário)

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. cap. 2, p. 32-51.

_____; BARROS, Regina Benevides. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, VIRGÍNIA; ESCÓSSIA, Liliana (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. cap. 4, p. 76-91.

LOBO, Lilia Ferreira. *Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MORAIS, Jomar. A medicina Doente. *Revista Superinteressante*. São Paulo, ano 15, n. 5, p. 48-58, maio 2001.

NETTO, Matheus Papaléo; PONTE, José Ribeiro. Envelhecimento: desafio na transição do século. In: NETTO, Matheus Papaléo. *Gerontologia*. São Paulo: Editora Atheneu, cap. 1, p. 3- 12, 1996.

NOVAES, Adauto. A ciência no corpo. In: _____. *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.p. 7-14.

NOVAES, Roberto. A psicoterapia e a questão da técnica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio e Janeiro, v. 54, n. 4, p. 348-362, out./dez. 2002.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. Biontes, bióides e borgues. In: NOVAES, Adauto (org.) *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia da Letras, 2003. p. 139-173.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti. “Fora da higiene não há salvação”: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano. *Revista de humanidades*, Seridó RN, v. 4, n. 7. fev/mar. de 2003, p. 14-29.

OLIVEIRA, Jelson. Uma relação peculiar. *Revista Filosofia*. São Paulo, ano VI, n. 63, p.6-13, set. 2011.

PASSOS, Eduardo. Cognição e produção de subjetividade: o modelo máquina e os novos maquinismos nos estudos da cognição. *Revista do departamento de Psicologia-UFF*, Niterói, v. 11, n 1, p. 67-76, 1999.

_____; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; VIRGÍNIA, Kastrup; ESCÓSSIA, Liliana (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. Cap. 1, p. 17-31.

_____; EIRADO, André do. A cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; VIRGÍNIA, Kastrup; ESCÓSSIA,

Liliana (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. Cap. 6, p. 109-130.

PEREIRA, Cilene; COSTA, Raquel. O corpo fabricado. *Isto É*. São Paulo, n. 2176, p. 76-81, jul. 2011.

PORTUGAL, Francisco Teixeira. Comparação e genealogia na psicologia inglesa no século XIX. In: JACÓ-VILLELA, Ana Maria; FERREIRA, Artur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira (orgs.). *História da Psicologia: rumos e percursos*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010. Cap. 6, p. 105 - 119.

PY, Ligia. Encontro com idosos. *Arquivos de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro, v.0, n. 0, p.67-68, 1996.

RIFKIN, Jeremy. *O século da biotecnologia: a valorização dos genes e a reconstrução do mundo*. São Paulo: Makron books, 1999.

ROCHA, Marisa Lopes; AGUIAR, Katia Faria. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Revista psicologia ciência e profissão*, Brasília, v. 23, n. 4, p. 64-73, dez. 2003.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. 3 ed. Rio de Janeiro: Relume dumará, 2002.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro; BestBolso, 2008.

SOBRAL, Benigno. Instâncias de intervenção em saúde do idoso. *Arquivos de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: ECN, vol.0, n. 0, p. 55-57, 1996.

STIPP, David. Nova rota para longevidade. *Scientific American. Brasil*, SãoPaulo, ano 10, n. 117, p. 33-39, fev. 2012.

TEIXEIRA, João de Fernandes. A caminho da parabióse. *Revista Filosofia*. São Paulo, ano VI, n. 63, p.36-37, set. 2011.

ANEXOS

O JARDINEIRO FIEL



Em uma área remota no Quênia (África), uma ativista é encontrada brutalmente assassinada. O principal suspeito pelo crime é seu colega de trabalho, um médico que se encontra foragido. Perturbado pela culpa e assombrado pela possibilidade de infidelidade da esposa, Justin Quayle (Ralph Fiennes) surpreende a todos ao embarcar em uma odisséia que o leva a três continentes para descobrir o que há por trás da morte da esposa.

FICHA TÉCNICA

Direção: Fernando Meirelles

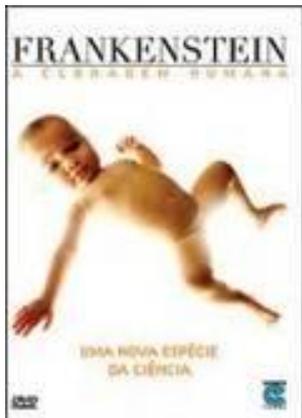
Gênero: Drama

Ano: 2005

Duração: 128 min.

País: Reino Unido/ Alemanha

FRANKESTEIN: A CLONAGEM HUMANA



Este filme chocante examina a fundo tudo o que diz respeito à clonagem humana, técnica avançada de reprodução humana que realiza à exatidão genética uma cópia de ser humano. Com relatos detalhados e surpreendentes de médicos e pensadores numa série de fascinantes entrevistas com cientistas, teólogos, juristas e respeitadas autoridades mundiais da área de biotecnologia.

FICHA TÉCNICA

Diretor: [De Agostini](#)

Gênero: [Documentário](#)

Ano: 2008

Duração do Filme: 48 min.

GATTACA - EXPERIÊNCIA GENÉTICA



Em um futuro no qual os seres humanos são criados geneticamente em laboratórios, as pessoas concebidas biologicamente são consideradas "inválidas". Vincent Freeman (Ethan Hawke), um "inválido", consegue um lugar de destaque em corporação, escondendo sua verdadeira origem. Mas um misterioso caso de assassinato pode expôr seu passado.

FICHA TÉCNICA

Direção: Andrew Niccol

Gênero: Drama, Ficção Científica

Ano: 1997

Duração do filme: 106 min.

País de origem: EUA

UMA PROVA DE AMOR



A pequena Anna não é doente, mas bem que poderia estar. Por treze anos, ela foi submetida a inúmeras consultas médicas, cirurgias e transfusões para que sua irmã mais velha, Kate, pudesse, de alguma forma, lutar contra a leucemia que a atingiu ainda na infância. Anna foi concebida para que sua medula óssea prorrogasse os anos de vida de Kate, papel que ela nunca contestou... até agora. Tal como a maioria dos adolescentes, ela está começando a questionar quem ela realmente é. Mas, ao contrário da maioria, ela sempre teve sua vida definida de acordo com as necessidades da irmã. Então, Anna toma uma decisão que seria impensável, uma atitude que irá abalar sua família e talvez tenha terríveis consequências para a irmã que ela tanto ama.

FICHA TÉCNICA

Direção: Nick Cassavetes

Gênero: drama

Ano: 2009

Duração: 106 min.

País de origem: EUA

EU, MINHA MULHER E MINHAS CÓPIAS



Doug Kinney (Michael Keaton) precisa de um milagre. Marido e pai dedicado, aplicado homem de negócios, Doug tem uma adorável esposa (Andie MacDowell) e um trabalho absorvente. Essas duas coisas deixam pouco tempo para Doug curtir a vida. Com muita coisa para fazer em pouco tempo, ele está prestes a entrar em parafuso quando conhece o geneticista Dr. Owen Leeds (Harris Yulin). O médico oferece-lhe a chance de controlar a vida com a última palavra em tecnologia: fazer cópias de si mesmo. Se a vida era complicada com apenas um Doug, espere até ele se multiplicar.

FICHA TÉCNICA

Direção: Harold Ramis

Gênero: Comédia

Ano: 1996

Duração: 117 min.

País: EUA